

EUCLIDES DA CUNHA JORNALISTA

Carlos Marcos Avighi



Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

São Paulo

1987

À memória de meu avô Laudelino Moreira da Silva, que conheceu o sertão.

E na certeza de que a alma de Maria das Neves encontrou a paz perdida no arraial de Canudos e que nada na Terra, nem o conforto de minha família, que a recolheu e criou, poderia restituir.

Agradeço ao professor Virgílio B. Noya Pinto pela orientação amável e cuidadosa da tese.

Meu reconhecimento às sugestões valiosas do professor José Marques de Melo e à conversa sempre elucidativa do professor Egon Shaden.

E à Maria Inês, que torna tudo possível.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
1. UMA VOCAÇÃO	35
1.1 - Estréia na Imprensa	36
1.2 - Os Artigos de 1892	62
1.3 - Independência Intelectual	107
2. CORRESPONDENTE DE GUERRA	140
2.1 - Artigos Antecipatórios	141
2.2 - A Preparação do Repórter	157
2.3 - As Reportagens de Salvador	179
2.4 - A Caminho, Pelo Sertão	211
2.5 - Na Frente de Batalha	232
3. O ARTICULISTA DE COMBATE	258
3.1 - O Brasil Mental	259
3.2 - Velhos e Novos Problemas	283
3.3 - Os Grandes Temas Nacionais	318
4. O JORNALISTA NA AMAZÔNIA	348
4.1 - Uma Região Estratégica	349
4.2 - Outro Sertão	379
5. JORNALISMO INTERNACIONAL	413
CONCLUSÃO	454
BIBLIOGRAFIA	492

INTRODUÇÃO

"... os meus pressentimentos de caboclo
nunca me enganaram..."

(Carta a Francisco Escobar, 22.8.1903)

Euclides da Cunha foi um jornalista. Mili tou na imprensa periódica toda a vida, antes e depois de publicar "Os Sertões", cujo brilho ofuscou a produção jor nalística.

Para compreender Euclides da Cunha é preci- so compreender seu jornalismo, atividade fundamental na obra que realizou e um canal amplo e diversificado para a exposição das idéias. A maior parte de seus escritos com põe-se de trabalhos anteriormente aparecidos nas páginas dos periódicos. "Os Sertões" muito deve à investigação do repórter na guerra de Canudos e às reflexões contidas nas reportagens enviadas da frente de combate e nos artigos so bre o sertão nordestino escritos após o retorno do cor respondente a São Paulo. A pesquisa que ora se apresenta procura caracterizar o jornalismo de Euclides da Cunha e acompanhar o aprendizado por ele empreendido a fim de me lhor exercer o ofício e construir o aparato cultural que lhe permitiu discorrer sobre a temática que o atraía.

A tese ocupou-se em procurar as correspon dências entre o jornalismo de Euclides da Cunha e a época histórica em que viveu. Evitou, portanto, o trabalho de exegese e a literalidade das matérias, optando por enfatizar o sentido histórico por elas proposto. Procedeu-se re lacionando-os, sempre, aos fatos tratados e às circunstâncias em que ocorreram. Foi esta, aliás, a sistemática do jornalismo de Euclides da Cunha, em constante busca da di mensão dos acontecimentos. Seus escritos foram lidos à luz do clima da época e de acordo com a intenção do jornalista e da posição que ele julgou melhor adotar.

É, pois, uma contribuição à história da imprensa no Brasil. Um estudo do jornalismo de Euclides da Cunha é uma abordagem valiosa para as investigações sobre a imprensa periódica no Brasil. Além disto, sua atualidade temática deve-se hoje, provavelmente, mais aos textos periodísticos que ao "Os Sertões". Escreveu acerca de uma época privilegiada, tais as mudanças ocorridas no Brasil e no mundo da passagem do século, e tais considerações são mais claras e mais flexíveis em seus textos jornalísticos. De certo modo, Gilberto Freyre já havia registrado esta qualidade, ao menos no que se refere às reportagens de Canudos, quando afirmou que, nelas, o escritor se mostrava "mais fluido, ao mesmo tempo que menos intolerante do cotidiano" (1).

A tese não vê Euclides da Cunha como uma efígie fria e inabordável, mas como um intelectual, jornalista, cuja atualidade repousa nas concepções que adotou sobre a época em que viveu. De modo que aceita a afirmação de um intérprete, segundo a qual o escritor é uma "presença viva e atuante", e que criticá-lo "é estudá-lo e tentar compreendê-lo como estudou e tentou compreender a realidade em que viveu" (2). Uma vez que a pesquisa situa Euclides da Cunha na história e no pensamento da época, tanto no

1 - FREYRE, Gilberto, "Introdução" a CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição), Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora, 1939, p. XVI.

2 - LEITE, Dante Moreira, "A Psicologia Social de 'Os Sertões'", in O Amor Romântico e Outros Ensaios, 2ª ed. ampliada, SP, Cia. Ed. Nacional-Edusp, 1979, p.72.

Brasil como no mundo, inclina-se para a área dos estudos de cultura brasileira. Não poderia ser diferente, pois as pesquisas de comunicação, em particular as da imprensa periódica, correlacionam-se à história da cultura.

O objeto da pesquisa é de inegável relevância. Sabe-se que Euclides da Cunha era um jornalista. Mas não se estuda esta área de suas atividades. Graças à ponte que reconstruiu em São José do Rio Pardo enquanto redigia "Os Sertões", o engenheiro Euclides da Cunha é mais conhecido que o jornalista, a despeito do relacionamento mal ajustado que tinha com a engenharia (3). Mesmo apresentando as reportagens de Canudos, o estudo precioso de Gilberto Freyre dedica-se mais ao pensamento e à acuidade intelectual do escritor, em nada destacando - e nem era esta a intenção - o ofício que consubstanciava as matérias da guerra sertaneja (4). As histórias da imprensa no Brasil fornecem informações sobre o jornalista Euclides da Cunha, mas com a brevidade decorrente da natureza ampla de tais estudos. A única história de fôlego sobre a história da im

3 - Em vão Euclides da Cunha tentava se livrar da engenharia para poder escrever. Dizia estar preso no "desvio morto da engenharia", imagem tão sugestiva quanto a "vegetação" tolhedora na qual o poeta e jornalista Nerval acreditava estar preso a fim de ganhar a subsistência: "Il faut avoir de rentes.... et du temps" para concluir a obra - era uma "végétation", d'où il voudrait bien sortir" - JEAN, Raymond, Lectures du Désir, Poitiers, Éditions du Seuil, 1977, p.54.

4 - FREYRE, G. "Introdução", ref. cit. Além de não assinalar o jornalista, o autor encobre o repórter no escritor: "Porque mesmo nestas notas de repórter ele se mostra o escritor..." - p. XVII.

prensa em São Paulo tem um capítulo dedicado a Euclides da Cunha e aponta sua participação no "O Proletário", órgão do círculo socialista de São José do Rio Pardo (5). Nas obras mais gerais as referências são tão rápidas que somente se localiza Euclides da Cunha através do índice onomástico(6). Em suma, resguardando cuidadosa atenção a estas obras, a tese pretende apresentar Euclides da Cunha nas circunstâncias do ofício de jornalista, diante do fato e diante do texto, ocupado em aprender a técnica da profissão e construir o cabedal imprescindível para o exercício do jornalismo opinativo.

O conjunto de estudos relativos ao autor de "Os Sertões" ultrapassa dois mil títulos, e provavelmente, existe muito mais ainda não incluído nas bibliografias(7). Existe apenas um livro sobre Euclides da Cunha e a comunicação, de autoria de Umberto Peregrino, mas que, além de entender a comunicação num sentido muito lato, só tem dois breves capítulos sobre o tema - "Jornalista" e "Correspondente de Guerra" - entre outros sobre o orador de praça pública, o professor, e atividades congêneres. Meramente descritivos, aqueles dois capítulos, de três e de quatro páginas respectivamente, reduzem a atividade periodística do autor de "Os Ser

5 - NOBRE, José Freitas, História da Imprensa em São Paulo São Paulo, Importadora Americana, 1950.

6 - SODRÉ, Nelson Werneck, História da Imprensa no Brasil, RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1966. Este trabalho ilustra bem a assertiva porque elabora mais, por exemplo, a participação de Quintino Bocaiuva na imprensa que o jornalismo de Euclides da Cunha.

7 - Vide, por exemplo, o clássico VENÂNCIO FILHO, Francisco, Euclides da Cunha: Ensaio Biobibliográfico, RJ, Publicação da Academia Brasileira de Letras, 1931.

tões", assinalando-a como "ponto de partida" para o escritor, "escola do escritor", e até truísmos: "No sentido de jornalista moderno, jornalista Euclides da Cunha não era" (8).

Sem prescindir destes e de outros trabalhos para iluminar o tema, a pesquisa dedicou-se quase exclusivamente à fonte original. Privilegiou manifestamente o material escrito por Euclides da Cunha, procedendo ao levantamento minucioso e à leitura sistemática dos textos publicados pela imprensa periódica. É o caminho recomendável, uma vez que se tem por finalidade resgatar, à luz da interpretação histórica, o material jornalístico, e de recuperar indagativamente as matérias de jornal que constituem a maior parte da obra de Euclides da Cunha ao mesmo tempo em que a elucidam. Procura-se restaurar a tecitura de sua produção intelectual, reencontrando-se com as reportagens e os artigos - bem como com as cartas à redação e entrevistas - que dirigiu aos leitores de periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro, e em menor número de outras capitais. Aplicação esta presidida pelo esforço em transpor a mera transcrição ou a simples paráfrase, na tentativa de situar o escrito, lê-lo enquanto matéria de jornal, enfatizando sua atualidade e sua vocação (entendida esta como as características do texto que o definem como redigido com a finalidade peirodística). Enfim, conjugar o texto ao fato observado, à história e às concepções do jornalista.

8 - PEREGRINO, Umberto, O Exercício Singular da Comunicação na Vida e na Obra de Euclides da Cunha, RJ, Ed. Tempo Brasileiro, Fortaleza, Ed. da Universidade Federal do Ceará, 1983. Note, porém, o esforço quase único em abordar o tema.

Decorrem desta perspectiva as referências à mentalidade da época, expressão tanto necessária quanto são típicas de Euclides da Cunha as noções de raça, nacionalidade e outras similares. Entende-se, aqui, a mentalidade como "o testemunho de uma época", no dizer de um historiador - a mentalidade é "eminentemente coletiva", é o que existe de comum entre César e o último soldado de suas legiões, entre Colombo e o último marinheiro de sua esquadra (9).

No sentido mais amplo, a pesquisa chama de matéria jornalística o texto publicado pela imprensa, seja ou não escrito com esta finalidade. A dificuldade foi identificá-las. Recorreu, na ausência de indicação explícita na obra que as transcreve, às informações dispersas em diferentes coletâneas e biografias que as citam e assinalam o periódico e a data da publicação. Existem alguns poucos textos cuja indicação de fonte periodística é inexistente, mas que obviamente são material jornalístico, pois desdobram, em continuidade necessária, um mesmo tema de comprovada matéria jornalística anterior. Por outro lado, consultou-se, claro, escritos não jornalísticos de Euclides da Cunha e que precisaram ser tratados para melhor compreensão da matéria periodística. Enfim, se não identifica um texto como jornalístico, a pesquisa não o acolhe como tal.

As matérias jornalísticas de Euclides da Cunha estão incluídas em diferentes obras: "Contrastes e Confrontos", "Canudos (Diário de Uma Expedição)", "À Margem

2 - LE GOFF, Jacques, História: Novos Objetos, RJ, Livraria Francisco Alves, 1976 - as expressões transcritas estão nas páginas 71 e 78.

da História", "À Margem da Geografia", "Peru x Bolívia", e em outras edições. O acesso a elas está infinitamente facilitado pela coletânea organizada por Afrânio Coutinho, em especial no primeiro dos dois volumes, onde cada escrito está devidamente assinalado (10).

A pesquisa não pretende apenas recuperar a obra jornalística, mas a atividade jornalística de Euclides da Cunha, de modo a realçar a sua personalidade, iluminar seu aprendizado e compreender a maneira como interpretava seu tempo. Valoriza o homem no ato de aprimorar um ofício e exercê-lo. Ao mistér, portanto, acrescenta sua biografia e correspondência, mas somente na medida em que iluminam a atividade em pauta (11). De inestimável valor são as cartas de Euclides da Cunha dadas à público por Francisco Venâncio Filho (12), por Afrânio Coutinho, na obra completa antes referida, e, de modo mais esparso, por outras publicações (13). É um material que permite entrever - pouco mais

10 - COUTINHO, Afrânio, (organizador e diretor), Euclides da Cunha:Obra Completa, 2 volumes, RJ, Cia. José Aguilar Editora, 1966. Sempre que citada, a obra se refere ao 1º volume; o 2º é dedicado ao "Os Sertões". A tese utilizou este trabalho e outras edições de modo a cotejar.

11 - Logo, não é uma biografia a mais de Euclides da Cunha. Jornalismo e vida é o que importa.

12 - VENÂNCIO FILHO, Francisco, Euclides da Cunha a Seus Amigos, RJ, Cia. Editora Nacional, 1938.

13 - A correspondência de Euclides da Cunha está dispersa em diferentes publicações, as vezes de modo mais completo, as vezes fragmentário. Vide, por exemplo, "Cartas Familiares e Outras?" in Revista do Livro, Ano IV, nº15, setembro de 1959, editada pelo Instituto Nacional do Livro/MEC, p. 77ss.

que entrever, dada a discreção de Euclides da Cunha - a trajetória do intelectual e do jornalista. Além disto, fornece "flashes" significativos da vida intelectual brasileira da época (14).

Quanto à biografia, a pesquisa se apoiou nos trabalhos clássicos de Silvío Rabelo e de Olímpio de Souza Andrade (15). O primeiro é minucioso; a biografia que preparou é mais detida na apresentação de eventos e de informações, problematiza, fornece, enfim, dados para melhor situar muitos dos textos do jornalista. Já Olímpio de S. Andrade, conhecido por diversos trabalhos esclarecedores sobre Euclides da Cunha, traça um paralelo vivo entre o homem e a lida na preparação de "Os Sertões", abordando, indiretamente, fatos importantes para o estudo do jornalista, embora conclua a biografia quando da publicação e repercussões da obra prima do escritor. Cumpre ainda registrar - embora não seja uma biografia no sentido estrito - o trabalho elaborado por Leandro Tocantins sobre Euclides da Cunha na Amazônia, tema menos conhecido, porém fundamental para a compreensão de sua obra, além de examinar um material que até a década de 1960 permaneceu inédito nos arquivos do Itamarati (16).

14 - A correspondência de Euclides da Cunha enseja uma outra tese.

15 - RABELO, Silvío, Euclides da Cunha, RJ, Liv. Casa do Estudante do Brasil, 1948. ANDRADE, Olímpio de Souza, História e Interpretação de "Os Sertões", SP. Ed. Edart, 1960.

16 - TOCANTINS, Leandro, Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido, 3ª ed., RJ, Ed. Civilização Brasileira (em convênio

O exame deste material, primário e interpretativo, aponta para uma vasta área da produção de Euclides da Cunha dedicada ao jornalismo. A assertiva não se apóia apenas no fato de escrever para jornais, pois publicar em periódicos não faz um jornalista. Decorre, antes, de razões mais estruturadas que permitem demonstrar uma prática jornalística identificada com Euclides da Cunha e inerente ao texto por ele preparado e entregue à imprensa periódica. Afirma-se, as vezes, que Euclides da Cunha era jornalista. Trata-se aqui de demonstrar. Antes de tudo, é preciso que se tenha em conta que desde o início de sua vida intelectual, Euclides da Cunha voltava-se conscientemente ao jornalismo como uma opção. Muito jovem, o cadete da Escola Militar confiou a um amigo, Moreira Guimarães, que, dentre todos os caminhos que se abriam a seu futuro, inclusive o da carreira das armas, sentia-se destinado ao jornalismo, concebendo-o como o meio mais adequado para a defesa de idéias (17). Cumpriu o desígnio, comparecendo às páginas dos periódicos desde os tempos de escola até o fim da vida, sempre no combate de idéias, sempre preferindo o jornalismo opinativo.

Para Euclides da Cunha, o jornalismo foi uma profissão. Dividia-a com outros afazeres, primeiro os militares (ver com o Instituto Nacional do Livro), 1978.

Ainda que comentando alguns textos jornalísticos de Euclides da Cunha, Leandro Tocantins não valoriza esta atividade - ao contrário, na página 37 afirma que o jornalismo era pura "evasão" do escritor.

17 - Apud ANDRADE, Olímpio de Souza, obra citada, p. 32.

tares, mais tarde, e na maior parte da existência, como engenheiro, uma vez que na época era virtualmente impossível manter-se com a precária remuneração dos jornais. Ainda assim, houve ocasiões em que obtinha os rendimentos exclusivamente do trabalho nas redações, em especial quando, expulso da Escola Militar por motivos políticos, transferiu-se para São Paulo e encontrou emprego no "A Província de São Paulo", em 1884. Sustentava, portanto, um vínculo concreto com a profissão, de modo a desfazer qualquer suposição de que encontrasse na lide periodística um derivativo ou uma mera "evasão" de diletante. Afasta-se a afirmação de que o jornalismo era a "escola do escritor". Naquele tempo, foram muitos os intelectuais que frequentavam as colunas dos periódicos para reforçar vencimentos ou com a finalidade de projeção pessoal. Mas Euclides da Cunha estava longe de se circunscrever a este relacionamento tangencial com a imprensa, o que é comprovado pelo envolvimento com que se deixou apanhar e que se concretizou na natureza jornalística dos textos entregues aos jornais e na busca espontânea do aprendizado do ofício.

As matérias que Euclides da Cunha preparou para os jornais apóia esta afirmação. O que ressalta em seus textos jornalísticos é o uso do fato material consoante um esforço de alcançar a representação mental coletiva acerca deste mesmo fato. Representação e fato encontram-se no texto. Daí o estilo próprio de Euclides da Cunha, as imagens que cria, as metáforas, o jogo de palavras, e, acima de tudo, o recurso aos contrastes e confrontos. Derivam desta técnica as expressões típicas do escritor,

o resumo de situações complexas numa admirável economia de palavras - por exemplo, Floriano Peixoto "subiu sem se elevar"; a vida social e política do Peru transcorria em sucessivos "pronunciamentos", tal como os terremotos andinos. Estas expressões são recursos estilísticos; apenas secundariamente sugerem uma posição metodológica, uma orientação política ou algum determinismo.

A elaboração do texto e a sensibilidade profissional resultaram de um aprendizado. Graças a depoimentos de colegas de redação, sabe-se que, inicialmente, Euclides da Cunha tinha dificuldade com a redação rápida exigida pelos imperativos dos prazos de fechamento do jornal(18). Sentia-se mais a vontade com o texto meditado, refletido. Entretanto, sem sacrifício desta preferência, superou a resistência embaraçosa a ponto de mostrar-se o melhor repórter dentre todos os que cobriram a guerra de Canudos, despatchando da frente de batalha matérias escritas "em cima

18 - Vide a respeito os depoimentos de Araripe Júnior ("Dois Grandes Estilos") e de João Luso ("Dominicais") que abrem o "Contrastes e Confrontos". O último transcreve uma afirmação de Euclides da Cunha sobre as condições pessoais para bem escrever: "É que sou como certos pássaros que, para despedir o vôo, precisam trepar primeiro a um arbusto. Abandonados no solo raso e nú, de nada lhes servem as asas; e têm que ir por alí fora à procura de seu arbusto. Ora, o meu arbusto é o Fato". - in CUNHA, Euclides da, Contrastes e Confrontos (organizado por José Pereira Sampaio), 6ª edição, Porto, Livraria Chardron, 1923, p. XLII.

do fato", as vezes mais de uma por dia, além de uma sucessão de notícias breves e urgentes (19). Mesmo seus artigos, redigidos com mais calma, referem-se, na maioria, a temas de atualidade rigorosa, o que demonstra a superação da timidez diante do texto. Por certo é lícito afirmar que Euclides da Cunha levou cerca de dez anos para aprender a redigir no ritmo do jornalismo, considerando que a fluidez de redação só foi lograda pelo repórter durante a guerra de Canudos, enquanto que a militância na imprensa começara bem mais cedo e que o convívio na redação de um grande jornal iniciara-se em 1884.

O aprendizado, espontâneo, não se conteve no âmbito do domínio da técnica essencial do jornalismo - saber escrever de acordo com o ritmo dos acontecimentos - e, portanto, não era simples recurso para sobreviver na profissão. Ao contrário, Euclides da Cunha teve de vencer outros desafios taxativos do ofício, em especial na avaliação das fontes, na astúcia em saber ouvir sem se deixar manipular, no indispensável esforço de conferir e de avaliar. Foi outra lição de Canudos, e tocante, pois, após enviar uma reportagem, descobriu que transmitia informações errôneas obtidas de oficiais do exército. Não vacilou, e na reportagem de 16 de agosto de 1897, confessou o erro aos leitores, explicou-se e jamais caiu de novo em equívocos deste tipo. Tratou de ampliar as fontes, descobriu o valor do documento, procurou a informação mais objetiva possível, alternando, quando necessário, o testemunho do entrevista-

19 - Vide a transcrição dos demais correspondentes em Canudos in GALVÃO, Walnice Nogueira, No Calor da Hora, SP, Ed. Ática, 1974.

do e a informação irretorquível de outras fontes.

A aprendizagem intencional indica o jornalista autêntico e exclui a figura hipotética do escritor que apenas buscava a suplementação financeira (o que, de resto, não invalidaria o trabalho jornalístico) ou que utilizasse o jornal para projeção própria. Euclides da Cunha não se limitou a publicar matérias frias e nascidas de critérios puramente pessoais. Tudo o que entregou para a imprensa periódica refere-se a temas da atualidade e de indiscutível relevância na época, e às vezes respondendo a uma pauta, a uma solicitação do jornal. Além disto, considerável parcela de seus escritos periodísticos encadeia-se, formando uma continuidade que descarta algum interesse "de fora", da extemporaneidade, da gratuidade. Em outras palavras, embora individualizadas muitas destas matérias podem hoje ser reconstituídas em unidades temáticas, de modo a comporem, por exemplo, um "jornalismo amazônico", um jornalismo internacional, e assim por diante. E foi com vistas à transmissão aprofundada dos acontecimentos que Euclides da Cunha empreendeu a ampliação do aprendizado jornalístico, incrementando o conhecimento sobre os problemas centrais do Brasil e do mundo. A aprimoramento da cultura é um dos esteios da profissão. Para Euclides da Cunha, estar informado tinha por finalidade bem informar. Abstraído o gosto pessoal pelo estudo, permitia coadunar à imprensa periódica os temas da época, sob a mediação do conhecimento e de uma linguagem mais acessível.

Esta intencionalidade jornalística de Euclides da Cunha preparava-o para as transformações da im

prensa naqueles tempos. Quando iniciou a carreira no jornalismo, a imprensa brasileira aprestava-se para ingressar num momento de alterações significativas ocorridas nas duas décadas da virada do século. Verificavam-se mudanças nas tecnologias da comunicação, na estruturação empresarial dos jornais e na crescente atenção com que o estado encarava o desenvolvimento da imprensa periódica, como mostra a organização da censura na época (20). Pode-se apontar como um dos marcos da modernização o ano de 1891, com o aparecimento do "Jornal do Brasil", o primeiro periódico nacional a ser considerado da "grande imprensa", incorporando as inovações tecnológicas, assumindo as características de empresa e inaugurando moderno sistema de notícias, como o uso do correspondente no estrangeiro (21). As transformações técnicas, empresariais e editoriais se ampliaram a muitos órgãos da imprensa e se expandiram nos primeiros anos do século XX.

Embora a morte precoce não lhe permitisse viver plenamente os frutos da modernização da imprensa, Euclides da Cunha pôde acompanhar a maior parte das mudanças, associando, de certo modo, sua carreira às modificações. Escrevendo no exato momento em que elas ocorriam, não poderia incorporar todos os traços da modernização do jornalismo da época, que nem tinham se manifestado todos. Mas assumiu o que havia de mais representativo, em boa parte já

20 - PINTO, Virgílio B. Noya, Comunicação e Cultura Brasileira, São Paulo, Editora Ática, 1986, ps. 37 e 38.

21 - SODRÉ, N. W., *ob. cit.*, p. 294.

existente nas últimas três décadas do século passado no mais avançado jornalismo da época, o norte-americano (22).

Euclides da Cunha foi um dos jornalistas nos quais se manifestou um dos traços mais relevantes da moderna imprensa no Brasil: deixar de ser uma atividade subalterna. O valor de qualquer profissão deve ser detetado, em primeiro lugar, no trabalhador, no caso o jornalista, porque, mais que a estrutura empresarial e o aparato técnico, é ele quem imprime os rumos e a qualidade do ofício. Predominava naqueles tempos um jornalismo feito em grande parte por não jornalistas, por intelectuais oriundos de outras áreas e que se dedicavam incidentalmente às atividades da imprensa periódica. Poucos eram os jornalistas por vocação, e entre eles se costuma assinalar o nome de Quintino Bocaiúva, que se destacou no "O País" e cujo pendor pela profissão era reconhecido desde os bancos acadêmicos (23). Euclides da Cunha incluiu-se entre os jornalistas de vocação, e desde os bancos escolares, como se depreende da confiança que fez ao colega da Escola Militar e dos textos que incansavelmente entregava para as publicações acadêmicas. Para ele a imprensa não era uma atividade circunstancial, mas uma opção de primeira hora.

22 - Em linhas gerais, o "esforço de colher e transmitir as notícias de modo imparcial", a "independência da opinião editorial das pressões políticas", as "campanhas ativas e planejadas no interesse da comunidade", conforme indicadas por EMERY, Edwin, História da Imprensa nos Estados Unidos, Rio de Janeiro, Editora Lidaador, 1965, p.341.

23 - A expressão "atividade subalterna" e o exemplo de Quintino Bocaiúva são de SODRÉ, N.W., ob.cit., p. 287/288.

Entre as novas características do jornalismo brasileiro de então, encontra-se em Euclides da Cunha a meta em orientar a opinião pública. A crer na avaliação de Max Leclerc, correspondente francês no Brasil dos primeiros anos republicanos, a imprensa daqui, em conjunto, não cuidava da opinião pública, salvo em alguns casos, como o da "Gazeta de Notícias", de Ferreira de Araujo (24). Seja como for, é fato que Euclides da Cunha sempre procurou alcançar a opinião pública, como o demonstram o publicismo que escreveu contra a monarquia, a defesa do governos de Floriano Peixoto e os textos jornalísticos que escreveria até o fim da vida. O jornal "O Estado de São Paulo", periódico para o qual mais escreveu, era um jornal eminentemente político, e foi esta a característica fixada por Júlio de Mesquita desde 1895, quando a empresa passou da Cia. Impressora, para as mãos de J. Filinto & Cia., e, sobretudo a partir de 1902, ao se tomar proprietário único (25).

24 - "A imprensa em conjunto não procura orientar a opinião por um caminho bom ou mal; ela não é um guia, nem compreende a função educativa: ela abandona o povo à sua ignorância e à sua apatia" - apud SODRÉ, N.W., ob.cit., p.289.

Afirmção talvez exagerada, pois havia no Brasil uma tradição do jornalismo de combate. Por exemplo, os republicanos encontravam nos textos que Rui Barbosa publicava no "Diário de Notícias" um verdadeiro manual do perfeito republicano" - MARTINS, Wilson, História da Inteligência Brasileira, volume IV (1877-1896), SP. Ed. Cultrix/Edusp, 1977-1978, p. 305.

25 - SODRÉ, N.W., ob. cit., p. 305 e 371.

Nestas circunstâncias, verifica-se que Euclides da Cunha e o jornal que ele mais frequentava conectavam ambos traços modernos da imprensa no Brasil. O mais claro sinal desta conjugação foi dado pela guerra de Canudos. Pela primeira vez na imprensa brasileira "O Estado de São Paulo" utilizava a figura do correspondente para fazer cobertura "in loco". Era uma novidade, "tratava-se de uma inovação nos métodos do jornalismo: a reportagem colhida ao vivo" (26). As matérias da guerra também demonstram a modernidade do trabalho de Euclides da Cunha, uma vez que se apóiam em pesquisa, não se limitando à simples repetição dos eventos. Ao invés de transcrever notas oficiais, buscam a verdade dos fatos, sempre experimentando um ângulo novo. São radicalmente distintas das matérias enviadas por outros repórteres que lá estiveram, tanto pelas características assinaladas, de pesquisa e de verificação, quanto por realizarem efetivamente a função do correspondente, ou seja, a transmissão de fatos colhidos de modo direto conforme solicitação do jornal.

O noticiário da guerra fazia-se sob o signo de um novo recurso técnico da comunicação, o telégrafo, meio relativamente recente no Brasil, pois aqui foi utilizado pela primeira vez na imprensa em 1895, com "A Notícia" (27). Descoberto em 1836, o telégrafo difundira-se em quase todos os países industrializados nas décadas de 1840 e de 1850, apresentando-se como "a transformação tecnológica mais

26 - RABELO, Sylvio, ob. cit., p. 119. Vide também SODRÉ, N. W., ob. cit., p. 308.

27 - SODRÉ, N. W., ob. cit., p. 305.

sensacional" (28). Viria a ser condição básica para o desenvolvimento das agências de notícias (29), e tinha um alcance que não passou despercebido para Euclides da Cunha. Em "Os Sertões", ao tratar da derrota de Uauá, início da guerra de Canudos, o escritor assinalou a força do novo meio em uma frase decisiva: "E as linhas do telégrafo transmitiram ao país inteiro o prelúdio da guerra sertaneja..."

As relações de Euclides da Cunha com as transformações da imprensa brasileira aparecem também nas primeiras aproximações de uma linguagem jornalística. Com certeza estava ciente da especificidade da redação feita para jornais, conforme se verifica, de imediato, nas diferenças estilísticas entre as matérias entregues para a imprensa periódica e as páginas de "Os Sertões". A constatação, porém, é insuficiente para se identificar um estilo jornalístico acabado em Euclides da Cunha, principalmente quando visto à luz do periodismo daqueles tempos. Considerando a época, já era um ensaio de modernização da linguagem jornalística. O episódio em que defendeu Coelho Neto na redação de "O Estado de São Paulo" - quando, em 1906, o jornal dispensou a colaboração deste escritor (30) - não

28 - HOBBSBAMM, Eric, A Era do Capital (1848-1875), 2ª ed. RJ, Ed. Paz & Terra, 1979, p. 77

No Brasil, "os telégrafos iniciados em 1852, em 1864 constavam com uma rede de 187Km, em 1875 com 6286Km. e em 1889 com 18925Km" - PINTO, Virgílio B.N., "Balanço das Transformações Econômicas do Século XIX", in PINTO, V.B.N. et alii, Brasil em Perspectiva, 3ª ed., SP, Difusão Européia do Livro, 1971, p. 141.

29 - TERROU, Fernand, A Informação, SP, Difel, 1964, p. 31.

30 - SODRÉ, N.W., ob. cit., p. 371.

significa que Euclides da Cunha estivesse cativo de um estilo incompatível com a imprensa periódica; provavelmente tinha outras razões.

No tocante à natureza dos jornais, Euclides da Cunha foi mais assíduo nas colunas dos diários, sem, todavia, ignorar as revistas, que naqueles tempos conquistavam penetração junto aos leitores (31). O artigo "Um Rio Abandonado", por exemplo, foi publicado pela primeira vez em 1908 no "Almanaque Brasileiro", editado pela Garnier. Outro artigo da Amazônia, o "Entre os Seringais", saiu em 1906 na revista "Kosmos", a mais recente da época e com as mais modernas características (32).

Euclides da Cunha estava sintonizado com as mais recentes conquistas do jornalismo brasileiro da época. No plano estritamente empresarial, suas relações conhecidas com os periódicos apontam um único critério claro: opção por jornais republicanos, moderados e modernos. Foi breve a época do radicalismo republicano no jornal "Democracia". Sempre se manteve mais próximo de "O Estado de São Paulo", que, ainda enquanto "Província de São Paulo", abrigou o jovem e entusiasta republicano e permitiu que estreasse na grande imprensa. A proximidade que se costuma fixar entre o jornalista e este diário deve-se em grande parte à identificação de ambos com a guerra de Canudos. Mas Euclides da Cunha compareceu com constância às páginas de outros periód

31 - Vide uma relação destas revistas com respectivas datas in PINTO, V.B.N. Comunicação e Cultura Brasileira, referência citada, p. 39.

32 - "Em janeiro de 1904, as artes gráficas do Brasil têm já condições para permitir uma revista como a 'Kosmos'" - in SODRÉ, N.W. ob. cit., p. 341

dicos, principalmente no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX, e no "Jornal do Brasil".

Euclides da Cunha foi um repórter e um competente jornalista opinativo. A vocação manifesta-se com clareza na prática cotidiana da profissão. Não só escreveu em diferentes gêneros, como militou em diferentes editorias. Por pouco tempo, no início da carreira preparou escritos de cunho publicista. Depois, ainda jovem dedicou-se ao jornalismo político, que logo abandonou. Desde a primeira hora entregou-se ao jornalismo científico, à divulgação da ciência aplicada e às considerações sobre a tecnologia, conferindo-lhe um acentuado sentido social e ecológico. O jornalismo internacional forma um dos conjuntos de matérias mais expressivos da perspicácia de Euclides da Cunha. Até a crítica de arte foi tentada por Euclides da Cunha, mas o peso da carga científicista em suas concepções estéticas produziram um resultado desastroso. Dentre todas estas vertentes de jornalismo, Euclides da Cunha devotava-se, acima de tudo, aos grandes temas brasileiros, demonstrando uma sensibilidade notável na apreensão das questões estruturais do Brasil, e sempre mantendo em foco a expectativa de construção efetiva de um País.

De mesmo modo, parecia não se conter num só gênero do jornalismo. Ainda que demonstrasse preferência clara pelos gêneros opinativos, teve um desempenho respeitável como repórter e noticiarista da guerra de Canudos. E tanto o foi que, quando se fala de Euclides da Cunha jornalista, habitualmente se refere às matérias despachadas da

guerra sertaneja. Enviou da frente de combate seguidas notas rápidas, que denominava "telegramas", às vezes mais de um por dia, noticiando os eventos urgentes. Destacam-se, entretanto, as reportagens diárias, mais alongadas, dando conta do desenrolar da guerra, registrando os fatos atuais, discorrendo sobre o conflito e dando informações que não se encontram nos demais correspondentes.

A riqueza destas reportagens permitiu que se as considerasse matérias interpretativas, na medida em que a informação desdobra-se no intuito de "enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade", enquanto esclarecem aquilo que "não é percebido claramente pelo público". Esta é a concepção clássica da reportagem interpretativa, que apreende a substância do evento, identifica as razões profundas, analisa e compara, sem abrir mão do julgamento objetivo assentado no "conhecimento acumulado de uma situação, tendência ou acontecimento". Reflexões mais recentes, porém, localizam matérias com estas características no jornalismo informativo e consideram a reportagem como "o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística". É a conclusão de José Marques de Melo, que exclui o jornalismo interpretativo, admitindo só os jornalismos informativo e opinativo (33). Com certeza, Euclides da Cunha condensava esta tipologia nas matérias que enviou de Canudos, sempre procurando alertar os leito

33 - MELO, José Marques de, A Opinião no Jornalismo Brasileiro, Petrópolis, Ed. Vozes, 1985. As categorizações acima indicadas estão nas páginas 18/20 e 49 ss.

res - entre os quais a guerra já repercutia - sobre os "móveis profundos" do conflito sertanejo.

Em conjunto, a obra jornalística de Euclides da Cunha, mais que a "reprodução do real", procurou "ler o real", identificar "o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos"; percorrendo os trilhos da análise e da avaliação, além de fornecer uma versão abalizada dos fatos. Esta classificação configura o jornalismo opinativo, que, no fato, descobre "valores" não percebidos pela maioria dos contemporâneos, mas sem que, por isto, seja subjetivo (34). A maior parte dos trabalhos jornalísticos de Euclides da Cunha situa-se conforme esta tipologia, era o procedimento no qual o jornalista se sentia mais adaptado. No âmbito do jornalismo opinativo, Euclides da Cunha conheceu diferentes gêneros, mas sempre foi fiel ao artigo. Algumas de suas melhores matérias são resenhas de obras da época a respeito de algum tema fundamental. Além disto, pelo menos uma vez o jornalista se fez leitor e escreveu duas cartas contundentes protestando contra um senador que queria o fuzilamento de presos políticos durante o governo de Floriano Peixoto (35).

O gênero opinativo mais trabalhado por Euclides da Cunha foi o artigo, entendido como a matéria na qual o autor "desenvolve uma idéia e apresenta sua opinião", sendo que esta se manifesta "claramente, explicitamente" (ao contrário do comentário, na qual a opinião "está oculta na argumentação"). Ainda que o ponto-de-vista de quem expõe con

34 - MELLO, J.M. de, ob. cit. ps. 47 e 48.

35 - Vide a conceituação destes gêneros in Melo, J.M. de, ob. cit., capítulo VII, em particular as páginas 97 ss e 127 ss.

fira a "significação do gênero", o artigo deve salientar a atualidade enquanto apreensão do "momento histórico vivido", captação das "dimensões menos efêmeras do cotidiano"(36). É neste sentido que a pesquisa realça constantemente a atualidade do jornalismo de Euclides da Cunha, equacionando-a, porém, à dimensão histórica do fato. Mesmo as matérias da coluna "Dia-a-Dia", de 1892, nas quais o jornalista acompanhava a vida nacional no período de Floriano Peixoto, sempre procuraram transcender o evento em demanda da conjuntura - ou seja, análise de "uma questão de atualidade, sugerindo ao público uma determinada maneira de vê-la ou de julgá-la" (37). A tese demonstra a sensibilidade de Euclides da Cunha em relação à seu tempo e aos grandes temas que presidiam a dinâmica do Brasil no plano interno e em conexão com a América Latina e o mundo. Alguns artigos podem ser entendidos como artigos-ensaio, especialmente as séries, duas ou mais matérias em contínuo, nas quais o articulista tratou de avaliar o sistema de idéias que se formara no Brasil, as circunstâncias desoladoras das secas do Nordeste e a evolução política do País até a República.

Euclides da Cunha estava perfeitamente capacitado para exercer o jornalismo opinativo. Destacava-se por uma invulgar sede de saber que se ampliava pelos campos das ciências naturais e sociais, encampando diversos assuntos, da política à tecnologia, das relações internacio

36 - MELO, J.M. de, ob. cit., ps. 92/93.

37 - A pesquisa utiliza indiscriminadamente as expressões "coluna" e "secção", como aliás, é admitido - vide MELO, J. M. de, ob. cit. p. 104.

nais à filosofia, das condições das regiões do Brasil aos transportes capazes de incorporá-las. Lamentavelmente não se conhece a constituição de sua biblioteca, índice extraordinário para se avaliar a maturação intelectual do pensador e para iluminar as áreas de saber e as correntes que o interessavam. Tem-se, porém, uma idéia dos caminhos que percorreu, fornecida pelas muitas citações de autores, obras e escolas, do Positivismo heterodoxo idealizado da mocidade até o "darwinismo social", sobretudo do evolucionismo que o orientou, sem o prender a qualquer uma de suas vertentes.

O jornalismo científico de Euclides da Cunha, condensado em uns poucos artigos, na maioria das vezes disperso entre outros tantos, ainda assim ilumina a capacitação profissional do articulista. Numa época em que se ignorava a constituição física do Brasil - impedimento para qualquer projeção segura de planos nacionais - Euclides da Cunha procurava compartilhar com seus leitores os dados mais recentes de pesquisas e proposições. Decerto a formação nas ciências naturais e na engenharia contribuíram para dar qualidade ao jornalismo científico, mas, em última instância, quem fala é o jornalista através de uma linguagem acessível. A confluência intelectual entre as ciências da natureza e conhecimento da sociedade, levaram Euclides da Cunha à dimensão social da matéria científica e, precocemente para a época, realçaram um caráter nitidamente ecológico de seu jornalismo científico.

De uma estatura privilegiada, Euclides da Cunha contemplava uma época privilegiada. Viveu e escreveu

nas décadas agitadas da passagem do século, quando se configuravam transformações radicais no pensamento, na política e na tecnologia. O Brasil passava pelo momento mais significativo de sua história independente, desfazendo-se de uma regime e inaugurando a república. Não encontrava, contudo, os meios para realizar a efetiva construção nacional. Esta incapacidade levou Euclides da Cunha a abandonar a via publicista que percorrera no início de seu jornalismo, trocando a defesa deste ou daquele governo pela investigação dos temas centrais da época. Pelo mesmo motivo, logo perdeu o gosto pela política partidária, passando a se dedicar às questões objetivas e concretas do Brasil e do mundo.

O conhecimento do arcabouço material e humano do país era o requisito supremo para o delineamento de qualquer projeto capaz do desenvolvimento nacional e para promover a população. A própria idéia nacional perdia-se na esterilidade da política miúda da rua do Ouvidor, desqualificada para enfrentar o desafio representado pela ignorância quase absoluta do território brasileiro e das populações sertanejas, pelo desequilíbrio regional e pelo abandono do interior do país. Brasileiros até então desdenhados na modorra dos sertões nordestinos ou relegados ao olvido nos rincões amazônicos eram lançados à cena, protestando contra o reconhecimento exclusivo dos cidadãos do centro-sul urbanizado e das zonas da mata. Canudos era um brado de afirmação e não podia ser ignorado. Mesmo os territórios do sul modificavam-se com a penetração de imigrantes europeus e pela vizinhança delicada com o Prata, imprescindível aos

negócios. Apenas o tremor dos confrontos sangrentos sacudia o esquecimento, tal como ocorreu no Nordeste alvoroçado e na Amazônia ocidental, que deu à luz o Acre e aprestava-se a uma possível guerra com o Peru. Desconhecia-se a nação. O Brasil assemelhava-se a um arquipélago de áreas mais ou menos mapeadas; sequer as fronteiras internas estavam definidas, como Euclides da Cunha reconheceu no artigo "Fronteira Sul do Amazonas". Ignorava-se a situação concreta desta vastidão e desta complexidade: "O verdadeiro Brasil nos aterra", dizia o jornalista em uma de suas matérias.

Entretanto, nesta agitada passagem do século, a definição nacional era um imperativo. Fronteiras descuradas e populações dispersas convidavam a cobiça das grandes potências expansionistas, inquietas, então, pelos reajustes na dinâmica internacional. Aos impérios arcaicos e aos novos juntavam-se países poderosos mais recentes a disputarem diligentemente uma redefinição das áreas coloniais e a abertura de novas zonas de influência. Entre os territórios observados estava o Brasil, sobretudo nos limites litigiosos da Amazônia da borracha. Diante da imensidão do país e do alcance restrito das instituições estatais em abarcá-lo, a integridade nacional repousava, inevitavelmente, nos cuidados mais ou menos espontâneos de sua população, esta sim presente em todos os quadrantes e afeiçoada à diversidade das paisagens. De modo inconscientemente deturpado, Canudos mostrou o potencial aguerrido do entrosamento homem e meio; os cearenses do Acre, sob o comando de Plácido de Castro, forneceram o caso concreto das possibilidades de uma população predisposta contra o adver

sário externo. A esta altura, a "população mirrada do litoral", como dizia Euclides da Cunha, a rua do Ouvidor, era incompetente para resguardar os interesses da nação.

Esta época extraordinária que inaugurava o século XX fascinava Euclides da Cunha, e o preocupava. Quão difícil a sintonia com a variedade metodológica em demanda do instrumental teórico adequado à interpretação do mundo naqueles tempos. Também o pensamento passava por alterações radicais. O Brasil ressentiu-se com o choque das idéias, desde os impasses do positivismo até a disputa entre as vertentes do determinismo geográfico e a ascensão da antropogeografia. Consciencioso e insatisfeito, Euclides da Cunha experimentou escolas e filósofos, mas com o senso predominante pragmático, utilizando-as quando lhe eram úteis, sem nunca admitir inteiramente qualquer uma delas. Habitualmente é identificado com o positivismo heterodoxo, uma referência da juventude. Todavia, reticente, fez uma viagem intranquila pela idéias de Comte. Do mesmo modo, passou mais superficialmente do que se pensa pelo terreno minado do "darwinismo social". Parece que entre todas estas correntes aproximava-se mais do evolucionismo, mesmo assim entendendo-o num sentido lato, sem filiar-se a alguma de suas versões e até criticando Herbert Spencer, que chegara a elogiar. Claro está que não é objetivo desta pesquisa estudar o pensamento filosófico de Euclides da Cunha, se é que houve um. Mas tem de examinar suas concepções sempre que a leitura das matérias o exige.

O eixo do pensamento de Euclides da Cunha, vale dizer sua inquietação, é a idéia da construção de uma

nação. Sua obra, e com maior nitidez sua produção jornalística, enfatiza a definição nacional no plano interno e nas relações internacionais, sem, contudo, esvair-se em nacionalismo equívoco, tão comum na época. Era um intelectual coadunado à história, sem que depositasse nesta uma fé cega. Por outro lado, no afã em conhecer os temas que observava e no esforço em redimensionar os fatos que informava acabou transcendendo o tempo e, hoje, em grande parte suas matérias jornalísticas são documentos históricos. É o destino do jornalismo de qualidade; não tem este finalidade, mas torna-se história. Há muito de comum entre o jornalista e o historiador. Ambas as áreas têm o tempo a aproximá-las e a diferenciá-las. O jornalismo ocupa-se do tempo rápido, do ritmo ágil dos eventos, enquanto que a história prefere o âmbito das conjunturas e das estruturas (38).

Assim, a tese se propõe um outro objetivo. Geralmente, Euclides da Cunha é estudado em seus conteúdos literários e, menos frequente, em suas concepções metodológicas. Esta pesquisa quer apontar os vínculos de Euclides da Cunha com sua época, os compromissos que aceitou fazer com o momento histórico em que viveu e que estão expostos no conjunto da produção jornalística. Portanto, conscientemente deixará à parte a literalidade dos textos. Por outro lado, não sendo tese sobre a história daquele período, só incorpora as informações históricas referentes às experiências de Euclides da Cunha, isto é, ao que seu jornalismo enseja e incita.

38 - Para esclarecimento à respeito do tempo nas ciências humanas, vide BRAUDEL, Fernand, "História e Ciências Sociais (A Longa Duração)", in Revista de História, ano XVI, nº 62 abril/junho de 1965, editada pela FFLCH/USP, 1965, p.261 ss.

O tema depara-se com o primeiro desafio: o porte e a diversidade temática do material jornalístico de Euclides da Cunha. Desafio estimulante, como toda sua obra, que recomenda por se optar pelo exame das condições concretas e mentais referidas pelos textos do jornalista. Os assuntos sucederam-se, agitaram-se os pormenores à procura do equacionamento com a visão do articulista. A bibliografia dilatou-se até o ponto em que se impôs uma seleção restrita ao essencial, ao tema proposto.

Coerente com a proposta de recuperar a atividade jornalística de Euclides da Cunha, a tese procura deixá-lo falar o mais possível. São frequentes as transcrições. De si própria, a pesquisa já articula o pensamento do jornalista e o contexto referido em seu escrito.

Finalmente, como distribuir o conjunto de textos sobre uma enorme gama de assuntos? O caminho mais fácil seria juntar as matérias conforme a temática. Mas com este sistema se perderia a finalidade de entender o jornalista em sua formação e militância. Decidiu-se por observar o contínuo cronológico até a maturidade de Euclides da Cunha, quando então a simultaneidade dos temas que publicava exigiu a ordenação das matérias de acordo com a incidência do conteúdo. O índice esclarece a estruturação final.

Ao ler Euclides da Cunha, a pesquisa teve à vista as seguintes palavras: "Escrito está: 'Era no início o Verbo!'/Começo apenas, e já me exacerbo!/Como hei de ao verbo dar tão alto apreço?/De outra interpretação careço;/ Se o espírito me deixa esclarecido,/Escrito está: No início era o Sentido!" (39).

39 - GOETHE, J. Wolfgang von, Fausto, 1ª parte, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo Edusp, 1981, p. 68

UMA VOCAÇÃO

"Venci por mim só, sem reclames, sem pa
tronos, sem a rua do Ouvidor e sem ro
das."

(Carta ao pai, 25.2.1903)

ESTRÉIA NA IMPRENSA

"... desconfio muito que entramos no
desmoralizado regime da especulação mais
desensofrida e que por aí pensa-se em
tudo, em tudo se cogita, menos na Pátria."
(Carta ao pai, 14.6.1890)

O fato de um jovem escrever para o jornal de sua escola não é suficiente para indicar uma vocação jornalística. É hábito corriqueiro, principalmente nas gerações passadas. Mas a idéia começa a tomar forma se o jovem confessar que das diferentes possibilidades abertas pelo futuro preferia o jornalismo entre todas as profissões. A circunstância adquire inegável importância ao identificar as origens da vocação de um jornalista ilustre como Euclides da Cunha.

Aos dezoito anos Euclides da Cunha colaborava em "O Democrata", uma publicação de estudantes, na qual, mais que os indefectíveis versos, escrevia crônicas com sensibilidade para os problemas imediatos de alto calibre, como, por exemplo, a relação entre a técnica e a natureza e favorável a esta última. Na matéria "Em Viagem", de quatro de abril de 1884, descrevia um panorama bucólico de um dia de primavera para confessar-se entristecido ao ver "entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruína fatal na frente da natureza...". Admitia que o chamassem de "antiprogressista e anticivilizador", mas haveria de reclamar sempre: "o progresso envelhece a natureza" (1). Este tema, apesar da posterior tintura positivista e da fé nas ciências, apareceria ainda muitas vezes na obra jornalística de Euclides da Cunha, compondo suas melhores páginas.

Poucos anos depois, ainda na Escola Militar

1 - "Em Viagem", publicado no "O Democrata" de 4 de abril de 1884, in COUTINHO, Afrânio (org), Euclides da Cunha: Obra Completa, vol I, Ob. cit. p. 519/520.

da Corte, Euclides da Cunha confessaria a seu colega Moreira Guimarães o pendor pelo exercício do jornalismo entre os caminhos profissionais que se apresentavam (2). Ao jornalismo sentia-se destinado e armado para a defesa de idéias, demonstrando, assim, desde logo, o traço que desenvolveria no ofício, o jornalismo opinativo, de combate, no qual mais se destacaria, bem mais que como repórter da guerra de Canudos.

A participação em jornais acadêmicos não foi na vida e na formação de Euclides da Cunha mera atividade habitual entre os jovens de sua geração, que em seguida a relegavam em detrimento dos afazeres de outras profissões. Além daquela confissão significativa, manteve a presença em jornais obscuros até ingressar no jornalismo profissional, e seu pendor por este mistério era bem maior do que se poderia assinalar, pois até mesmo costumava ensinar jornalismo e caricatura para os meninos da pensão em que morava (3). A opção consciente indica que via a imprensa periódica como meio para a ação social, instrumento de divulgação de idéias e não simples derivativo para eventuais qualidades literárias e filosóficas da mocidade. Comprovam-no a escolha da temática que perfilaria constante seus escritos, desde a adolescência até as quadras da maturidade, bem como a preparação teórica para a atividade tarefa não pouco árdua, porém básica para consubstanciar o exame dos grandes temas nacionais e humanos de seu tempo. Constatar-se-á uma linhagem

2 - ANDRADE, Olímpio de Souza, História e Interpretação de "Os Sertões", São Paulo, Ed. Edart 1960, p.32.

3 - Idem.

que vai do texto juvenil de "O Democrata" até os embates cruciais do mundo na passagem do século e do reajustamento interno do país, dramaticamente representado em "Os Sertões" e em textos dados à imprensa periódica, tais como a ocupação de territórios virgens da Amazônia, as relações entre o progresso e a natureza, a sociedade e o brasileiro, as diferenciações internas do Brasil e sua adequação com outras nações.

A vida levou Euclides da Cunha a outras atividades que lhe permitissem construir as condições materiais para a subsistência da família, e como engenheiro fez carreira no serviço público do estado de São Paulo. Em carta ao amigo João Luiz Alves definia-se como homem comum absorvido pelas solicitações do cotidiano e ocupado em estabelecer uma situação segura para a existência. Revelava-se "o homem titubeante, preocupado em arranjar alguma coisa relativa sólida e estável para a vida..." (4). Mas até a morte precoce nunca abandonou o jornalismo, por ele visto como atividade de onde sairia "Os Sertões", pois como repórter da guerra sertaneja, teve a atenção voltada para as condições que engendraram o conflito e, ali presente, em observação direta, à cata de notícias, reviu conceitos e vislumbrou uma nacionalidade bem mais complexa que a noção generalizada. Tão forte era o fascínio pela imprensa periódica que o engenheiro dispôs de suas ocupações "sólidas e estáveis", abandonando até um projeto de rodovias paulista, para lançar-se como repórter no torvelinho do conflito nordestino.

4 - apud ANDRADE, O. de S., ob. cit., p.75

De modo que se torna impossível entender o jornalismo como fase passageira na vida de Euclides da Cunha, mesmo que fase importante para a elaboração de "Os Sertões", e tampouco como exercício paralelo, de apoio a escritos não jornalísticos. Durante bom tempo, e no período mais delicado de sua vida, expulso da Escola Militar e afastado da família, encontrou em São Paulo o abrigo e no jornalismo a profissão e o veículo de idéias. Mesmo depois, enquanto engenheiro, conservava a convivência sistemática com as páginas dos jornais. Um de seus biógrafos enfatizaria o escritor, colocando em segundo plano as demais ocupações de Euclides da Cunha ou relegando-as a simples elementos de sustentação na preparação de "Os Sertões", referindo-se ao escritor "encoberto em pele de repórter". Mas o mesmo biógrafo se rende diante da vida multifacetada de Euclides da Cunha, dizendo que o repórter de Canudos encobria "no título de engenheiro o escritor que realmente era" (5). Conclusões intrincadas de uma interpretação tradicional.

A marca registrada de Euclides da Cunha é precisamente a complementaridade das esferas de atuação. Euclides da Cunha foi um destes intelectuais que não podem ser vistos de um só ângulo. A obra multiforme que produziu é com certeza fruto de profundas inquietações perante uma época rica em temas e com recursos metodológicos complexos advindos da fermentação filosófica de um dos períodos mais arrebatados da história contemporânea, no qual ora as teorias conviviam, ora se sobrepunham umas às outras numa carreira desabalada. A esta constatação acresce o ritmo do desenrolar da história do Brasil, num momento de substituição

5 - ANDRADE, O. de S., ob. cit., p. 158.

de regime político e de reassentamento das diferenciações regionais, e das relações internacionais na conturbação que prefigurava a Grande Guerra. Euclides da Cunha viveu o fenômeno de modo profundo, até mesmo sentido, uma vez tocado pela emoção intelectual, alcançando para além de sua produção a diversidade de exigências da própria vida, e assim bordando uma tecitura vivencial da qual é impossível extrair uma só variante sem prejuízo do conjunto.

O brilho de "Os Sertões" obscurece as demais atividades de Euclides da Cunha, as quais, se não podem ser separadas no plano vivencial, devem ser iluminadas uma a uma, posto que, relacionadas ao conjunto, constituem cada qual uma faceta relevante e digna de atenção específica a fim de serem resgatadas da penumbra a que as condenou o fulgor da obra máxima.

É lícito afirmar que "Os Sertões" e todos os escritos de Euclides da Cunha nasceram da conjunção de atividades no jornalismo e na engenharia. Ele próprio notou esta confluência ao referir-se à crítica de Araripe Júnior a "Os Sertões", comentando o quanto era inerte a opinião mesmo entre espíritos mais cultos, pois, dizia, "eu - que até então era engenheiro-letrado, com o defeito insanável de emparceirar às parcelas dos orçamentos as idealizações da Arte", despertava uma imagem nova. Após a crítica de Araripe Júnior, percebia, tornara-se "um escritor, apenas transitoriamente desgarrado da engenharia". Antes, esclareceu, era meio profissional e meio artista, o que "me tornava um in

truso em todas as carreiras" (6).

Tomando "Os Sertões" como habitual ponto de referência, verifica-se que recebeu do jornalismo uma contribuição direta, suficientemente conhecida a influência que exerceu sua permanência em Canudos. Da engenharia, uma contribuição indireta. A temporada que passou em São José do Rio Pardo após o regresso dos sertões da Bahia propiciou o distanciamento necessário dos centros conturbados da política miúda e das questiúnculas das seitas republicanas, que invariavelmente haveriam de interferir na exposição dos fatos sertanejos que assombraram a primeira década republicana. Em São José do Rio Pardo encontrou um grupo de amigos certos que pela primeira vez ouviram a leitura das páginas de "Os Sertões" e a comentaram, além de fornecerem subsídios. Admite-se o epíteto de "engenheiro-escriptor" que lhe confere Olímpio de Souza Andrade, reconhecendo que em São José do Rio Pardo "a ponte e o livro (...) foram sua única preocupação". Aliás, enquanto o engenheiro reerguia a ponte de São José do Rio Pardo, o escritor construía ao lado do canteiro de obras a cabana na qual pudesse elaborar o livro, economizando o tempo das indas e vindas entre a residência e o local de trabalho. Intercalava nos momentos de folga de um trabalho o prosseguimento do outro (7).

Nestas circunstâncias, o vínculo entre o escritor e a engenharia ainda seria exterior e só com muito boa vontade poder-se-ia ir além da aproximação epidérmica

6 - Carta de Euclides da Cunha a Araripe Júnior, Lorena, 9 de março de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., Euclides da Cunha e Seus Amigos, ob. cit., p. 88

7 - ANDRADE, O. de S., ob. cit., p. 147 e 179.

das ocupações, nada indicando um vínculo intrínseco. Este poderá ser encontrado nos frutos que rendeu ao escritor e jornalista as viagens que empreendeu pelo interior de São Paulo e do Brasil no cargo de engenheiro e que lhe propiciaram a descoberta de paisagens e de tipos brasileiros. Os itinerários do engenheiro alteraram muitas de suas concepções e imprimiram ritmo e rumo diferentes a suas reflexões acerca dos temas nacionais tratados no material jornalístico.

Mas é de bom alvitre consultar o próprio Euclides da Cunha a respeito de suas atividades. Cedo começou a distinguí-las e a privilegiá-las na medida em que se deixava absorver pelos assuntos que o motivavam e o atraíam para as páginas dos jornais. Não demorou e considerava cada vez mais estranha às suas preocupações quaisquer obrigações que o transportassem para longe da pesquisa e da imprensa. O "engenheiro-escritor" dedicava-se a eliminar o primeiro termo do binômio, afirmando que a engenharia era sua "tábua de salvação", mas que não lhe permitia dedicar-se aos livros e aos escritos. Pouco a pouco a engenharia tornou-se um obstáculo invencível: "Preocupo-me (...) muito pensando no futuro para o qual terei talvez aptidão para seguir, mas certo não tenho 'jeito'". E procurava escapar, "sair do desvio morto da engenharia sem descarilar". (8). Com efeito, a função de engenheiro ajudante da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo absorviam-no sempre mais, envolvendo-o num caudal de solicitações próprias ao cargo e em

8 - Seria entediante transcrever aqui as inumeráveis confissões da frustração de Euclides da Cunha na profissão de engenheiro na medida em que se envolvia mais e mais com os temas de sua época. Remeta-se à correspondência transcrita por VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., da qual foram retiradas as observações acima, p. 56 e 63.

viagens intermináveis. Construiu, reformou e projetou pelo menos em uma vintena de cidades paulistas, sempre se deslocando a ponto de afirmar que sua casa era uma "tenda árabe". Sentia-se estranho às ocupações inerentes ao emprego "sólido e estável", o que se comprova por seu cartão de visita, de onde pouco a pouco foram retiradas as indicações das atividades estranhas a suas motivações de início, o cartão estampava "Euclides da Cunha, Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais", sem referência à engenharia; depois mais nada, excluiu tudo, só ficou o nome (9). Entretanto, nestas constantes viagens, desvelava o Brasil quase todo ignorado do cidadão urbano.

Na multiplicidade de atividades de Euclides da Cunha o jornalismo representa uma variante própria. Não constitui uma simples contribuição à obra de um pensador. Basta observar que o próprio "Os Sertões" é concepção e fruto do trabalho do repórter competente, mesmo porque poucas de suas páginas foram originalmente redigidas como matéria destinada à imprensa periódica e depois decantadas do texto jornalístico e ajustadas a um trabalho de mais fôlego. Certamente "Os Sertões" não é trabalho jornalístico, pois em tudo escapa às características e aos fins inerentes ao periodismo. É, isto sim, nascido em parte do ofício do repórter. Os bons jornalistas ampliam e aprofundam uma matéria de modo a resultar numa obra de fôlego que pode permanecer nos limites de uma grande reportagem ou se incorporar ao conjunto de trabalhos que nada têm de jornalístico.

9 - ANDRADE, O. de S., ob. cit., p. 76 e 78

A fim de esclarecer a rigorosa implicação da obra multiforme de Euclides da Cunha é necessário examinar sua atuação nos diferentes campos, inclusive no do jornalismo. Caso contrário, aí sim, ocorreria a ruptura do conjunto, uma vez que somente se daria valor, ou ênfase, ao autor de "Os Sertões". Não são poucos os estudos sobre as diversas áreas do conhecimento que mereceram a atenção de Euclides da Cunha - o naturalista foi abordado por Roquete Pinto, o antropólogo por Egon Shaden, o geógrafo por José Veríssimo da Costa Pereira, o sociólogo por Antonio Cândido, o historiador por José Honório de Silos, a contribuição para a história militar por Umberto Peregrino. Trabalho de maior ou menor fôlego, apontando as características da obra euclidiana. Mas todas as vertentes que percorreu seu gênio inquieto encontram-se não apenas em "Os Sertões", mas nas matérias que entregou para a publicação na imprensa periódica. Acontece que os diferentes estudos sobre Euclides da Cunha assentam-se no "Os Sertões", enquanto que existe uma produção especificamente jornalística, dispersa ou mais restrita, enfeixada nos volumes menos desconhecidos do "Contrastes e Confrontos" e do "À Margem da História" e ainda nas reportagens do "Canudos: Diário de Uma Expedição".

O jornalista não era simples veículo de idéias e se o fosse seria insuficiente para designar um Euclides da Cunha jornalista, pois o mero escrever para um periódico não faz o jornalista. Euclides da Cunha militava no jornalismo profissional desde que se transferiu para São Paulo após a expulsão da Escola Militar; vivia disto, trabalhava na redação, recebia a incumbência de pautas.

O ingresso de Euclides da Cunha no jornalismo profissional deu-se em circunstâncias que se repetiriam em toda sua vida como marca típica, sempre em combate pela defesa dos valores republicanos. Entendendo a República como o "bem público", conceito que os primeiros governos republicanos iriam descuidar, dedicara-se quando moço à agitação política que precedeu a derrocada da Monarquia e esta luta, que provocou sua expulsão da Escola Militar, orientaria seu jornalismo de primeira fase no "A Província de São Paulo".

Ainda no Rio de Janeiro, tentara cursar a Escola Politécnica, mas por falta de recursos econômicos retirou-se sem completar um ano de estudos - tempos depois, ainda à procura de um curso superior, tentaria de novo aquele curso e pelas mesmas razões nem chegaria a reingressar. A Escola Militar da Corte representava na época o desaguadouro forçoso dos filhos das classes médias e dos pequenos proprietários que desejassem seguir uma carreira e não dispusessem de meios para tanto. Na Praia Vermelha, Euclides da Cunha encontrou o curso de engenharia e de ciências físicas e naturais, disciplinas que agradavam a seu espírito. Filho de um fazendeiro estabelecido em Descalvado, no Rio de Janeiro, e depois em São Paulo, Euclides da Cunha encontraria abrigo no curso militar e passaria a conviver no ambiente carregado de política e marcado pelo positivismo de Benjamin Constant.

No clima impregnado de ideologia republicana e da sistemática agitação positivista que a caracterizou, Euclides da Cunha logo estava envolvido nos acontecimentos

que implantariam o novo regime um ano depois. Em novembro de 1888 deu-se o episódio que viria a cobrir de notoriedade o jovem aspirante. Durante a apresentação solene do espada-chim de cadete ao ministro da guerra, Euclides da Cunha lançou a espada ao chão após tentar inutilmente quebrá-la num vivo gesto de protesto contra a Monarquia. Os colegas que deveriam acompanhá-lo no ato retraíram-se e Euclides da Cunha foi preso. Aguardava julgamento, mas a tolerância imperial e a conveniência em esvaziar tais episódios naquele momento delicado da vida política, permitiram ao jovem escapar das dificuldades sem nenhuma penalidade séria. Na Câmara, Silveira Martins retirou o conteúdo político do acontecimento, alegando que o cadete era neurótico, um fraco de nervos. Joaquim Nabuco argumentou que o caso não era digno de nota, preferindo alertar sobre os sintomas que denunciavam uma situação política exacerbada. Enquanto isto, o pai de Euclides da Cunha interveio, pedindo uma audiência com Dom Pedro II. Em suma, a expulsão do Exército por esgotamento nervoso foi a única sanção. Ao que se sabe, somente uma vez, e superficialmente, Euclides da Cunha referiu-se a estes acontecimentos.

Seu nome tornou-se conhecido e o jovem rebelde era visto como herói nos meios republicanos, nesta condição sendo recebido em São Paulo, para onde se transferiu. Os republicanos paulistas homenagearam-lhe e imediatamente Euclides da Cunha foi aceito como jornalista no "A Província de São Paulo", que, noticiando sua chegada, oferecia-lhe ao mesmo tempo as colunas do jornal. São Paulo, de onde Euclides da Cunha jamais se desvincularia, apesar das

constantes viagens ao Rio de Janeiro, foi mais que abrigo na difícil ocasião. Ofereceu a oportunidade para que Euclides da Cunha conferisse aos acontecimentos da Escola Militar a dimensão política sobreposta a mera "reação nervosa". Por outro lado, mantinha em evidência no novo regime que todos sabiam estar às portas o nome prestigiado que, se caído no esquecimento e sem o curso militar, comprometeriam seu futuro.

A calorosa acolhida em São Paulo representava, entretanto, mais que o reconhecimento público a um "herói" ou simples retribuição a uma participação no movimento republicano. Euclides da Cunha era uma pessoa indicada para contribuir na ativação da campanha nos estados e no reerguimento da combatividade dos jornais engajados na luta pelo novo regime. Embora São Paulo contasse com a tradição republicana inaugurada em Itu há quase duas décadas e com um dos melhores grupos republicanos representado por Rangel Pestana, entre outros, a agitação, que sempre norteava o movimento, exigia inovações sistemática. Eixo básico do republicanismo e sua fonte de existência, a agitação era o único fator capaz de atender o vazio teórico que o positivismo jamais lograra preencher. Queixava-se Alberto Sales, um dos poucos a divulgar os fundamentos filosóficos para o novo regime, que a imprensa da província "tem representado e continua ainda a representar um fator de pequena valia na grande obra de propaganda política". Afirmava o autor do "Catecismo Republicano" que por vezes ocorriam espontaneamente fatos propícios à difusão das idéias republicanas, mas "nenhuma vez, ao menos com proveito real, tem sabido a imprensa ti

rar partido destas circunstâncias para alargamento das novas doutrinas". Alertava que "é absolutamente necessário, é mesmo urgentíssimo que, em vez dessa norma de completa passividade (...) assuma a imprensa republicana uma posição mais ativa, mais corajosa, mais intrépida e mais à altura de sua elevada missão evangelizadora". Alberto Sales assinalava estar convencido de que "aquilo que antes de tudo necessita o partido republicano é que seus chefes, ao lado das lutas eleitorais, não se esqueçam também da obra do doutrinamento" (10).

Euclides da Cunha saberia aproveitar o ambiente propício à realização do anelo confesso de se dedicar ao jornalismo como o campo para o embate de idéias. Como tal ingressou no "A Província de São Paulo", periódico republicano de prestígio que nutria o gosto pela polêmica política e literária, ostentando uma linha de tendência opinativa como bem convinha ao futuro autor de "Os Sertões".

Em dezembro de 1888, aos 22 anos, Euclides da Cunha estreou uma sequência de matérias que continham as características de sua atuação futura, textos de combate, como ele queria, e que seriam a marca registrada. Um forte radicalismo e um certo gosto pelo impacto são indicados pelo pseudônimo Proudhon escolhido por Euclides da Cunha, pela rubrica "Questões Sociais", que encampava as matérias e pelos títulos, como "Revolucionários" (11). Estes nomes de

10 - apud VITA, Luis Washington, Alberto Sales, Ideólogo da República, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1965, p. 81

11 - Vide COUTINHO, Afrânio (org), ob. cit., p. 543 ss toda esta parte do vol. I intitulada "Noviciado da Imprensa".

efeito eram necessários para que o jovem Euclides da Cunha definisse a orientação de pensamento que o animava, não tanto para esclarecer as convicções republicanas, que eram notórias depois da expulsão da Escola Militar, mas para situá-lo no interior do movimento republicano, que se dividia em grupos não raro inconciliáveis prevalecendo o conflito entre "metafísicos" e "livre-pensadores". A resposta de Benjamin Constant a seu crítico, o deputado bahiano Augusto de Magalhães Tacques, demonstra estas divergências e de certo modo esclarece o pseudônimo Proudhon assumido por Euclides da Cunha. Dirigindo-se ao parlamentar bahiano, Benjamin Constant adverte-o a não confundir todos os positivistas: "A expressão filosofia positiva foi o tema sobre o qual V. Exa. variou. Falou a respeito de Proudhon, Darwin, materialismo, socialismo, comunismo, etc., e envolveu no meio de tudo isto a Filosofia Positiva! Fez de todos estes elementos irreconciliáveis um monstruoso conjunto, uma escola, uma seita, e fez-me sectário e caloroso defensor dela!..." este equívoco, continuou, era "uma afronta sem igual". Por estas razões, Benjamin Constant considerava Alberto Sales "um daqueles monstros morais dignos da mais profunda execração" - embora Alberto Sales nunca citasse o socialismo e sim Darwin e o materialismo (12).

Não se afirmará que Euclides da Cunha tirou conscientemente o pseudônimo Proudhon desta carta pública de Benjamin Constant, e se o fez seria impossível saber, mas com certeza a escolha do nome do socialista francês emergia daquela efervescência produzida pelo conflito entre republi

12 - VITA, Luís Washington, ob. cit., p. 73.

canos e monarquistas, positivistas heterodoxos e ortodoxos, positivistas e evolucionistas, entre tantas. Não eram debates inócuos, pois deles derivariam os rumos republicanos, a definição dos luminares de pendor autoritário e os liberais, fazendo, aliás, como se verá, com que Euclides da Cunha mantivesse uma relação reticente com os governos republicanos que veio a conhecer. As convicções que expôs pela imprensa seriam corroboradas por definições pessoais que o levariam a distanciar-se do governo de Floriano Peixoto após uma aproximação incômoda, e o permitiriam, mais tarde, confessar as reservas quanto ao positivismo e sua predileção pelas idéias de Herbert Spencer. Um caminho que ainda iria percorrer mas que está sugerido nas noções liberais expressas já no seu primeiro jornalismo.

Neste momento privilegiado para os que têm o gosto pela política e pelo debate, Euclides da Cunha mostrou-se perfeitamente ajustado, inaugurando a vida de jornalista profissional como gostava e exercia de modo exclusivo: matérias de opinião sobre os grandes temas nacionais. Euclides da Cunha assegurou um lugar entre os jornalistas brasileiros motivados pelo pendor ensaístico.

A primeira matéria de Euclides da Cunha no "A Província de São Paulo" chamava-se "A Pátria e a Dinastia" e foi publicada aos 22 de dezembro de 1888 (13). Já estava imersa na atualidade dos acontecimentos. Suspeito de atividades políticas, Deodoro da Fonseca fôra designado para servir num posto militar distante da Corte a pretexto de observar movimentos militares entre o Peru e a Bolívia. An

tes que defender abertamente Deodoro da Fonseca de uma decisão que a rigor era assunto interno do exército, Euclides da Cunha apropriou-se do caso para criticar algumas orientações do governo monárquico. Condenou o militarismo ao tecer considerações sobre o pretenso choque entre as duas nações andinas e utilizou uma linguagem dura e de franco desafio, afirmando temer o "consórcio entre o pensamento e a espada" e acusando o governo de antepor "à política da pátria a política imperial". Ao mesmo tempo deu um golpe numa das mais típicas instituições monárquicas, a Guarda Nacional, que "é entre nós um mito". A celeuma, denunciava, nada mais era que "a ação teatral do governo" com objetivo único de "dispersar para enfraquecer", pois "dispersa o exército, e tendo-o assim, não podendo destruir-lhe no cérebro a noção digna que começa a ter do futuro - excita-lhe a ambição com a imagem encantadora de futuras glórias". Tocava, assim, no ponto central: o governo procurava dispersar o exército e atraí-lo para um "inimigo comum externo" a fim de desfazer a "noção digna" que os militares começavam a ter do futuro, ou seja, a idéia republicana.

A matéria seguinte, sob a rubrica "Questões Sociais", compõem-se de dois artigos intitulados "Revolucionários" e "1889", publicados respectivamente em 29 de dezembro de 1888 e quatro de janeiro de 1889 (14). Na primeira, o jornalista admitia uma revolução encaminhada "pela lógica inquebrantável de uma dedução científica" e liderada por democratas que atuariam como geômetras através da "observação e pelo estudo", nunca com guilhotinas, mas com escolas. Criticava a Monarquia, atribuindo-lhe o "carranquismo das di

nastias portuguesas", a ela contrapondo uma "fraternidade que se estabelece pelo cérebro e pelo coração" e que se orientava "pelo raciocínio", a isto chamado "civilização" (15).

O título da matéria seguinte "1889", em na da pretendia comemorar o ano novo que se inaugurava, mas sim homenagear o centenário da Revolução Francesa. O jornalista comentou a Declaração dos Direitos Humanos e citou Tiradentes. Lembrou que o progresso da humanidade se dá paulatinamente, através de um trabalho que se realiza "por uma acumulação proporcional de energia", mas quando obstado eclode "brutal, enérgica e precipitadamente". As revoluções, assim, seriam "perturbações impressas no movimento tranquilo do progresso, inteiramente subordinado a uma lei, que é como uma força constante - a Evolução".

Ainda em janeiro de 1889, Euclides da Cunha estrearia uma coluna, recurso que lhe propiciava espaço amplo para dar vazão ao fôlego. A coluna "Atos e Palavras" se constituiu de oito artigos publicados do dia dez ao 24 no "A Província de São Paulo" (16). Iniciou com a inevitável propaganda republicana e fazendo um elogio a Silva Jardim, republicano eminente, um dos idealizadores da tentativa de golpe militar em 1888 e depois marginalizado pela República.

15 - Anos depois, no artigo "Um Velho Problema" de 12 de maio de 1904, Euclides da Cunha ainda defendia a idéia de uma transformação social baseada em "leis positivas da sociedade que criarão o reinado tranquilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração".

16 - COUTINHO, Afrânio (org). ob. cit., p. 549 ss.

Deste modo o jornalista esclarecia sua filiação no seio do movimento e avançava uma posição mais ou menos radical em relação aos demais, quando afirmou que o anarquismo atraía sua simpatia. Esta foi a única vez que demonstrou atração pelas idéias libertárias, pois, embora voltasse a comentar respeitosamente a corrente anarquista, excluía suas premissas das opções políticas que o motivavam. O artigo do dia 23 tem um interesse particular ao referir-se pela primeira vez ao "povo brasileiro", fator que orientaria toda sua obra futura, mas então ainda exposto de maneira genérica.

Nesta época Euclides da Cunha ainda carecia do domínio estilístico que o tornaria famoso e que seria uma de suas obsessões. Percebe-se a luta para construir frases precisas, buscando transmitir a idéia de modo a prender a atenção do leitor, mas com resultado canhestro que o tornava confuso e pedante, em períodos empolados, e um abuso perigoso da pontuação na tentativa aparente de ressaltar uma idéia e, no fim, obrigando o leitor a uma releitura. Veja, por exemplo, este trecho do "A Pátria e a Dinastia": "Desiludida-se, pois, o governo; a evolução se opera na direção do futuro - e quer o governo queira quer não, embora - voltado para o passado, caminhará com ela, para a frente, mas como os covardes - recuando". E acompanha este estilo uma incontinência verbal suscetível de ser interpretado como descortesia. Ao elogiar Silva Jardim no artigo acima citado, contrapôs a coerência daquele tribuno aos políticos - que atacavam, chamando-os de "marotos assalariados" e dizendo que o governo era covarde.

Mas, ao lado das frases tateantes, mal ocultas pela máscara da indignação acalorada, encontram-se outras, bem feitas, precisas, como que apontando o futuro estilista de "Os Sertões" e de inúmeros artigos. Na coluna "Atos e Palavras" encontra-se, por exemplo, este trecho em que Euclides da Cunha sustentava a inevitabilidade do advento da República e que aqui é transcrito porque apresenta a mesma idéia da frase canhestra pouco antes citada: "Porque sabemos que a República se fará hoje ou amanhã - fatalmente, como um corolário de nosso desenvolvimento; hoje calmamente, cientificamente, pela lógica, pela convicção; amanhã..."

As reticências são do jornalista - é um recurso que ele empregava frequentemente para provocar o suspense e realçar a idéia, não raro abrindo parágrafo logo em seguida para alí depositar todo o peso da noção que pretendia transmitir. Imediatamente após o "amanhã...", abre parágrafo: "Amanhã será preciso quebrar a espada do Sr. Conde D'Eu". E esta é uma frase isolada, uma frase-parágrafo, também típica de Euclides da Cunha. Além disto não se encontra aí a verbalização imoderada, e sim o sentimento geral a respeito do Conde D'Eu e de sua interferência nas coisas do governo e no horizonte fechado que sugeria a sucessão de D. Pedro II.

Também desta época data um outro recurso estilístico que caracterizou Euclides da Cunha, o contraste, que era a maneira de transmitir com economia de palavras, e de modo direto e quase sensível, a complexidade do objeto em questão. O leitor de Euclides da Cunha sabe disto: o contraste está na estrutura do texto, nas definições, nas descrições. Referindo-se ao descompasso entre a inanição da máquina governamental monárquica e o transcorrer da história, o jornalista fala do "maquiavelismo de uma velha polí

tica automatizada, sem energia própria, movendo-se sem progredir...". De imediato vem à memória a célebre definição que Euclides da Cunha fez de Floriano Peixoto no "Marechal de Ferro": "subiu sem se elevar" (17).

Olímpio de Souza Andrade, mesmo escrevendo um trabalho bastante favorável a Euclides da Cunha, não deixa de fazer uma severa crítica ao estilo do escritor nos primeiros textos, assinalando o hábito de procurar ajustar o fato à idéia e a carência de objetividade (18). São equívocos habituais dos publicistas e dos que fazem seu aprendizado no calor dos embates, sem a preparação teórica e prática. Ve-se logo, porém, que esta maneira "maladroite" de se expressar iria ceder para as sutilezas de pensamento e para a sofisticação da linguagem, numa evolução que incluiria a tolerância amadurecida em relação a homens e fatos, sem tergiversar ou cumpliciar. O aprendizado inicial de Euclides da Cunha deu-se na temperatura do momento extremo daquela época política, mergulhada em plena campanha republicana e no torvelinho da paixão ideológica. A propaganda ideológica, traço característico daquele tempo, não prima pela objetividade e segue o curso da oportunidade e da emoção.

No começo de 1889, Euclides da Cunha deixou São Paulo e voltou para o Rio de Janeiro, preparando-se na casa dos pais para reingressar na Escola Politécnica. Não abandonou, contudo, as páginas da "A Província de São Paulo".

17 - "O Marechal de Ferro" seria publicado em 29 de junho de 1904 no "O Estado de São Paulo" e encontra-se em SAMPAIO, José Pereira de (org), Contrastes e Confrontos, 6ª.ed. Porto, Liv. Chardron, 1923, p. 11 ss.

18 - ANDRADE, O. de S., ob. cit., p. 46

que estampou seus artigos em maio e junho. A intermitência dos escritos de Euclides da Cunha explica-se pelas exigências da vida pessoal que o forçavam a buscar um meio de vida. Longe, entretanto, de ser um distanciamento das lides da imprensa, esta temporada reforçou os laços de Euclides da Cunha com o ofício de jornalista. Encerrava-se uma fase do aprendizado em São Paulo. Para melhor transmitir e debater as idéias, era necessário estudar os grandes temas que o interessavam, construir um suporte consistente para as concepções que quase intuitivamente apresentara. Mais que se preparar para a Escola Politécnica, o jornalista dedicou-se ao estudo que o preparava para a compreensão dos temas que inquietavam e que pretendia discutir pela imprensa. O autodidatismo era a única saída, posto que o curso de engenharia, além de estar vedado a ele, não forneceria as informações desejadas. Tal qual a maioria de seus contemporâneos, Euclides da Cunha formou-se por si mesmo e na convivência de uns poucos amigos com os quais compartilhava interesses. No Brasil não havia suficientes centros de estudos e as novas idéias nascidas no exterior aqui chegavam sem a presteza necessária para a preparação dos professores. Aguardavam-se os livros chegados no último navio, e lia-se. Os dois maiores representantes da escola de Recife, Silvio Romero e Tobias Barreto não dependiam de cursos superiores ou de professores, mas primavam pelo autodidatismo como único caminho para se manterem atualizados, principalmente no tão mutável e complexo pensamento dos fins do século XIX (19).

19 - RABELLO, SYLVIO, Itinerário de Silvio Romero, RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1967, p. 95.

Mais urgentes eram os estudos perante a intrincada teia ideológica que envolvia a idéia republicana e, de modo geral, as noções sobre o progresso e a evolução dos povos. Além da urgência metodológica das décadas que encerraram o século passado e abriram o século XX, prevalecia no Brasil a premência dada pela rarefação do ambiente intelectual perante as transformações em curso. O positivismo era a única doutrina a fornecer alguma base filosófica para as correntes de mudança política formadas no Brasil no último quarto do século XIX e a única capaz de certa amplitude para o esboço de uma visão do mundo sistemática. Entre os ideólogos da República, somente os positivistas tinham base filosófica para sustentar o ideal republicano e foram eles que forneceram um ideário mundividente, preenchendo no Brasil uma lacuna, pois não se dispunha sequer de uma teoria de Estado exequível (20). É certo que cedo o positivismo teve de concorrer com o evolucionismo spenceriano; entretanto, ao contrário deste, era bem mais suscetível de ser divulgado entre a população, por isto mesmo se tornando o mais apropriado para a propaganda ideológica. Euclides da Cunha encontrou na Escola Militar o ambiente positivista por excelência, mas logo informou-se o bastante para descobrir Spencer, nunca admitindo por completo, seja na vertente ortodoxa ou heterodoxa, os ensinamentos de Comte.

As reservas quanto a doutrina comtiana não foram tardias no espírito de Euclides da Cunha. O marechal Cândido Rondon, seu colega na Escola Militar da Praia Vermelha e seguidor da ortodoxia positivista, depôs sobre aque

20 - VITA, Luis Washington, ob. cit., p. 71

la época da vida de Euclides da Cunha: um espírito "mais propenso aos grandes reptos da imaginação do que à calma disciplina das meditações científicas" e que "viu abrirem-se-lhes as páginas da protentosa construção do filósofo de Montpellier sem se deter a penetrar-lhes o sentido". O colega, diria o marechal Rondon, "mais encantos encontrou na obra de Spencer, a que se filiavam muitos dosbrilhantes alunos da Escola Militar dessa época"(21). Conhecer era, portanto, de uma urgência ímpar, mesmo porque o positivismo era defendido por homens de liderança, como Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, além de se apresentar como a única doutrina passível de instrumentalização política.

As influências eram fortes e os encontros e divergências demandavam conhecimento de causa. Ao positivismo ortodoxo de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, os heterodoxos contrapunham a tentativa de conciliar o comtismo e o spencerianismo a fim de eliminar o autoritarismo de Comte pelo liberalismo de Spencer (22) e tudo indica que Euclides da Cunha era atraído mais por estes últimos, como o demonstraria uma crítica que pouco depois faria a Benjamin Constant.

A sustentação teórica para o exercício do jornalismo opinativo era imprescindível, e Euclides da Cunha, conscientemente ou não, preparava-se para os textos densos sobre as questões da época e, dado que para o jornalismo a atualidade é a categoria central, não haveria tempo de pesquisar um assunto somente quando este acontecesse.

21 - apud ANDRADE, O. de S., ob. cit., p. 30

22 - VITA, L. W., ob. cit., p. 71.

Para o jornalista, a preparação é uma constante, um presuposto iniludível.

A investigação era o requisito necessário para o espírito inquieto e cheio de dúvidas de Euclides da Cunha. Sua vocação pela liberdade não permitia que se contivesse num partido político ou numa doutrina político-filosófica. O evolucionismo de Herbert Spencer ajustava-se à mentalidade científica e aberta do jovem jornalista que anos depois denunciaria a ordem republicana imposta a ferro e fogo no arraial de Canudos, como se lançasse na vala comum as expectativas de modernização progressiva que o novo regime não soubera estender às latitudes sertanejas. A vibração liberal do spencerianismo acabou por penetrar a própria Escola Militar, tradicional reduto do positivismo graças à liderança de Benjamin Constant Observou o marechal Cândido Rondon a preferência de muitos cadetes pelo pensador inglês geralmente mais cotado entre os estudantes de Direito - provavelmente porque o exército era formado por elementos de diferentes origens sociais que alí chegavam menos pela vocação das armas que em busca de um curso superior. Era nítida a distinção entre cadetes "científicos" e "tarimbeiros", ou seja, os que se preparavam para os cursos militares, mais intelectualizados, os futuros "soldados políticos", e os que se preparavam para a carreira, para a tropa (23). Nada indica que houvesse um vínculo entre positivismo e spencerianismo e estas categorias de alunos militares, mas com certeza Euclides da Cunha situava-se entre os "científicos!"

23 - CARONE, Edgard, A República Velha (Instituições e Classes Sociais), SP, Difel, 1972, p. 358.

A permanência de Euclides da Cunha em São Paulo e os alargamentos de sua visão alimentaram os estudos acerca das questões brasileiras e do pensamento da época fornecendo a indispensável fundamentação intelectual para o jornalista opinativo.

A Proclamação da República surpreendeu Euclides da Cunha nesta altura do aprendizado teórico e prático e às voltas com solicitações pessoais, principalmente para obter uma "profissão estável", uma vez que o jornalismo de então jamais propiciaria um rendimento mínimo para o sustento e a Escola Politécnica mais uma vez lhe fechara as portas por razões econômicas. Decerto a pedido dos antigos companheiros da Escola Militar junto a Benjamin Constant, então ministro-da-guerra do novo regime, e provavelmente com a intervenção do major Solon, destacado republicano e futuro sogro de Euclides da Cunha, foi este readmitido nos meios castrenses. Ingressou na Escola Superior de Guerra, onde se formou em Engenharia, Matemática e Ciências Físicas e Naturais, de lá saindo como primeiro-tenente de artilharia em janeiro de 1892.

OS ARTIGOS DE 1892

"Felizes os que podem, através das agi-
tações do meio, através da existência
que parece a todo instante emergir da
reação contínua dos contrastes, prolongar
brilhantíssima a orientação retilí-
nea da consciência."

("Divagando", jornal "Democracia", 24.5.1890)

Proclamada a República, Euclides da Cunha retomou a colaboração nos jornais. Ao mesmo tempo cursava a Escola Militar da Praia Vermelha e prosseguia nos estudos e leituras que lhe despertavam interesse. Escrevia, então, para um pequeno jornal carioca, o "Democracia", de orientação republicana radical dirigido por Vicente de Souza. O ambiente do país era tenso. Não só se confrontavam republicanos e monarquistas, mas também os diferentes grupos republicanos disputavam entre si e com as forças sociais da época, em especial com as oligarquias estaduais. O governo provisório encabeçado por Deodoro da Fonseca isolava-se, protegendo a convocação da Constituinte, ao mesmo tempo em que assinava nomeações que contrariavam as oligarquias estaduais, e desta forma atraindo oposição sistemática. O exército dividia-se entre os seguidores de Deodoro e aqueles que seguiam Floriano Peixoto e José Custódio de Melo. Disputavam-se os cargos na República recém-nascida. Para muitos, as expectativas positivistas e evolucionistas que durante décadas alimentaram a campanha republicana tinham sido postas à margem em detrimento de objetivos pragmáticos e do jogo político do mudar sem nada alterar.

Nesta ocasião de política pouco nobre e de certa confusão ideológica entre os diversos agrupamentos, Euclides da Cunha mantinha-se atento, consciente de que nada valiam filiações momentâneas em torno de interesses nem sempre claros. O caráter idealista de sua concepção de República, a crença de que o novo regime se constituiria numa revolução pacífica em demanda de profundas transformações materiais e espirituais do Brasil, mostrava-se distante dos

conchavos diuturnos dos quartéis, das manobras parlamentares e dos atritos entre as seitas republicanas. Desfaziam-se sonhos. Caíam ídolos. Euclides da Cunha registraria em carta ao pai a decepção e a decisão de afastar-se deste ambiente político: "Imagine o senhor que o Benjamin Constant, o meu ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me, sem titubear, e sem raciocinar, perdeu a auréola, desceu à vulgaridade de um político qualquer, acessível ao filhotismo, sem orientação, sem atitude, sem valor e desmoralizado - justamente desmoralizado" (1)

Com certeza era outra a militância que o inspirara e o compelira a jogar sua carreira no episódio da Escola Militar. Procurava reajustar o pensamento e a atuação na imprensa, evitando a antiga praxe da agitação, não raro superficial, e voltando-se para o aprofundamento do exame das questões despertadas pela República. Urgia formar uma consciência mais clara dos interesses em jogo e das autênticas necessidades do Brasil a fim de invalidar a manipulação e impedir que os mandonismos nacionais agissem em proveito próprio. Euclides da Cunha desconfiava. Era o momento da reflexão. Naquela mesma carta ao pai, informava o afastamento de "ligações políticas que começava a ter", explicando: "retraio-me agora; estudarei, tratarei de formar melhor o meu espírito e o meu coração e mais tarde, passada esta febre egoística e ruim que parece alucinar a todos, quando sentir-se necessidade de homens e os que atualmente escalam cegamente as posições, conscientes da própria fraqueza, delas abdicarem voluntariamente - aparecerei, então, se puder, se quiserem" (2)

1 - Apud ANDRADE, Olímpio de Souza, História e Interpretação de "Os Sertões", SP, Edart, 1960, p.56

2 - Idem .

A vocação jornalística prendia-o às colunas do "Democracia". Situação incômoda, decerto, se considerada a confissão pessoal, e que transparece nas matérias que publicou. Em pleno esplendor do positivismo e do republicanismo instalado no poder, dispondo das armas propiciadas pela entronização recém conquistada e pelo assombro do monarquismo sempre presente, ainda assim Euclides da Cunha não temeria dizer, mesmo nas páginas daquele jornal, que não era positivista e nem era aquela a República de seus sonhos (3).

Uma de suas primeiras matérias no "Democracia", intitulada "Sejamos Francos" e publicada em 18 de março de 1890, expressa a fé nas transformações prometidas pelo novo regime desde que se cumprissem os ideais propagados pela campanha republicana. Condena a precedência dos interesses pessoais nos primeiros anos da República e indica um destes ideais que poderiam ser imediatamente realizados, o da educação como modo de preparar a sociedade para que ela própria construísse a verdadeira república. Afastava-se, pois, da orientação dos adeptos da "ditadura esclarecida" e dos que pretendiam usar o regime sem ferir seus interesses, e mantinha-se afinado com uma das premissas mais divulgadas pelos evolucionistas.

Os artigos se sucederam até junho de 1890. O tom geral é de defesa da idéia republicana como se o regime ainda estivesse lutando para se instalar. Nem sempre pre

3 - Vide as matérias de Euclides da Cunha no "Democracia" in COUTINHO, Afrânio (org.), Euclides da Cunha, Obra Completa, vol. I, ob. cit., p. 567/578. Em particular vide "O Ex Imperador", "Sejamos Francos" e "Divagando".

valecia a rigorosa coerência. Na matéria "Divagando", de 24 de maio e 2 de junho de 1890, defendia o positivismo e considerava os positivistas como "minoría robusta", ao mesmo tempo em que apelava para a Providência Divina e declarava decididamente que não era partidário da doutrina de Augusto Comte, mas desta adotava apenas a "classificação científica". Esta série é provavelmente uma satisfação pública a grupos políticos poderosos, concessão que não se encontra antes e nem depois em Euclides da Cunha. Mas, principalmente, demonstra que o jornalista passava por uma fase difícil em que conviviam o reajustamento de concepções e a inexistência de um referencial de reflexão e de ação pudessem levá-lo à conclusão intuitivamente identificada (4).

Euclides da Cunha não era o único a se decepcionar. É conhecida a marginalização de homens como Silva Jardim e Lopes Trovão em favor de Rui Barbosa e outros. Considere-se a superficialidade do primeiro governo republicano, e não apenas dele, as dissensões personalistas, a miséria e a inflação de 1890, o ambiente político no qual a única solução aparente era a preparação de sucessivas quarteladas, o quadro propício para o golpe que se abateria em três de novembro. Os objetivos nacionais eram os menos cogitados. Na carta ao pai, ainda há pouco citada, Euclides da Cunha justificava o afastamento de "algumas ligações políticas": "Parece-me que fiz bem; desconfio muito que entramos no desmoralizado regime da especulação mais desensofri-

4 - Decerto que os tempos de agitação são menos confusos. A complicação começa quando o intelectual, corajoso e sinceramente, se debruça sobre as questões de genuíno interesse.

da e que por aí pensa-se em tudo, em tudo se cogita, menos na Pátria" (5). Afastar-se daquelas "ligações políticas" implicou em abandonar a colaboração para o "Democracia".

Agravava-se a situação política. Deodoro governava com a oposição das oligarquias que não aceitavam os governadores por ele nomeados. Eram constantes a ameaça de levante de parcela do exército e a crítica sistemática de Prudente de Moraes no Congresso. Estava fora de controle o processo inflacionário desencadeado pelo "encilhamento" e sucediam-se escândalos de corrupção, notadamente o da concessão do Porto das Torres. Não obstante, e em parte devido à força militar de que dispunha, Deodoro venceu as eleições de fevereiro de 1891. Avoluma-se, entretanto, o descontentamento, levando Deodoro a dar o golpe-de-estado de novembro de 1891 ao fechar o Congresso com o apoio dos governadores de sua confiança, ou seja, quase todos.

A não vigência do estado-de-sítio nos Estados facilitou a articulação oligárquica liderada por Campos Sales em São Paulo e por Lauro Sodré no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que os militares contrários a Deodoro se agitavam nos quartéis e se articulavam com os grevistas do porto de Santos e da Estrada-de-ferro Central do Brasil. Setores do exército uniam-se em torno de Floriano Peixoto, vice-presidente e um dos líderes anti-deodoristas, e elementos da marinha apoiavam a oposição representada por Custódio de Mello. Eclodiu a rebelião dos vasos de guerra fundeados na baía da Guanabara e liderados pelo encouraçado "Aquidabã". O país estava à beira da guerra civil. O coro

5 - In ANDRADE, O. de Souza, ob. cit., p. 56

nel Frederico Solon, sogro de Euclides da Cunha e um dos próceres republicanos, aprestou-se para um rápido contra-golpe, mas foi contido por Floriano Peixoto, que preferia aguardar e eventualmente aglutinar forças para desencadear uma resistência. Articulou-se a conspiração, aliás conhecida pelo governo. No dia 19 de novembro distribuíram-se as unidades militares da oposição, no dia 22 os ferroviários entraram em greve. Deodoro, doente desde o dia vinte, chamou Floriano Peixoto e passou-lhe o governo.

É quase certo que Euclides da Cunha participou das reuniões conspiratórias na casa de Floriano Peixoto, conforme se depreende da descrição que delas fez no artigo "O Marechal de Ferro" (6). Com o entusiasmo político reavivado pela reviravolta na política nacional, Euclides da Cunha concluiu que a República retomava os objetivos mais elevados e eliminava as distorções que marcaram o governo provisório. Armado desta convicção voltou a se dedicar ao jornalismo político no "O Estado de São Paulo", frequentando, no primeiro semestre de 1892, as colunas "Da Penumbra" e "Dia-a-Dia". Havia, porém, uma novidade: era situacionista. As matérias desta época são de defesa das expectativas investidas na promessa de renovação implícita no afastamento dos deodoristas. Mas não são de defesa explícita da Floriano Peixoto, manifestando, antes, um mal velado desconforto em relação a certas decisões do marechal. Esta fase duraria pouco. Em breve as disposições e os impasses do governo

6 - CUNHA, Euclides da, "O Marechal de Ferro", in SAMPAIO, José Pereira (org.), "Contrastes e Confrontos", 6a. ed., Porto (Portugal), Livraria Chardron, 1923, p. 11 .

de Floriano Peixoto afastariam o jornalista, de novo desiludido com os rumos da República brasileira.

O que mais realça deste período é menos a aparência de advogado do governo que os comentários que Euclides da Cunha publicou sobre variados temas de relevo, desde a questão da anistia aos presos políticos, até os comentários sobre arte e ciência, desde o debate sobre problemas sociais até a exposição do entendimento de democracia no regime em implantação, além de matérias sobre teoria política, imigração e uma crítica ao projeto Paula Souza para a criação da Escola Politécnica. Nesta época o jornalista incorporou uma temática nova a suas preocupações, deseenvolvendo-a numa linguagem claramente mais elaborada. Percebe-se a construção paulatina de um equilíbrio no tratamento dos assuntos abordados, tolerância, o que é visível, por exemplo, nas matérias sobre anistia, publicadas entre fins de abril, meados de maio e começo de julho, e que constrastam com a persistência de certa agressividade na secção "Da Penumbra", ainda em março. É o que se vê.

Euclides da Cunha publicou na coluna "Da Penumbra" três artigos, todos de março de 1892, sob o pesudônimo José Dávila. Embora não haja uma prova taxativa de que José Dávila e Euclides da Cunha fossem a mesma pessoa, os indícios concretos são conclusivos - a temática, e em especial o estilo, dizem que se trata do mesmo jornalista, e que estenderia as mesmas características na futura coluna "Dia-a-Dia". Tanto é que os estudiosos de Euclides da Cunha não vacilam em incluir entre suas obras os textos do "Da Penumbra". É o que faz Afrânio Coutinho ao organizar a obra com

pleta de Euclides da Cunha (7), Olímpio de Souza Andrade ao estudar a gênese de "Os Sertões" vinculada à vida dos escritor (8), nas matérias de 1892 reunidas pela Revista do Livro (9), entre outros.

Embora as três matérias tratem do mesmo tema, o "Da Penumbra" não forma uma série - recurso que Euclides da Cunha utilizava frequentemente - uma vez que lhes falta um traço de união, uma vinculação clara que remeta uma à outra, uma continuidade. O que há de comum às três é a defesa do governo florianista e frases confusas, inçadas de francesismo, hábito que, paradoxalmente, Euclides da Cunha condenava em suas críticas literárias. O primeiro artigo, de 15 de março de 1892, se realça pelo tom agressivo que ainda acompanhava o jornalista, exprimindo certamente a vibração dos acontecimentos ainda na ordem do dia. É o que está claro no perfil que dispensa aos oposicionistas: "Que faz toda esta gente que por aí não reage contra não sei o que e perdendo a pouco e pouco a postura magnífica dos valentes, descamba para os lugares-comuns de um gongorismo retumbante ou agita decididamente os guizos da troça, numa alegria incomprensível de bugios satisfeitos?"

O artigo seguinte, de 17 de março, desenvolve uma franca defesa de Floriano Peixoto, recorrendo à História para tentar demonstrar que às revoluções sempre seguem um período conturbado e que seria "feliz ingenuidade" crer que a Constituição se sobrepusesse à imprevisibilidade

7 - COUTINHO, Afrânio, ob. cit., vol I, p. 579 ss.

8 - ANDRADE, Olímpio de Souza, ob. cit., p. 59 na qual é taxativo na nota 11.

9 - Revista do Livro, nº 15, setembro de 1959, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, p. 109 ss.

dos fenômenos sociais. Aos Estados Unidos, argumentava, foram preciso doze anos de lutas para que se forjasse a Constituição norte-americana e se chegasse "ao espírito brilhante de Lincoln" - e houve que se aliar à "espada de Ulisses Grant". Mesmo assim este artigo deixa entrever uma tênue dúvida do autor ao considerar que, se Floriano Peixoto tivesse, "por uma espantosa aberração mental", veleidades de se tornar um Napoleão III, "nem tudo estaria perdido e restariam inexoráveis e heróicos contra o déspota, os mesmos princípios que o sustentam". Esta frase esclarece o situacionismo provisório de Euclides da Cunha, incômodo, mais vinculado a um princípio e a uma esperança que a um governo.

Indiretamente, sob o prisma teórico, apareceu na matéria de 19 de março de 1892 um esboço geral que procurava justificar aquelas afirmações. É uma verdadeira ginástica mental para tentar explicar o comportamento do governo florianista. Ao contrário do que previra Spencer, dizia Euclides da Cunha, uma civilização jamais chega a uma época de ouro na qual predomina a tranquilidade para que o homem possa afinal "amorfosar a vida". Uma conquista leva a outra. É o "'struggle for life', a fórmula majestosa de nossa elevação constante". Realizada a implantação da República, que conduziu o país "a toda a deslumbrante grandeza da civilização atual", o governo republicano havia de enfrentar novos embates, quando menos porque a República não poderia fazer "de pronto a grande felicidade da Pátria".

A "Da Penumbra" logo foi extinta e substituída pela coluna "Dia-a-Dia", na qual, fazendo rodízio com Felinto de Almeida, Gabriel Prestes e Magalhães de Azevedo,

Euclides da Cunha publicou vinte e nove artigos e um poema dedicados a diferentes temas da vida nacional, boa parte das matérias em defesa da República e da necessidade de um governo forte que garantisse a ordem para que se construísse o progresso, conforme dizia (10). Ocasionalmente, defendia o governo Floriano Peixoto, do qual pouco a pouco se afastaria, mas não defendia o marechal, cujo nome não citou uma única vez. Acreditava num governo enérgico que garantisse a sobrevivência do regime recém-implantado, mas não afirmou que Floriano Peixoto fosse o governante indicado para esta tarefa.

Euclides da Cunha inaugurou as matérias do "Dia-a-Dia" com artigos em defesa do positivismo e na declaração de que não se filiava ao positivismo ortodoxo, prefigurando, assim, uma posição que esclareceria de modo mais completo em escritos posteriores, tal como na série "O Brasil Mental", de 1898. Em 29 de março comentou uma notícia do dia 26, segundo a qual, durante uma sessão do júri do Distrito Federal, o cidadão Domingos Heliodoro Pereira quebrara o crucifixo exposto, como de praxe, no local. Era um caso isolado e se fez uma arrecadação para substituir a imagem, procurando a própria imprensa minimizar o caso, comparando-o ao "procedimento de Alcibíades, discípulo de Sócrates, quando destruiu a estátua do deus Pã". Mas a oposição não deixou passar a oportunidade e tirou dividendos do episódio, apontando-o como resultado da mentalidade positivista, alvo predileto da corrente monárquica e clerical.

O artigo de Euclides da Cunha defendeu o positivismo, definindo o sistema de Comte como a doutrina do

10 - Veja a matéria de 5 de abril de 1892 na coluna "Dia-a-Dia" - a ordem haveria de preceder e basear o progresso .

amor e da tolerância e afirmando que seus seguidores, ao contrário do que geralmente se pensava, "não exploram a paixão dos inconscientes, nem assalariam o braço dos sicários, antes, se eximem à luta e quando abandonam os retiros da meditação e do estudo, têm nos atos a serenidade magnífica dos justos e dos crentes" (11). Ainda assim, neste mesmo artigo, Euclides da Cunha excluía-se do seio dos positivistas ortodoxos, afirmando "não pertencemos à minoria ilustre dos que, com abnegação notável, seguem todos os preceitos do novo dogma, através da metafísica dissolvente do nosso meio". Mais tarde, no artigo de 29 de junho, foi mais enfático, ao declarar: "Está bem visto que não nos propomos, por demasiado frágeis, à terçar armas pela religião positiva, a qual não pertencemos". Acrescentou em seguida, numa frase-parágrafo, típica de seu estilo quando queria ressaltar uma idéia, que "por ora seguimos sem Deus, nem chefes; não corremos riscos de revogarmos amanhã o que pensamos hoje". Esta mesma independência, este afastamento das doutrinas caracterizou o pensamento de Euclides da Cunha por toda a vida; jamais assumiu por completo e explicitamente qualquer sistema filosófico, mesmo quando demonstrava simpatia por este ou por aquele autor. Apenas em "Os Sertões" firmou-se com clareza, assumindo até os limites a escola da antropogeografia. Neste sentido foi um pragmático que procurava extrair do pensamento da época o que melhor o ajudasse a compreender uma circunstância.

11 - Cinco anos depois, em Canudos, Euclides da Cunha veria a inconsistência desta "serenidade magnífica" de soldados e oficiais florianistas, mas antes disto assistiria a perseguição e o assassinato de monarquistas e o empastelamento de seus jornais.

Em 1892, entretanto, era preciso defender o positivismo, esteio ideológico do novo regime e objeto escolhido dos ataques da oposição. Se os positivistas encontravam na doutrina o remédio para todos os males da civilização, seus adversários atribuíam ao sistema de Comte a responsabilidade por todas as mazelas. Nos dois artigos citados, o de 29 de março e o de 29 de junho, o jornalista defendeu o pensamento comtiano por força da conjuntura do momento e decerto não seria gratuita a publicação do poema "Cristo" na coluna "Dia-a-Dia" de 14 de abril. Esta poesia fica deslocada no conjunto de sua obra e o escritor em nenhum momento confessou sua fé. Terá sido, tudo indica, um recurso discutível de diplomacia perante a oposição.

Na relação República e católicos, contudo, a matéria mais elucidativa foi a de 20 de abril de 1892, na qual o articulista comentava a relação entre ciência e religião, preconizando a convivência entre ambas. Admitindo a religião como "a suprema diretriz da vida" considerava iludidos os que acreditavam que os republicanos pensariam em "orientar o próprio destino, eliminando da consciência o sentimento religioso". É preciso notar que esta afirmação nada tem de retórica, pois não se refere a Cristo ou a qualquer religião em particular, mas a um "sentimento religioso", um teísmo que não era estranho ao positivismo. O jornalista incluía-se entre os que aceitavam que os conflitos entre ciência e religião eram uma "tendência para uma harmonia futura" entre o incognoscível e o cognoscível. É um pensamento sincero e corajoso. Euclides da Cunha chegou a presenciar os avanços da ciência na passagem do século, a

apontarem para o imponderável no mundo físico e para a incerteza do conhecimento tradicional. Num belo artigo de 1904, intitulado "Civilização", deixaria transparecer em linhas amargas a fragilidade da fé científica (12).

Em 1892, na matéria em que defendia a co-existência entre ciência e religião, afirmava que Spencer acreditava que cada uma preservaria suas premissas, mas até então, acrescentava o jornalista, "a ciência, sempre vencedora - era a única a fornecer as vítimas (...) desde a humilhação de Galileu à agonia de Giordano Bruno". Necessário, pois, evitar "o fanatismo que tanto enlutou a história" e que os republicanos condenavam, "principalmente agora que a lei ampara igualmente a todas as crenças". É provavel que esta preocupação com os católicos, eventualmente com aqueles passíveis de aderirem ao positivismo, levou o articulista a publicar em onze de maio um texto em que defendia e justificava a cremação dos mortos - outra matéria que destoa do conjunto dos temas abordados na época.

Entre os assuntos de 1892 predominavam os de natureza política. A preocupação do governo era a cerrada oposição, manifestada não só na crítica de idéias e na condenação de medidas oficiais, mas também na constantes ameaça das armas e nas perenes conspirações. Além dos diversos focos golpistas, dispersos pelo país ou concentrados no Distrito Federal, o governo de Floriano Peixoto tinha de aceitar que nascera de um golpe e permaneceria sob as

12 - "Civilização", incluído no "Contrastes e Confrontos," referência citada .

brumas do 23 de novembro. Atento a esta circunstância, Euclides da Cunha dedicaria grande parte dos artigos do "Dia-a-Dia" na avaliação do significado deste clima político, dirigindo sempre suas argumentações em defesa da República. Particularmente nas matérias diárias publicadas entre 31 de março e seis de abril, mas não apenas nestas, considerou a necessidade da estabilização política. Estes artigos quase formam uma série, tal a incidência do tema, criticando genericamente a oposição até culminar, no texto do dia seis de abril, com uma evocação da Vendéia a indicar, este paralelo à reação monárquica na Revolução Francesa, uma suposta regressão no processo republicano brasileiro. A lembrança possuía, decerto, um significado forte, tanto que na campanha de Canudos o coronel Siqueira de Menezes, que também fazia às vezes de repórter para o "Jornal do Brasil", assinava suas matérias com o pseudônimo de Hoche, o comandante das forças revolucionárias enviadas para sufocar a resistência vendeana. A imagem da Vendéia acentuar-se-ia bastante no espírito de Euclides da Cunha, que a utilizaria para titular dois artigos homônimos escritos posteriormente a respeito da guerra de Canudos, os célebres "A Nossa Vendéia" (13).

A referência, entretanto, foi pela primeira vez usada por Euclides da Cunha no citado artigo de seis de abril de 1892. O paralelo com a Vendéia, aliás, reforça a tese de que o jornalista estava mais preocupado com o regime republicano, supostamente ameaçado de retrocesso, tal

13 - Os dois "A Nossa Vendéia", de 14 de março e de 17 de julho de 1892, ambos publicados no "O Estado de São Paulo", estão em CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição), Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1939, ps. 161 e 168, respectivamente.

vez de cunho "vendeano", que com o governo de Floriano Peixoto em particular. Ou seja, a defesa do governo somente em quanto defesa do regime.

Antecedendo os termos da análise que faria no "A Nossa Vendéia", Euclides da Cunha escrevia no artigo de seis de abril que o caráter da oposição brasileira nada tinha a ver com os heróicos "chouans", os quais atemorizaram a Revolução Francesa mais que "a Europa inteira a despenhar-se sobre a República". A oposição a Floriano Peixoto carecia de uma idéia mais nobre. Os opositoristas eram presididos apenas pela "determinação de atirar por terra tudo o que está feito" no afã único do jogo do poder, no "desalojar as posições, para realizarem um único ideal - ocupá-las". Os traços destemidos dos vendeanos franceses foram negados por Euclides da Cunha à oposição de 1892, mas seriam atribuídos aos jagunços em 1897. Os "rudes bretões", que, "rebelados e ousados", desencadearam a luta guerrilheira contra as tropas revolucionárias francesas, marcando-as com "sua mais larga cicratiz", eram "adversários impalpáveis, que punham-lhe em frente uma única trincheira - a sombra misteriosa de suas florestas".

Sendo o golpismo o espectro mais assustador dentre os fantasmas que atormentavam a situação política, Euclides da Cunha dedicou especificamente ao assunto os artigos de 31 de março e de 1º de abril de 1892. Condenava a oposição e desenvolvia um arrazoado genérico e filosófico sobre os golpes políticos, referindo-se aos acontecimentos de novembro de 1891, que levaram Deodoro a passar o governo para Floriano Peixoto. Os tempos eram outros, dizia, e os conspradores de 1892 careciam de respaldo popular e

jamais conquistariam a opinião pública porque lhes faltava o essencial para tanto, "serem tomados a sério".

Mas o perigo de um golpe não partia só da oposição monárquica, e sim de grupos republicanos descontentes. Era o que o jornalista dava a entender na matéria de dois de abril. O texto se destaca pelo equilíbrio no tratamento e por uma linguagem bem diversa daquela usada um mês antes na secção "Da Penumbra". Discordava da oposição monárquica e deodorista, mas expressava respeito pelos monarquistas que souberam ser fiéis ao imperador. Afirmava que "a diminuta, diminutíssima, a exígua minoria dos leais, que acompanharam a dor do Imperador deposto, pode enriquecer as tradições do nosso brio com a postura heróica do Barão de Ladário". Não era uma frase conciliatória ou de oportunidade, pois reiteradamente Euclides da Cunha reafirmaria os vínculos de cada época com a precedente no transcorrer da História. Registraria idêntico respeito aos velhos monarquistas anos depois, mesmo na vertigem da guerra de Canudos, quando deslocando-se para a frente de combate, na altura de Alagoinhas, passou pela fazenda do Conselheiro Saraiva.

Na reportagem de três de abril prevenia contra o clima político, lembrando que a liberdade é uma conquista árdua e não obra de um legislador. Estabelecida a lei, haverá de se cumprí-la. A liberdade "não é uma coisa que se decreta, que possa sair do espírito dos legisladores, como Minerva, armada e pronta à realização de sua ingente tarefa".

Continuou este raciocínio na matéria de cinco de abril, apresentando, porém, um dado novo: justifica-

va seu situacionismo. Argumentou que a República nascera de um movimento incruento, mas que sua adaptação era difícil. Ser republicano, ajustar-se às instituições republicanas era construir o progresso, mas este não se realizaria sem a ordem. Residia aí o pecado da oposição, assinaladamente da oposição golpista. O lema da bandeira, afirmou, sintetizava o "que há de mais elevado em política" e invertê-lo seria um desastre. Ser republicano sincero implicava na admissão de que "todo o progresso, que relativamente já temos, se asenta sobre a base indestrutível da consolidação da República". Compreende-se, mais uma vez, que o pensamento de Euclides da Cunha transcendia de muito um governo particular, mas incidia exclusivamente no regime e no que ele prometia. Este artigo é importante porque esclarece a posição política de Euclides da Cunha em 1892 e, principalmente, explica a militância situacionista, em especial na época de Floriano Peixoto, que nunca foi sua vocação.

Euclides da Cunha captou muito bem a situação política da época e a redução da margem de ação do governo. No artigo de 22 de junho de 1892 descreveu o momento crítico: "O governo acha-se entre dois fogos; agita-se o Rio Grande, Pernambuco agita-se; a conflagração do Norte responde à conflagração do Sul; os homens de 1817 acordam aos brados dos valentes de 35 (...) A desordem no seio da Pátria é correlativa com a desconfiança do estrangeiro". Durante todo o primeiro semestre daquele ano o país vivera sucessivas manobras e contra-manobras na tentativa de derrubar Floriano Peixoto, desde o levante de Fortaleza de Santa Cruz até a tentativa de Pereira Barreto de derrubar o go

verno de Cerqueira Cesar em São Paulo, passando pelo momento crucial da conspiração em fevereiro e março. A ocasião mais grave para o governo foi provavelmente o manifesto dos 13 generais, assinado de 31 de março e dado à público no dia 6 de abril, de fato um ultimatum ao presidente e que levava a um movimento de ruas no dia 10 e, finalmente, ao fechamento do Congresso e à decretação do estado-de-sítio. Assinavam o manifesto treze oficiais-generais do exército e da marinha, exigindo o cumprimento do artigo 42 da Constituição, o qual previa eleições presidenciais. Imediatamente Euclides da Cunha publicou um comentário no dia sete, retomando-o desenvolvendo-o no dia oito. Criticava os autores do manifesto, pedindo que o governo, "fortalecido pelo prestígio da lei, seja inexorável cumprindo-a", mesmo porque, "na fase atual qualquer vacilação na repreensão dos crimes políticos é por sua vez um crime maior". Entretanto, atenuava a dureza da repressão e suavizava a dureza da frase, chamando aqueles generais de "inconscientes revoltados, de cuja boa fé, se ludibriou tristemente para uma revolta abortada". Em parte, portanto, procurava relevar a gravidade do fato, assinalando que seus executores eram explorados na "boa fé" - esta ressalva seria mantida pouco depois quando o jornalista defendia a anistia para os acusados de crimes políticos.

O desdobramento do assunto na matéria do dia oito procurava demonstrar que a publicação do manifesto dos generais deixava ao governo uma única alternativa, a punição, uma vez que naquele clima político uma reação menos severa contribuiria para alimentar atitudes similares. De

nunciou a iniciativa dos generais como um golpe branco, pois, diante da exigência, o governo ficaria totalmente desmoralizado, "abdicaria, abandonaria forçosamente o poder". Se por uma hipótese absurda isto acontecesse, argumentou, "a extra-legalidade restaurar-se-ia mais uma vez, graças - não esqueçamos isto - à intervenção militar". A sucessão de quarteladas, ponderava Euclides da Cunha, traria como consequência inevitável "nova anarquia nos Estados, novas reações, novas lutas ainda mais intensas, até que se fizesse uma hiper-legalidade, oriunda da mesma fonte, em substituição da extra-legalidade combatida...". Manterdo-se fiel à preeminência do regime republicano sobre qualquer governo particular, reconhecia a circunstância legalmente equívoca, ou ao menos polêmica, da administração de Floriano Peixoto. Esclarecia que o objetivo central de sua denúncia era o risco de se cair num "deplorável círculo vicioso, voltando sempre, para corrigirmos um erro, ao começo do mesmo erro". O que pretendia, concluiu, era evitar "uma tristíssima acumulação de desastres, quando o que precisamos e o que queremos é a larga estrada ascensional, e retilínea, que nos afaste de tudo isto".

Quatro dias depois do manifesto dos treze generais, no dia dez, realizou-se uma manifestação de rua a favor de Deodoro. Já era prevista, pois na mesma data Euclides da Cunha publicou um artigo assinalando as implicações do evento, principalmente indicando a oscilação do câmbio da moeda para identificar as relações do estrangeiro com o cenário político nacional. Definiu em uma de suas frases breves: "o câmbio, o covarde e incorruptível fiscal da

confiança estrangeira apresentou-se, aterrado, para um salto descencional e grave". No final do artigo, com um lance de ironia contrapôs o suposto romantismo belicoso dos deodoristas à orientação legalista do governo: "num impulso perfeitamente burguês e prosaico, voltamo-nos para esta velharia - a lei".

Transcorrendo sobre o mesmo assunto, iniciou a matéria do dia 13 de abril com uma descrição maniqueísta do momento político: "A situação é esta: de um lado, um grupo de indivíduos que intenta a subversão da ordem, do outro, um governo que se faz respeitar". Porém, alertava que a divisão entre ambos não se fazia "à luz de uma idéia ou de um princípio político".

Os comentários sobre o manifesto dos treze gerais e sobre a manifestação pública deodorista bastam apontar as contradições de Euclides da Cunha como jornalista situacionista. Enquanto procurava demonstrar que a oposição se comportava ao arrepio da lei e afirmava a legalidade do governo, não podia desconhecer que a presidência de Floriano Peixoto sempre foi questionada no terreno legal e, em especial, que era notório o desdém do marechal pela lei. Quando os acusados de crimes políticos recorriam à justiça, Floriano Peixoto respondia com a célebre declaração de que enquanto os juízes debatiam ele ia mandando prender. Sabia-se também dos desmandos praticados contra os rebeldes das guerras do Sul. Em 1892 a legalidade era uma questão mal resolvida por Euclides da Cunha, dificuldade somente superada com seu afastamento de um situacionismo assentado em bases discutíveis. Mais tarde, desembaraçado dos compromis

sos com o governo, o que vale dizer livre das oscilações do jogo político circunstancial, Euclides da Cunha poderia en tão orientar-se pelo exame dos temas estruturais do país e em consonância mais afetiva com a história, cuja expressão na época eram as injunções do processo de implantação da República. Breve Euclides da Cunha descobriria que a preser vação do regime não era necessariamente a defesa de gover nos, mas das instituições e dos planos nacionais prometidos pela idéia republicana.

Em fins de abril de 1892, Euclides da Cunha começaria a discutir a anistia dos presos políticos, assunto que passava para o primeiro plano e provocava grande ebulição na vida nacional. No dia 24 daquele mês publicou uma matéria em defesa da anistia. Considerava crime maior a in diferença política, "péssimo elemento absorvente e aniquilador". Ninguém poderia afirmar, dizia, "que sejam, os revolto sos reprimidos, mais condenáveis que tantos, tanta gente que por aí, talvez, nem saiba que a Pátria - existe". Entretanto, no artigo seguinte em que discutia o mesmo tema, aos 18 de maio, ressaltava que anistia não significava absolvição. Referia-se ao pedido de "habeas corpus" impetrado pe los condenados ao exílio e que alegavam a inconstitucional idade da pena, tentando este último recurso já a bordo do na vio "Pernambuco". Afirmava o jornalista que a justiça está sempre do lado do vencedor e que o poder executivo haveria de controlar o judiciário, uma vez que os tribunais "são constituídos pelos que compõem a ordem vencedora". O jour nalista constatava um fato do realismo político, mas permi tia-se colher em erro ao avalizá-lo. Difundia-se, na oca

sião, uma versão cínica acerca da dualidade da justiça, conforme a Constituição de 1891 e advogada pelo ministro Campos Sales, segundo a qual prevaleceria a justiça do executivo, a razão do executivo (14).

Ao aceitar esta interpretação, conforme se depreende do raciocínio desenvolvido no artigo citado, o jornalista concluía que aos punidos por crimes políticos caberia apenas recusar "obstinadamente o rosto" à justiça ou repudiar o passado e confessar o erro. O degredo, continuava, seria "poderoso elemento de propaganda", o desterro "é de algum modo a exemplificação prática de sua força", o "castigo ilustre por excelência", um "prêmio indireto às grandes energias". Mas os opositores de 1892, acrescentou, tinham uma concepção diferente, "fazem uma coisa banal, mas para nós inesperada - explicam-se e reclamam...". Não havia que recorrer ao poder judiciário: "Por maior, por mais necessária que seja a independência dos poderes, eles harmonizam-se nas medidas extremas que tendem à salvação da ordem". Neste artigo, Euclides da Cunha dá um triste exemplo dos frutos de compromissos com a política miúda, e ainda mais lamentável se considerada a coragem e a independência demonstrada em suas matérias jornalísticas posteriores e no próprio "Os Sertões".

Mas a questão da anistia não se resolveu com facilidade no espírito de Euclides da Cunha. Prolongou-se e talvez tenha contribuído para afastá-lo do governo de

14 - LIMA, Heitor Ferreira, História Político-Econômica e Industrial do Brasil, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1970, p.

Floriano Peixoto. Era um ítem contraditório em suas conclusões de então, pois se os golpistas deveriam ser processados, conforme afirmava seria uma incoerência negar-lhes o direito de recorrer à justiça, e neste caso não se podia exigir, como pré-requisito, que renegassem o passado. No artigo do dia três de julho, às vésperas de encerrar sua participação na coluna "Dia-a-Dia", e portanto encerrar a fase de defesa de Floriano Peixoto, o jornalista tratou pela última vez da questão. Argumentou pela suspensão da pena de desterro para presos políticos, defendendo a anistia sem, com isto, desfazer a responsabilidade dos golpistas, posto que anistia não equivalia à absolvição. Se os punidos não mereciam o exílio, refletia, que se os anistias, uma vez que não havia razão "para tentar ir avante, quebrar lanças por uma absolvição que seria ridícula ante a evidência do crime". Observa-se que estas ponderações apresentam um teor bem diverso das demais matérias sobre a anistia. Passara-se mais de um mês para que Euclides da Cunha recompusesse a sensibilidade democrática. É certo também que a situação política tornara-se bem mais delicada com a eclosão da guerra no Rio Grande do Sul e que crescera o debate sobre a anistia.

Apesar da incidência sobre os fatos políticos do momento, o conjunto das matérias de Euclides da Cunha em 1892 abarcava uma temática bem mais ampla, na qual se destacavam textos voltados para a questão social. Destes, ressalta o artigo escrito por ocasião do Primeiro de Maio daquele ano, e publicado na mesma data, que antecede admiravelmente o conhecido "Um Velho Problema", que sairia a público em 1904, desde as linhas mestras da argumentação

até a identidade de expressões e de frases inteiras. Em 1892, portanto, o jornalista já estava atento aos problemas suscitados pela industrialização e ao maior deles, a organização do trabalho. Ainda em 1889, em pleno ano da proclamação da República, contavam-se no país cerca de 54.169 operários empregados em 636 estabelecimentos industriais, pois "a década de 1880/1890 ia revelar o primeiro surto industrial do Brasil", incentivado pelo "encilhamento", que assinalou "uma época de grandes especulações e de formação de numerosas empresas, que só arrefeceu nos primeiros anos da década de 1890/1900" (15).

O componente industrial era um dos fatores centrais para a instalação do novo regime, o qual se propunha a alinhar o Brasil junto às potências da época. Euclides da Cunha abriu o artigo de 1º de maio de 1892 confirmando o papel dos trabalhadores "na complicadíssima vida da mais alta civilização", a sociedade industrial. O jornalista estava sintonizado às correntes da época. O radicalismo republicano não se esgotava na esfera política, mas anunciava "uma concepção de organização social e política discrepante dos grupos oligárquicos" (16). Esta atitude manifestou-se à primeira hora do novo regime, com Demétrio Ribeiro na pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Provisório, representando a "discordância com a ortodoxia individualista em matéria de contrato de trabalho". A respeito das concepções trabalhistas, esclarecia Demétrio Ri

15 - SIMONSEN, Roberto, Evolução Industrial do Brasil e Outros Estudos, São Paulo, Cia. Ed. Nacional Edusp (conf. a 6ª ed., de 1969), 1973, p. 16

16 - VIANNA, Luis Weneck, Liberalismo e Sindicato no Brasil, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976, p.40.

beiro que "quanto à incorporação do proletariado à sociedade, devo dizer-vos que considero esta questão capital para a República" (17). Benjamin Constant apresentou ao Governo Provisório um projeto regulador do trabalho, prevendo salário, jornada, férias, aposentadoria, dispensa e obrigações para com o trabalhador com mais de sete anos na empresa (18). O projeto de Benjamin Constant foi arquivado mas o Governo Provisório, através do Decreto nº 1162, de 12 de dezembro de 1890, invalidou o caráter de ilícito penal da greve, conforme previam os artigos 205 e 206 do Código Penal de 1890 (19). A interpretação da greve como crime repugnava aos positivistas. Em 1892, Teixeira Mendes denunciava pelos jornais a prisão de líderes trabalhistas, dizendo que "as nossas classes pseudo-dirigentes acabam de ser despertadas do seu otimismo social pela prisão de alguns operários acusados de propagarem entre nós as doutrinas anarquistas. Esquecem que o capital é social na sua origem e deve ter um destino social" (20).

Não só, portanto, a greve continuaria a ser considerada um crime, como as concepções republicanas sobre a questão social eram limitadas e não esclareciam o teor das

17 - VIANNA, Luis W., ob. cit., p. 40

18 - Idem, p. 45

19 - Idem, p. 46

20 - MENDES, Teixeira, "A Ordem e o Comunismo Anarquista", in Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1892, apud RODRIGUES, Edgar, Socialismo e Sindicalismo no Brasil, Rio de Janeiro, Ed. Laemmert, 1969, p. 77/78.

noções sócio-políticas que consubstanciariam uma reforma da organização do trabalho no Brasil. Neste sentido, Euclides da Cunha representou um avanço, conforme demonstra o artigo de 1º de maio de 1892, o qual descreveu o papel do trabalhador na sociedade moderna e discutiu aspectos da doutrina socialista. O operário, diz, transcende fronteiras, "fala todas as línguas e é de todas as pátrias", e tanto é verdade que no Primeiro de Maio "desaparecem por um dia todas as fronteiras". A data é dedicada ao "anônimo extraordinário que é o maior colaborador da história, o Povo, que trabalha e sofre - sempre obscuro...". Atualmente difere do servo de gleba, "transfigura-se realmente, alentado por uma aspiração grandiosa e apresenta esta novidade à história - pensa!" Mas, dizia Euclides da Cunha, avesso ao anarquismo e decepcionado com as teorias de Proudhon, que anos antes lhe sugeriam um pseudônimo, e dos socialistas do século XIX, a consciência do trabalhador lhe permitirá escolher um caminho próprio. O trabalhador de hoje, continuava, está "cansado de escutar todas as teorias dos filósofos ou os devaneios dos sonhadores, que de há muito intenta-lhe a regeneração - desde os exageros de Proudhon às utopias de Luis Bilac". Na moderna civilização "inicia por si o próprio levantamento" e sua força é peculiar: "para abalar a terra inteira basta-lhe um ato simplíssimo - cruzar os braços".

Tal caminho seria o socialismo, que, segundo o articulista, apresentava-se "como uma idéia vencedora" - "Se entrarmos na análise dos cambiantes que tem assumido o socialismo, temo-lo como uma idéia vencedora". Mas Euclides

des da Cunha não optava por nenhum dos muitos socialismos, orientando-se antes por um pensamento humanista sobreposto a qualquer ideologia sistematizada, estabelecendo como centro e critério de validade das transformações sociais a realização do homem. Com certeza é este o sentido da expressão "vitória do socialismo bem entendido" que está numa frase que evidencia o sentido humanista da conclusão: "Realmente, a vitória do socialismo bem entendido, exprime a incorporação à felicidade humana dos que foram sempre dela afastados. Em nossa pátria - moça e rica - chegamos às vezes a não o compreender - transportando-nos porém aos grandes centros populosos, observando todas as dificuldades que assoberbam a vida alí, sentimos quão criminosa tem sido a exploração do trabalho". O primeiro ponto a combater era o trabalho mal remunerado que prendia o trabalhador "a longas horas de uma agitação automática" que o torna "muito menos que um homem e pouco mais que uma máquina...". Identifica-se nestas expressões uma ética que visava um humanismo social.

Euclides da Cunha sempre resistiu a aceitar integralmente um sistema de idéias, uma doutrina - em outro artigo de 1892, publicado em 29 de março, dizia que "por ora seguimos sem Deus nem Chefe", e este "por ora" persistiu até o fim da vida. Distanciando-se de agremiações político-ideológicas, num processo que tinha início ainda no afastamento gradativo dos agrupamentos florianistas, Euclides da Cunha também erguia reservas à idéia socialista. Somente a admitia "se entrarmos na análise dos cambiantes que tem assumido", reconhecendo os diferentes caminhos apresentados pelo socialismo no transcurso da história.

O alcance mundial do proletariado e a força que teria só "em cruzar os braços" permitia-lhe afastar-se do caminho propugnado pelos atentados niilistas, única característica que, na época, parecia reconhecer no anarquismo. Ao operariado, não era-lhe "preciso agitar o horror da anarquia ou fazer saltar a burguesia a explosões de dinamite". O Primeiro de Maio poderia passar "sem lutas", pois "o socialismo tem hoje uma tribuna em todos os parlamentos, não precisa de se despenhar nas revoltas desmoralizadas da anarquia". Interpretava a anarquia na vertente dos atentados, ignorando entre os muitos caminhos libertários, as soluções mutualistas, por exemplo, que, aliás, no Brasil eram preponderantes, sobrepunham-se ao socialismo, e cedo formariam o sindicalismo brasileiro.

Na perspectiva do "socialismo bem entendido" assistia-se segundo o jornalista, ao "espetáculo maravilhoso da grande regeneração humana", cuja força "está nesta notável arregimentação". Predominam nestas idéias, a despeito de sua força e alcance, o traço emotivo, como se esta característica procurasse ocultar a carência de embasamento teórico. Assim não fosse, o texto citaria fatos, ou uma obra, talvez um autor. A única personalidade citada para ilustrar o raciocínio foi a de Gladstone, que o articulista considerava "verdadeiramente um socialista de primeira ordem". É certo que este primeiro-ministro inglês, quatro vezes chefe do gabinete liberal, defendia insistentemente, como bom "whig", o "home ruler" para a Irlanda, mas é demasiado considerá-lo um "socialista de primeira ordem". Que itens da obra de William Gladstone poderiam interessar a um jovem republicano em 1892? Talvez a obrigatoriedade do en

sino primário, a separação entre Igreja e Estado, o voto secreto, a ampliação dos votos nas eleições censitárias. Não satisfaz o socialismo.

Na parte final deste artigo de 1º de maio, Euclides da Cunha fez um esforço para precisar melhor o que entendia por socialismo. E identificou o socialismo com Herbert Spencer ("proteção constante do indivíduo pela sociedade") e com Augusto Comte ("inúmeras repúblicas em que se diferenciará o mundo"). Ressalvem-se, entretanto, o cuidado com a idéia republicana e a preservação da individualidade do cidadão.

A temática social acompanhava o processo de industrialização, que interessava a Euclides da Cunha, mesmo porque fixado em São Paulo, onde já se concentravam os fatores da produção industrial. Entre estes fatores, e indissolúvel da questão social, estava a imigração estrangeira, em particular de origem italiana. A imigração não escaparia da atenção de Euclides da Cunha, que escreveu a respeito no artigo do "Dia-a-Dia" publicado em 6 de julho de 1892 (21).

O imigrante despertava inquietação no espírito de Euclides da Cunha porque forçava a inclusão de um elemento novo na sua concepção de uma nacionalidade brasileira, termo frequente nas matérias jornalísticas, ou "raça brasileira", expressão mais encontrada em "Os Sertões". Admitia a presença estrangeira no Brasil, afirmando que o es-

21 - A imigração italiana só foi abordada por Euclides da Cunha em dois textos, o de 6 de julho de 1892 e o "Nativismo Provisório", incluído no "Contrastes e Confrontos", em ambos fortemente vinculada à idéia de nacionalidade, um dos feixes centrais do pensamento de Euclides da Cunha.

trangeiro "vem para o seio de uma nacionalidade nova". Em 1892 a imigração italiana para São Paulo era avassaladora em números e na influência da vida econômica, embora o jornalista não tivesse ainda possibilidade de saber da penetração cultural e política que os italianos e seus descendentes exerceriam na década de 1920.

A exemplo das matérias que publicava, o artigo de 6 de julho de 1892 voltava-se para um fato da atualidade, o conflito entre marinheiros de um navio italiano e policiais no porto de Santos, que chegou a provocar manifestações públicas tanto de italiano como de brasileiros, até com a queima da bandeira do Brasil. Um dos pontos de argumentação de Euclides da Cunha foi o resguardar a colônia italiana das responsabilidades no atrito e de denunciar elementos da oposição ao regime que procuravam tirar partido do incidente e provocar protestos de rua. Logo no primeiro parágrafo, minimizou o acontecido e, de certo modo, tentou gracejar, afirmando que a agitação passara "célere como um sonho", deixando em seu rastro apenas "cabeças e vidraças desmanteladas". A ocorrência fora desencadeada por uma "exígua fração 'irridenta' e desocupada" de italianos, por elementos sem pátria que pertenciam "a essa feição amorfa" de todas as nacionalidades, "de tal sorte que quem até ela desce não reconhece o francês ou o alemão, ou o brasileiro ou qualquer outro povo". A colônia italiana não apoiara a agitação, frustrando, assim, os que "tão desastrosamente a exploram", manipulando-a "como 'marionettes' tristemente exploradas em sua rude ingenuidade". A colônia, compatriota de Garibaldi, não participaria de tais atos e "estamos seguros (...) dissolveria a agremiação desordenada, se não a

precedesse o governo".

O imigrante, continuava o artigo, faz parte da vida nacional - "o estrangeiro inteligente e diligente (...) compreendendo que não é, entre nós, um hóspede; vem para o seio de uma nacionalidade nova", carregando para o Brasil "novos princípios, tonificadores e enérgicos na alma de um povo". A sociedade brasileira era uma sociedade aberta, e o estrangeiro que "entre nós, melhor do que em qualquer outra sociedade (...) pode prontamente se adaptar e se nacionalizar, constituindo-se até poderoso elemento étnico para a feição por vir e próxima que assumiremos". O despon^{ta}tar da República, dizia, assistia a transformações nas instituições tradicionais, políticas e culturais, de modo que todas as dificuldades reagiriam sobre o caráter nacional - "e, nessa movimentação maravilhosa, a imigração européia, que desejamos e pedimos, é como uma experimentada e segura mão que nos estende a velha civilização, guiando-nos para o futuro" (22).

O que se vê no conjunto dos artigos de Euclides da Cunha no "Dia-a-Dia" é a preocupação com a atualização dos mecanismos de funcionamento do país, seja no plano das instituições políticas, seja na esfera da questão social. A instauração do novo regime, o processo de industrialização e a preeminência paulista impunham a temática. Um dos itens básicos era a preparação tecnológica do país. Em 27 de abril de 1892, Euclides da Cunha publicava um ar

22 - Ver-se-á oportunamente que a concepção de Euclides da Cunha sobre a presença estrangeira, em particular a influência européia, era bem mais complexa e sofisticada que a argumentação acima descrita.

tigo sobre a indústria brasileira, centrando-o na presença do Estado na economia. O texto mostra a perspicácia em demonstrar a distância que muitas vezes permeia um princípio teórico e a realidade. A matéria começa advogando a tese da independência crescente do indivíduo e da sociedade em relação ao Estado, numa alusão implícita à livre iniciativa, uma vez que caberia aos governos tão somente a manutenção da ordem. Entretanto, dada a incipiência da indústria brasileira, caberia ao Estado proteger e promover a economia não lhe bastando, nestas condições, "dedicar-se exclusivamente à garantia da ordem". Ao Estado "é-lhe indispensável que, de alguma sorte, exorbite, estabelecendo os primeiros elementos do progresso". O verbo exorbitar assinala a crença de Euclides da Cunha na livre iniciativa. Recordando as idéias que ele então alimentava sobre o socialismo, poder-se-á indagar das relações que previa entre a propriedade e este regime. Uma vez, entretanto, que nem de longe Euclides da Cunha esclareceria esta problemática, resta pressupor que se enquadrava numa das vertentes socialistas que não dispensa a concorrência capitalista regulada. Caso não se permita esta conclusão, será fatal atribuir a Euclides da Cunha a crença num socialismo de Estado, ao menos em 1892 - o que não será correto.

Esta aparente complicação do tema Estado-economia não era exclusiva de Euclides da Cunha. Quando dizia que, no Brasil, o Estado haveria de "exorbitar" de suas funções, estimulando e substituindo "essa tão fecunda iniciativa particular que somente agora se esboça entre nós, com probabilidade de desenvolvimento", apenas referia-se ao

grande dilema da orientação econômica posto aos primeiros governos republicanos. A Constituição de 1891 sufragou o liberalismo político e os postulados do indivíduo, contrariando os interesses industriais que pretendiam o protecionismo e, assim, colidiam com os interesses dos imprtadores e da agricultura de exportação. A modernização requerida pelos republicanos - autonomia nacional ligada à industrialização e ao abastecimetno interno - aliava-se ao anti-liberalismo. Esta foi a perspectiva, antes citada, de Demétrio Ribeiro no ministério da Agricultura, Comércio e Obras Pública. Como um todo, o "radicalismo militar" enfatizava a "insistência militar" na centralização, na modernização e na industrialização. Embora situado noutra linhagem, também Rui Barbosa, quando ministro da Fazenda, defendia a tese de que a industrialização era o pressuposto à democracia política. Contudo, não se apoiando em interesses industriais existentes, Rui Barbosa procurava "demiurgicamente", num "jogo de poder interelites", orientar fatores para "configurar os atores possíveis de uma sociedade democrática", assumindo o câminho "prussiano", ou seja, a aliança do Estado com a alta finança mesma tendência dos governos republicanos(23). O liberalismo, se aceito como pressuposto teórico, era, na prática, um empecilho à modernização cocebida pela República. Nesta perspectiva se compreende melhor a posição de Euclides da Cunha. Finalmente, o corolário era a modernização da organização do trabalho (regulamentação da jornada, férias, etc.) o que implicaria que a questão social deveria ser tratado vias institucionais, independente da orientação socialista.

23 - VIANNA, L. W., ob. cit., p. 40/45.

Ora, o desdobramento lógico destas considerações suscitava um exame da disponibilidade tecnológica do país. No artigo de 15 de maio de 1892, Euclides da Cunha abordou o assunto, tomando como pretexto a Exposição de Chicago. Incluiu, porém, um fator novo e que voltaria a ocupar suas reflexões, o cotejo entre o caminho dos Estados Unidos, dinâmico e no esplendor da "nova fronteira", e a Europa, tradicional e apanhada nas malhas da "paz armada". Abriu o artigo expressando "nosso imenso orgulho de americanos". A América era o novo. Ao contrário, "as nacionalidades européias, que surgiram da ruína do império do Ocidente", trouxeram "aos mais generosos ideais da civilização (...) os velhos ódios". Na Europa ainda "pisa eternamente o cavalo de Átila". O humanista percebia que, no exaltado nacionalismo surgido da reacomodação das potências, prelúdio da Iª Guerra Mundial, surgiam "fronteiras eriçadas de canhões (...) sociedades que se isolam, encolhendo-se, cada uma, num círculo rutilante intransponível de espadas". A consciência moderna, dizia, alí está "num perene estado de sítio" - o velho continente bloqueava os mesmos ideais que gerara. Estes ideais eram retomados pela América, que estava "predestinada a realizá-los", na medida em que transcendia "a vasta base subjetiva das ciências" e aplicava o conhecimento na "sua existência industrial". Por esta conclusão depende-se que Euclides da Cunha repousava os ideais da época nos avanços técnico-científicos da sociedade industrial, mas, tempos depois, talvez com maior reflexão, lamentaria que o espírito pragmático sufocasse os valores mo

rais do tempo (24).

Em 1892 exaltava a América, continente jovem, indiferente à multiplicidade das condições de seus países e à distância crescente entre os Estados Unidos e os latino-americanos. As nações americanas, dizia o articulista, constituem um só bloco apenas divididos "pelo estalão dos Andes e da 'Mountain Rocks'". Uma América única, acreditava, "se não é utopia irrealizável" a doutrina Monroe e a despeito da inexistência de um corpo jurídico comum. O elemento catalizador repousaria no regime republicano, por todos compartilhado: "a vasta confederação das repúblicas americanas, graças à uniformidade dos sistemas políticos, é um fato de ordem moral, sobranceiro às fronteiras". Todos os americanos poderiam coparticipar das conquistas "pelo condensar na sua metrópole comercial as maiores criações do espírito humano".

Reconhecia, contudo, que "pouco contribuiríamos para realçar-lhe o brilho e a notável opulência", uma vez que muito recentemente o Brasil abandonara "o marasmo monárquico e somente agora a nossa atividade é livremente plebiscitada nos comícios da indústria". Lançava ao futuro a realização brasileira: "A Exposição de Chicago pode bem ser a prefiguração do que faremos em breve". Era decerto uma confissão de fé no investimento tecnológico e as potencialidades nacionais.

Com este espírito publicou dois artigos sobre o projeto Paula Souza para a criação do Instituto Politécnico, um em 24 de maio e outro em 1º de junho de 1892.

24 - Vide o já citado "Civilização", incluído no "Contrastes e Confrontos".

Duas matérias de jornalismo científico, gênero ao qual Euclides da Cunha se dedicava com frequência. O primeiro deles, denominado "Instituto Politécnico", foi o único titulado em todo o conjunto do "Dia-a-Dia". A crítica central do artigo foi "ao projeto apresentado pelo Sr. Dr. Paula Souza ao Congresso do Estado", conforme esclarecia de início o jornalista. Trazia observações ao currículo, apontando lacunas e, segundo ele, incoerência nos requisitos disciplinares, pedindo, ainda, uma ampliação do programa. Indagava-se se era suficiente criar um núcleo restrito ao ensino na área da ciência e da tecnologia, uma vez que ao Brasil era necessária a pesquisa e não somente o "know how" externo. Fazia uma distinção entre o setor de pesquisa e o industrial - a este, e dada a urgência da industrialização, a tecnologia tinha de ser aplicada em sua forma atual de existência. Ou, em suas palavras: "Além disto, a nossa indústria nascente não pode ter veleidade de erigir-se original e criadora; pela simples imitação do que se faz no estrangeiro pode tornar-se fecunda e natural; tem, gratuitamente, toda uma infinidade de processos práticos, oferecidos pela civilização geral, e não se lhe faz evidentemente precisa uma alta dose de ciência, para utilizá-los com eficácia".

Mas a área da pesquisa clamava por atenção. O atraso da rede de ensino era evidente. O governo brasileiro nunca tentou "criar uma classe alfabetizada, estável ou especializada de cidadãos, quer nas cidades, quer no interior" e jamais fez alguma coisa para "eliminar a dependência dos trabalhadores e técnicos importados" (25). Verifi

25 - DEAN. Warren, A Industrialização de São Paulo (1880/1945), 3ª. ed., SP, Difel, s/d, p. 53.

ca-se no orçamento que "os gastos com a instrução primária não excediam em média sessenta e cinco 'cents' (três mil réis) 'per capita', ao ano, entre 1890/1900". Somente os filhos da elite tinham possibilidade de estudar - "as oportunidades educacionais dos filhos da elite eram muito extensas". No Brasil, ao lado da corrigueira formação técnica no estrangeiro, "novas escolas superiores de Engenharia Civil, Medicina e Agricultura foram acrescentadas à tradicional faculdade de Direito" (26). A mesma precariedade para as escolas profissionais em São Paulo, ainda em 1892. O Império só criara cerca de meia dúzia de estabelecimentos de ensino profissional, e a República apenas fundou mais alguns ou financiou a modernização da Escola Normal, mas "patrocinou a instalação de uma nova Escola Politécnica, em 1895" (27). O colégio Mackenzie apareceu em 1896, fundado por metodistas americanos e dispoñdo de uma divisão de engenharia; os cursos de farmácia e de odontologia apareceram em 1899; fora da capital, só existia o Instituto Agrícola de Piracicaba, e mesmo assim criado em 1901 (28). Com certeza Euclides da Cunha tinha diante de si este quadro, ao refletir sobre a pesquisa tecnológica no Brasil.

A série dos dois artigos em questão, trazia de nova à baila o papel do Estado na sociedade. Euclides da Cunha preocupava-se em resguardar o ensino da "intrusão do Estado", afirmando que o sistema educacional crescia na ra

26 - DEAN, W., ob. cit., p. 54

27 - LOVE, Joseph, A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira (1889/1937), RJ, Ed. Paz e Terra, 1982, p. 133.

28 - Idem,

ção inversa da proteção do governo. Para ele, o protecionismo estatal era "a questão fundamental". Sempre considerando a distinção entre pesquisa e indústria, observa-se que há também uma diferença entre presença do estado na promoção dos estabelecimentos de ensino e na elaboração curricular e programática, embora Euclides da Cunha não tenha tornado explícita a expressão "intrusão do Estado". A promoção do ensino, sim; a interferência no currículo e nos programas, não. Mesmo porque, se na própria indústria, como dissera, o Estado era necessário e mesmo assim exorbitava, mais exorbitante seria sua presença no ensino. Concomitante a estas conclusões acerca das relações estado e sociedade, é possível perceber no texto dos artigos em questão uma leve sombra da polêmica entre germanófilos e francófilos que no Brasil se irradiava a todos os campos do saber. Euclides da Cunha fez uma comparação entre as universidades francesas, que considerava "sem autonomia, afogadas pelo protecionismo oficial, esterilizadas por uma uniformidade aniquiladora de métodos imutáveis", e as escolas alemãs, "quase que autônomas, em cujo seio para cada ramo do conhecimento existem muitas vezes duas ou três cadeiras rivais". Ao identificar estas "cadeiras rivais", corrobora a conclusão de que se referia à "intrusão do Estado" na estrutura curricular, e não necessariamente na promoção de estabelecimentos e estruturação de carreira. No setor de educação, o governo deveria estar o menos presente possível, uma vez que aí a iniciativa individual já despontara "com sensível eficácia, na criação da faculdades livres de direito".

Tais conclusões, antes que sugerirem uma

filiação estrita pró-alemã ou pró-francesa, indicam a proximidade de Euclides da Cunha com o evolucionismo de Spencer. Segundo o filósofo inglês, um dos últimos defensores do "laissez faire", a sociedade se tornaria tão complexa que acabaria por sustentar um Estado cada vez mais simplificado e à caminho de sua própria extinção. Oriundas da guerra, as funções estatais tenderiam a se tornar obsoletas na sociedade industrial, de modo que a industrialização derivaria para a esfera exclusiva da propriedade privada, diminuindo até o desaparecimento a lista das funções constitutivas do Estado (29). Na lista das atribuições estatais constava em lugar de destaque a educação. E se o Estado "exorbitava" mesmo onde era, ainda, necessário, não haveria porque admiti-lo na constituição curricular do ensino.

Em suma, as matérias de Euclides da Cunha sobre o Instituto Politécnico incidem sobre estes dois pontos: estado e educação e o projeto Paula Souza. Este último mereceu uma reparação curricular, na qual discutia a preeminência de certas disciplinas sobre outras e sua pertinência na formação do estudante. Estes textos de jornalismo científico não só resultavam da sensibilidade do jornalista pelos temas da atualidade, e a ciência era um deles, mas de seu amor pela ciência e da predominância do pensamento cientifista na época. Em fins do século passado a ciência era o parâmetro de todas as atividades humanas. A racionalidade científica marcaria todas as matérias que Euclides da Cunha escreveu, até mesmo sobre arte e literatura.

29 - SABINE, George H., História das Teorias Políticas, - vol. 2, SP, Editora Fundo de Cultura, 1964, pgs. 699 e 701 .

No conjunto das matérias do "Dia-a-Dia", duas delas, as de oito e de 22 de maio de 1892, tratam da crítica de arte, mas não escapam, ao contrário, relevam, a força do cientificismo no pensamento de Euclides da Cunha (30).

No artigo do dia oito de maio, Euclides da Cunha fez um dos raros comentários sobre a atividade intelectual, em particular ao ofício de jornalista. Tecendo um paralelo com o trabalho não intelectual dizia que, ao contrário dos "rudes operários que esgotam a musculatura" mas "têm as intermitências do descanso e se refazem amplamente" o intelectual vivia na "constante vibração nervosa", alternando "deslumbramentos e dissabores da luta...", e seu espírito só raramente podia "despejar das preocupações habituais". Era uma decorrência natural do labor, dada a solicitação constante que acompanha os acontecimentos sociais e por estar entre os intelectuais "tacitamente estabelecido o dever de seguirmos o deambular incoerente de um sociedade". Além do que se sucediam os fatos de gravidade na sociedade brasileira, a qual estava "a pique ainda dos últimos abalos políticos". Os jornalistas ressentiam-se desta vibração nervosa porque "contraímos diariamente as vistas para o apercebimento de fatos, que aparecem as mais das vezes ilógicos". Restava o alento "de uma abstrata contemplação do futuro, consolador e feliz, ou procurando no presente uma zona mais calma".

30 - Também estas duas matérias antecipam muitas idéias de fendidas por Euclides da Cunha posteriormente, neste caso expostas na série "O Brasil Mental, de 1898.

Cumpria identificar esta zona mais calma que propiciava o exame das questões mais profundas e a de finição de critérios entre os fatos ilógicos a fim de escapar do evento e apreender a estrutura. É pela arte, dizia, "que se pode formar a mais pronta, a mais ampla e a mais segura idéia da superioridade afetiva e mental de um povo". Observando a especificidade da arte e da ciência, Euclides da Cunha as comparava. A ciência, ponderava, é cosmopolita e dotada de uma carga de universalidade capaz de definir "de um modo geral o espírito humano". A arte transmite "o espírito das nacionalidades (...) traduz antes a mais alta forma de instinto hereditário da raça que o da própria conservação", uma vez que o artista está "preso, vinculado ao meio em que vive (...) tem a passividade de um prisma" através do qual se retrata a "grande alma humana". Para alcançar o "estado psíquico de uma época" é imprescindível ao artista apoiar-se "na compreensão exata de seu tempo". Daí segue, de acordo com Spencer, citado pelo articulista, que não se pode "abandonar a planta, a instrução científica, para cuidar antes da flor", ou seja, da arte, caso contrário "esta brotará degenerada". Euclides da Cunha subsumia a arte à ciência. Spencer tivera razão, argumentava, quando impôs ao artista, "além da cômoda feição contemplativa, a subordinação às leis naturais". Cumpre à ciência, no seu entender, sobrepor a consciência à afetividade "para iluminá-la ainda mais". A ciência teria a ação moralizadora "de enfraquecer o notável egoísmo dos sonhadores, que passam a vida absorvidos em si mesmo, numa contemplação singular das próprias emoções...". Desnecessário assinalar a fragilidade destas ponderações de Euclides da Cunha, risíveis apesar de

perigosas, mas que, lamentavelmente, tantas vezes se tornaram realidade, no exercício da arte ou na teoria, chegando a se constituir numa "escola" estética do século XX. Talvez por isto ele tenha sido tão mal poeta...

Pelo simplismo surpreendente, os artigos de arte formam um contraste na obra de Euclides da Cunha. Não subjugava a arte ao determinismo geográfico, mas a relativizava a elementos estranhos a ela e presididos por um difuso cientificismo. Derivam daí afirmações que a custo se creditam a Euclides da Cunha: "Goethe pelo fato de ter sido um naturalista tal que, juntamente com Lamarck, entreviu o darwinismo antes de Darwin - é também imortal como poeta". Nada justifica esta asneira reducionista - Goethe não é "também" imortal como poeta. Nem o delírio cientificista poderá ver em Goethe um antecipador de Darwin e nem Darwin, nem Lamarck e nem a ciência precisam disto. Apesar das incursões de Goeth na ciência (31).

No artigo de 22 de maio de 1892, Euclides da Cunha retomou as idéias a respeito das relações entre arte, raça e nacionalidade, incluindo uma evocação sobre Victor Hugo, sobre o qual tornou a fazer afirmações insustentáveis. Para ele, o escritor francês aliou a afetividade do "sentimento pela pátria" ao "sentimento maior de solidariedade humana". Desnecessário dizer que a moral também é exterior

31 - Cumprindo ele próprio sua tese da "universalização", o autor do "Fausto" dedicou-se a diferentes estudos, inclusive os relacionados à ciência natural, à alquimia e ao misticismo. Publicou obras científicas: "A Metamorfose das Plantas" (1790), "Ótica" (1791/1792) e "Teoria das Cores" (1810).

à arte (32).

No que se refere à crítica de arte, cabe uma observação final. Como lhe era comum, Euclides da Cunha criou um pretexto para discorrer sobre outros assuntos. O artigo de oito de maio, por exemplo, se propôs comentar dois livros recém lançados, mas nem citou o nome dos autores, preferindo comentar as relações entre arte e ciência.

Foi muito fértil a atividade jornalística de Euclides da Cunha em 1892. Em meados do ano retirou-se da coluna "Dia-a-Dia", encerrando ao mesmo tempo a única ocasião em que esteve ao lado do governo. Defendera Floriano Peixoto, mas o fizera em nome da República. Propugnara pela ordem como requisito do progresso, e não se questionou da natureza desta ordem, posta de cima, hierarquizada, indiscutível, mas foi sincero e pôde, pouco depois, em Canudos, questionar esta mesma ordem. Procurou o equilíbrio no tratamento dos assuntos delicados e em nenhum momento apropriou-se em proveito próprio das oportunidades que se lhe ofereciam. Nas circunstâncias da época, e devido ao prestígio angariado no episódio da Escola Militar e a seu desempenho na imprensa, poderia ter assegurado a solução material para o resguardo da família. Se quisesse teria conquistado, e em escala insuspeitável, uma posição de relevo no regime instalado. Ao menos um emprego sólido e estável. Não o fez.

32 - Não seria demais se o leitor de Euclides da Cunha perguntasse se Victor Hugo se dedicara às ciências para ser "também" imortal como romancista.

Era íntimo do poder numa época de grande mobilidade nos cargos públicos de alto escalão. Não lhe faltaram ocasiões para a promoção pessoal, mesmo bem depois que se afastara da militância pelo governo. O próprio Floriano Peixoto chamou-o certa vez, em 1893, e declarou que o entusiasmo republicano do jovem jornalista conferia-lhe o direito de escolher, ele mesmo, uma situação no governo. Euclides da Cunha relataria o encontro em carta a Lucio de Mendonça, na qual transcreveu o bilhete que o marechal lhe enviara. Poderia pedir o que quisesse, contou Euclides da Cunha: "... basta dizer-lhe que estávamos em pleno despenhar de governos estaduais!..." Apenas pleiteou o que a lei garantia ao engenheiro recém-formado: um ano de prática da Estrada de Ferro Central do Brasil (33).

33 - CUNHA, Euclides da, Carta a Lúcio de Mendonça, in VENÂNCIO FILHO, Francisco, Euclides da Cunha a Seus Amigos, ob. cit., p.115. A carta é datada de 1904, sem nenhuma outra referência.

INDEPENDÊNCIA INTELECTUAL

"Assim nos andamos nós - do realismo pa
ra o sonho, e deste para aquele, na os
cilação perpétua das dúvidas, sem que se
possa diferenciar, na obscura zona neu
tral alongada à beira do desconhecido, o
poeta que espiritualiza a realidade, do
naturalista que tateia o mistério."

("Antes dos Versos", prefácio ao Poemas
e Canções, de Vicente de Carvalho, 1907)

Os artigos de 1892 formam uma espécie de matriz prefiguradora de boa parte da produção jornalística de Euclides da Cunha, seja na incidência de alguns temas abordados com certa constância pelo articulista, seja no tratamento dispensado às concepções referentes a questões brasileiras. Para melhor ilustrar esta continuidade, bastaria observar nas matérias subsequentes o tratamento dispensado à constituição de uma nacionalidade brasileira aliás, já problematizada pelo jornalista em 1892 devido a presença dos imigrantes italianos. A releitura subsequente da obra de Euclides da Cunha comprovará esta assertiva. Entretanto, poder-se-á identificar já na coluna "Dia-a-Dia" duas perspectivas assinaladas, uma referente à questão social, melhor elaborada anos depois no artigo "Um Velho Problema" a ser analisado oportunamente, e as concepções estéticas do articulista, também desenvolvidas outras vezes mesmo que de modo mais ou menos disperso e cujas origens encontram-se no artigo de 1892, merecendo a esta altura uma observação particular.

Não se busque uma "estética euclidiana", que tal não há. Idéias sobre a arte, em especial das relações entre arte e sociedade, eram, contudo, incorporadas às preocupações múltiplas do articulista sob o crivo da preeminência científica, como se viu no artigo citado, sempre de acordo com os traços do pensamento da época, marcadamente positivista ou evolucionista spenceriano, e, historicamente, com raízes antigas na história do pensamento brasileiro. Ainda em 1873, Sílvio Romero cunhara a expressão "poesia científica" no "A Poesia de Hoje", prefácio ao "Cantos do Fim do Século", no qual afirmava que a poesia "não se pode fazer

sistemática", conseguindo no máximo "embeber-se dos grandes princípios da filosofia geral" (1). A "poesia científica", aquela que "não poderia ficar alheia ao trabalho das ciências", seria desenvolvida teoricamente por Farias Brito para atender "as exigências da criação artística sem comprometer (...) as aspirações da mentalidade 'moderna'" (2). O que demonstra a força com que o cientificismo orientava o pensamento na virada do século. Pensadores eminentes, tomados pelo reinado do racionalismo cientificista, e não somente os da ramagem positivista, tiveram de forçosamente contemplar as demais produções humanas em conexão ao movimento ascensional das ciências físicas, alguns concluindo em situações estranhas derivadas da interpretação simples no enfocar as atividades do ser humano. Clóvis Bevilacqua foi um destes, em que pese sua reconhecida erudição, ao afirmar que a poesia era um desperdício e que "a nova direção mental" acabaria necessariamente "com a mania do verso" e aproveitaria "as inteligências que nela gastavam, com um desperdício lastimável, toda a sua atividade" (3). Diante de posições tão

1 - Apud CARVALHO, Laerte Ramos de, "A Formação Filosófica de Farias Brito", SP, Ed. Saraiva-Edusp, 1977, p. 92.

2 - BRITO, Farias, "A Poesia Ainda Tem Razão de Ser?", prefácio à sua coleção de versos Cantos Modernos, de 1899; o texto foi publicado pela primeira vez na revista "A Quinzena", n.ºs. 6/9, abril/maio de 1887 e incluída na sua obra filosófica Finalidade do Mundo, 1.º vol. conf. CARVALHO, Laerte R. de, ob.cit. p. 85

3 - BEVILACQUA, Clóvis, Revivendo o Passado, Figuras e Datas, apud CARVALHO, Laerte R. de, ob. cit., ps. 92/93.

extremadas, há de se reconhecer algum mérito, mesmo que pequeno, na tentativa de Farias Brito de, seguindo os passos de Silvio Romero, e em menor medida de Martins Júnior, salvar alguma coisa de poesia, mesmo admitindo o pesado rótulo de "científica". O objetivo de "A Poesia Ainda Tem Razão de Ser?" é a solução "de um problema que afligia a consciência de nossos letrados: numa época em que prevaleciam os ideais da ciência, em que os conceitos eram avaliados pelos padrões da objetividade, utilidade e experiência, padrões estes compreendidos em função da filosofia vigente, a poesia e a arte em geral teriam razão de ser? (4). O próprio Farias Brito reunia em si a pluralidade de interesses que caracterizava o intelectual da época, mesclando a criação poética a estudos psicológicos sobre espiritualismo e frenologia, psicologia etnográfica e aplicação da matemática à investigação dos fatos psíquicos. Enfim, os extremos desta "poesia científica" não supreende os leitores do final do século XX, que muito bem conhecem as tentativas autoritárias em submeter a arte às ciências, desta vez denominadas "sociais", mas na verdade encobrimdo as razões do Estado.

Ocorreu com a "poesia científica" o que frequentemente ocorre com certos conceitos relativizados: a ruptura com o sistema doutrinário que o gerou. Pelo menos com Farias Brito foi assim, Sua concepção estética acabou ligando-se ao distanciamento que o poeta cearense logo tomaria em relação ao positivismo, e à ditadura florianista, no mesmo ano decisivo de 1892 em que Euclides da Cunha sofrera o mesmo processo, o qual, aliás, comentou na série "O Brasil

4 - CARVALHO, Laerte R. de, ob. cit., p. 86:

Mental", em 1898. O autor do "Contos Modernos", também ele, repudiaria o florianismo por motivos políticos, mas para além destes obedeceria a razões mais profundas, de cunho filosófico em perseguição ao conteúdo humanista das manifestações culturais. A "poesia científica" tornou-se o desdobramento natural, no plano estético, do positivismo, chegando mesmo a abalar os alicerces científicistas, ao menos na noção estreita da época, ao propiciar, segundo estudiosos de Farias Brito, que "ao conhecimento analítico da realidade, objetivo incessantemente renovado do trabalho científico, se sobrepõem as 'formas sintéticas' de conceber o universo tentadas pelo espírito humano na esfera da religião e da poesia" (5). Abstraída a menção à "esfera da religião", nota-se, no plano da crença no "espírito humano" e nas "formas sintéticas" deste conceber o universo, uma similaridade com o enunciado de Euclides da Cunha nos artigos de 1892 sobre arte. Mas até então tratava-se apenas de uma similaridade, pois para Farias Brito erguia-se uma oposição entre as formas analíticas próprias do cientificismo positivista e as "formas sintéticas", enquanto que jornalista ainda dizia que a ciência era a planta e a arte eram as flores saudáveis (6).

O importante é reconhecer que após as experiências de 1892, tanto o poeta cearense quanto Euclides da Cunha, conforme se depreende dos textos de ambos, comungavam na valorização do espírito humano e o jornalista iria ainda

5 - CARVALHO, Laerte R. de, ob. cit., p. 87

6 - Era tendência geral de época, particularmente observada em Taine e encontrada na obra de Zola, Guerra Junqueiro e Eça de Queiroz, entre outros.

mais adiante ao realçar o coração como uma das conquistas do humanismo social, que anos depois propugnaria no artigo "Um Velho Problema", mas já tratado na coluna "Dia-a-Dia". Explicitamente ou não o poeta, o jornalista e muitos de seus contemporâneos teriam de responder a questão central da época, a saber a situação em que ficaria o espírito, e o coração, num universo concebido como um conjunto de leis imutáveis que subjugariam o homem (7). Seria, talvez, dispensável recordar as reticências que a maior parte da intelectualidade brasileira fazia ao positivismo, conforme Euclides da Cunha reconheceria na série "O Brasil Mental" e de acordo com as formulações do próprio Farias Brito, mesmo antes de 1892, principalmente se considerado que seu estudo da "poesia científica" foi publicado pela primeira vez em 1887. O avanço posterior a 1892 consistiria fundamentalmente na formulação das "formas sintéticas", conceito que reelaborava a "poesia científica" ao negar valor apenas à arte que se situasse à parte do homem, que concebesse o ser humano como independente da natureza, e desta forma o conceito, ao invés da forma analítica do cientificismo, transcendia o conhecimento puramente lógico, buscando, naquela mesma natureza as "raízes humanas". Tal concepção implicava numa reconsideração da linguagem estética que não poderia conceber a arte como mera transcrição do conhecimento científico, mas que assumia o significado de libertar-se do prosaico em direção a uma realidade maior. Em todos os seus textos, mesmo aqueles eminentemente políticos, havia de perseguir o sentido humano dos eventos, situado no cotidiano e ao mesmo tempo superando o

7 - CARVALHO, L. R. de, ob. cit. ps. 88/89.

circunstancial. Como se verá nos despachos de Canudos, em pleno fragor da guerra não deixaria escapar a centelha humana à qual era tão sensível. Em "Um Velho Problema", debatendo a questão socialista, conferia à sociedade equilibrada e justa um valor que iria bem além da chamada "conquista material" e haveria de construir "o reinado tranquilo das ciências e das artes", fontes "de um capital maior (...) formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração".

Não seria diferente o sentido das "formas sintéticas" e das "raízes humanas" de Farias Brito e que atenderiam as profundas necessidades estéticas do homem. Dizia o poeta e ensaísta que o ser humano age conforme os princípios do interesse e da paixão a perseguir a satisfação das necessidades nutritivas, sensitivas e cerebrais e uma necessidade de "ordem de fato mais elevada", os fatos estéticos. Se acreditava que sem o predomínio das ciências cair-se-ia nas "brumas confusas do subjetivismo", reclamava a "evolução do sentimento concomitante da evolução da inteligência" (8), e seria mais ou menos este o paralelo da ciência-planta e da arte-flor de Euclides da Cunha.

Se é complexa a teorização da "poesia científica", mais complicada fica sua aplicação, o fazer versos segundo as premissas propostas, e o resultado deixa muito a desejar. O "poetar científico" de Farias Brito deu resultados desastrosos. O próprio poeta confessava que não seguia seus preceitos metodológicos: "quando escrevo, fazendo a defesa da poesia, escrevo como penso; e quando faço versos, escrevo como sinto". E acrescentava: "Se o meu pensamento

8 - CARVALHO, L. R. de, ob. cit., ps. 91 e 93.

e o meu sentimento coincidem não sei. O que sei é que fazendo versos, não obedeco a regras" (9). Do mesmo modo, pode-se encontrar aí um paralelo com Euclides da Cunha, que, longe de manter até extremos as noções ingênuas sobre a arte e a ciência, acabava, na prática, valorizando a emoção. Em carta a Lúcio de Mendonça o articulista defendia a "inteireza emocional que a Arte exige" (10).

Estas concepções estéticas dão bem o clima intelectual predominante na época e estão de certo modo vinculadas a alterações ocorridas no ambiente positivista e, por decorrência, à própria vida política nacional, posto que o positivismo ainda podia ser entendido como o arcabouço ideológico do florianismo. As idéias estéticas naquela difícil mutação em fins do século passado no Brasil exprimiam a complexificação com que os antigos ou os reticentes seguidores de Comte passavam a ver o mundo. Foram como antenas a captarem a mudança, que, com certeza, não foi unicamente política, mas obedecia a motivações filosóficas mais profundas. No plano político, se a administração conturbada de Floriano Peixoto não foi um motivo único para a reavaliação da filosofia até então preponderante, contribuiu para apressar a resolução dos impasses, que, no caso de Euclides da Cunha, significou distanciar-se das disputas imediatas e debruçar-se sobre os fundamentos reais do país. Em 1892 algo mais que coincidência conferiu direções novas à vida intelectual de Euclides da Cunha, Farias Brito e outros.

9 - Apud CARVALHO, L. R. de, ob. cit., p. 95

10 - Carta de 22.3.1903. In VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 92.

Os artigos do "Dia-a-Dia", além de revelarem parte dos assuntos que absorveriam a atenção de Euclides da Cunha daí por diante, devem ser inscritos nas alterações pelas quais passaram suas noções a respeito dos temas nacionais e seu afastamento definitivo das hostes florianistas e dos agrupamentos positivistas. O articulista liberava-se de vez de imediato da vida política epidérmica do Rio de Janeiro e dos desconfortáveis compromissos com os seguidores de Floriano Peixoto, o que, em corolário, impeliu o jornalista ao estudo e à observação direta dos problemas básicos do Brasil. O que realmente importava não seria tanto a forma de governo, mas as condições concretas de um país sem projetos de recuperação e vivendo, na esfera econômica, inteiramente ligado a condições seculares e à instabilidade do novo regime, em particular os males dos empréstimos externos, do deficit público e da inflação. No que se refere à corrida aos bancos estrangeiros, parecia mesmo que o Império vivera dias suaves em comparação com a República, haja visto a frequência bem maior e acelerada que marcou o individamento do novo governo, o que em pouco tempo provocou o desmoronamento do "sonho romântico dos republicanos, que viam na República a salvação dos males crônicos do país"(11). Naturalmente, o componente político, a ditadura florianista e a hegemonia política do positivismo constituem a parte variável destes embaraços.

Em nada surpreendem as mudanças significativas no comportamento intelectual de Euclides da Cunha, pois,

11 - Sobre a dependência externa das finanças nacionais, vide FERREIRA, Pinto, Capitais Estrangeiros e Dívida Externa no Brasil, SP, Ed. Brasiliense, 1965, p. 115.

mesmo consideradas as reticências metodológicas do articulista face os primeiros governos republicanos, é reconhecido o papel norteador que a concreticidade histórica exercia sobre suas idéias. Seguramente o personalismo florianista ensinou ao jovem jornalista que nas mãos do personalismo político os grandes projetos não levam à nada, a não ser a novas formas de miséria. O que, de resto, é uma das boas lições do século XX. As mudanças, porém, não ocorreram de modo brusco e nem se resolveram de imediato na vida de Euclides da Cunha, como esclarecem as matérias da coluna "Dia-a-Dia", invariavelmente ansiosas por explicar e justificar, ressaltar e abrandar, elegantes, sem dúvida, no tratamento e muitas vezes finas no raciocínio, no esforço em defender a "ordem" requerida sem se comprometer irremediavelmente com a virulência governamental. A perspicácia e o desapego de Euclides da Cunha permitiram-lhe desvencilhar-se daquelas questões momentâneas, mas esta superação marcou seu espírito e comprometeu sua vida, até o abandono da carreira militar devido a intransigência partidária.

O conhecido rigor com que Euclides da Cunha defendia as premissas que o orientavam e que pretendia ver instaladas pelo novo regime acabou por lhe criar problemas junto ao mesmo governo que defendera em 1892 nas páginas dos jornais e que lhe oferecera benesses. O risco era considerável: sabia-se do sangue derramado nas repressões, o próprio sogro do jornalista o ilustre republicano, general Solon, estava ameaçado e o genro já intercedera por ele ao presidente. O episódio que selou a ruptura foi o da conhecida polêmica pública com o senador João Cordeiro acerca de tratamento a presos políticos depois de um suposto e frustrado

atentado a um jornal florianista.

No início de 1894, dizia-se que fôra encontrada uma bomba na redação do jornal "O Tempo", de orientação situacionista. De imediato, o senador cearense João Cordeiro, governista, sugerira em carta ao mesmo periódico, a execução dos presos políticos da Ilha das Cobras e de outras prisões. O então 1º Tenente Euclides da Cunha, na condição de engenheiro militar, comandava as obras de defesa no bairro da Saúde, para fazer frente à revolta da armada, não obstante a posição legalista que ocupava, condenou "por um dever e por um direito", as ameaças do senador, e o fez em duas cartas enviadas à "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro, que as publicou em 18 e 20 de fevereiro de 1894 (12). Acrescente-se que o protesto da carta do dia 18 provocou tal celeuma que exigiu uma segunda, reafirmativa e esclarecedora. Tratando-se de "cartas à redação" e assinadas pelo Euclides da Cunha militar, e não jornalista, poderiam ser impugnadas como matéria jornalística, mas, sem objetivo de polemizar, recorde-se que receberam um título "Dinamite" (13). De qualquer forma, estas duas cartas merecem ser comentadas para melhor situar o pensamento de Euclides da Cunha e seu destemor, bem como para explicar a distância a que chegaram o afastamento com os florianistas desde fins de 1892, aprofundando-se no ano seguinte e chegando a um ponto sem retorno.

12 - Cartas de 18 e 20 de fevereiro de 1894, in, VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., ps. 56 a 59.

13 - Assim está em COUTINHO, Afrânio (org), Euclides da Cunha: Obra Completa, vol. 1º ob. cit., ps 523 e 524.

Euclides da Cunha iniciou a carta de 18 de fevereiro afirmando que sua preocupação maior era com a so ciedade brasileira e com o que pensariam os pósteros à res peito da República se ficasse sem resposta o sombrio alvi tre do político cearense. O senador João Cordeiro, dizia, "manifestou sentimento de tal natureza, que, caso passem em silêncio provocarão um grande e doloroso espanto no futuro, definindo pela pior maneira a feição atual da sociedade bra sileira". Mostrou a implicação da sugestão do senador, ao esclarecer que o congressista queria "conseguir o fuzilamen to dos dinamistas" e, se estes não fossem identificados, que se reduzisse "a retalho as prisões onde estão os rebeldes" (14). Era importante, continuava Euclides da Cunha, que tal proposta caísse sob a indignação daqueles que "na fase dolo rosa que atravessamos" ainda podiam contar com "o heroísmo da honestidade", e que tal indignação partisse dos que luta vam ao lado da lei e que, por isto mesmo, não desceriam "a selvaticezas de tal ordem". Desassombrado, afirmava: "É o que faço, desafiando embora a casuística singular que por aí impera". De tal ordem era a situação política, e tão ei vada de equívocos propositais, que, na carta, Euclides da Cunha justificava-se a todo instante e reiterava sua lealda de à República, reafirmando perfilar-se junto aos que com batiam sob a égide da lei, e, desta forma, evidenciando que o senador João Cordeiro, ele sim, comportava-se ao arrepio da legislação. O protesto, continuava, não "exprime a que bra de solidariedade com os companheiros ao lado dos quais

14 - Esta denúncia nada tem de alarmista; é uma antevisão do genocídio de Canudos, em especial da execução sumária dos coselheiristas.

tenho estado". Conclui, enfim, a carta desmascarando e ridicularizando João Cordeiro: "quem quer que seja medianamente ativo, pode afastar a camaradagem deprimente de quem almeja o morticínio sem os perigos do combate".

Euclides da Cunha assinou esta primeira carta como "engenheiro militar", mas dada a repercussão e as distorções teve de escrever a segunda carta e, para melhor clareza, assinou o nome precedido da patente, Primeiro-Tenente. A repercussão foi o tema de abertura da carta do dia vinte, e Euclides da Cunha denunciou as distorções propositais, justificando a resposta "a fim de reduzir corolários illogicamente deduzidos da minha carta anterior" e acusando o jornal "O Tempo" de ser o responsável pelas deturpações: "as consequências que aprovou à redação de 'O Tempo' tirar das minhas palavras são tão profundamente irritantes e falsas". Logo em seguida, volta a carga contra João Cordeiro, dizendo-lhe que "não é invadindo prisões que se castigam criminosos". Passou em seguida a situar a idéia republicana nos eventos circunstanciais e emocionais dos inícios do novo regime, traçando uma linha divisória entre as diferentes concepções dos republicanos, ao mesmo tempo em que definia, e reafirmava, a expectativa que ainda investia na República. Argumentava que muitos lutavam pela mesma causa, mas "com sentimentos diversos" e, entre João Cordeiro e ele, Euclides da Cunha, havia uma diferença enorme: "sua excelência tem por ela um amor tempestuoso e cheio de delírios de amante, eu tenho por ela os cuidados e a afeição serena de um filho". Esta frase define a posição que Euclides da Cunha manterá até o fim, e alcançará o ponto máximo em Canudos, quan

do responde afirmativamente pela República, mas não às mazelas dos governos republicanos e as baixezas da política miúda. É talvez o pensamento que melhor define a estrada que Euclides da Cunha haveria de tomar no estudo sobre o Brasil, além de ilustrar o estilo que adotara há tempos, desde que abandonara o publicismo positivista. Na carta do dia vinte, a frase final lançada contra João Cordeiro era, na verdade, atirada como repúdio ao fanatismo que tomava muitos republicanos: "Persisto, pois, na deliberação fortemente tomada de não o considerar como um companheiro de lutas".

Euclides da Cunha investiu alto em defesa da concepção de sociedade que esperava ver emergir do novo regime instaurado em bases democráticas ou, quando menos, sem o derramamento do sangue dos opositores políticos. O mesmo governo que defendera nas páginas dos jornais interveio contra o jovem militar e designou o primeiro-tenente Euclides da Cunha para um local afastado do alvoroço político da capital, a Diretoria de Obras Militares em Campanha, Minas Gerais (15). O exílio em Campanha e o convite de Flóriano Peixoto para que o jovem militar pedisse o cargo que lhe conviesse ocorrido menos de um ano antes demonstram a integridade que Euclides da Cunha manteria até o fim da vida em todas as atividades que exerceu. É certo que mesmo no agitado ano de 1892 o articulista já esboçara os limites a que podia alcançar na defesa do governo florianista e mesmo abstinha-se de referir-se publicamente à pessoa de Flóriano Peixoto, de modo que o desenlace era previsível e não de

15 - ANDRADE, O. S., História e Interpretação de "Os Sertões", SP, Ed. Edart, 1960, p. 71.

xou resquício da desconfortável posição que ocupara como situacionista, pela primeira e última vez na vida.

Ocupado em cimentar o emprego "estável", às voltas com as funções na Central do Brasil e depois na Diretoria de Obras Militares, desempenhando suas tarefas de engenheiro-militar durante a revolta, Euclides da Cunha diminuiu sua frequência nas páginas dos jornais, mas, se não publicava regularmente, continuava ativo repórter, observando e tomando registros para uso futuro. Assim nasceram entre outros, os artigos "A Esfinge" e "O Marechal de Ferro", retratos antológicos da figura singular de Floriano Peixoto, redigidos em estilo simples e direto, onde se pressente a sinceridade, e, principalmente, transmite a perplexidade que despertava aquele vulto contraditório (16). Encontra-se nestes textos um Euclides da Cunha bem diferente do publicista da propaganda republicana, um observador perspicaz e um comentarista ponderado, pintando com sutileza a imagem do ambiente da revolta da armada, o ridículo do impasse bélico na Baía da Guanabara, a presença silenciosa e atenta dos vasos de guerra estrangeiros ali fundeados. Neste cenário carregado Floriano Peixoto apareceu certa noite, de improviso, no setor em que servia o primeiro-tenente engenheiro e que, depois, como jornalista, descreveria aquela visão

16 - CUNHA, Euclides da, "O Marechal de Ferro" e "A Esfinge"; in Contrastes e Confrontos, 6ª ed., Ed. Lello & Irmãos, Lisboa, 1923, respectivamente p. 11 e 189. O primeiro texto foi publicado pelo "O Estado de São Paulo" em 29 de junho de 1904 e "A Esfinge" foi redigido com notas de um diário em 1894.

ta descrita em pinceladas rápidas, com a poesia, a erudição e a ironia sempre encontráveis em Euclides da Cunha (17). A agressividade verbal que o fizera anos antes referir-se aos políticos como "algazarra de bugios felizes" foi substituída, na descrição do general que acompanhava o presidente naquela noite, pela referência a "um reformado do Paraguai que a República retirou de um cartório de tabelião para o fazer senador e general". Em contraposição ao "reformado do Paraguai" evocava talvez Euclides da Cunha a figura do sogro, o general Solon, republicano ativo que nesta mesma época também sofria das antipatias dos situacionistas. Pouco antes de ser mandado para Campanha, escrevera uma carta a Solon chamando-o "velho republicano a quem tanto deve a República" e a quem a República não compreendia. Instava-o para que, em nome da família, em nome do neto, filho de Euclides da Cunha, Solon recusasse o exílio disfarçado que Floriano Peixoto lhe impusera transferindo-o para o Sétimo Distrito Militar, em Mato Grosso. Conclamava ao sogro: "Vosso lar, honestíssimo, é mais vasto, é muito mais amplo do que esse Mato Grosso que atualmente ninguém quer - e que tem desde os tempos monárquicos a função lamentável de prestar-se a todos os exílios disfarçados e hipócritas". Estar ao lado do governo no momento crítico, dizia, era imperioso, mas não significaria sancionar a persistência de velhas práticas da

17 - A descrição feita por Euclides da Cunha da visita noturna de Floriano Peixoto às trincheiras da Saúde é admiravelmente semelhante àquela descrita em 1911 por Lima Barreto no "O Triste Fim de Policarpo Quaresma" - aí também, à noite, juntamente com um militar reformado, o marechal visita inesperadamente as trincheiras comandadas pelo major Quaresma.

Monarquia, renitentes entre republicanos mal ajustados ao novo regime, conforme o entendia Euclides da Cunha (18).

Previa o jovem militar o exílio que também a ele caberia três meses depois? O fato é que estava em Campanha em 28 de março de 1894, onde ocupava-se em construir um quartel, e a esta amargura na vida pública somavam-se os dissabores da vida doméstica, pois neste mesmo ano afastava-se da mulher e entre ambos iniciava-se um relacionamento dúbio e tenso que culminaria no assassinato do escritor três lustros mais tarde. Mas nenhum dos dois golpes perturbou a concentração de Euclides da Cunha no estudo dos temas que lhe interessavam e nas preocupações intelectuais que o levariam ao exame do mundo e do Brasil da época. Com certeza seria injusto concordar com quem afirma que nos termos fortes da correspondência de Euclides da Cunha e Solon a respeito da situação política perpassava a indignação de um injustiçado pelo governante do momento (19).

Tudo indica que Euclides da Cunha não se freu muito com este afastamento do Rio de Janeiro, a não ser pelo ferimento em suas convicções, uma vez que em Campanha encontrou o ambiente tranquilo para fazer o que almejava: estudos, leituras fartas sobre o Brasil, preparação para o embate de idéias. E tanto é assim que ali recuperou as condições para retomar a criação poética, que há tempo abandonara, e num dos versos fez uma das primeiras referências ao

18 - Carta ao General Solon, 6 de janeiro de 1894, in VENÂNCIO FILHO, F., Euclides da Cunha a Seus Amigos ob. cit., p. 60/62

19 - ANDRADE, O. de S. ob. cit., p. 72, sugere que o "impulso" nervoso de Euclides da Cunha nutria a indignação.

sértão que tanto amava e conhecia desde a meninice na serra fluminense, falando na "tristeza solene do sertão", no poema "As Catas", dedicado a Coelho Neto (20). Por outro lado, entrosou-se fácil com a população local, fazendo amigos na cidade mineira e cativando o ambiente, como ocorreria futuramente em São José do Rio Pardo, onde escreveria "Os Sertões". Em Campanha, seja por sua personalidade, seja por sua fama de jornalista, seja pelo prestígio advindo de seu gesto na Escola Militar, mereceu a homenagem de, aos vinte e oito anos, emprestar seu nome a uma praça da cidade (21).

Estas ocasiões de retiro e de estudo foram fundamentais na preparação intelectual do jornalista. Formava-se o autodidata, preparando-se para o articulismo de debate, reforçando o conhecimento que possuía e preenchendo as inumeráveis lacunas que a formação da Escola Militar jamais poderia preencher. Era o exemplo vivo de que o jornalismo exige a cultura geral e o conhecimento aplicado ao ofício, único caminho para se dimensionar o fato enunciado e romper a aparente fragmentação do noticiário. Euclides da Cunha iniciava suas "leituras de método", uma procura de uma teoria que lhe propiciasse o exame do Brasil, e recorria ainda a Comte e Spencer, mas também a Kant, Montaigne e outros que consubstanciassem, para além da frase repétida, a noção

20 - Apud ANDRADE, O. de S., ob. cit. p. 72. O trecho final do poema: "Fazem-me mal as multidões ruidosas/E eu procuro, nesta hora,/Cidades que se ocultam majestosas/Na tristeza do sertão".

21 - Idem, p. 73.

verdadeira do arcaísmo da monarquia e contribuissem para a construção de uma sociedade que correspondesse às expectativas do novo regime (22). Distante dos conchavos da capital que marginalizavam republicanos sinceros e promoviam a ascensão dos políticos profissionais, longe da esterilidade dos reajustamentos oligárquicos e das justificativas para a especulação financeira, ciente ameaça das quarteladas seguidas, das mazélas do governo provisório e da repressão florentista, Euclides da Cunha amadurecia e confirmava a vocação democrática que culminara no exílio disfarçado. Punha de lado as pequenas políticas da rua do Ouvidor e refletia sobre o Brasil procurando compreender o arcabouço persistente do país, longe de proposições simplistas e demagógicas que não satisfaziam sua inteligência e em nada esclareciam a dinâmica social. Sabedor, porém, de que o jornalismo não suprimiria as solicitações financeiras mínimas para o sustento da família e planejando abandonar a carreira militar, procurou reforçar o conhecimento da engenharia e adequá-lo à vida civil, dedicando-se por algum tempo aos "livros práticos" e "deixando provisoriamente de lado os filósofos (...) magníficos amigos, por certo, mas que, afinal, não nos ajudam eficazmente a atravessar esta vida cheia de tropeços (23).

Enquanto dedicava-se em Campanha a estudos variados, Euclides da Cunha tomou uma das decisões mais preciosas de sua vida, pouco antes da eclosão da guerra dos Cabanos. 22 - Em Euclides da Cunha encontram-se apenas referências a autores e, mais raramente, a obras. É pena não se dispor hoje da biblioteca pessoal do escritor (que, aliás, nunca foi organizada, dada sua vida errante).

23 - Carta de João Luiz Alves, 26 de setembro de 1895, apud ANDRADE, O. de S., ob. cit., p. 75.

nudos: sair do exército. Embora receoso sobre os encargos familiares, apesar do parco soldo a que estava habituado, Euclides da Cunha licenciou-se, permanecendo como adido ao corpo do Estado-Maior de primeira classe até exonerar-se definitivamente com o posto de capitão em 13 de julho de 1896 (24). Entre a licença e o afastamento das fileiras trancou cerca de um ano o que assinala as incertezas financeiras diante do futuro. Chegou a cogitar mudar-se para a Bahia; onde então servia o sogro e para quem escreveu uma carta, na qual confessa o dilema entre conservar-se em definitivo na vida civil ou reassumir o posto no exército. Dizia ignorar "que resolução tomar sobre a volta à carreira militar", pois neste último caso teria de "ficar adido ao quartel general, com vencimentos reduzidos e família que somente eu sustento sem apoio externo algum". As vezes, escrevia ao general Solon, "penso em ir para aí, como engenheiro civil, numa comissão mais ou menos estável" (25). Acrescentava na carta que estava ciente do bloqueio profissional que adviria dos florianistas inconformados com sua independência: em São Paulo "pouco ou nada conseguirei de uma política enredadíssima e listrada pelas raias rubras do jacobinismo que me vê com maus olhos", e da qual, acrescentava, "não quero nada" (26). Mas, nesta quadra incerta da vida, São

24 - Em setembro do mesmo ano ingressou na Superintendência de Obras do Estado de São Paulo como engenheiro ajudante. Provavelmente só saiu do exército quando já tinha em vista um emprego estável.

25 - Mal suspeitava que no ano seguinte estaria de fato na Bahia, mas em circunstâncias bem diversas, como correspondente da guerra de Canudos.

26 - Carta ao general Solon, 10 de janeiro de 1895, VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit. p. 63.

Paulo de novo o acolheria, integrando-o nos quadros da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo e efetivando-o no cargo de engenheiro ajudante.

De volta a São Paulo continuou a estudar, preparando o esteio para o que de melhor sairia de seu jornalismo em Canudos e nas matérias opinativas que escreveria. Inflectiu, contudo, suas leituras para outro rumo, desviando-se dos textos filosóficos e debruçando-se sobre as questões mais concretas, eximindo-se do dia-a-dia da política partidária e dedicando-se aos temas centrais do Brasil da época, escapando, em suma, da tão difundida defasagem entre o conhecimento efetivo e as alegorias doutrinárias. Desta época pode-se concluir com segurança que Euclides da Cunha descartou conscientemente recorrência ideológica, e tal ocorreu não por um suposto e vago "apego à terra", mas em atenção à aspiração mais elevada e proficiente de conhecer o Brasil em sua concretude. Não seria casual, por exemplo, a preferência inicial pela geografia brasileira e pelos tipos humanos das diferentes regiões, adequada, é certo, ao clima prevalecente naquelas décadas de influência da antropogeografia e outras correntes similares.

O retorno à capital paulista significou também a retomada das lides da imprensa, mas sempre cocomitante às atividades da profissão "estável" no funcionalismo público. Euclides da Cunha queixava-se seguidamente das constantes viagens que o cargo na Superintendência lhe impunha, pondo-o a percorrer o litoral e todo o interior do Estado, assim por diante. Dizia que esta vida itinerante perturbava seus estudos e que sua casa era uma "tenda árabe". Além do mais, acrescentava, era forçado a frequentar um ambiente

despido de interesse intelectual, despreparado para compartilhar de suas leituras, a conviver com "trogloditas que vestem sobrecasaca, usam cartola, lêem Stuart Mill e Spencer (27).

Mas é certo que tais deslocamentos, não raro por regiões remotas, propiciaram ao pesquisador e jornalista um conhecimento de primeira mão sobre a natureza que o fascinava e ensejaram o convívio com as populações espalhadas pelos ermos de São Paulo, contribuindo, deste modo, para alargar seus horizontes e instigar a vontade de saber e desvendar. Decerto as viagens não o desagradavam inteiramente, uma vez que estava afeito ao ambiente interiorano e era amante dedicado da natureza, traço que percorre seus textos jornalísticos e que vence a sisudez de "Os Sertões". Muitas matérias de Euclides da Cunha resultaram desta observação direta das condições naturais e humanas do interior paulista e do Vale do Paraíba, tais como "A Distribuição dos Vegetais no Estado de São Paulo", "Uma Volta ao Passado", textos de jornalismo científico e considerações sobre o sistema viário e as articulações entre São Paulo e a bacia platina.

A compreensão funda e direta dos temas nacionais confirmou a carência de estudos brasileiros sobre o país e que somente se conhecia o Brasil pelos relatos de estrangeiros, uma observação que se repetiria ao longo de sua vida até o último texto que redigiu, "Um Atlas sobre o

27 - Vide as várias cartas pessoais referentes a este período, e que invariavelmente se referem ao desagrado com os trabalhos de engenharia. In VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit.

Brasil", e que deixou incompleto (28). Em sua fase de engenheiro da Superintendência já se propunha a estudar os as suntos brasileiros, e assim é lícito afirmar que Euclides da Cunha não apenas optava por embasar o seu jornalismo opina tivo como encorajou os estudos da cultura brasileira e sou be enfocá-los na perspectiva do homem situado num espaço. Buscava os autores nacionais, lendo Varnhagen, Silvio Romero, Capistrano de Abreu e alguns contemporâneos.

Dentre estes foi significativa a amizade com Teodoro Sampaio, que se prolongaria durante anos e desempenharia uma importância ímpar na preparação da viagem do jornalista para cobrir a guerra dos Canudos. O bahiano Teodoro Sampaio morava então em São Paulo, onde, ocupando uma comissão, lidava com projetos de saneamento do Estado e da instalação dos serviços de água e esgotos da Capital. Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, aquela mesma escola na qual Euclides da Cunha não pudera atravessar o primeiro ano, Teodoro Sampaio era também ardente estudioso dos temas brasileiros e publicara várias obras sobre diferentes assuntos. Entre ambos firmou-se uma sólida amizade e com toda certeza Teodoro Sampaio forneceu orientação para várias matérias de Euclides da Cunha, sobretudo aos artigos "A Nossa Vendéia", a respeito das condições do sertão bahia 28 - São várias as observações a respeito, inclusive numa carta a José Veríssimo, de 24 de junho de 1904, quando dizia que, se todo estrangeiro podia ir para a Amazônia para estudá-la, um brasileiro também deveria ir - in VENÂNCIO FILHO, F. ob. cit. p. 127.

no que em breve atrairiam as atenções do país inteiro. "Conversávamos muito", depôs Teodoro Sampaio anos depois, "tratávamos então dos livros novos, dos que faziam época e lograram interessar-nos, a ambos". Entre os dois prevaleceria a tolerância, e ao referir-se a este traço, parece que Teodoro Sampaio sugere que nem sempre as idéias se ajustavam comodamente. Euclides da Cunha, diz, nunca tentou impor suas idéias e, provavelmente, não as receberia necessariamente em razão da convivência. Acerca do relacionamento anterior à guerra de Canudos, Teodoro Sampaio escafrece: "O seu positivismo ou materialismo, já um tanto esmaecido, não colidia com o meu espiritualismo, por ele polidamente respeitado" (29).

Por tentador que seja deter-se na riqueza teórica e vivencial advinda das mudanças de preocupações intelectuais de Euclides da Cunha, é necessário relevar o desaguadouro destes cuidados, cuja expressão foi o retorno regular às páginas do jornal "O Estado de São Paulo". Na segunda fase de sua vida em São Paulo, Euclides da Cunha ocupou-se com maior frequência do jornalismo científico, ao qual já se dedicara antes e ainda se dedicaria, então pouco cultivado pela imprensa brasileira, exceto em publicações especializadas de instituições tais como o Instituto Histórico e similares. Comentários geográficos, informações de geologia, da flora, do clima, da topografia e de outros tópicos

29 - SAMPAIO, Teodoro, "À Memória de Euclides da Cunha no Décimo Aniversário de Sua Morte", in NEVES, Edgard de Carvalho, A Afirmação de Euclides da Cunha, SP, Liv. Francisco Alves, 1960, p. 144.

cos que dificilmente chegavam ao leitor comum, foram tratados por Euclides da Cunha num ângulo eminentemente jornalístico, isto é, com a finalidade da divulgação e equacionados à organização da produção regional ou ao comentário do estágio das ciências naturais.

Assim foi uma de suas primeiras matérias publicadas nesta época de residência em São Paulo e saída no jornal "O Estado de São Paulo" aos quatro de março de 1897 com o título "Distribuição dos Vegetais no Estado de São Paulo" (30). Ao invés de um texto insípido escrito para especialistas, como poderia sugerir o título, trata-se de um artigo profundo mas acessível, no qual o jornalista analisa as condições naturais do Oeste paulista para a implementação de tecnologia moderna, desta forma conferindo à matéria dimensão de interesse econômico e social para um tema de atualidade. Aliando o conhecimento das ciências naturais ao senso prático e a erudição à finalidade social, o articulista estabelecia uma relação entre tecnologia e natureza, neste ponto desmentindo qualquer vinculação à noção de progresso à todo custo, como poderia parecer inevitável a um pensador cientificista e com passado positivista. A fim de situar o mais completamente possível o leitor comum, Euclides da Cunha procedeu a uma explanação teórica da flora brasileira para concluir acerca das possibilidades, e de certo modo da urgência, em se definirem projetos agrícolas e modernos em áreas até então colocadas à margem da agricultura por serem tidas como estéreis. O articulista justificava a matéria e sua relevância para a vida econômica ao lembrar

30 - COUTINHO, A. (org) Obra Completa, vol I ob. cit. p.479ss.

que as regiões cultivadas se tornariam, cedo ou tarde, insu
ficientes para o abastecimento e que os campos considerados
inaptos à lavoura deveriam ser trabalhados e produziram,
desde que superadas as dificuldades naturais, pelo esforço
da inteligência e da mecanização, da agricultura intensiva.

Em sua maior parte o artigo discorre sobre
a flora brasileira da região sudeste, descrevendo-a com com
petência e citando os poucos especialistas que a tinham es
tudado e lembrando que tais áreas ainda eram pouco conheci
das. Além do mais, esclarecia, a vegetação brasileira apre
senta ampla variedade de tipos e de ramificações, que, alia
das à climatologia e à feição do terreno, tornavam bastante
difícil o levantamento exigido, "uma tentativa até certo
ponto heróica". Entretanto, continuava, a pesquisa era suma
mente útil "se considerarmos que preponderam neste Estado
as regiões campestres geralmente consideradas estéreis e
inaptas a qualquer cultura regular" e que, não obstante, exer
ceriam no futuro "notável ação sobre nosso desenvolvimento
econômico". A erudição de Euclides da Cunha punha-se, portan
to, a serviço dos interesses sociais, pois, considerava o
jornalista, mais cedo do que se pensava o esgotamento das
terras cultivadas e o aumento da população determinaria "o
surto de uma lavoura mais inteligente". Ora, os estudos fei
tos e divulgados pelo articulista indicavam que "em có
trapo
sição à opinião geral, nenhuma causa insanável determina a
esterilidade aparente dos campos". Ao contrário esclarecia,
a investigação da flora destas áreas aparentemente estéreis
apontam para modos operacionais adequados para a superação
de óbices naturais. Demonstrou que a irrigação artificial

seria viável nestes terrenos, solucionando a evaporação da água e a sucção exercida pelo solo. O perfil geológico, por sua parte, "torna fácilima a aplicação dos arados, patenteando de modo notável esses 'managiability of nature'", de forma que se compreenderia com clareza "todo o valor e o papel que lhes destina o futuro". A tecnologia haveria de exigi a incorporação mais efetiva do homem do campo no processo produtivo moderno, subtraindo-o de um condição periférica, pois "o aproveitamento das extensas zonas hoje abandonadas tornar-se-á inevitável e traduzirá uma expansão mais ampla da atividade do lavrador, que perdendo a feição quase parasitária atual terá necessidade de estimular e desencadear as energias latentes do solo".

Também versava no âmbito do jornalismo científico o artigo seguinte daquele ano, "Estudos Sobre Higiene", publicado em quatro de maio de 1897 no "O Estado de São Paulo", crítica ao livro homônimo de Torquato Tapajós que pesquisava as condições sanitárias do Rio de Janeiro em busca da origem das epidemias periódicas que assolavam a Capital Federal (31). Matéria especializada e erudita, é de certo modo pesada para o leigo, mas mantém o caráter jornalístico da divulgação científica e descreve a formação das águas, mangues e lagoas, que contribuiriam para os surtos epidêmicos da região. Se a aridez do assunto era inevitável, o texto preservava, entretanto, além da atualidade, o sentido social da informação científica, e não seria pequeno o interesse diante do problema das doenças periódicas que somente seriam atacadas efetivamente anos depois com a ação de Osvaldo Cruz. Por outro lado, o artigo confirma que o

31 - COUTINHO, A. (org). ob. cit. p. 393 ss

o jornalismo brasileiro já se ocupava em tratar de temas científicos junto ao leitor médio e que cotinuava a exercer a resenha crítica de livros, prática que tempos ganharia o espaço reservado dos futuros cadernos especiais e suplementos (32). Tanto este, quanto o artigo anterior sobre as condições agrícolas de São Paulo e tantas outras matérias de Euclides da Cunha, têm estas características.

O "Estudos Sobre Higiene" é um dos artigos que melhor definem o sentido ecológico, conforme a terminologia moderna, do jornalismo científico de Euclides da Cunha, uma vez que o autor define com suas palavras o vínculo que encontrava entre o conhecimento e a pesquisa ciêntífica e a dimensão social, entre a ciência e a tecnologia e o ser humano. Este ponto assumiu maior relevância na perspectiva da atividade jornalística, pois foi abordado quase no início da matéria, logo após o articulista esclarecer sobre o assunto que iria desenvolver. Ponderava que, no caso em questão, - as condições físicas do Rio de Janeiro e as epidemias sucessivas, - a análise envolvia variadas observações referentes aos lençóis d'água, natureza do solo, perfil do relevo, clima e outros componentes, de tal modo que a higiene pública não poderia ser entendida como "um aspecto singular" do saber humano. Antes, dada a amplitude de abordagens, tratava-se de "uma disciplina autônoma no círculo dilatado de indagações que requerem muitas vezes o concurso simultâneo da maioria das ciências". Entretanto, concluía, o sentido destas pesquisas adquiria proporção se conjugado

32 - Mais ou menos naquela época João Ribeiro começava a se dedicar ao jornalismo científico.

à sociedade, ou, em outras palavras, ao propiciar que das indagações biológicas se passasse "ao desenvolvimento indefinido dos fatos sociais". Este é o significado de ecossistema modernamente concebido, não limitado exclusivamente à defesa do meio natural, o qual por si já é de suma importância, mas interpretado como um patrimônio do ser humano, o que aliás permitiu que no último quarto do século XX falasse-se em ecopolítica.

Seria, contudo, temerário tentar atribuir a Euclides da Cunha estas derivações modernas a partir de uma assertiva formulada há quase um século, quando o pensamento ecológico não era sistematizado e sequer consagrara-se a expressão. O próprio articulista limitaria a concepção ao acreditar, de acordo com o conhecimento da época, que a aglomeração humana teria por corolário "a necessidade da vida artificial, definida pela modificação sistemática do meio exterior pelo homem". Nem por isto haveria uma contradição nos enunciados, posto que o jornalista era explícito ao indicar a relação entre meio e indivíduo, pesquisa da natureza e sociedade, sendo tal proposição a mesma que orientou matéria anterior sobre a flora paulista e estearia os textos científicos anteriores, tais como "As Secas do Norte", "Plano de Uma Cruzada", e tantos outros sobre o Sul, o Nordeste e a Amazônia.

Uma outra face do jornalismo científico de Euclides da Cunha consistia em considerações mais teóricas, ligadas à história do avanço das ciências e os frutos decorrentes, conforme se viu esboçada no artigo da coluna "Dia-a-Dia"

de 1892 e se repetiria outras vezes. Nesta linha, Euclides da Cunha publicou "O Argentaurum" no "O Estado de São Paulo" de dois de julho de 1897, às vésperas da partida para Canudos (33). Comentava uma notícia publicada pela revista francesa "La Nature" sobre um tal dr. Emmens, membro da American Institute of Mining Engineers e da Sociedade Internacional dos Eletricistas, que afirmava ter descoberto o método de transmutação da prata em ouro. Em dezesseis de abril, informava a revista, a Repartição de Ensaios de Nova Iorque comprou a primeira barra de ouro artificial e o governo americano dispunha-se a reconhecê-lo como natural. O assunto em si não mereceria a atenção de Euclides da Cunha, mas ele denunciou a insólita notícia com fina ironia e esclareceu que se ocupava dela para extrair comentários sobre a ciência e as injunções sobre a investigação científica.

Segundo se pretendia, explicava, o Argentaurum ocuparia um lugar intermediário entre a prata e o ouro na tabela concebida por Mendeleev, de acordo com a qual "as propriedades dos corpos constituem uma função periódica de pesos atômicos correspondentes". Colocando de lado as implicações econômicas que uma tal descoberta suscitaria, o jornalista passou a comentar os progressos da química, afirmando que aquela suposta descoberta expressava a "nova feição impressa às investigações da química", uma vez que - e este é um dos pontos centrais do artigo - revivescia "a teoria atraente da unidade da matéria". Esta interpretação ponderava Euclides da Cunha, assemelhava-se ao trabalho dos alquimistas, não por sua natureza e finalidade, mas porque o fru

to útil do trabalho daqueles foi precisamente obtido "fora do objetivo capital nunca realizado". Demonstrando amplo conhecimento da história da química, citava fartamente inúmeros alquimistas, entre eles Alberto o Grande, cujos trabalhos permitiram que se purificasse a liga dos metais preciosos, Roger Bacon, que descobriu as propriedades do salitre, Raimundo Lúlio preparando óleos essenciais, Basílio Valentin obtendo o éter sulfúrico. Continuou discorrendo sobre a concepção da unidade da matéria desde a Antiguidade e desenvolveu uma breve história das ciências, lembrando que o pensamento científico percorreu um longo caminho.

Muito Euclides da Cunha escreveria no exercício do jornalismo científico, como se pode verificar na releitura de seus trabalhos estampados pela imprensa periódica, mas as matérias até aqui observadas já permitem traçar um perfil nítido do desempenho do articulista neste campo. Admitindo que cabe aos cientistas e aos filósofos a tarefa de Sísifo de definir o que vulgarmente se enuncia como "o que é ciência" e que cabe aos historiadores da ciência esclarecer qual o conceito que se tinha desta palavra na passagem do século, será, então, suficiente dizer que o jornalismo científico ocupa-se em divulgar fatos relacionados às "ciências naturais", equivocadamente também chamadas de "ciências exatas", e dos fatos adstritos à tecnologia. Isto aceito, pode-se de imediato concluir que o jornalismo científico era na época suficientemente respeitado, visto serem sistemáticas as matérias publicadas por Euclides da Cunha em periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro, indicando que este ramo da atividade jornalística não era exatamente

excepcional ou incipiente e nem restrito a publicações especializadas.

A linguagem utilizada por Euclides da Cunha nas matérias de interesse científico ou tecnológico seguia os padrões da época para o estilo jornalístico em geral, não concedendo, portanto, à terminologia técnica ou ao jargão iniciático desta ou daquela disciplina. Ontem como hoje, o jornalista, por mais especializado que seja, será acima de tudo jornalista, e seu ofício reside em dispor de modo inteligível para o leitor comum os significados da disciplina que o ocupa e não meramente a reiteração das informações da área. O jornalista estará num certo ramo do saber, o que é bom para melhor informar, mas não será necessariamente deste ramo, o que igualmente contribui para melhor informar, posto que menos propenso às idiosincrasias das áreas e às vinculações a grupos. Deste modo, conhece e mantém a distância aconselhável. Esta foi uma característica do jornalismo científico de Euclides da Cunha e deveria ser uma premissa mais evocada quando se debate, neste final de século XX no Brasil, sobre os supostos benefícios que traria a substituição do jornalista por um especialista que soubesse escrever mais ou menos de acordo com o estilo jornalístico. O especialista traria inevitavelmente para a imprensa hábitos de sua formação compromissos, orientação desta ou daquela linha a que pertence, vínculos com grupos, e assim por diante, pois o jornalismo seria, com exceções eventuais, um prolongamento, mero apêndice de sua área e de suas filiações. O jornalista Euclides da Cunha pôde trazer ao ofício a formação em "ciências naturais", adquirida na Escola Militar, mas

não mantinha compromissos com quaisquer das disciplinas que constituem aquele amplo conceito, preferindo, ao invés, excluir de seu cartão de visitas a antiga indicação "Euclides da Cunha/Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais" (34).

34 - ANDRADE, O. de S., História e Interpretação de "Os Ser
tões", SP, Edart, 1960, p. 76.

CORRESPONDENTE DE GUERRA

"Que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será, no caso vertente, o verdadeiro vencedor: o mestre escola."

(Reportagem de Canudos, 15.8.1897)

ARTIGOS ANTECIPATÓRIOS

"...nossos patrícios do sertão (...)identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos..."

("A Nossa Vendéia" (I), jornal "O Estado de São Paulo", 14.3.1897)

A morte de Floriano Peixoto e a eleição de Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil da República, em 1894, ensejaram a expectativa no encerramento de uma fase da vida política brasileira e na inauguração de um período que, ao menos, se aproximasse das promessas da campanha republicana. Por esta época, a política voltou a atrair Euclides da Cunha. Estava mais vivido; despira-se do entusiasmo de outrora, mesmo porque persistiam como mal congênito a resistência monarquista e a divisão do republicanismo entre os partidários da ditadura militar e do advento de um "homem forte" e a corrente liberal. A oposição de parcela do exército ao governo e a mitologia florianista recusavam-se a sair do cenário político. Neste clima explodiria Canudos.

Imediatamente a sensibilidade de Euclides da Cunha despertou para os acontecimentos que chegavam do sertão nordestino e o jornalista debruçou-se no exame das informações vindas da Bahia. A capital fôra sacudida pela notícia da derrota fragorosa da terceira expedição, comandada pelo general Moreira César. A rebelião sertaneja não era simples sublevação de fanáticos passível de uma repressão policial. Havia alguma coisa por detrás das multidões que seguiam um líder messiânico capaz de derrotar um contingente bem armado de 1.300 soldados comandados por um veterano das guerras do Sul, notório pela violência e candidato a condestável do regime. Em sua habitual lucidez, Euclides da Cunha diria que Canudos era um mistério.

No momento, o articulista estudava as informações disponíveis e publicou dois artigos sob o título

"A Nossa Vendéia", um al4 de março de 1897 e o outro em 17 de julho do mesmo ano, ambos no "O Estado de São Paulo"(1). A distância entre as datas de publicação indicam que o jornalista não perderia a atualidade do tema, retornando a ele quando melhor preparado e dispondo de mais informações. Foi o que ocorreu, pois os artigos, embora sob o mesmo título, não formam uma série, são independentes e bem diferentes um do outro.

No primeiro, observa-se um articulista cauteloso acerca dos móveis políticos da guerra civil do alto sertão. Percebe-se a necessária frieza no trato de um assunto veiculado em clima turbulento e hipnoticamente radical, agravado pela notícia do desbaratamento da terceira expedição e da morte de seu comandante. Por outro lado, a ponderação do jornalista demonstra o cuidado exigido nos acontecimentos que implicavam a perda em combate de oficiais ilustres do exército, entre eles Salomão da Rocha, alguns em situações dramáticas resumidas na morte solitária e em fuga desesperada do coronel Tamarindo, que inesperadamente sucedera o comandante-em-chefe. Por fim, em nota lúgubre, a perda do corpo de Moreira Cesar, episódio logo envolvido em narrativas lendárias.

Haveria, portanto, de se decepcionar quem esperava de Euclides da Cunha um artigo fulminante, indigno e com o derramamento verbal que caracterizara seus escritos de publicista. Lê-se um texto ponderado, uma descrição

1 - Os dois artigos in CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição), Ed. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1939, pags. 161 e 168.

genérica das informações sobre Canudos, procurando antes apresentar o cenário no qual se moviam os atores do conflito e, em especial, procurando já tornar este cenário um dos personagens destacados do drama. Nenhuma denúncia candente de forças monarquistas imiscuidas no conflito, tampouco referência à presença de armamentos e estrategistas monárquicos transplantados de algures para as plagas distantes do sertão. Apenas uma alusão, uma espécie de satisfação a dar aos alvoroços da indignação republicana, exposta em duas palavras no fim do artigo, quando Euclides da Cunha diz que o sertanejo fanatizado era objeto da ação dos "propagandistas do Império". Repetia a idéia corrente. Neste sentido, a matéria pouco tem a ver com o título bombástico, o qual se refere, antes, a um paralelo físico e psicológico com os "chouans" franceses que a uma reação monárquica organizada.

Em boa parte o artigo inflete na comparação do mecanismo psico-social do sertanejo e do camponês vendeano, sem alusão ao monarquismo. Euclides da Cunha, como demonstra o texto, via pontos comuns entre as duas experiências históricas: a dos refratários esquecidos pela Revolução Francesa e as populações do sertão olvidado pela República brasileira. A ambos os eventos atribui o "fanatismo religioso" do qual se aproveitaram os "propagandistas do Império" e a "coragem bárbara" de homens que combatiam em "terreno impraticável". Até então o paralelo com a Vendéia se limitava ao confronto de populações esquecidas e fanatizadas, que enfrentavam tropas organizadas num terreno hostil para estas últimas. O cotejo com a Vendéia restringe-se

quase unicamente a estes dados do meio ambiente e do homem que nele habitava - "O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo", esclarecia o jornalista. E prosseguia: "A justeza do paralelo entende-se aos próprios revezes sofridos. A Revolução francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendéia - heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas..."

A maior parte do texto se volta para o comentário dos dados físicos da região nordestina, explicando o mecanismo sazonal da seca, citando autoridades científicas como Humboldt, enfim traçando o quadro que, ao lado do sertanejo, formaria os dois personagens principais dos acontecimentos que se desdobravam na confluência de cinco fronteiras estaduais. Anteve-se o procedimento que aplicaria a "Os Sertões". No cenário atormentado situava o homem, o vaqueiro, "nossos patrícios do sertão (...) identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa ruela de escola de dificuldades e perigos...". Alí esquecidos e suscetíveis ao messianismo, constituíam "horda de fanáticos", mas não de saudosistas do antigo regime que agissem organizados. Quem derrotou Moreira Cesar, afirmava Euclides da Cunha, foi o meio físico, e por considerar o espaço o elemento vibrante do fato, o jornalista situava-o de imediato, no início da matéria. Aquele ermo, escrevia, "é talvez mais que a horda dos fanatizados sequazes de Antonio Con

selheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas".

Euclides da Cunha apresentou aos leitores da época o perfil do que considerava o componente fundamental e misterioso do conflito, o sertão. Deste modo individualizou e destacou matéria das notícias então vinculadas pelos jornais, superando a repetição tediosa dos relatos sobre aqueles eventos mais ou menos desconhecidos e contornando a algaravia dos republicanos exaltados. Faltassem outras qualidades, esta demonstraria a sensibilidade jornalística de Euclides da Cunha ao iluminar o lado menos conhecido do fato, informando sobre a variante oculta e, com toda certeza, encontrando a expectativa do leitor. Acertou ao apresentar ao público o fator ignorado, que provavelmente despertava interesse ou curiosidade. Enfatizou estas considerações em mais de 2/3 do texto e conferiu-lhe a abertura da matéria, seguindo, intuitivamente ou não, a lição básica do jornalismo. E, por fim, elucidou o leitor, como deve fazer a matéria opinativa, pois o cidadão brasileiro da capital nada, ou quase nada, sabia daquelas regiões. Euclides da Cunha estava consciente disto, pois a frase de abertura denuncia o desconhecimento de uma região da qual se tinham "algumas observações de Martius e de Saint-Hilaire", além do relatório do "sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendengó (2).

Foi diverso o segundo artigo, publicado em dezessete de julho, quatro meses depois, escrito já sob o clima da quarta expedição contra Canudos. Comandada por

2 - Grande meteorito que caiu no sertão da Bahia. Foi transportado para o Rio de Janeiro, onde se encontra exposto no Museu Nacional.

Arthur Oscar e mais dois generais, composta de seis brigadas em duas colunas, reunindo inicialmente 4.283 homens, a expedição partira há um mês de Geremoabo e de Monte Santo e já enfrentara os combates de Macambira e de Cocorobó, onde fora ferido o general Amaral Savaget, comandante da segunda coluna. Outra brigada aprestava-se para complementar aqueles contingentes e se reuniria em Queimadas no dia 31, tendo a frente outro general. Em meados de julho, as baixas do efetivo governamental chegavam a mil homens. Era insofismável: tratava-se de uma guerra civil. Nada, aparentemente, explicaria tamanha resistência de uma "horda de fanáticos", o que propiciava a crença, já açulada pela propaganda radical, de que havia em Canudos uma conspiração monarquista equipada com armamento moderno e munição trazidos do exterior e assistidos por estrategistas competentes.

Euclides da Cunha procurava desenredar-se deste novelo. Como todos, distante de cena da luta, não poderia ficar impermeável à sistemática das informações que delatavam a presença monarquista no sertão bahiano. Teodoro Sampaio testemunhou este momento: "Euclides chegou um instante a acreditar nisto e ainda nutria dúvidas muito sérias quando me veio anunciar que partia e trazer-me as suas despedidas" (3). Os acontecimentos que medearam os quatro meses entre o primeiro e o segundo artigo "A Nossa Vendéia" agiram sobre as concepções do jornalista sobre o conflito.

Agora, ele compreendia muito bem, o eixo central da campa

3 - SAMPAIO, Teodoro, "À Memória de Euclides da Cunha no Décimo Aniversário de Sua Morte", in NEVES, Edgard de Carvalho A Afirmação de Euclides da Cunha, SP. Liv. Francisco Alves, 1960, p. 143.

nha de Canudos era a tendência do agravamento da guerra e com esta perspectiva abriu o artigo de 17 de julho. Após breve referência à matéria homônima anterior, afirmava que, conforme previra, a situação, "então esboçada, acentua-se definitivamente". Explicou as dificuldades deparadas pelas expedições anteriores e apontou como óbice maior ao desfecho da campanha a tática de guerra adotada pelos seguidores do Conselheiro, comparando-a ao estilo de luta das tribos zulus e dos povos afegãos contra as forças britânicas, dos abissínios contra o exército italiano e da população de Madagascar contra as forças francesas. Tratam-se de "revezes notáveis de exércitos regulares aguerridos, bravos e subordinados a uma disciplina incoercível, ante os guerrilheiros inexpertos e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desaparecendo, intangíveis quase, num dédalo impenetrável de emboscadas". Registrou logo sua confiança da quarta expedição, afirmando que o "otimismo impenitente" que o levava a esperar de Arthur Oscar "a celeridade e o destino feliz das legiões de Cesar, mal sofria uma nova desilusão e caracteriza como um insucesso, como um prenúncio inequívoco de derrota, o que nada mais é do que um progredir lento para a vitória". É uma frase ambígua; parece mais uma satisfação à corrente geral de opinião.

A ambivalência mal contida destas considerações formam uma certa constante, geralmente traduzidas nas expresões de contraste, sempre que Euclides da Cunha se via perante um fato obscuro, uma realidade em penumbra e sobre a qual fossem precárias as informações disponíveis. É o que já se notou nos escritos sobre Floriano Peixoto, que

"subiu sem se elevar", e outros. No segundo "A Nossa Ven
déia", o exército, "organismo superior com órgãos e funções
perfeitamente especializadas", fenece ante adversários de
"uma organização rudimentar, cuja força está na própria in
consistência, cujas vantagens estão na própria inferiorida
de". Distante de Canudos, dispondo de informações precá
rias, mergulhado no clima inseguro das repercussões dos
acontecimentos da guerra, Euclides da Cunha era atingido pe
lo ambiente emocional e tinha de demonstrar certo otimismo.
O que está no texto é um otimismo que, se verdadeiro, era
condicional, o que leva o jornalista a apoiar o raciocínio no
paralelo com outras guerras da mesma tipologia que ocorriam
em seu tempo, de modo a levar o leitor à reflexão. Carente
da informação precisa, abriu uma dimensão maior para o con
flito, situando-o no conjunto de experiências similares e,
deste modo, ampliando o horizonte do leitor e permitin
do-lhe localizar a guerra que duramente se desenvolvia no
sertão.

Ao trazer à baila os fatos internacionais a
fim de iluminar a guerra de Canudos, Euclides da Cunha de
monstrou o profundo conhecimento do que ocorria no mundo,
assim exercendo um jornalismo interpretativo de qualidade.
Por outro lado, a matéria indica que apesar da fragilidade
das informações o jornalista pesquisava e mantinha um acer
vo tratado com inteligência de modo a formar um sólido qua
dro explicativo. O jornalismo que não pode investir no ca
pital ou na tecnologia, poderá investir no homem, na inte
ligência que avalia a informação que recebe e que rompe com
a inevitável fragmentação das notícias.

Ao contrário do artigo homônimo precedente, o segundo "A Nossa Vendéia" não privilegia a natureza como óbice exclusivo às forças do governo, mas enfatiza o binômio meio físico-sertanejo com elementos indissolúveis do desgaste lento e fatal das expedições. Acerca da natureza, retomou as ponderações do primeiro artigo, ampliando, entretanto, a descrição física daqueles ermos para, logo em seguida, dedicar ao sertanejo reflexões mais extensas. No primeiro "A Nossa Vendéia" o homem do sertão surgira muito pouco e fôra descrito tão-somente como um vaqueiro, com suas roupas típicas e assim por diante. Agora, emergia diante do leitor o jagunço "bárbaro, impetuoso e abrupto", não em mera justaposição favorável à natureza, mas em perfeita comunhão com o meio físico. Antes que monarquista, o sertanejo era um homem do sertão. Vãle a pena transcrever um trecho do artigo para ver como Euclides da Cunha descrevia o sertanejo para o cidadão médio da capital federal em 1897: "Vestido de couro curtido, das alpercatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o 'jagunço' traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, dextro, o emaranhado dos cipoais".

A conjugação ambiente-homem, segundo Euclides da Cunha, era o forte entrave à vitória das forças governamentais. A ele juntava-se, fortalecendo-o e transcendendo-o, o fanatismo que desprezava perigos, gerava o desdém pela morte, impulsioava o fanático a toda e qualquer em

presa, que tanto mais recompensada será no além-túmulo quanto mais difícil e heróica for. Compara o fanático do sertão ao iluminado da Idade Média, "o mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo". Eram estas as razões que animavam a resistência inesgotável dos seguidores do Conselheiro, e não supostos estrategistas monárquicos a comandarem jagunços. E menos ainda o seriam munições e armas modernas obtidas às escondidas de retrógrados escusos, pois, alertava Euclides da Cunha, "as próprias armas inferiores que usam, na maioria constituem um recurso extraordinário", uma vez que a elas se ajustam quaisquer projéteis fornecidos prodigamente pela natureza. Constatação precoce se considerado o delírio republicano da rua do Ouvidor.

Sem os maniqueísmo do tempo, apresenta do mesmo modo as tropas federais, posto que, se sobrelevava o sertanejo, equiparando-o a outros tipos humanos que em circunstâncias análogas enfrentavam forças poderosas, situava o soldado como homem e no mesmo contexto. Em condições naturais adversas e em território ignoto, no "investir impávido para o desconhecido (...) a marcha do exército nacional, a partir de Geremoabo e Monte Santo até Canudos, já constitui por isto um fato proeminente na nossa história militar". E acrescentou: "É uma página vibrante de abnegação e heroísmo". Observa-se em suma, a implicação humanista desta análise, o que, aliás, era uma constante em Euclides da Cunha.

O jornalista, conhecedor das linhas gerais

do conflito, ocupou-se em desenvolver uma crítica às operações militares em Canudos, minimizando, deste modo, a suposta presença monarquista na área e incorporando a suas considerações a formação militar. Um dos pontos condenáveis do planejamento das tropas do governo, esclareceu, era o isolamento a que se destinava o contingente estacionado no alto do morro da Favela, quase por inteiro divorciado das bases de apoio na retaguarda e privado de uma linha de eventual retirada. As dificuldades, afirmava em definitivo, derivavam em grande parte da má administração dos recursos bélicos.

Esta análise, que precedeu a partida de Euclides da Cunha para a frente de batalha, evitava já qualquer valorização ideológica que procurasse eludir as verdadeiras fontes do conflito e as razões do estrondoso fracasso de três expedições. Ao mesmo tempo as dúvidas naturais e o clima predominante impediram a visão completa do fenômeno, o que, com certeza, explicam a recorrência à visão da Vendéia. O testemunho há pouco citado de Teodoro Sampaio é claro quanto à dúvida de Euclides da Cunha, e não obstante suas considerações pela imprensa foram equilibradas. Da mesma maneira, o título das matérias será o argumento forte dos que porventura creditem ao jornalista uma posição definitiva, mesmo que o texto seja bem mais sutil. Ocorre que o termo Vendéia era a expressão corrente para designar os opositores da República. Ainda na série "Dia-a-Dia" Euclides da Cunha escreveu na matéria de seis de abril de 1892, que a Vendéia preocupara mais os revolucionários franceses de 1789 que a Europa ameaçadora, e disto concluiu que "a

República brasileira também tem a sua Vendéia perigosa", em alusão à oposição contra Floriano Peixoto. Não se tratava aí de um paralelo com a Vendéia francesa. Era um recurso retórico. Neste mesmo artigo de 1892, o jornalista afirmava que os "vendeanos" no Brasil não passavam de "perturbadores" que em nada se comparavam com os "rudes bretões" e nem dispunham de "uma idéia, um princípio, um objetivo qualquer", prevalecendo apenas "a determinação de atirar por terra tudo o que está feito" e sempre em franca luta por posições de prestígio. Ora, nos artigos "A Nossa Vendéia", Euclides da Cunha aproxima a guerra sertaneja à descrição dos vendeanos franceses somente no que se refere à tática guerrilheira. Lembrava os "adversários impalpáveis" que punham em frente ao exército revolucionário "uma única trincheira - a sombra misteriosa de suas florestas". Todos os relatos subsequentes que Euclides da Cunha fez de Canudos reportam-se a esta intimidade guerrilheira entre o homem e a natureza. Além do mais, o referido artigo de "Dia-a-Dia" ressaltava o heroísmo vendeano: "eram os últimos cavalheiros da velha monarquia derruída, enquanto abrigava-se no estrangeiro, acovardada, a aristocracia francesa" - e ainda: ligava-lhes "os corações o liame indestrutível de um sentimento comum", ou "a glória do republicano francês foi verdadeiramente brilhante, graças à própria grandeza dos vencidos".

Observadores menos compromissados com a situação política da época sabiam da verdadeira dimensão e natureza dos acontecimentos em Canudos e não viam nenhuma organização anti-republicana agindo nos bastidores da sublevação. O correspondente do "The Times", de Londres, no Rio

de Janeiro, publicou um artigo datado de seis de maio de 1897, intitulado "A Situação no Brasil", no qual denunciava os interesses que açulavam o anti-monarquismo para obterem proveito próprio com a instrumentalização de Canudos. O país, descrevia a matéria, passava por uma "situação perturbadora" bem mais ampla que o fanatismo da Bahia, vivendo um momento de instabilidade política, de baixa do preço do café e de depreciação do meio circulante. No que se referia aos eventos sertanejos, excluía qualquer cumplicidade monarquista, a não ser na propaganda dos radicais do Rio de Janeiro que se aproveitavam para perseguir e até matar "prominentes monarquistas". Estes "politiqueiros sem escrúpulos" continuava, servem-se destes acontecimentos para disseminarem intrigas e usarem "vasto corpo de homens armados". Os militares compartilhavam destas manobras excusas: "os formadores do exército em operações contra Antonio Conselheiro têm interesse em procrastinar a campanha a fim de auferirem maiores lucros" (4).

Ao indicar a natureza da luta sertaneja e as táticas dos conselheiristas em "A Nossa Vendéia", Euclides da Cunha fez uma análise mais completa que a do correspondente do "The Times". E definitiva. Anos depois, em "Os Sertões", verificado pessoalmente o desenrolar da guerra e pausadamente refletido seu significado, o escritor ainda mantinha as mesmas linhas de raciocínio (5). Admitiu, em

4 - "The Times e a Situação do Brasil", in GALVÃO, Walnice Nogueira, No Calor da Hora, SP, Ática, 1974, p. 76/80.

5 - CUNHA, Euclides da, RJ, Ed. Francisco Alves, 1954, p.181 V. em particular a 2ª Parte: "O Homem", secção V ("Por que não pregar contra a República?").

uma de suas frases-parágrafos, que em Canudos se condenava a República ("Pregava-se contra a República; é certo"), mas logo explicava que esta pregação era um "antagonismo inevitável", um "derivativo à exacerbação mística", uma "variante forçada ao delírio religioso". Inexistia consistência teórica, uma consciência política, "não traduzia o mais pálido intuito político: o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como a monárquico-constitucional". Qualquer um dos regimes "lhes são abstrações inacessíveis" (...) "é espontaneamente adversário de ambas". Interpretou, então, o sentido de Vendéia que usara nos dois célebres artigos escritos no esquentar da guerra: "Vimos no agitador sertanejo, do qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regime, capaz de derruir as instituições nascentes". Daí se concluiu, esclareceu noutra frase-parágrafo: "E Canudos era a Vendéia..." Mas, acrescentou, "quando nos últimos dias do arraial foi permitido o ingresso nos casebres estragados, salteou o ânimo dos triunfadores decepção dolorosa. A vitória duramente alcançada dera-lhes direito à devassa dos lares em ruína". Naquele que foi o "mais pobre dos saques que registra a história", os vitoriosos encontraram "despojos opimos de imagens mutiladas e rosários de coco". Procuraram-se documentos - "o que mais acirrava a cobiça dos vitoriosos eram as cartas, quaisquer escritos" - mas, "pobres papéis", lidos manifestava-se quanto eram inócuos, "a mesma religiosidade difusa e incongruente, bem pouca significação política". Aqueles homens, completou o escritor, "requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta". Mas "en

viamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador - a bala".

Entretanto, enquanto publicava "A Nossa Verdéia", o jornalista aguardava o momento de ir pessoalmente ao 'front' verificar a verdadeira natureza do conflito. Era um mistério que ele queria elucidar. Finalmente partiu como correspondente adido à comitiva do Ministro-da-Guerra para o alto sertão bahiano.

A PREPARAÇÃO DO REPÓRTER

"...somos irresistivelmente levados a considerar a campanha (...) sob a sua feição primitiva, incompreensível, misteriosa."

(Reportagem de Canudos, 16.8.1897)

Euclides da Cunha embarcou no Rio de Janeiro à bordo do navio "Espírito Santo" em direção a Canudos no dia 4 de agosto de 1897 como correspondente de guerra do jornal "O Estado de São Paulo". Acompanhava a comitiva do ministro-da-guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt, que se dirigia pessoalmente para o teatro da luta, o que denunciava a gravidade da situação que o otimismo oficial e os arrebatamentos dos republicanos exaltados não ocultava. O governo compreendia a delicadeza do momento. O comandante-em-chefe das forças federais em Canudos, general Arthur Oscar, estava cercado no morro da Favela, diante da cidadela conselheirista. Os combates da segunda coluna, comandada pelo general Cláudio do Amaral Savaget, em Cocorobó, e a feroz resistência que encontrara em todo o percurso apontavam para a incerteza do desfecho da guerra. As levadas de feridos que retornavam da frente de batalha e não podiam ser subtraídas do olhar público, ao menos em Salvador, diziam tudo. Sabia-se da morte de inúmeros oficiais de alta patente, muitos de renome. Concomitantemente, chegavam notícias dos ataques à Brigada Auxiliar que fôra ao encontro das duas colunas e ficara desfalcada antes mesmo de alcançar as imediações do arraial sublevado. Em diferentes pontos do território nacional formavam-se novos batalhões para concorrer às tropas em combate.

Euclides da Cunha, em "A Nossa Vendéia", já esmiuçara a precariedade da estratégia governamental e registrara que, ao invés de uma desordem a ser esmagada por tropas bem aparelhadas, Canudos era um confronto prolongado a exigir administração de recursos militares. Não era outro

o objetivo do ministro-da-guerra na região conflagrada, como o demonstra sua atuação sistemática, sem alteração de um centímetro, no desenrolar da última e mais trágica fase do conflito.

Os fatos eram claros. A guerra atingira o ponto decisivo, do qual derivaria ou o esmagamento de Canudos ou a derrota da maior e mais potente força enviada contra os insurretos - expedição que, além disto, ao menos aos olhos de muitos, carregava a responsabilidade implícita de resgatar a memória de Moreira César. A primeira hipótese - pois a esta altura tudo era conjectura - seria assimilada com naturalidade, como de fato ocorreu, mas a segunda desencadearia repercussões imprevisíveis e tanto mais sombrias quanto vistas nas circunstâncias políticas da primeira década republicana. Era um momento grave. Compreendendo o impasse a que chegara a guerra sertaneja, os principais periódicos do país para lá enviaram seus repórteres.

Foram nove os jornais presente em Canudos. Um de São Paulo, "O Estado de São Paulo"; seis do Rio de Janeiro, "Jornal do Brasil", "Gazeta de Notícias", "A Notícia", "República", "Jornal do Comércio" e "O País", e dois da Bahia, "Jornal de Notícias" e "Diário de Notícias" (1).

Ao todo, onze correspondentes. Ignora-se o nome do enviado do "Diário de Notícias". Não se sabe se o repórter do "Jornal do Brasil", Luis Calvi, era correspondente local ou enviado especial (2). Três outros não eram jornalistas: o alferes Francisco de Paula Cisneiros Caval

1 - GALVÃO, W.N., ob. cit. p. 110

2 - Idem, p. 109/110.

canti, primeiro a mandar reportagens para o "A Notícia", foi morto em combate e substituído; Hoche, pseudônimo do tenente-coronel Siqueira de Menezes, chefe da comissão de engenharia, colaborou com "O País" (3); Constantino Néri, oficial que mandou notícias sobre a marcha da segunda colina da quarta expedição até Canuods, mas somente este avanço, não os acontecimentos seguintes, para o "República", sendo suas matérias parcilamente reproduzidas pelo "Diário de Notícias" (4). A maioria dos enviados especiais era formada por militares da reserva, que portanto, estavam aptos a comentarem os acontecimentos so a ótica militar, tal como Euclides da Cunha, primeiro-tenente, Júlio Procópio Favila Nunes, coronel, representante da "Gazeta de Notícias", Manuel Benício, capitão, que escreveria para o "Jornal do Comércio", e Manuel figueiredo, major, redator do "A Notícia" (5).

Cisneiros Cavalcanti morreu nos violentos combates de 18 de julho e o "A Notícia" o substituiu por Manuel Figueiredo, o qual, após enviar três reportagens, adoeceu em Monte Santo e retornou ao Rio de Janeiro, onde continuou a escrever sobre Canudos, indo para seu lugar no "front" o repórter Alfredo Silva. Manuel Benício era vete

3 - Já fiz referência anterior ao pseudônimo Hoche, nome do comandante das forças enviadas contra a resistência da Vendéia à Revolução Francesa.

4 - GALVÃO, W.N., ob. cit., p. 110

5 - Idem., p. 109/110.

rano correspondente de guerra e cobrira a Revolta da Armada para "O tempo"; em Canudos escreveu para o "Jornal do Comércio", mas em meados de julho teve sua credencial cassada e foi expulso do perímetro de guerra devido atritos com a censura militar. Só a partir de setembro de 1897 o "Jornal de Notícias" manteve correspondente na zona conflagrada - seu repórter, Lélis Piedade, também integrava o Comitê Patriótico, que em Cansanção tinha um posto de auxílio aos feridos que refluíam da frente de batalha e que, posteriormente, veio a dar assistência aos sobreviventes conselheiristas aprisionados (6)

Muita coisa que os militares escreveram foi publicada pela imprensa, mas não pode ser confundida com as matérias de Cisneiros Cavalcanti, Siqueira de Menezes e Constantino Néri. Estes receberam dos jornais a incumbência explícita de cobrir a guerra, e o fizeram sistematicamente. Os outros textos de militares eram o que hoje se chamaria "carta à redação". O próprio general Arthur Oscar deu à público correspondência partiular, usando o jornal como recurso para ver suas opiniões divulgadas. Foi o caso de um telegrama que mandou à mulher, ao fim do qual, após tecer

6 - GALVÃO, W.N., ob. cit., p. 110.

Era comum a imprensa participar dos comitês patrióticos de auxílio aos feridos e suas famílias. Num telegrama de 11 de agosto, Euclides da Cunha diz: "A imprensa alia-se ao 'comitê' patriótico bahiano, angariando recursos para as famílias dos feridos.

comentários otimistas sobre o andamento da guerra, determinou "mostra imprensa" (7). Maior impacto causou outra carta sua ao "República", também publicada no "A Notícia" de 8/9 de outubro, onde denunciava uma vasta conspiração monarquista instalada em Canudos (8).

Muitas vezes estas cartas tornavam públicas as divergências estratégicas e políticas de altos oficiais. É o que aconteceu com a carta que o coronel Carlos Maria da Silva Teles, auxiliar direto do comandante da segunda coluna da quarta expedição, mandou para o "Diário da Bahia", expondo sua avaliação da campanha. Euclides da Cunha comentou imediatamente esta carta no telegrama que enviou para "O Estado de São Paulo" em 21 de agosto, e pormenorizou o assunto no segundo telegrama do dia 22. Naquelas circunstâncias, no suceder dos acontecimentos da guerra, duas referências indicam a relevância da carta. O coronel Silva Teles, dizia, confirmava as afirmações que fizera ao periódico bahiano - Canudos não tinha quatro mil casas como se pretendia, mas pouco mais de mil; a quarta expedição encontrara, ao chegar, cerca de seiscentos jagunços "no máximo", e no momento não passavam de duzentos; nunca usaram balas explosivas; sua força provinha dos recursos abandonados pela terceira expedição. Principalmente, conforme relata Euclides

7 - Eis o texto do telegrama: "Maria Helena/Recife/Continuamos o bombardeiro. Canudos muito danificado. Inimigos todos os dias saindo perdendo posições. Tropas animadas. Dia 20 as saltamos. Todos bons. Muitos abraços. Mostra imprensa./ Arthur Oscar/". Foi publicado no "República" em 10 de setembro de 1897. Está em GALVÃO, W.N., ob. cit., p. 67.

8 - Idem, p. 67 e 68.

da Cunha, o coronel Silva Teles reafirmava que "não há fim restaurador nem influência de pessoa estranha nesse sentido; que não há lá estrangeiro algum". O coronel confirmava ter dito que não passava de "fantasia" as notícias sobre apreensão de armas em Sete Lagoas e que se destinavam a Canudos. Finalmente, o repórter transcrevia uma declaração de Silva Teles: "Adulterar a verdade para encarecer Canudos, é alarmar o espírito público, e a isto não me presto. Não vivo de reclamos digo sempre o que se me afigura ser a verdade" (9).

A colaboração jornalística de militares manifesta a carência da especialização de jornalistas (10). O próprio ofício não era uma especialização. A constatação remete às considerações sobre as atividades de Euclides da Cunha, ao mesmo tempo jornalista, escritor e engenheiro. Havia a contrapartida - entre os militares em Canudos depa-ram-se situações no mínimo curiosas às concepções dos dias de hoje. O repórter Hoche, por exemplo, na verdade o tenente-coronel Siqueira Menezes, acumulava às suas tarefas de

9 - CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição), Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1939, ps.141-142.

10 - De início parece forte a suposição de que o uso de correspondentes militares servisse à finalidade de controlar a informação. Entretanto, os fatos não apóiam esta conclusão - ao menos como intenção articulada e generalizada. Euclides da Cunha estava na guerra de Canudos como repórter de "O Estado de São Paulo" e não enquanto capitão da reserva; as matérias de Favila Nunes não sugerem o coronel da reserva que era, mas um repórter aplicado; Manuel Benício, capitão da reserva, teve sua credencial cassada pela censura militar.

levantamento tático do terreno um insofreável pendor pela pesquisa das ciências naturais, observando simultaneamente, em Canudos, o território conflagrado e os fatos da flora e da geologia. Além disto, apesar da presença de inúmeros oficiais veteranos ou recém chegados com a Divisão Auxiliar, e ansiosos por entrarem em combate, foi este chefe da comissão de engenheiros quem comandou o cerco final da cidadela. Oficial brilhante, um dos poucos a merecer uma seção especial em "Os Sertões", entretanto, conforme diz Euclides da Cunha, "se formara fora da vida dos quartéis" (11).

Enfim, assim estava a imprensa disposta em Canudos. Uma leitura das reportagens despachadas pelos enviados especiais não indica por si a existência de uma linha editorial pré-determinada. Mas, ao enviar Euclides da Cunha, "O Estado de São Paulo" valorizava as páginas do diário. O intuito era transcender a mera notícia, progredindo para além dos comunicados oficiais e do publicismo dos republicanos exaltados, e, como se depreende da escolha de Euclides da Cunha, procurar as origens profundas do conflito. Aliás, segundo Silvio Rabelo, já era em si uma novidade da imprensa brasileira enviar correspondentes: "Tratava-se de uma inovação nos métodos do jornalismo: a reportagem colhida ao vivo" (12). A militância de Euclides da Cunha na imprensa sustentava a expectativa de que sua atuação no sertão bahiano situaria o leitor do centro-sul, apresentando-lhe o cenário, os personagens e, se possível, como o ar

11 - CUNHA, Euclides da, Os Sertões, Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d., p. 336.

12 - RABELO, Silvio, Euclides da Cunha, Rio de Janeiro, Livraria Casa do Estudante do Brasil, 1948, p. 119.

ticulista já confessara, os móveis do conflito. Euclides da Cunha era o jornalista experiente e culto, de confiança da redação e que já demonstrara suficiente competência e acuidade intelectual no trato dos fatos de um Brasil ainda a ser conhecido. Evidenciara-se sua vocação para o estudo dos grandes temas nacionais e da terra e tipos brasileiros. Contou, certamente, para sua indicação os artigos "A Nossa Vendéia", recentemente publicados, que analisara Canudos com ponderação e profundidade, sem lugar-ares-comuns ou ardis da informação suspeita e não raro fantasiosas. A análise epéica não resistiria às notícias falsas ou às reações emocionais, e nem à bateria dos depoimentos partidários, como os de Arthur Oscar, ou a enxurrada de supostos documentos tomados de conselheiristas ou atribuídos ao próprio Antonio Conselheiro (13). Além da saudável dúvida cultivada por Euclides da Cunha, sobre todos os assuntos e até o fim da vida, o que lhe permitiu, após a fase publicista, jamais se deixar envolver por interpretações de fatos, além disto o jornalista mostrara-se um republicano convicto. Como tal era largamente conhecido - condição necessária para dirimir quaisquer suspeitas contra ele lançadas em razão de eventuais críticas à ação do governo federal. Em "A Nossa Vendéia" já demonstrara não se afinar com a propaganda republicana a respeito de Canudos, sem, entretanto, negar seu republicanismo. Era um dado considerável, pois estavam impunes os autores de violências cometidas contra monarquistas a

13 - Walnice Nogueira Galvão, na obra citada, transcorre sobre as representações da imprensa da época sobre o episódio de Canudos.

pretexto de influência sobre os rebelados sertanejos (14). As agressões iam de depredações e redações ao assassinato. Na escolha de Euclides da Cunha consideraram-se, portanto, todos os fatores, inclusive, provavelmente, o de ser oficial da reserva e formado na linhagem dos "cadetes doutores".

Um dos biógrafos diz que Euclides da Cunha relutou em aceitar o convite do jornal e partir para o sertão, oscilando, conforme as contradições de seu "temperamento nervoso", entre "os impulsos incontidos e a timidez doentia" (15). Outro biógrafo, Silvio Rabelo, afirma, ao contrário, que o jovem jornalista aceitou de imediato a incumbência do "O Estado de São Paulo" (16). O relato de um amigo pessoal, Teodoro Sampaio, esclarecerá que Euclides da Cunha estava entusiasmado para partir, "tinha como um vago presentimento de que o seu destino ia mudar". Não uma mudança no sentido de profetizar uma grande obra, esclarecia Teodoro Sampaio, e sim de afastar-se da engenharia, que tanto o aborrecia - "Aquela pasmaceira de tantos anos ia ter o seu fim" (17).

14 - Dentre as agressões, recorde-se a depredação da "Gazeta da Tarde", de Gentil de Castro, em 8 de março de 1897. Pouco depois, quando fugia da perseguição juntamente com Ouro Preto e Afonso Celso, Gentil de Castro foi assassinado.

15 - ANDRADE, Olímpio de Souza, História e Interpretação de "Os Sertões", São Paulo, Edart, 1960, p. 95.

16 - RABELO, Silvio, ob. cit., p. 119.

17 - SAMPAIO, Teodoro, "A Memória de Euclides da Cunha no Décimo Aniversário de Sua Morte", in NEVES, Edgard de Carvalho, A Afirmção de Euclides da Cunha, São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1960, p. 144.

Conhecido o fascínio que sobre Euclides da Cunha exerciam o sertão e o gosto pelos assuntos brasileiros, depreende-se a força do chamado para ver de perto uma natureza e um tipo humano ainda tão pouco conhecidos de seus contemporâneos. Ademais, examinaria em primeira mão as idéias que com acuidade expusera em "A Nossa Vendéia". Era antigo desejo ver pessoalmente o Brasil físico e humano, estudá-lo. E todo o passado de leituras e viagens contribuiu para a resposta afirmativa ao convite do jornal paulista. Descobrir aquela região ignota, ver "in loco" os acontecimentos, sobretudo desvendar o "mistério" que havia naquele conflito prolongado e sangrento. O jornalista confessou publicamente este propósito na reportagem de 20 de agosto enviada de Canudos: "Creio que partimos afinal por estes dias. Ajuizarei então, 'in sitio' acerca do que até agora tenho sabido através de narrativas que nem sempre se ajustam nas mesmas conclusões" (18).

Considere-se, em especial, que por esta época Euclides da Cunha já idealizara o plano de um livro sobre Canudos e o fenômeno nordestino. Os artigos "A Nossa Vendéia" prefiguravam um trabalho homônimo de fôlego e para o qual o escritor colhia material. Era projeto firme, encaixado na continuidade de sua preferência intelectual. Como se vê, a missão jornalística que se lhe atribuía acabou por contribuir decisivamente para "Os Sertões", ao mesmo tempo em que propiciava uma alteração radical de enfoque, resultante da experiência vivida do repórter. A tarefa do jornalista motivou o que seria a obra prima do escritor, enquan

18 - CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição). referência citada, p. 46.

to que o face-a-face com a região que exercia profundo im
pacto em sua sensibilidade e percepções e diante do tipo
 brasileiro até então desconhecido, acabaram por transbordar
 as noções adquiridas por terceiros, ampliando-lhe horizon
tes e uma visão totalmente nova. Se na leitura de "Os Sér
tões percebe-se com clareza o choque da desejada experiên
cia direta com aquela paisagem e com o sertanejo, mais níti
do transparece este mesmo impacto na sua obra menos conheci
da, as reportagens de Canudos. O estilo admirado, a surpre
sa de cada descoberta, o abrir de olhos para uma luz e um
 cenário insuspeitados. Lembre-se desta descrição da catin
ga: "Percorri-a, hoje, pela manhã, até certa distância, a
 cavalo, e entrei pela primeira vez nas catingas, satisfazen
 do uma curiosidade ardente, longamente alimentada./ Um qua
dro absolutament novo; uma flora inteiramente estranha e im
presionadora capaz de assombrar ao mais experimentado botâ
nico./ De um, sei eu, que ante ela faria prodígios. Eu, po
rém, perdi-me logo, perdi-me desastradamente no meio da mul
tiplicidade das espécies e atravessando, supliciado como
 Tântalo, o dédalo das veredas estreitas, ignorante deslum
brado..." Vale evocar também sua primeira impressão diante
 do vaqueiro: "Imóvel sobre a sela, todo vestido de couro,
 calçando botas que sobem até a cintura, chapéu de abas lar
gas meio inclinado sobre a frente - as veste rústicas de um
 vermelho escuro imprimem-lhe o aspecto de um cavaleiro anti
go coberto ainda da poeira da batalha./ Considerando-o, pen
so que a nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente
 um caráter destruidor" (19).

19 - Ambas passagens são da reportagem de 1º de setembro -
 in CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição), re
 ferência citada, p. 57 ss.

Euclides da Cunha não se decepcionaria, pois, em aceitar a tarefa de cobrir a guerra de Canudos. Na expedição de 30 de julho, "O Estado de São Paulo" noticiava a partida de seu repórter para a frente de batalha. Em 1º de agosto, Euclides da Cunha licenciava-se da Superintendência de Obras Públicas para tratar de "assuntos pessoais", interrompendo o desenho do traçado de uma planta para estradas de rodagem no interior de São Paulo. O repórter se sobrepôs ao engenheiro.

Antes de sair para a guerra civil no nordeste brasileiro, o jornalista ampliava seu instrumental teórico e acumulava informações sobre os fatos e a região que iria noticiar. Cumpria o dever do jornalista opinativo, do articulista que deveria estar o mais pronto possível para interpretar e avaliar com segurança e sustentar suas idéias no fôro da opinião pública. Acrescentou aos conhecimentos adquiridos nas leituras sobre o Brasil as informações mais precisas acerca do homem e da natureza que encontraria. Em São Paulo, quem melhor conhecia os personagens do drama sertanejo era Teodoro Sampaio, amigo certo e diálogo elucidativo que já em outras oportunidades contribuía para o trabalho de Euclides da Cunha. Percorrera os quadrantes nordestinos ainda lacunados nos mapas da época, trabalhando e pesquisando. Pertencera aos quadros de engenheiros da Estrada de Ferro da Bahia, que parte de Salvador e ruma para o norte passando por Alagoinhas, e depois inflete para a esquerda em busca de Juazeiro, traçando uma linha divisória acima da qual, para além de Queimadas, adentra-se na estrada para Monte Santo e chega-se a Canudos. Abaixo desta fronteira de

ferro, ficava a região menos áspera e mais povoada, onde, no primeiro entroncamento ferroviário, está a cidade de Senhor do Bonfim. Vasculhara depois o território como engenheiro-chefe das obras de melhoramento da navegação do Rio São Francisco. Além disto, percorrera a região na condição de cientista, pesquisando junto com Milnor Roberts os rios que desembocam no Atlântico. Sobre este itinerário escreveu o opúsculo "O Rio São Francisco" (20).

Euclides da Cunha e Teodoro Sampaio conversaram longamente sobre o sertão e comentaram juntos notas e apontamentos. Teodoro Sampaio registrou estes encontros: "Levou-me algumas notas que eu lhe ofereci sobre as terras do sertão que eu viajara antes dele em 1878. Pediu-me cópia de meu mapa ainda inédito, na parte referente a Canudos e vale superior do Vasa Barris, trecho do sertão ainda muito desconhecido..." Teodoro Sampaio não era apenas a melhor fonte acerca do sertão bahiano; era a única. O mesmo material que cedeu a Euclides da Cunha seria fornecido, por solicitação, ao governo federal. Ele próprio confirma isto: cedeu os mapas a Euclides da Cunha "como forneci ao governo de São Paulo que dele tirou mais de um exemplar, remetido para o Rio, ao Ministério da Guerra" (21).

As dificuldades ao exercício profissional do repórter, compartilhadas por todos os correspondentes especiais na guerra de Canudos e que persistiriam até o fim da campanha, começaram logo no início da viagem: o ministro-da

20- ANDRADE, Olímpio de S., ob. cit., p. 96

21- SAMPAIO, Teodoro, "À Memória de Euclides da Cunha no Décimo Aniversário de Sua Morte", in NEVES, E.C. ob. cit., p. 145.

-guerra não dava entrevistas, nunca o fez antes, durante ou depois do conflito. Embora conversasse frequentemente com Euclides da Cunha, mantinha em sigilo as decisões e os planos. Permanecia apenas atento às conversas e "punha água na fervura do entusiasmo do repórter, fazendo tudo sem dizer nada, abasolutamente sem pressa, quase descansando sobre os fatos que procurava conhecer" (22). À bordo, de onde despachou a primeira matéria, Euclides da Cunha teve de se contentar em traçar um panorama rápido da tropa embarcada e limitar seu comentário à "guerrilha adoidada de anedotas" travada pelos soldados.

É talvez, por isto tão insuficiente o primeiro despacho, intitulado "À Bordo do 'Espírito Santo'" e datado de sete de agosto de 1897 (23). Transbordante de expressões sentimentais e de lugares-comuns, ocupa-se da maior parte de descrições gerais do porto de Salvador, desenvolvendo-se em afirmações discutíveis e concluindo com o indefectível "A República é imortal!". Referindo-se ao clima da chegada, percebeu que entre as conversas dos soldados no tombadilho "meia dúzia de línguas se amoldam no mesmo entusiasmo". Desta descrição, o melhor fica por conta das diferenças entre as paisagens do litoral sul e do litoral norte, bem como a entrada da barra.

Já as observações sobre a força militar transportada desperta maior interesse. Sobre o potencial de fogo embarcado no "Espírito Santo" indicou contradições tão sérias que mais parecem ironia. O morteiro Canet, a "prima

22 - ANDRADE, O. de S., ob cit., p. 99.

23 - CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição), referência citada, p. 3 ss.

donna" do material bélico, é "mortífero", um "sinistro com
panheiro de viagem" cujo disparo "lança em alcance máximo
 oito kgs. de ferro a seis kms. de distância", o que assegu
rava a certeza de que "o efeito de seus tiros será eficien
tíssimo". Mas, em contínuo, diz candidamente que o Canet es
tá "sem pólvora apropriada e levando apenas nove projéteis"
 Além do mais, pergunta-se se a arma chegará a Canudos, pois
 "será difícilimo o seu transporte pelas veredas impraticá
veis dos sertões". E numa frase-parágrafo destacou: "Maiores
 milagres, porém, tem realizado o exército nacional e a fé
 republicana".

Em outra passagem ao contrário, torna-se com
portado, e nem parece o estudioso objetivo dos temas soci
ais da época. Desenvolve um arrazoado sentimental em torno
 do trinômio soldado-república-pátria a fim de tipificar o
 suposto ânimo da tropa. Diz que a saudade "dos entes queri
dos e ausentes" descia "esmagadora sobre os corações", anu
viando as frentes e cessando as palestras. Então "os olha
res velados de lágrimas, dirigem-se ansiosamente para o
Sul..." Mas, afirma resoluto, "como um antídoto enérgico, um
reagente infalível, alevanta-se, ao Norte, o nosso grande
ideal - a República - profundamente consolador e forte, am
parando vigorosamente os que cedem às magoas, impelindo-os
à linha reta nobilitadora do dever". Prossegue, dizendo nun
 ca ter pensado "que esta noção abstrata de Pátria fosse tão
 ampla que, traduzindo em síntese admirável todas as nossas
afeições, pudesse animar e consolar tanto aos que se afa
tam dos lares tranquilos demandando a agitação das lutas e
dos perigos". Não se discutem os fundamentos destas afirma
ções. E nem a sinceridade do jovem jornalista. É estranho,

porém, que ele as faça como se ignorasse que aqueles soldados eram recrutados, muitos recrutados à força. Por outro lado, custa a crer que fosse uma concessão ao republicanismo radical - um "viva a República" talvez, mas não todo este longo raciocínio. De qualquer modo, a realidade da guerra acabaria com este sentimentalismo (24).

Entretanto, em razão desta mesma emotividade, a primeira reportagem demonstra um avanço em relação aos textos escritos pelo Euclides da Cunha aprisionado pelo publicismo político-partidário. Avanço prefigurado, até superado, nas matérias do "Dia-a-Dia", de 1892.

Na reportagem seguinte, de 10 de agosto, re-encontra-se o comentarista equilibrado e o jornalista experimentado. A abertura é digna de um texto jornalístico moderno. É objetiva e logo prende o leitor, conduzindo-o com facilidade pelos primeiros parágrafos: "Dizem os mais antigos habitantes da Bahia que nunca ela se revestiu da feição assumida nestes últimos dias". No parágrafo seguinte, igualmente breve para destacar a idéia, explica que "na velha cidade tradicional" a "quietude imperturbável desapareceu de todo. Modificaram-se hábitos arraigados e, violentamente sacudida na onda guerreira que irrompe do sul, transformou-se". Desta forma, o repórter enseja ao leitor o clima da guerra naqueles lugares e o predispõe para as informações que transmitirá, utilizando, então, o recurso do contraponto ao descrever os soldados que retornam "mutilados e combalidos"

24 - Como se verá, logo de imediato as reportagens de Canudos perdem este tom patriótico, até culminar, nas últimas matérias, com um ceticismo amargo e irremediável. Na última, por exemplo, de 12 de outubro, dirá que "sentia um desapontamento doloroso" e que acreditava "haver deixado muitas idéias, perdidas, naquela sanga maldita".

e as unidades que, "entusiastas e fortes", se apresentam para partir (25).

As duas reportagens citadas permitem uma antevisão do conjunto das matérias de Canudos enviadas por Euclides da Cunha ao "O Estado de São Paulo". Estes despachos, como se dizia então, compunham-se de telegramas, apenas a notícia, sem interpretação, acompanhando passo a passo o avançar da guerra e atendendo o fato urgente, e de "cartas", ou seja, textos interpretativos ou opinativos, reportagens. Os telegramas, datados desde 7 de agosto até 14 de outubro, são em número de cinquenta, dos quais sete trazem a rubrica "urgente". Onze foram transmitidos à base de dois por dia - sendo que em agosto chegou-se a três por dia. O intervalo médio entre eles foi de dois a três dias, explicando-se o intervalo maior, excepcionalmente de doze dias, em setembro, pela mudança de Euclides da Cunha para a frente de batalha, o morro da Favela, ponto mais avançado da guerra - ainda assim esta lacuna foi preenchida por três reportagens. Estas são em número de 28, datadas desde o dia 10 de agosto até o dia 1º de outubro de 1897, em intervalos regulares. O jornalista acrescentou uma matéria especial pa
25 - O comentário sobre às localidades submetidas aos efeitos da guerra é fundamental e realça, entre outras qualidades o jornalismo moderno, bastando exemplificar as matérias de Ernest Hemingway organizadas no Tempo de Viver - RJ, ed. Civilização Brasileira, 1969. Em Euclides da Cunha este traço será visto mais adiante nas reportagens enviadas do sertão, na medida em que se aproximava de Canudos. O "espaço da guerra" é uma categoria nova nos estudos históricos, conforme desenvolvida por Paul Virílio - vide o Guerra Pura: A Militarização do Cotidiano, São Paulo Ed. Brasiliense, 1984.

ra os paulistas à propósito da chegada do contingente de São Paulo, intitulada "O Batalhão São Paulo" e publicada em 26 de outubro.

Em Canudos, Euclides da Cunha teve de se adaptar às matérias rápidas, ao texto pronto no cumprimento da atualidade jornalística, "que distingue a notícia da informação histórica" (26). Precisamente esta resposta rápida à ocorrência do fato constituiu até então um embaraço para Euclides da Cunha, a ponto de persistir na lembrança de amigos. João Luso, companheiro de Euclides da Cunha na redação do "Jornal do Comércio", relata aversão daquele diante da notícia do momento. O futuro autor de "Os Sertões" angustiava-se na tentativa de redigir e destruir frase após frase, até, lança-las fora, insatisfeito (27).

Sílvio Rabelo, apoiando-se em depoimento de Plínio Barreto, conta que certa vez "O Estado de São Paulo" incumbiu Euclides da Cunha de cobrir um grande incêndio. Esperava-se que seu talento dramático desse dimensão especial ao texto. O repórter sentou-se e começou a escrever. Inútil; jogava fora sucessivas páginas em que tentava descrever o incêndio. A certa altura decistiu e, levantando-se, declarou a Júlio de Mesquita: "Ora, seu Mesquita, mandar-me fazer uma notícia de incêndio é o mesmo que mandar Turenne caçar tico-tico" (28). Afirmando que Euclides da Cunha só se ocupava de questões gerais, Tristão de Ataíde chegou a

26 - BELTRÃO, Luis, A Imprensa Informativa, São Paulo, Editor Folco Masucci, 1969, p. 82.

27 - LUSO, João, "Dominicais", in SAMPAIO, José Pereira (organizador), "Contrastes e Confrontos", 6ª ed., Porto (Portugal), Livraria Chardron, 1923.

28 - RABELO, Sílvio, ob. cit., p. 197.

negar que fosse um jornalista, entendo que jornalista é "o homem do concreto, como Euclides da Cunha, mas do concreto em sua singularidade e não em sua generalidade"(29).

As matérias de Canudos demonstram que Euclides da Cunha superou aquela dificuldade inicial com o texto rápido. Assim não fosse teria sucumbido diante do torvelinho da guerra. Mas respondeu ao ritmo dos acontecimentos com uma sucessão de telegramas e reportagens precisas, informativos e redigidos no estilo direto e objetivo. Algumas das matérias, inclusive as longas, como a de 1º de outubro, foram escritas no mesmo dia em que ocorriam os eventos reportados. Tendo em vista as características do estilo jornalístico da época, os dissabores no cumprimento do ofício em pleno desenrolar das batalhas e cotejando suas reportagens com as de seus colegas correspondentes em Canudos, verifica-se que Euclides da Cunha nada fica a dever. Ao contrário, era bem mais ágil na cobertura e no texto.

Mesmo no atropelo dos acontecimentos, enviava os telegramas de imediato, as vezes dois ou três por dia, evitando sempre a mera transcrição de ordens-do-dia e listas de mortos e feridos. É certo que chegava recorrer a estas transcrições na matéria de 14 de outubro, intitulada "Plano de Assalto", mas ainda assim distinguia-se dos demais, pois não transcrevia meramente, e sim fazia um relato indireto da batalha - que, além do mais era um acontecimento importante. Nada de listagens ou descrições periféricas. Até um bom repórter como Manuel Benício, do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, usou boa parte de seus despa

29 - Apud - ANDRADE, Olímpio de S., ob. cit., p. 83.

chos (os de agosto, por exemplo) na transcrição de exten sas relações de mortos e feridos, nome a nome, batalhão por batalhão, além de ordens-do-dia (30). Considerando os obstá culos levantados pelo próprio cerco militar de Canudos, com preende-se a dificuldade de captação da notícia e, sobretu do, da transmissão. E dificuldades até elementares, como a de encontrarem plena frente de batalha um "positivo", isto é, um mensageiro, que levasse a matéria ao telégrafo mais próximo, em Monte Santo. Estas circunstâncias, aliadas ao isolamento constante do "front" em relação ao restante da tropa, explicam os atrasos de notícias que a todos atormen tava, até aos próprios comandantes. Somente em 11 de setem bro o ministro-da-guerra recebia em Monte Santo a importan te notícia da derrubada das torres da igreja de Canudos, ocorrida no dia seis.

Nada mais, porém, impedia a cobertura jorna lística de Euclides da Cunha. Escrevia onde e como pudesse, mesmo à luz de vela, tendo um caixote de munição à guisa de mesa e, não raro, sob fogo. Na reportagem de 4 de setem bro, escrita em Tanquinho, dizia o jornalista: "São dez ho ras da noite. Traço rapidamente estas notas sob a ramagem opulenta de um juazeiro, enquanto, em torno, todo o acampa mento dorme". Ou esta outra, de 24 de setembro: "Escrevo ra pidamente estas linhas no meio do tumulto quase, enquanto a fuzilaria intensa sulca os ares a cem metros de distância". Na reportagem de 27 de setembro, relatava: "Com relativa como didade escrevo na mesa da farmácia anexa ao hospital mili tar. Em frente alevantam-se barracões repletos de feridos e

30 - Vide as matérias do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, em GALVÃO, Walnice N., ob. cit., capítulo IX.

doentes e cheios de lamentos mal abafados, de dores cruciantes. Sobre a cobertura de couro do casebre em que me acolho passam, sibilando, as balas".

Antes, porém, de viver estes momentos, Eu clides da Cunha teve de passar algum tempo em Salvador, de onde mandou algumas de suas melhores reportagens.

AS REPORTAGENS DE SALVADOR

"A 'poeira dos arquivos' de que muita gente fala sem nunca a ter visto ou sentido (...) levanto-a diariamente. E não tem sido improfícuo o esforço."

(Reportagem de Canudos, 21.8.1897)

Todo repórter conhece a vertigem do papel em branco, o desafio de registrar a primeira informação na lauda. O ritmo da redação é implacável. A atualidade deve ser mantida. Euclides da Cunha adaptou-se à sucessão vertiginosa dos fatos no torvelinho da guerra. Para ele, Canudos foi também uma ampliação do aprendizado do jornalismo. Na reportagem de 16 de agosto aludiu à urgência imposta à divulgação da notícia pelo fluir veloz dos acontecimentos, tornando mais agudo o compromisso com a atualidade: "Ora, todas essas versões já são velhas nesta quadra tormentosa em que uma hora tem um valor imenso..." Comentou o imprevisível da guerra sertaneja e, refletindo sobre a natureza do texto jornalístico, assinalou o alcance da matéria que preparava: "Que ao chegar aí esta (...) chegue também a nova da vitória, destruindo-a e impedindo sua publicação".

Foi inquieta a temporada que passou em Salvador, aguardando o momento da partida para a frente de luta. Às vésperas do início da viagem, ao anunciar que finalmente tomaria o trem que o poria a caminho de Canudos, Euclides da Cunha diria com indisfarçável alívio que "involuntariamente, fiquei retido, lutando com uma falta de informação extraordinária, que já deve ter sido percebida". Mas a leitura das reportagens de Salvador não permitem concluir que tenham sido uma espécie de compasso de espera, uma satisfação ao leitor até que se deslocasse para as posições avançadas da guerra. Constituem textos importantes no conjunto da cobertura do conflito sertanejo, na medida em que transmitem os primeiros dados concretos da guerra e registra as imagens diretas dos ecos das batalhas. Alargam o pe-

rímetro da conflagração, pois trata do complexo que circun-
dava o ponto nevrálgico de Canudos, um envoltório enorme
contaminado pela guerra. A capital bahiana era uma das li-
nhas concêntricas que recebia o impacto desencadeado do epi-
centro conselheirista. A viagem de Salvador até o arraial
jagunço era o suceder de escalas definitivas num crescendo
nervoso do "espaço da guerra". Nenhum outro correspondente
registrou o clima angustiante da periferia do conflito.

Esta primeira visão da guerra era diferente
das proclamações publicistas e das notícias falseadas em
São Paulo e no Rio de Janeiro. Euclides da Cunha entrevista-
va oficiais, soldados e prisioneiros que retornavam do
"front", comentando os antecêdentes e o desenrolar da campa-
nha. Colocava o leitor diante do elemento concreto da guer-
ra e esboçava suas dimensões, tão bem retratadas na descri-
ção do desembarque dos feridos na estação ferroviária de
Calçada. Expunha o caráter misterioso do conflito e os depoi-
mentos perplexos daqueles que, embora permanecendo longamen-
te na frente de luta, e apesar de feridos por tiros e por
armas brancas, jamais tinham visto um só inimigo vivo. O
evoluir da leitura das reportagens de Salvador mostra a dis-
solução discreta mas firme das concepções que o jornalista
levava e não resitiam seguir aos ecos das batalhas. Ainda
na capital bahiana, o próprio repórter dramaticamente denun-
ciaria os equívocos de que fôra vítima.

Não obstante o compreensível, e confessado,
desejo de partir logo para o sertão e transmitir as novas
dos combates, anunciando se possível a proximidade do fim
da luta, ainda assim Euclides da Cunha estava ciente do va-

lor das matérias de Salvador. Era muito cioso no envio da correspondência. Temeroso de extravios e atrasos, ia em pessoa depositar os despachos no correio. Na impossibilidade de fazê-lo, confiava o encargo somente a um dos dois primos que residiam na Bahia e na casa de quem ficou hospedado.

Muitos anos antes chegara a morar por breve tempo na casa destes parentes, que agora o acolhiam de novo. Mas então recebiam um repórter em plena agitação intelectual que passava a maior parte do tempo pelas ruas a cata de informações sobre a guerra. Adentrava a noite lendo e escrevendo, varava madrugadas intranquilas perambulando de um lado para outro, divagava em alta voz e gesticulava. Dormia na sala com os dois primos, quase meninos, e involuntariamente os assustava, pois tinham ouvido dizer que Euclides da Cunha era sonâmbulo (1).

Desde o início, sempre que possível enviava notícias referentes aos contingentes paulistas deslocados para o sertão. Antes da reportagem especial "O Batalhão Paulista", ainda na primeira matéria de Salvador, de 10 de agosto, Euclides da Cunha noticiava que esta unidade - "que deixou belíssima impressão" - já chegara a Queimadas e preparava-se para seguir em direção ao morro da Favela.

Na verdade, mal chegara e começara os despachos telegráficos, noticiando os fatos mais importantes do momento. O telegrama de 8 de agosto descrevia as providências iniciadas pelo ministro-da-guerra, "tomadas com urgência e ordem", informava sobre os hospitais, alguns improvisados, e noticiava a visita do governador Luis Vianna ao

1 - RABELO, Silvío, ob. cit., p. 138.

general Savaget, comandante da segunda coluna, que, ferido, voltara para Salvador. Se esta visita por si mesma era importante, maior significado tinha quando consideradas as suspeitas de omissão do governo estadual no trato das origens da guerra. Era uma acusação lançada por adversários políticos.

Seguem-se os telegramas, informando sobre a chegada dos acadêmicos de medicina a Canudos; sobre a criação de novas enfermarias, assim sugerindo o porte das baixas e a gravidade do conflito; sobre a partida e chegada de novos batalhões, permitindo supor a amplitude das manobras; a aclamação pública de Savaget, que corroborava a visita do governador; a derrubada das torres da igreja velha de Canudos, fato de relevo que chegava da frente de luta, pois ali escondiam-se mortíferos franco-atiradores e era símbolo da resistência conselheirista.

Os telegramas, breves conforme sua natureza, claro está, poderiam ensejar o erro de concluir que possuíam uma densidade informativa menor. As rápidas indicações acima já demonstram a relevância das notícias, tais como a visita de Luis Vianna a Savaget e a aclamação pública do general. Principalmente, Euclides da Cunha sabia transmitir uma notícia de impacto através de uma frase, de uma expressão. No primeiro telegrama, o de oito de agosto, diz tudo, escrevendo, somente, que no combate de 18 de julho os soldados lutaram das quatro horas da manhã até as oito da noite sem beber água. No telegrama do dia nove de agosto, diz que "os oficiais feridos nos últimos combates relatam erros de tática de ordem tão grave que só devem ser expos

tos depois de investigações ulteriores e sérias". No telegrama de 22 de agosto apontava dissensões entre os que lutavam lado a lado, informando que estudante de medicina que haviam ido para Canudos retiravam-se de lá devido "ao péssimo acolhimento que lhes fez o chefe do serviço sanitário" - aquela autoridade não lhes garantira "sequer alimentação". Esta notícia sobre os acadêmicos de medicina está um pouco desajustada, talvez porque Euclides da Cunha ainda não estivesse pessoalmente assistindo os fatos na frente de batalha. Este conflito não seria retomado em nenhuma outra matéria e nem consta, apesar de importante, no "Os Sertões". Sabe-se, porém, que a vanguarda da tropa encontrava enorme dificuldade de abastecimento. Faltava comida até para os feridos, segundo relata o repórter Manuel Benício no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro. Citando nominalmente as testemunhas, Manuel Benício conta que ele mesmo viu um soldado nú da cintura paracima sair do hospital de campanha e ficar perambulando pelo campo. Interpelado pelo repórter, respondeu "vou para minha companhia", pois "estou morrendo de fome e sede e ninguém me acode" (2).

Em Salvador, Euclides da Cunha ainda tinha que admitir as informações que encontrava. A verdadeira dimensão da guerra que ali entreviu aparece com grande força na descrição dos hospitais armados na capital bahiana. Dramática é a descrição dos feridos desembarcados em Calçada, retrato vivo da guerra que transmitia ao leitor do centro-sul. Dirimia qualquer dúvida quanto à credibilidade das no-

2 - Vide as matérias do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, in GALVÃO, Walnice N., ob. cit., p. 248.

tícias que enviava, esclarecendo-o com expressões do tipo "percorri-os a todos" (os hospitais), "um quadro sobrehumano, que não exagero", "acabo de assistir". Referindo-se à procissão de feridos que se deslocava à pé da estação ferroviária até o hospital, acrescentava: "desvio o olhar do quadro sobrehumano e passa enfim o último sacrificado". Procurava reproduzir pelas palavras a cena que assistia, como que tentando suprir pelo verbo a ausência de uma máquina fotográfica. Imagens poderosas, muitas lembrando as pinturas heróicas dos classicistas e dos românticos. Assim é a descrição da visita do general Savaget a um dos hospitais, que evoca a pintura de Francisco Renato Moreaux retratando a visita de D. Pedro II a uma enfermaria: "homens quase que absolutamente depauperados e exangues, nas fronteiras da morte, agitaram-se nos leitos; ergueram-se alguns, quase; os braços até então imóveis alevantaram-se convulsivamente, em gestos entusiásticos; bocas que não falavam rugiram saudações viris; afogaram-se em lágrimas olhos incendiados de febre e relampaguearam, fugazes, num repentino rutilar de lâmpadas que se apagam, olhos amortecidos de moribundos..." Palavras que apelam para a imaginação; cenas que confrontam o leitor com a realidade.

Neste sentido, é exemplar a reportagem de 12 de agosto, na qual relata a chegada de uma leva de oitenta feridos. Para descrever a cena, Euclides da Cunha recorre à pintura clássica, referindo-se a um "quadro indefinível com o qual se harmonizariam admiravelmente o gênio sombrio e o pincel funéreo de Rembrandt". O trem de feridos pára. Dele saem "arrastando-se vagorosamente uns, amparados ou

tros e carregados alguns", enquanto emudece a multidão, "es pontaneamente, abrindo alas à passagem do heroísmo infeliz". Os soldados chegam "num estado miserando - relembrando antes turmas extenuadas de 'retirantes' do que restos, desmantelados embora, de um exército". Neles "dificilmente se distingue uma farda despedaçada e incolor: calças que não descem além dos joelhos, reduzidas a tangas, rotas, esburacadas, rendilhadas pela miséria; camisas em farrapos..." Reforça a descrição pelo contraste, típico de Euclides da Cunha - "estes heróis" formam "uma procissão dantesca de duendes (...) coxeando, arrastando-se penosamente, trôpegos, com balidos, titubeantes, imprestáveis - trágicos candidatos à invalidez e à morte..."

Mesmo distante da frente de combate, a sensibilidade de repórter levou Euclides da Cunha à coleta de dados para matérias que, se não foram "furos", primaram pelo ineditismo ao fornecerem ao leitor um ângulo novo e vivo de eventos eletrizantes. É o caso da reportagem de 18 de agosto, uma das poucas intituladas - "Um Episódio da Luta" - calcada, certamente, em depoimentos dos que combateram no alto do morro da Favela. Conta o ataque liderado por Joaquim Macambira, filho de um dos célebres chefes conselheiristas, contra o canhão Krupp levado pela quarta expedição e sintomaticamente apelidado "matadeira" pelos sertanejos. O assalto fôra heróico, mas temerário e ingênuo, pois o grupo pretendia quebrar o canhão com uma barra de ferro. Euclides da Cunha relataria o mesmo episódio em "Os Sertões". Sendo imaginosa, a descrição do ataque fere a integridade do texto jornalístico. Mas aborda um fato real. Hoje, um repórter

relataria a cena e colocaria as palavras entre aspas, na boca de entrevistados. Mesmo assim, a dramatização é colorida e minuciosa, como se Euclides da Cunha a tivesse assistido. Mas não se conclua que fosse desonestidade do repórter - Euclides da Cunha não era tolo para dizer que estava onde todos sabiam que não estava. Ao contrário, ao invés de colocar aspas no relato, o jornalista preferiu esclarecer que "estas e outras histórias, contam-nas, aqui, os soldados, colaboradores inconsciente das lendas que envolverão mais tarde esta campanha crudelíssima".

Vale o enfoque novo. O mesmo ineditismo se encontra na reportagem de 19 de agosto, que disserta sobre as condições existentes no interior do arraial de Canudos. Após entrevistar um jagunço adolescente, trazido da frente pelo coronel Silva Teles, o jornalista inicia o relato. Descreveu o jovem, que se chamava Agostinho e tinha 14 anos, e que "responde com vivacidade e segurança todas as perguntas". Agostinho informou que João Abade, o braço direito de Antonio Conselheiro, chefiara o combate de Uauá (3), e seu provável substituto, Pajeú, "barulhento e tempestuoso", já morreria. No arraial havia um comércio de propriedade de Vila Nova, "dono das melhores casas de negócios (...) riquíssimo e procurando agora uma função predominante", segundo esclarecia o jornalista. Desta forma mostrava que Canudos era mais que um vilarejo fortificado, como, aliás, demonstraria

3 - O combate de Uauá foi o primeiro choque de peso entre os conselheirista e uma força do governo. Esta, chefiada pelo Tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, do 9º batalhão de infantaria, foi destruída na cidade de Uauá no dia 21 de novembro de 1896. Euclides da Cunha relata o episódio no Os Sertões, referência citada, p. 204 ss.

depois em "Os Sertões", após visitar pessoalmente a cidade conquistada.

A reportagem prossegue fornecendo o perfil dos principais chefes do Conselheiro, alguns de modo até pitoresco, de acordo com as informações de Agostinho. Macambira (o pai) "era de uma covardia imensa; as próprias mulheres não o temem", mas era "inteligentíssimo e artiloso (...) ninguém (...) prepara melhor uma cilada". Manuel Quadrado, responsável pela cura dos doentes, "mercê de uma farmacopéia rudimentar; conhecedor de todas as folhas e raízes benéficas, vivendo isolado num investigar perene, pelas drogarias inexauríveis e primitivas das matas". O perfil destes líderes e a descrição da distribuição de funções no arraial mostravam que Canudos tinha uma organização que desmentia a crença que o concebia como um bando de criminosos.

Esta matéria de 19 de agosto está entre as melhores reportagens que Euclides da Cunha mandou de Salvador. Elucidava alguns fatos sobre o comportamento dos jagunços, e do próprio Antonio Conselheiro. Seu domínio "é de fato absoluto" e de sua atenção não escapa nada do que ocorre na cidade. Nenhuma de suas ordens é ignorada. As mulheres que desrespeitavam a discreção sexual eram castigadas. O mesmo acontecia com as viúvas, em grande número após as fortes baixas que sobrevieram depois de Uauá, que "esqueceram-se, cedo, escandalosamente, dos esposos mortos". Eram açoitadas e "expulsas do arraial". A bebida alcoólica era rigorosamente interdita, e quando, em certa ocasião, apareceu por lá um cargueiro transportando aguardente, o tropeiro tudo perdeu, pois "os doze barris foram esvaziados em praça

pública, derramando-se pelo solo o líquido condenado". Em Canudos quase não havia trabalhos agrícolas; o abastecimento vinha de fora, de Monte Santo e até de Geremoabo, mais distante. O rebanho, contudo, era numeroso e consistia praticamente só de bodes, "em número quase incalculável" e vivendo em estado selvagem pelas cercanias.

Apesar da chefia teocrática de Antonio Conselheiro, e a despeito da guerra, as obrigações sagradas eram cumpridas o mais de acordo possível, com sacerdote devidamente ordenado. O vigário de Cumbe aparecia por ali a cada quinze dias para rezar a missa, casar e batizar. Estava, entretanto, proibido de fazer o sermão.

Estes fatos relevantes da vida de Canudos - um relato que transcendia a mera operação de tropas e conferia ao conflito uma dimensão inteiramente inédita - não é encontrada em nenhuma outra reportagem da época. Esta matéria de Euclides da Cunha, e outras também de sua autoria, constitui uma peça importante até os dias atuais. Seguramente o jornalista sabia da relevância em relatar o dia-a-dia de Canudos, tanto é que deixou para o fim desta reportagem de 19 de agosto, e em espaço bem menor, as informações acerca dos recursos bélicos dos conselheiristas. No momento, não era o potencial de fogo dos jagunços um fato novo para noticiar. Mas também não desprezaria este dado, que, segundo muitos, em termos imediatos, era o mais elucidativo. O jornalista soube utilizá-lo sem equacioná-lo à mera operação militar, mas esclarecendo a origem das armas e munições obtidas pelos jagunços dos despojos da expedição Moreira Cesar. Ou seja, não provinham de monarquistas ou de for

necimentos de países estrangeiros.

Conclui-se que, para Euclides da Cunha, a atualidade não se confundia com a superficialidade. Mesmo lutando com a carência de informações precisas sobre o andamento dos combates e a despeito da precariedade das fontes, o jornalista procurou as informações que pudessem conduzi-lo aos objetivos que o levaram a Canudos, de acordo com a linha editorial que de bom grado aceitara e ajudara a traçar. Na cobertura do conflito e no afã de iluminar suas origens, dirigiu-se aos arquivos públicos, onde encontrou os mais antigos registros sobre a presença de Antonio Conselheiro naquelas paragens. Documentos que na época eram excelentes subsídios para a cobertura da guerra, na medida em que propiciavam ao leitor uma visão mais profunda dos trágicos eventos sertanejos. Hoje constituem material de investigação histórica. (4). Euclides da Cunha encontrou o exemplar de um pequeno jornal editado na cidade de São Felix de Paraguaçu, o "Pátria", número 38, de 20 de maio de 1894, que, numa matéria intitulada "Ainda o Conselheiro", falava da presença de Antonio Maciel naqueles sertões. Comentava a carta de um negociante de Monte Santo, na qual o missivista manifestava temor diante do crescente número de adeptos do Conselheiro e denunciava a transformação de Canudos no Império de Belo Monte. Euclides da Cunha deu à público esta descoberta na reportagem de 21 de agosto. E não ficou por aí. Na reportagem seguinte, de 23 de agosto, dava à luz outro documento retirado da poeira dos arquivos. Tratava-se do

4 - Apesar da diferença entre a natureza do trabalho do jornalista e do ofício do historiador, há entre ambas as atividades semelhanças notáveis.

livro "Descrições Práticas da Província da Bahia", de 1882, escrito pelo tenente-coronel Durval Vieira de Aguiar, inspetor dos destacamentos policiais, que conhecera Antonio Maciel em Monte Santo e discorria sobre sua personalidade.

Sob a pena do jornalista esboçava-se o perfil do Conselheiro. E era uma personalidade bem diversa da figuração corrente, caricatural e vexatória. Na reportagem de 23 de agosto, em primeira mão, transmitia ao leitor a figura deste "homem extraordinário", situando-o no universo cultural que o nutria e que nele encontrava seu expoente mais preciso. Alertava contra a "singular teimosia" em interpretar Antonio Coselheiro como "simples mediocridade agitada ou maníaco imbecil" - "considerá-lo um fanático vulgar é de algum modo enobrecê-lo". Na verdade, é um "grande homem pelo avesso", não se perde na "mediocridade coletiva" e "entrará para a história - pela porta escura". O polêmico líder era uma "alma que num outro meio talvez vibrasse no lirismo religioso de Savonarola, ou qualquer outro místico arrebatado numa idealização imensa". Indagava-se qual "diferença existe entre ele e os grandes 'meneurs de peuples'", e responde: "Um meio mais resumido e um cenário mais estreito apenas". E concluiu com uma resolução ímpar para a época: "Se recuássemos alguns séculos e o sertão de Canudos tivesse a amplitude da Arábia, porque razão não acreditar que o seu nome pudesse aparecer, hoje, dentro de um capítulo fulgurante de Thomas Carlyle?".

Antonio Conselheiro, segundo a reportagem de 15 de agosto, encarnava o conflito de Canudos. Este era "apenas sintomático", em nada "resumido numa aldeia perdida nos

sertões". Era fenômeno antiquíssimo e aquele líder messiânico "não mente quando diz que é um ressuscitado porque é um notável exemplo da retroatividade atávica e no seu misticismo interessante de doente grave ressurgem, intactos, todos os erros e superstições que o precederam, deixando-lhe o espantoso legado". Antonio Conselheiro "acredita que não morre porque pressente, por uma intuição instintiva, que em seu corpo fragílimo de evangelizador exausto dos sertões se concentram as almas todas de uma sociedade obscura, que tem representante em todos os pontos da nossa terra". Este beato "permaneceu em vida latente longo tempo e devia aparecer naturalmente, logicamente quase, ante uma situação social mais elevada e brilhante, definida pela nova forma política como essas sementes guardadas há quatro mil anos no seio sombrio das pirâmides, desde os tempos faraônicos, e germinando espontaneamente agora, quando expostas à luz".

Este retrato que Euclides da Cunha traça de Antonio Conselheiro desfaz a divulgação apressada que pretende entender o autor de "Os Sertões" como um escritor de idéias preconcebidas acerca do líder de Canudos. Na época, as reportagens de 15 e de 23 de agosto, em frases decididas, conforme o estilo do jornalista, tentavam desfazer as concepções correntes sobre o Conselheiro. Se é possível assinalar certo entusiasmo ao colocá-lo junto com Savonarola ou como personalidade de algum "capítulo fulgurante" de Carlyle sobre a Arábia - Maomé, talvez? - também há de se convir que ajustava aquele "grande homem pelo avesso" à configuração trágica do sertão. Ou como diria na matéria do dia 15, "arrasta a multidão, contrita e dominada, não porque a domi

ne, mas porque é o seu produto natural mais completo" - "É inimigo da República não porque lhe explorem a imaginação mórbida e extravagante de grande transviado, mas porque o encaixam o fanatismo e o erro".

Observa-se que as reportagens de Salvador, já estas, anteriores à presença pessoal do repórter na frente de luta, destoam do conjunto da cobertura de outros periódicos. O que mais se destaca nas matérias de Euclides da Cunha é o pouco que dedicou ao viés monarquista do conflito e às operações essencialmente militares. O jornalista optou por se movimentar na instância cultural, realçando a defasagem entre a civilização erguida no litoral e as populações retiradas dos ermos sertanejos. É o corte que perpassa por quase todas as suas reportagens e já antevisto nos dois artigos "A Nossa Vendéia" (5).

Este divórcio ficou admiravelmente exposto na excelente reportagem de 15 de agosto. Em Canudos, dizia, "não se trata de defender o solo da pátria do inimigo estrangeiro, a luta tem uma significação mais alta e terá resultados mais duradouros". Note que esta era a angústia de Euclides da Cunha e a admissão de que se tratava de uma guerra civil (6). Privilegiou o fator cultural: "Porque - consideremos o fato sob o seu aspecto real - o que está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: - é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em supers

5 - Em que pese, compreensivelmente, a presença, nestes artigos, do componente monárquico.

6 - No "Os Sertões" iria sugerir genocídio.

tições estranhas, a nossa compreensão estreita da pátria, mal esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos 'jagunços'..." Euclides da Cunha tinha uma consciência muito sensível das implicações daquela guerra civil e, sem ceder à desesperança, tentava investir no futuro a solução para a qual, no momento, todos eram impotentes, ao mesmo tempo em que, aparentemente, procurava lembrar os homens do governo de que eram todos brasileiros: "ao voltarem amanhã, uma aliança mais firme dirimirá talvez a distância entre o sul e o norte, tornará com certeza mais harmônicos os variados fatores da nossa nacionalidade". Insistia neste ponto: "Os que governam reconhecerão os inconvenientes que resultam, de um lado dessa insciência deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior, de todo desconhecidas muitas, e, de outro, o abatimento intelectual em que jazem os que as habitam". Para ele, o atraso mental era "um inimigo permanente". Por isto exigia "que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será, no caso vertente, o verdadeiro vencedor: o mestre escola".

Considerando o clima político da época, que determinava otimismo em relação à ação das forças do governo e desmoralização dos rebeldes, compreende-se a coragem de Euclides da Cunha. E era uma posição decidida logo na chegada a Salvador, quando iniciou de pronto a crítica ao

encaminhamento da guerra. Apoiava-se, com certeza, na sua formação militar, mas não se restringiu à mera avaliação da estratégia, e sim estendeu os comentários ao questionamento da competência mesma das tropas federais. Na matéria do dia 10 de agosto, a segunda das reportagens de Canudos, publicou sérias acusações, baseando-se no depoimento de oficiais que retornavam do "front" - "todos os oficiais que inquiri acordam confirmando dois graves erros..." Assinala os eventos ocorridos no decorrer da marcha da quarta expedição até o cerco estreito que realizou e que acabou por vitimá-la: "completamente desarmada, debaixo das balas do inimigo, fulminada, presa num círculo de ferro e de fogo...." Denunciou o otimismo descabido de um exército que avançava "como se marchasse para a vitória infalível", resultando deixar desguarnecido, após rápido combate, o comboio de munições, o qual, abandonado na retaguarda, "era assaltado e facilmente tomado". Isolada a primeira coluna, e com ela o comandante-em-chefe da expedição, decorreu o desmantelamento dos planos iniciais que previam o envolvimento da cidade numa manobra de pinças executada pelas duas colunas. Para salvar a primeira, inteiramente acuada tão logo chegara ao destino, a segunda coluna teve de abandonar "admirável posição estratégica arduamente conquistada, anulando todo o esforço despendido na travessia histórica de Cocorobó..."

Mais uma vez, Euclides da Cunha assinalou a resistência feroz dos conselheiristas e sua perfeita adaptação ao tipo de luta e à feição do terreno. Ressaltava a habilidade do jagunço e o heroísmo do sertanejo. Pormenorizaria estas táticas em "Os Sertões", tal como as abordara nos

"A Nossa Vendéia". Na reportagem do dia 10, citando fontes que entrevistou, dizia que "quatro ou seis 'jagunços' faziam estacar perturbando um batalhão inteiro", uma vez que as tropas, "ao atravessarem a estrada ladeada de catingas, em cujo seio fervilhavam espinhos de mandacarús e chique-chique", eram envolvidas por um tiroteio mortífero, "sem poderem saber sequer qual a direção do ataque".

Na matéria do dia 12 de agosto, afirmava que o maior equívoco do comando era o de não fazer "uma guerra, subordinada a preceitos invioláveis - fez-se uma diligência policial com oito mil homens". Os soldados ficaram abandonados no deserto, inteiramente desprovidos de recursos, de modo que, "afirmam-no, contestes, testemunhas insuspeitas; a aspiração predominante no momento, dos vencedores, ao penetrarem as casas da zona conquistada, indiferente ao inimigo que acaso dentro delas armasse as últimas trincheiras - era encontrar uma bilha d'água e um punhado de farinha!"(7).

É certo que a crítica de Euclides da Cunha referia-se a circunstâncias recém ocorridas na quarta expedição. Este tom pretérito reforçava a crença generalizada de que a presença do ministro-da-guerra inauguraria uma nova fase, solucionando os empecilhos para o desenlace da guerra. Naturalmente, por outro lado, o repórter não ficaria imune à expectativa geral. Daí pensar que "a situação é porém, hoje muito diversa", ou dizer que "o sacrifício feito pela República não irá além", e ainda que "para os que conhecem a situação, a campanha, prestes a findar, não fará mais vítimas". O ministro empreendia "as providências inúmeras, urgentes e seguras", que "têm tendido todas para a remoção de

7 - Presente-se na composição desta matéria trechos de "Os Sertões".

inconvenientes sérios".

É visível a oscilação de Euclides da Cunha no que respeita a avaliação das reais circunstâncias militares da campanha. O repórter ouvia depoimentos diferentes e, ainda longe da cena dos eventos, parecia incapaz de decidir se, de início, por uma conclusão. Na própria reportagem de 10 de agosto, ao lado da crítica, acerba mas justa, da condução da guerra, ressaltava as perspectivas favoráveis alentadas pela chegada do ministro Bittencourt. Por isto a parte final da reportagem do dia 10 é cheia de otimismo. Mas o repórter dá a origem desta crença: "A opinião geral, entre os combatentes que voltam, é que estamos no epílogo da luta". E conclui a matéria, repetindo que "está prestes a findar a dolorosíssima campanha". E na reportagem seguinte, de 12 de agosto, dizia que o conflito adquiria a feição "de resultados positivos, que se traduzirão em próxima vitória ainda quando, o que não é provável, revivesse o inimigo com a primitiva pujança". No mesmo dia, despachou um telegrama com a rubrica "urgente", no qual noticiava que "os jagunços estão encurralados no arraial, sob forte bombardeio" e que "acredita-se próximo o desenlace da luta". No telegrama do dia 15 de agosto foi categórico: "A vitória é infalível e próxima". Entretanto, uma leitura atenta apontará uma ressalva: "ainda quando, o que não é provável, revivesse o inimigo com a primitiva pujança" - este era o ponto importante, pois se não era provável, era possível e acabou ocorrendo, como Euclides da Cunha sublinharia pouco depois diante do prolongar insuspeitado da guerra.

Seria, contudo, subestimar Euclides da Cunha a suposição de que estas afirmações esperançosas estivessem anulando a dúvida saudável que sempre o acompanhava. Não há uma idéia de Euclides da Cunha que não seja seguida de ressalva. Insistindo na reportagem do dia 10, acrescentava, após os ânimos promissores ensejados pelo ministro-da-guerra, que "o imprevisto tem exercido sobre a nossa existência política uma ação tão persistente que deve entrar como elemento preponderante em todas as combinações; é preciso contar com ele; é preciso esperar - o inesperado..."

Antevisões da inteligência e do bom senso. Imediatamente Euclides da Cunha perceberia que a situação da campanha era outra, bem diferente do que lhe diziam seus entrevistados. Pagou caro por transmitir o otimismo prematuro da "opinião geral" e diante de fatos insofismáveis teve de se desdizer na reportagem de 16 de agosto, a sexta matéria de Canudos e a quinta reportagem de Salvador. É um texto doloroso, mas de sinceridade comovente e de honestidade profissional ímpar. O repórter se redimia perante o leitor por divulgar informações incompatíveis com a realidade, o que confere à matéria a qualidade de uma peça jornalística exemplar, digna de ser examinada pelos estudiosos. Alerta sobre as armadilhas que espreitam o repórter e lembra a necessária cautela com as fontes e a necessidade de conferir exaustivamente as informações colhidas. Era mais uma lição no aprendizado de Euclides da Cunha jornalista.

Explicava inicialmente que "ao chegar aqui e assaltado por impressões novas e variadas, perturbadoras de um juízo seguro, acredito, às vezes, que avaliei imper

feitamente a situação e dominado talvez pela opinião geral entre os que voltavam de Canudos disse também com eles: es tá quase terminada a luta e não fará mais vítimas". Admitia que se deixara iludir pelas fontes, "homens da maior responsabilidade, que por excusado me permito não citar, afirmaram-me categoricamente, convictos, que na povoação não existiam, talvez, duzentos rebeldes, diminuídos além disto cotidianamente pela fuga todas as noites, através da estrada franca do Cambaio e pelos estragos de um bombardeio persistente". Que fontes seriam estas? Não é impossível identificar algumas - no telegrama do dia 7 de agosto, Euclides da Cunha noticiava: "Entrevistei também o bravo militar Savaget que me afirmou não existirem em Canudos mais de duzentos homens no reduto conselheirista. O general Savaget disse-me que a vitória é próxima e segura". E não apenas "hõmens de maior responsabilidade", esclarecia o jornalista, mas o afirmavam igualmente "outros testemunhas de vista" que garantiam que "nos combates subsequentes à grande batalha de 18 de julho, foram vistos, os 'jagunços', desmoralizados e acovardados, a ponto de pelejarem entre dois adversários - os soldados pela frente e os chefes pela retaguarda levando os, tangidos a bastonadas, ao combate não desejado". O repórter pedia, numa frase-parágrafo, a compreensão dos leitores: "Há muitos testemunhos oculares deste fato, definidor do máximo desânimo entre os fanáticos".

Também entre os jagunços, esclarecia, obtinam-se idênticos depoimentos - "por outro lado, prisioneiros de ambos os sexos, concordam em afirmar um fato que patenteia um começo de discórdia: o Conselheiro quis ceder ren

dendo-se e foi tenazmente impedido por Vila Nova, espécie de chefe temporal da grei rebelada". Não bastassem os depoimentos, a condição física dos prisioneiros falava por si, "a miséria a mais profunda e a fome refletida nos corpos quase inanidos, carcassas quase vazias dos prisioneiros feitos.."

Ponderava, então, sobre os imprevistos do trabalho do repórter, principalmente quando cobre fatos em sucessão vertiginosa: "Ora, todas essas versões já são velhas nesta quadra tormentosa em que uma hora tem um valor imenso..."

Equilibrado, Euclides da Cunha reconhecia, entretanto, que não se poderia atribuir às fontes a inteira responsabilidade das notícias escorregadias. O fato, dizia, era que havia uma grande complexidade em torno de Canudos, de tal modo que "procurar-se a verdade neste torvelinho é impor-se a tarefa estéril e fatigante de Sísifo". Assim, "acresce mais que, se ainda ontem, unânimes, oficiais distintíssimos afirmavam-me que a povoação estava quase que toda abandonada e destruída - hoje distintíssimos oficiais, recém-vindos; cujos nomes poderei citar, afirmam que ela ainda tem muita gente, perfeitamente municuada e apta para longa e tenaz resistência". E, cauteloso, Euclides da Cunha adianta que era o testemunho não só de oficiais, como dos "próprios soldados, rudes homens sinceros, despeados das paixões que atuam num plano superior da vida, não acordam muitas vezes no que afirmam". É possível presumir aí uma desconfiança com os oficiais, que tinham a obrigação do otimismo.

Antes de partir para Canudos, Euclides da Cunha já se referira ao "mistério" de Canudos - e voltaria a fazê-lo em "Os Sertões". E foi a este "mistério" que dirigiu a atenção na reportagem de 16 de agosto, confirmando a "tarefa estéril e fatigante de Sísifo". Deteve-se na atmosfera fantasmagórica do cerco, dizendo que "muitos lá estiveram desde as primeiras expedições e confessam ingenuamente, lealmente, nunca viram o inimigo senão depois de morto, nunca o viram frente a frente, braço a braço, na refrega do combate, não o conhecem absolutamente, não sabem quantos existem". As interrogações "avultam em meu espírito desde o dia em que procurando tirar uma média das opiniões que aqui circulam não o consegui e depreendi que grande parte dos que voltam daquelas paragens, desconhece a situação tanto quanto os que lá não foram".

Sem minimizar o equívoco das fontes pelas quais se deixou apanhar, Euclides da Cunha sobrepuja a elas a complexidade da campanha, um fenômeno de resistência que até hoje confunde os especialistas. E ainda mais porque o jornalista compreendia que começava a perceber a profundidade alcançada pela guerra messiânica. Em comparação à maioria de seus contemporâneos, há de se conferir a Euclides da Cunha o mérito de ter entendido, ainda antes de adentrar pelos ermos conflagrados, que ali se desenrolava um drama cuja natureza era estranha. Além disto, admitia os equívocos e não eludia a crítica à ação do comando das forças federais. Mais valoriza as reportagens de Euclides da Cunha a percepção de que em Canudos confrontavam-se duas culturas que jamais se haviam conhecido e que no primeiro en

contro persistiam a incompreensão e a violência.

Não se pode compartilhar do rigor de Euclides da Cunha consigo mesmo. Se informações prematuras foram transmitidas nos primeiros dias, estas mesmas matérias insistem nas ressalvas assinaladas. Na mesma data da reportagem de 16 de agosto, divisor das águas no conjunto das matérias de Canudos, o repórter despachou dois telegramas que acentuavam o ceticismo. Num, sublinhava a gravidade da situação, haja visto "a entrada constante de feridos, cujo número cresce extraordinariamente", exigindo "providências urgentes para localizá-los, vesti-los e tratá-los". Noutro levanta uma expressão que de ora em diante usaria mais: boatos - "Esta notícia carece de confirmação./É talvez mais um boato e nada mais". Entretanto, já bem antes, no telegrama de 9 de agosto, fôra incisivo: "os oficiais feridos nos últimos combates relatam erros de tática de ordem tão grave que só devem ser expostos depois de investigações ulteriores e sérias". Ora, não são mero adendos estas informações diretas e despidas de qualquer comentário. São anotações breves e oportunas que precisam ser interpretadas nas circunstâncias que prevaleciam. Em certas ocasiões, a informação transmitida era o contrário da maneira como a notícia fôra redigida - no telegrama do dia 8 de agosto (que, aliás, antecedia a dura acusação do citado telegrama do dia 9), o que parecia ser uma defesa de Arthur Oscar, era a insistência do que a ele se atribuía: "são precipitadas quaisquer apreciações sobre erros atribuídos ao general Arthur Oscar, assim como os comentários sobre as operações que têm sido feitos". Vista esta nota no conjunto, confirma-se a conclusão que enseja.

Confessada a certeza de que, por mais honrosas que fossem, as fontes não mereciam crédito integral, Euclides da Cunha passou a analisá-las uma a uma, ao invés de simplesmente cotejá-las. É um ponto importante do jornalismo interpretativo - nem sempre basta apresentar os dois lados da questão. Além disto, a melhor arma do jornalista é a inteligência (8).

Como se vê, foi muito fértil a época em que Euclides da Cunha passou em Salvador. A pesquisa realizada sobre a figura de Antonio Conselheiro foi com certeza o fato jornalístico mais relevante no conjunto das informações da guerra até então noticiada. Além disto, a pesquisa empreendida por Euclides da Cunha nos arquivos destacam-na da imprensa representada em Canudos. Embora afastado do centro de conflito, supriu o leitor com informações raras ou inexistentes, dando uma dimensão especial ao fato. Somente outro entre os correspondentes em Canudos ampliou o noticiário para além dos eventos militares, embora de modo distinto. Foi Favila Nunes da "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro (9). Este repórter, ao invés de ficar em Salvador aguardar

8 - É evidente que não confundo inteligência com partidarismo, mesmo quando este aparece sob o eufemismo de "inclinações" ou "simpatias".

9 - Favila Nunes chegou a preparar um livro jamais publicado sobre a guerra e que se chamaria "Episódios d'A Guerra de Canudos". Já Manuel Benício, do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, publicou "O Rei dos Jagunços", pela Tipografia Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1899 - in ANDRADE, Olímpio de Souza, ob. cit., ps. 288 e 290.

dando a chegada de notícias, logo adentrou pelos sertões, e já em começos de agosto mandava notícias assinadas de Queimadas (10). Enquanto Euclides da Cunha redimensionava o conflito, desvendando suas origens e comentando os ecos da guerra, Favila Nunes optou pelo lado político, entrevistando Luis Vianna e, na cidade de Senhor do Bonfim, o adversário político do governador, "coronel" José Gonçalves. Mostrava, assim, a opinião de duas correntes opostas em matérias de excelente qualidade que hoje interessam ao historiador (11). Levanta questões graves sobre o comportamento da administração estadual em relação a Canudos, destacando os desentendimentos por ocasião da preparação da expedição do major Febrônio de Brito. Acusações de conivências, de envolvimento dos "coronéis". A polêmica, provavelmente bastante difundida na época, feria um dos nervos mais sensíveis expostos por Canudos: a presença de tropas federais no Estado. É conhecido o zelo federalista nos primeiros tempos da República. Embora não se possa falar de intervenção federal na Bahia, era fato que se instalara no Estado um numeroso e bem armado contingente federal. Mesmo a contragosto, a Bahia abrigava um inexpugnável reduto rebelde que se auto-denominava monárquico, e isto em pleno rescaldo das guerras do sul e da Revolta da Armada. Além do mais, acusava-se o governo estadual de ser o responsável, mesmo que de modo indireto pelo

10 - Vide as matérias do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro in GALVÃO, W.N., ob. cit.

11 - Estas entrevistas, de 24 de julho e de 14 de agosto, respectivamente, interessam por transmitirem o clima da política local perante o conflito que eclodira no interior do Estado.

crescimento do núcleo insurrecto e, sobretudo, pelo fracasso da expedição Febrônio de Brito. Era pública a controvérsia entre o major Febrônio e o governador e as rivalidades entre este e o comandante militar da região, o general Solon (12). O clima era de suspeita muda e da cizânia.

O tema aguarda historiador (13). Canudos era obsessão justificada. Por um lado, temia-se que se difundisse o exemplo. Por outro, tinha-se como certo o espraio do arraial em outras "posições de primeira ordem e defensáveis", já guarnecidas nas vertentes do Caipã e nos cerros da Várzea da Ema (14). Mais que uma obsessão, entretanto, Canudos inscrevia-se num contexto largo. Na época, a República não se sentia segura diante da chamada "ameaça monarquista", mas não se poderia crer que os grupos republicanos se sentissem mais seguros entre si. Preparavam, como se sabe, golpes e contra-golpes. Há pouco terminara a guerra no sul e a Revolta da Armada, mas persistiam latentes outros focos de rebeldia. Tal clima presidia as relações entre os Estados e a Federação, tornando aguda a possibilidade de intervenção e a integridade do federalismo.

A Bahia não escapava à norma. Ao contrário, despertava desconfiança o fato de não se ter lá instalado a propaganda florianista radical e violenta que caracterizava

12 - Sogro de Euclides da Cunha e de quem já se fez referência antes.

13 - Por tentador que seja, este trabalho não comportaria a análise que o tema merece sem comprometer sua integridade.

14 - CUNHA, Euclides da, Os Sertões, ref. cit. p. 435.

"o partidarismo da imprensa e dos políticos do Rio de Janeiro". Estava sob suspeita; os bahianos ajudariam os conselheiristas. O deputado João de Siqueira dizia que "todos sabem que nos bornais dos fanáticos são encontradas munições de armas aperfeiçoadas, que com certeza, não caíram do céu; passaram pelas alfândegas e pelas estradas da Baía". Era secundado pelo deputado Bezerril Fontenelle que falava em "balas explosivas, que não temos no exército", sendo corroborado pelo deputado Paula Ramos: "e que são proibidas até pelo direito internacional. Logicamente, o governador Luis Vianna era tido como "homem sem fé republicana" (15).

Em "Os Sertões", Euclides da Cunha diria que tudo isto, acrescido de Canudos, estendeu sobre a Bahia "a suspeita extravagante a respeito das crenças monarquistas" do Estado. A Bahia, "preestabeleceu-se era um Canudos grande" (16). Em decorrência, os soldados em Salvador viam a cidade "como uma ampliação da tapera sertaneja. Não os comovia; irritava-os. Eram cossacos em ruas de Varsóvia". Provocavam os habitantes "num fanfarronear contínuo, sublinhado pelo agudo retinir das esporas e das espadas". A juventude e a imprensa protestavam e a população estava prestes a explodir. A saída era despachar imediatamente para Queimadas a soldadesca que chegava a Salvador (17).

Também na guerra predominava as dissenções entre os republicanos, apenas unidos pelo radicalismo. Os "batalhões patrióticos" distribuía-se conforme as inclinações ideológicas de seus integrantes, "agremiando patriotas

15 - RABELO, Silvío, ob. cit., p. 137

16 - CUNHA, E. da, "Os Sertões", referência citada, p. 327.

17 - CUNHA, E. da, "Os Sertões", p. 328. - Como se vê, estes comentários são bem diferentes das reportagens.

de todos os matizes", que podiam ser identificados pelos nomes de suas unidades: "Deodoro", "Silva Jardim", "Moreira Cesar" (18).

As entrevistas de Favila Nunes abordavam exatamente estas questões centralizadas na autonomia federativa da Bahia. O governador Luis Vianna esmerava-se em dizer ao repórter que Canudos não era uma revolta monárquica. Podia ser uma intriga para afastar o Estado da Federação. Defendia-se das acusações, atribuindo um comportamento preconceituoso ao major Febrônio de Brito em relação à oligarquia. Declarava que "Canudos atualmente está sendo uma exploração contra o governo da União e do Estado, e muitos, que se dizem bons republicanos, conheço eu desejariam ardentemente que os fanáticos levassem a melhor".

As circunstâncias políticas explicam porque os jornalistas que cobriam Canudos reiteravam elogios à população bahiana e a seu republicanismo. Das reportagens de Euclides da Cunha podem-se sublinhar várias passagens que incidem nesta problemática. Já na reportagem de 10 de agosto, o jornalista falava de "um povo que se vai tornar credor do Brasil inteiro" e que afetuosamente acolhia os soldados: "Daí, talvez, a animação que revigora e alenta aos mal feridos mesmo; sobre o aniquilamento físico, a esperança ressurge-lhe amparada pelo amor de uma sociedade inteira e aviventadas no íntimo aconchego dessa proteção nobilitadora as almas palpitam vigorosas dentro dos peitos exaustos e inanimados". 18 - CUNHA, E. da, "Os Sertões", referência citada, pl. 324. - Note que os nomes destes batalhões podem identificar as tendências mais moderadas e as mais radicais.

nada, rodeia-os de uma simpatia respeitosa e espontânea". Se o ferido estaca "antes de descer uma calçada mais alta - vinte braços estendem-se, solícitos, amparando o bravo en fraquecido". Concorriam para a Bahia tropas do Brasil inteiro " e a antiga capital abre-lhes o seio, agasalha-os no recinto sagrado de seus baluartes, despertando, transfigura da da quietude anterior, como que envolvendo no mesmo afa go, carinhoso e ardente, a numerosa prole há séculos erradia, esparsa". Quanto às idéias políticas da população bahiana, diz no telegrama de 7 de agosto que "nesta cidade há muito menos curiosidade sobre os negócios de Canudos do que aí.." - e no telegrama de 11 de agosto: "A população bahiana pro digaliza nobilíssima proteção aos soldados da República".

A esta altura, o leitor de Euclides da Cu nha ficará acabrunhado diante da contradição escandalosa en tre as reportagens e "Os Sertões". Nada poderá conciliar as imagens de uma população admiravelmente solidária e os pro testos da juventude e da imprensa e de uma população pres tes a explodir contra aqueles "cossacos em ruas de Varsóvia". Difícil crer que as reportagens espelhassem concessões do jornalista, uma vez que outros assuntos, tão ou mais delica dos, foram tratados com destemor e rigor. Na obra jornalística de Euclides da Cunha não se encontram concessões, e tão grosseiras, antes, depois ou durante Canudos. Também não se acreditará que esta imagem de uma população "nobilís sima" estaria arrolada entre os equívocos que o repórter confessou na matéria de 16 de agosto. Dir-se-á talvez que com a chegada do ministro-da-guerra a predisposição políti ca mudara, mas, se as provocações ostensivas terminassem o

constrangimento persistiria, além do que os protestos estavam registrados. Por isto mesmo, pelo menos quanto à memória da população, não é crível que Euclides da Cunha estivesse diante de uma distinção de tratamento entre o soldado que chegava e o ferido que retornava trôpego e nú do campo de batalha.

Talvez se possa interpretar de outra forma. Há outros pontos a considerar. Estes elogios foram escritos logo após Euclides da Cunha desembarcar na Bahia. Estava ali há três ou quatro dias - a primeira reportagem, intitulada "À Bordo do 'Espírito Santo'", foi datada de 7 de agosto. Por outro lado, a pesquisa para a elaboração de "Os Sertões" pode ter mostrado fatos que o repórter não viu. Mas o povo não comentava? Seus parentes não falavam nada? Seriam, quem sabe, observações vagas, difusas. Pode ser que o espetáculo da chegada dos feridos se sobrepusesse às queixas mal formuladas. Descartada alguma concessão de Euclides da Cunha - estranha à sua obra e a seu comportamento - há de se admitir as ponderações acima.

Seja como for, Euclides da Cunha era realista. Não deixou que a emoção diante dos feridos que voltavam da guerra e a ponderação no trato dos elementos políticos velassem os fatos que assistia. A população de Salvador era superlativamente amável, mas não imune às idéias do Conselheiro. E esta afirmação era feita na própria reportagem de 16 de agosto, portanto em plena desconfiança com as fontes militares. O fenômeno sertanejo era de tal magnitude que chegara à capital. Influência silenciosa, clandestina, impossível de ser mensurada - mas, "nesta hora mesma, aqui,

há velas que se acendem em recônditos altares e preces fer vorosamente murmuradas em pról do sinistro evangelizador dos sertões cujos prosélitos não estão todos lá". Constatação perspicaz, pois, se reconhecia a distinção entre litoral e interior, não ignorava que as culturas se imiscuem, A cidade grande, não é de hoje, define-se pela convivência, manifesta o processo diagonal da interpenetração de expressões.

Por tudo isto, concluía Euclides da Cunha, o fato singular, a guerra como tal, menos que por razões militares, não permitia entrever um desenlace previsível. Aliás, nem seu término. Lá estava, no vale do Vasa Barris, entalada entre as escarpas do Rosário e do Caipã, inacessível ainda, uma população em pé-de-guerra a enfrentar sucessivos batalhões aprestados com as armas mais modernas. Além da força moral e da perfeita adaptação do sertanejo ao terreno, "aquelas muralhas graníticas (...) fazem com que o número do adversário seja um fator insignificante de sucesso, cada homem em tais condições, valendo por tantos homens quanto são os cartuchos que carrega na patrona", escrevia na reportagem de 23 de agosto. Alí estavam ^{os}sertanejos dispostos "a irem para a batalha - a pau...", assinalva na reportagem de 16 de agosto.

Mesmo conhecendo os reforços do governo que concorriam para o sítio conflagrado e sabendo do fechamento definitivo do cerco, trancando a última estrada livre que permitiria a evasão pelo raso da Catarina em direção à barrancas do São Francisco, mesmo assim, escrevia em 16 de agosto, os sertanejos mantinham-se imóveis. Por que? Seria uma cilada? Aguardariam também eles reforços?

Era o momento do repórter partir para o centro da luta em busca da notícia e da resolução do "mistério".

A CAMINHO, PELO SERTÃO

"Escritas estas notas não sei se poderei dormir."

(Reportagem de Canudos, 24.9.1897)

O repórter que entrava pelo sertão confla grado observava tudo. Conferia fontes e procurava investigar pessoalmente os fatos, a ponto de expor-se a perigos em lances de temeridade nascidos do entusiasmo em desvendar o "mistério" e de conhecer o universo da catinga. Viu-se na reportagem de 1º de setembro com que fervor descrevera o passeio pela estrada de Monte Santo, primeiro contato direto com a natureza agreste do nordeste. Outras incursões se sucederiam, mesmo nas zonas mais arriscadas, e até nas proximidades do arraial conselheirista. Na reportagem de 2 de setembro, descreve que, em Queimadas, portanto bem perto do epicentro da guerra, adentrara com quatro companheiros pela catinga, exercitando-se "nas dificuldades de que estão eivadas", e só à noite retornando ao acampamento. Durante toda a viagem estendia seus passeios pelos ermos, nos quais, de certo, circulariam grupos conselheiristas. Queria conhecer a paisagem, conforme dizia na reportagem de 9/10 de setembro: "nas longas investigações diariamente feitas pelos arredores, tenho estudado..." Não se restringia, pois, à segurança da comitiva do ministro, onde, aliás, de nada ficaria sabendo para noticiar a seus leitores. Procura por si os fatos que simultaneamente satisfizessem seus interesses intelectuais - e que futuramente constariam em "Os Sertões" - e constituíssem as notícias aguardadas pelos leitores.

Esta indicação é relevante, pois esclarece em parte a questão das fontes de Euclides da Cunha como repórter e como autor de "Os Sertões". Observa-se que mais e mais o jornalista se distanciava dos testemunhos oficiais, que já o haviam embarçado em Salvador, e passava a repor

tar o que via e o que compartilhava com a tropa. Afinal estes fatos eram a notícia efetiva, o novo, o atual.

Desta fase da cobertura de Canudos, no percurso que o aproximava do morro da Favela, frente mais avañçada da luta, o fulcro significativo das reportagens era a vivência do repórter no meio ambiente da guerra. Comentados já os móveis do conflito, procurava transmitir em primeira mão a experiência dos que lá estavam em peleja. Interessava menos o movimento das tropas, ou o destino dos comboios de abastecimento puxados à burro e organizados pelo ministro -da-guerra, que o cenário e o drama definidos. Descrevia-os numa perspectiva humana e numa exposição precisa, na qual a economia de palavras sublinhava a tragédia de mulheres e de crianças prisioneiros e a aflição de soldados. As fontes do jornalista, portanto, eram os lugares pelos quais passava, as paisagens, as cenas que assistia. Não interpretando a campanha como mera operação militar, dava realce a episódios cotidianos que encerravam a dimensão humana das peşsoas colhidas pela tragédia.

Compartilhando da experiência dos soldados, capacitava-se para informar diretamente tudo aquilo que transcendia o transitório e o pitoresco, sublinhando as condições em que se achavam os participantes da luta. Na reportagem de 4 de setembro, escrita na localidade de Tanquinho por volta das 10 horas da noite "sob a ramagem opulenta de um juazeiro", relatava que a maior expectativa do dia fôra chegar alí e encontrar água. Decepção. Euclides da Cunha conta o temor, ao descobrir que tinha de beber a imundíce da água armazenada numa poça que dava nome ao lugar. Diz ele;

"aventurei-me a satisfazer a sede (...) ao desarmar, porém, subsequentemente, o filtro Grandjean, fiquei aterrado ante a crosta impura deposta na placa: um microscópio vulgar ali descobriria dez espécies de algas". E Tanquinho aparecia nos mapas como um ponto de aguada, além de ser parada forçosa para quem se dirigisse a Canudos ou de lá voltasse.

Tamanha insalubridade era então muitas vezes aumentada pelas chagas abertas dos feridos que se refrescavam no minúsculo reservatório. Às sete horas, continuava Euclides da Cunha, "dirigi-me ao 'tanquinho' que batiza o lugar (...) alguns doentes, que seguem para Queimadas, alí pousavam (...) projetando sobre a superfície das águas (...) um conjunto trágico..." Ao abeirar-se da "borda do pântano", o repórter foi recebido "por uma múmia coberta de trapos" e que tentou fazer-lhe a continência militar: "Examinei-o e tive a fraqueza de deixar transparecer, talvez, a invencível repugnância ao pensar que ia beber no mesmo lugar em que tocaram aqueles lábios gretados pela febre". Não havendo outro modo de saciar a sede, Euclides da Cunha lançou o Grandjean na água, "sugando um líquido que tem saciado a todos os cavalos e lavado a todos os feridos das expedições anteriores".

Reportagens como esta têm um teor moderno. Demonstram, também, que o repórter estava efetivamente na frente de batalha. Expunha ao leitor a verdadeira face da guerra, superando as descrições estratégicas e os falsos atos de heroísmo. Este é um ponto importante, pois uma certa imprensa difundia mistificações, falsos heroísmos entre os leitores das grandes capitais. Houve até mesmo escândalo

los, como o caso do cabo Roque, que teria morrido defendendo o corpo de Moreira Cesar até ser identificado como um dos sobrevivente desgarrados da tremenda retirada da terceira expedição (1).

As reportagens que Euclides da Cunha de Canudos estão muito distantes do antigos textos do jovem publicista republicano. Para ver, é só confrontar os escritos jornalísticos destes períodos, marcada a cobertura da guerra pela independência, perspicácia e destemor. Além da ampliação dos horizontes culturais e da vivência jornalística, o amadurecimento decorria do saudável distanciamento que o jornalista mantinha de compromissos partidários, os quais, se prevalecessem, lançariam inevitavelmente as matérias de Canudos no ról dos lugares-comuns escritos sobre a guerra sertaneja. Apesar das paixões desencadeadas pelo conflito e apesar das ameaças concretizadas, da censura que chegou a ser exercida contra jornalistas e de tantas formas de pressão, Euclides da Cunha preservou o espírito crítico.

Intimorato, assinalou os erros na condução da campanha e indicou os equívocos profundos que a geravam. Mesmo sob a censura da espada, elogiou a bravura do sertanejo. E foi mais longe, ousando, naquelas circunstâncias, reverenciar a

1 - Euclides da Cunha contaria o escândalo do cabo Roque no "Os Sertões" - referência citada, p. 323.

É interessante recordar que as reportagens que sublinharam os fatos humanos da guerra, captados no interior mesmo da ação, contriuíram para despertar a opinião pública contra a guerra do vietnã. Guardadas as ressalvas deste paralelo, há uma certa identidade no uso de recursos na cobertura de Euclides da Cunha.

memória do Conselheiro Saraiva, prócer do Império. Em plena guerra, quando a tropa se deslocava pela altura de Alagoi-
nhas, o trem passava em frente ao solar daquele político, e
Euclides da Cunha, movido pela visão daquela "vivenda histó-
rica", registrou-a na reportagem de 31 de agosto. Dizia:
"Recorda um belo nome de político honesto e incorruptível
do passado regime (...) curvei-me ante a memória veneranda
do Conselheiro Saraiva". E completou, naquele território que
humilhava a arrogância do regime recém-nascido, que "ainda
não desci à concepção estreita de fazer de um grande dia,
o 15 de novembro, um valo entre duas épocas. Não há autos-
de-fé na história" (2). Somente o descompromisso com as ori-

2 - Esta confissão de Euclides da Cunha feria mais o repu-
blicanismo exaltado do que o regime republicano como um to-
do. Como se sabe, o Conselheiro José Antonio Saraiva (1823/
1895), chefe do partido liberal, jamais hostilizou o novo
regime, a despeito de ter sido um dos mais ilustres políti-
cos da Monarquia e desfrutasse da convivência pessoal do
Imperador. Foi presidente de Alagoas em 1853 e de Pernambu-
co em 1858, e nomeado ministro-da-marinha em 1857. Em pleno
clima da guerra do Paraguai, foi nomeado representante bra-
sileiro junto ao governo uruguaio de Aguirre. Em 1889 pro-
curou estancar uma das mais caras reivindicações republica-
nas, apresentando ao governo projeto que estabelecia o fede-
ralismo. Proclamada a República, aceitou-a e foi eleito se-
nador na primeira eleição da Bahia. Pouco depois, volonta-
riamente, retirou-se da vida pública. - Vide, entre outros,
"Do Império à República", in HOLANDA, Sergio Buarque (dire-
tor), História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, vo-
lume 5, (O Brasil Monárquico), São Paulo, Difusão Européia
do Livro, 1972.

entações dos primeiros governos republicanos permitiu a Euclides da Cunha interpretar com lucidez os fatos da guerra sertaneja.

Durante o percurso pelos sertões, Euclides da Cunha refletia sobre o desenlace da guerra. Sabia que caninhava para o fim, e repetia isto constantemente sem nenhum otimismo oficial. Porém, ao contrário da voz corrente, discordava que Canudos viesse a capitular, render-se pela exaustão provocada pelo cerco, última alternativa encontrada pe las forças do governo para diminuir as baixas decorrentes de ataques de seguidos batalhões, que batiam no arraial e re fluíam desfalcados. A conquista de alguns casebres, quando ocorria, não compensava o ônus de mortos e feridos e nem valia a pena assegurar os metros ocupados. O cerco imóvel também não surtia nenhum efeito. De modo que as investidas das tropas eram o único recurso, como percebia Euclides da Cunha. Na reportagem de 2 de setembro escrevia: "Quase que posso garantir que a luta não terminará pela exaustão lenta do inimigo, preso nas malhas de ferro de um assédio regu lar". E percebia: "Canudos cairá pelo assalto. Assalto vio lento, brusco e rápido...".

Restava saber quando cairia. Mas persistia o caráter incerto da campanha. O certo, dizia Euclides da Cunha, é que o fim não chegará com a tomada pura e simples do arraial rebelado "porque vencido o inimigo que pode ser vencido, morto o inimigo que pode ser morto, restar-nos-á, eter na e invencível, envolvendo-nos inteiramente, num assédio mais perigoso, essa natureza antagonista, bárbara e nefasta, em cujo seio atualmente cada 'jagunço' parece realizar o mi

to extraordinário de Antheo". Previu que adversidade de tal monta forçaria os vitoriosos a um recuo célere- "Tanto quanto for possível, logo após a queda do arraial, as tropas refluirão bruscamente para Monte Santo e Queimadas". Senão seria o desastre.

Seria errôneo concluir que Euclides da Cunha tivesse acesso a mais informações na viagem pelos sertões do que tivera em Salvador. Em quase todas as reportagens do itinerário que o levava a Canudos aparecem observações como "nada de novo vim aqui a saber sobre os negócios de Canudos", ou "nem uma só notícia de Canudos", ou "nada ainda de novo sobre a luta" (3). Prolongava-se sertão adentro o augúrio inicial da cobertura da campanha: o ministro não dava entrevista. Mas já em Salvador o repórter percebera o que a caminhada pelo sertão confirmava - a notícia era outra, mais que movimentos táticos, aliás inexistentes àquela altura, a dimensão da guerra, na medida da dimensão humana e histórica, era a verdadeira notícia.

Mesmo assim podia transmitir alguma informação concreta. Preocupou-se, em particular, com o leitor paulista, para quem escrevia, e noticiava sempre que possível sobre o batalhão paulista. Embora no fim da campanha Euclides da Cunha preparasse uma matéria especial, "O Batalhão de São Paulo", em 26 de outubro, já antes incluía tudo que podia obter sobre o contingente paulista, e sempre indicando a fonte (como se temesse cometer os mesmos erros das primeiras matérias de Salvador). Na matéria de 31 de agosto, informava que, segundo o capitão Gomes Carneiro, do 15º ba

3 - Trechos respectivamente nas matérias de 1º, 7 e de 8/9 de setembro.

talhão de infantaria, que acabava de voltar de Canudos, o batalhão de São Paulo encontrava-se "nas paragens perigosas do Rosário". E citava as atividades militares desta unidade. Em 2 de setembro noticiava que o batalhão paulista repelira ataques sem uma baixa sequer. Participara com destaque nos combates que permitiram às tropas do governo ocuparem as trincheiras da região do Cambaio, noticiava em 11 de setembro, citando o coronel Sampaio, comandante de uma das brigadas daquela força.

Além de satisfazer o interesse do leitor paulista, as notícias do Batalhão São Paulo eram tão importantes quanto o papel que esta força estadual desempenhava no cenário nacional. A Força Pública do Estado de São Paulo cresceu mais do dobro entre 1889/1890, constituindo-se num formidável contingente armado que poderia ocasionalmente fazer frente a forças federais. Ao contrário de Deodoro, Floriano Peixoto manteve relações com PRP, procurando em parte o potencial militar paulista para enfrentar as guerras do Sul. Foi esta tropa estadual que bloqueou o avanço de Gumerindo Saraiva rumo ao Rio de Janeiro. A guerra de Canudos aumentou ainda mais os efetivos de São Paulo, único Estado ao sul da Bahia a enviar tropas para auxiliar os contingentes federais na guerra sertaneja (4).

As melhores reportagens da cobertura de Canudos são aquelas em que Euclides da Cunha descrevia os lugares abandonados pela violência da guerra e outros ocupa

4 - LOVE, Joseph, ob. cit. ps. 176 e 301.

Observe o papel militar desempenhado por São Paulo. Provavelmente a experiência adquirida em Canudos propiciaria a intervenção de São Paulo nas revoluções de 1922 e de 1924.

dos pelas sucessivas unidades que por ali passavam, e outras semelhantes. Mas tinha de equilibrar com as notícias concretas da guerra, na medida em que a obtinha, ou seja, raramente ou com muito atraso. Mesmo assim sabia distinguir os fatos importantes, como o fez na reportagem de 7 de setembro, na qual noticiava que, espontaneamente, os 25º, 32º e 27º batalhões copiavam o modo de luta dos jagunços, adotando também eles as táticas guerrilheiras. Senão os oficiais, ao menos os soldados aprendiam a esperteza dos encontros no sertão. A tropa descobrira, por exemplo, uma maneira de desfazer as dolorosas tocaias dos sertanejos acobertados no seio da catinga intransponível. Antes do choque, mandava-se o clarim desferir o toque de "degola" e seguia-se a fuga do sertanejo, pois o Conselheiro garantia a seus adeptos que o degolado não ia para o céu.

O repórter também não deixava passar os fatos inusitados e que mereciam o seu crédito. Noticiou em 2 de setembro uma casualidade surpreendente - o tenente-coronel Tupi Caldas "foi atingido por quatro balas de um modo interessante: uma travessou-lhe o chapéu, outra passou-lhe pelo flanco produzindo ligeira escoriação, uma outra, passando a uma linha dos olhos, determinou ligeira irritação, apenas, e a última, batendo em cheio, amalgou-se na chapa do talim" (5).

Das reportagens do itinerário sertanejo de Euclides da Cunha destacam-se as que descrevem o encontro com prisioneiros, alguns feridos, transportados da frente

5 - Euclides da Cunha admirava Tupi Caldas e muito falou sobre ele, dedicando-lhe uma seção de "Os Sertões". Em outubro, este oficial morreria em combate.

de batalha. Todos mulheres e crianças, formam como um contraponto às matérias de Salvador em que descrevera o desembarque dos soldados feridos na estação de Calçada. A reportagem de 3 de setembro é dedicada a este assunto. Contrariando os que achavam que Euclides da Cunha tinha dificuldades com o texto rápido, esta matéria foi redigida meia hora depois do fato - "acabam de chegar, há meia hora..." Tratava-se de um grupo de nove mulheres, duas levando "ao seio criança de poucos meses, mirradas como fetos". Junto a elas quatro crianças pequenas de três a cinco anos, dentre as quais a menor, chamada José, permitiria a Euclides da Cunha obter um dos flagrantes terríveis da guerra. José usava um boné de soldado, que, maior que sua cabeça, caia-lhe pelos ombros, de modo que "alguns circunstantes têm a coragem singular de rir". A criança "volve o rosto, procurando vê-los e os risos cessam: a boca é uma chaga, foi atravessada por uma bala!"

É a imagem de um outro lado da guerra. O leitor descobre que o lado oculto do conflito não abriga qualquer coisa estranha a seu mundo - a figura da criança abre de imediato a fresta que lhe permite ver o interior de "arraial sinistro". Sobretudo, informa o verdadeiro caráter da guerra, acima de manobras estratégicas ou atos de heroísmo. O repórter não seria mais eficiente se dissesse que havia crianças em Canudos. E estavam no meio da guerra. Em "Os Sertões" falaria da algazarra de crianças brincando nas tréguas e chorando nos bombardeios. Havia mulheres também, e algumas involuntariamente preservavam a feminilidade, a despeito da brutalidade da vida e da guerra. O repórter re

tratou uma das prisioneiras: "A miséria e a fadiga cavaram-lhe o rosto mas não destruíram a mocidade; a formosura res surge, imortal, a despeito das linhas vivas dos ossos apon tando duramente no rosto emagrecido e pálido. Olhos grandes e negros em que se reflete uma tristeza soberana e profunda". Naquele conjunto trágico, o jornalista captaria uma cente lha fulgurante de humanidade - a prisioneira conta "uma his tória simples (...) uma tragédia de meia dúzia de palavras: um drama quase banal agora, com o epílogo obrigado de : uma bala certa (..) ou estilhaço de granada".

Além da economia de palavras na descrição do drama, o jornalista usava outro recurso, muito seu: a interrupção da narrativa a fim de destacar o relato ou a idéia, permitindo que o leitor complete, e assim compreenda com mais eficiência, o que na verdade já foi dito de outra maneira. No relato acima sobre a prisioneira, após falar tu do sobre a guerra em poucas linhas, o jornalista fechou bruscamente o parágrafo e abriu outro, de uma só frase, di zendo: "Nem vale a pena narrá-lo" - referia-se, está claro, ao "drama quase banal agora". Para isolar aquela cena, na verdade aquela idéia, do conjunto fervilhante da guerra ser taneja, Euclides da Cunha concluiu de pronto a reportagem como a denunciar que as tragédias individuais ~~raramente~~ são percebidas no conflito coletivo. Abrutamente diz: "O dia esgota-se em preparativos de viagem". Obviamente não é uma interrupção; são reticências que Euclides da Cunha sempre usava. Por exemplo, na reportagem em que falava sobre o Conselheiro Sa raiva, após registrar que "não há autos-de-fé na história;" acrescentava de chofre: "passemos adiante".

Assim prosseguiram as reportagens, definindo o drama e o cenário da guerra. Tal como sugeria nos artigos "A Nossa Vendéia", e agora pormenorizava, o cenário inóspito do sertão era também personagem do conflito. A vinculação entre estes elementos todos permitiu a Euclides da Cunha desenvolver, em plena andança pelo sertão, sua vocação para o jornalismo científico, ao observar e avaliar a paisagem com a qual o sertanejo entrosava-se tão bem. Presente no território da luta, no entanto, as informações científicas eram fornecidas pelo próprio meio. De modo que, pode-se dizer, jornalismo científico e correspondência de guerra uniam-se pela mediação da natureza, mesmo porque os dados naturais eram imprescindíveis para explicar a própria guerra. Resultou o realce do ser humano como intruso e filho da natureza. Decerto os sertanejos eram os filhos diletos do meio áspero que não lhes negava subsistência mesmo nas épocas mais ingratas do ano. A natureza era a aliada poderosa - "agressiva para os que a desconhecem - ela é providencial para o sertanejo", diria Euclides da Cunha na reportagem de 1º de setembro. O brasileiro que habitava aqueles ermos podia atravessar o território "livre de dificuldades (...) extinguem-lhe a sede as folhas ácidas e as raízes úmidas do 'umbu'", a fome é saciada com os côcos do "dicury", as pinhas silvestres do "araticum", e outras plantas indicadas pelo repórter, que, além disto, procurava seus equivalentes em outros pontos do Brasil. Informações valiosas sobre o meio físico do nordeste, que Euclides da Cunha anotava em sua "Caderneta de Campo," o indispensável livro de anotações

dos repórteres (6). Estava também ciente de que o sertanejo não era apenas parte integrante do meio, e sim possuía as próprias características da natureza, principalmente a capacidade da fauna e da flora de sobreviver em situações das mais adversas. Por isto, afirmava, "o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona (...) dificilmente se encontra um espécime igual de robustez soberana e energia indômita".

No decorrer das reportagens do sertão, Euclides da Cunha mostrou-se cada vez mais surpreso com a variedade da paisagem que lentamente desvelava e que era ainda tão pouco conhecida da maioria dos brasileiros. Embora 6 - A "Caderneta de Campo" é uma peça valiosa para o estudo da vegetação sertaneja, para o linguajar da região, etc. Mas nas reportagens de Canudos, Euclides da Cunha tinha um modo especial de informar ao leitor sobre as plantas do nordeste agreste, conferindo a cada espécie uma caracterização breve e atraente. Assim é na reportagem de 1º de setembro: "mandacarús de aspecto imponente (...) chique-chiques de espinhos envenenados que produzem paralisia (...) cansação urticante, dolorosíssimo (...) "as raízes úmidas de umbú. ..."

E também esboça uma comparação entre as plantas conforme a região. Ainda na matéria de 1º de setembro: "fiz uma observação que jamais deixará de ser comprovada: do mesmo modo que a 'canela de ema' (vellosia), no norte de São Paulo, caracteriza a região dos quartzitos, a 'cabeça de frade', com uma constância singular, aparece invariavelmente quando através das camadas de grez despintam os terrenos graníticos antigos".

formado em "ciências naturais", como indicava seu cartão de visitas, descobria-se impotente para decifrar e catalogar as observações geológicas e da flora. Tentava chamar o leitor para este mundo novo. Constantemente dizia que "não se pode avaliar, de longe, o que é uma viagem nestas regiões estéreis", ou "um quadro absolutamente novo (...) capaz de assombrar ao mais experimentado botânico", e outras (7). Com sinceridade confessava: "nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida". E com modéstia diante de um assunto ainda ignorado, evitava comentário conclusivos - "mudo cautelosamente de assunto" (8).

Ainda no trem que saía de Alagoinhas e dirigia-se para o norte, deixando para trás a região mais úmida do litoral, Euclides da Cunha notava as nuances da mudança do terreno, as transições geológicas e as alterações da paísagem, e as registrou até chegar em Canudos. Na medida em que avançava pelo sertão aplicava-se a anotar sistematicamente as variações do meio. Em Tanquinho "consulto o meu aneróide e vejo que estamos a 30 metros sobre Queimadas". Em Cansanção, o mesmo: "consulto o meu aneróide: altura sobre o nível do mar 195 metros". Nos lugares desconhecidos ocupava-se em coletar material para estudos posteriores - ao chegar às margens do rio Itapicuru "recolhi um pouco de areia claríssima, destinada ao exame futuro de pessoa mais competente", escrevia na reportagem de 2 de setembro.

Ingressar no universo sertanejo era uma celebração descrita com lirismo e surpresa, conforme se viu

7 - Das reportagens de 1º e de 4 de setembro.

8 - Das reportagens de 31 de agosto e de 1º de setembro.

na reportagem de 1º de setembro ao entrar pela primeira vez na catinga. Fascinado desde a infância pela natureza, oferecia-a como um presente, transmutando-a numa áura onírica da va ao leitor uma visão poética daquelas paragens. Na reportagem de 31 de agosto, descreveu as imediações da localidade de Ipojuca, "revelada por canaviais extensos que se estendem pelos plainos dos tabuleiros - miríades de folhas refletindo ao sol com um brilho de aço antigo, ondulantes, vacilando em todos os sentidos ao sopro da viração, num ciciar imenso e indefinido".

Tal como este vento silencioso e inapreensível, o sertanejo oculto nas catingas participava do clima dramático e mágico, abatendo batalhões inteiros sem que se o percebesse. Homens sobre os quais os soldados criavam lendas, seres intangíveis; morto aqui, ressurgia acolá. Este ambiente era fruto da terra desconhecida, da "presença avasaladora" da natureza sertaneja, eterna presença das reportagens da guerra e do "Os Sertões". O grande cenário, admirável personagem aliada dos jagunços, inimiga das forças governamentais, assumia nas reportagens a vibração de entidade viva. Na reportagem de 9/10 de setembro, a natureza aparecia para Euclides da Cunha como um ser vivente: "a natureza inteira ainda se prepara para a organização superior da vida". Em suma, o homem, o espaço e o tempo.

No cenário movia-se o tipo brasileiro que atraía a atenção dos cidadãos das capitais. Se era um desconhecido, com a guerra tornara-se mal compreendido. Mesmo Euclides da Cunha demoraria para ver de perto um sertanejo. Só em Queimadas viu de perto um vaqueiro e descreveu com idên

tico entusiasmo de suas linhas sobre a natureza, conforme escreveu na citada reportagem de 1º de setembro sobre o vaqueiro. Na mesma matéria, observava a respeito do sertanejo: "Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora em plena exuberância da vida". E diante deste quadro reafirmava quais seriam as obrigações do governo vitorioso: o mestre-escola - "Considerando-o, penso que a nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente um caráter destruidor (...) Depois da nossa vitória (...) resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que - digamos com segurança - constituem o cerne da nossa nacionalidade" (9).

A perfeita sincronização entre o sertanejo e a natureza, tão reiterada por Euclides da Cunha, encontrou sua manifestação mais completa no entrosamento plástico e funcional entre o arraial de Canudos e o meio que o erguera. Na reportagem de 10 de setembro, o repórter dizia que a cidadela "não se distingue prontamente ao olhar (...) tem a cor própria da terra em que se erige, confundindo-se com ela na mesma tinta de um vermelho carregado e pardo, de ferrugem velha, e, se não existissem as duas igrejas às margens do Vasa-Barris, não seria percebida a três quilômetros de distância". Esta adequação da técnica ao meio ficará mais evidente quando Euclides da Cunha chegar a Canudos e comentar a sua visão do povoado conselheirista (10).

9 - Observe que mais tarde, em "Os Sertões", Euclides da Cunha insistiria na expressão "cerne da nossa nacionalidade", pela primeira vez usado na reportagem de 1º de setembro.

10 - Tratar-se-a disto no próximo capítulo. Foi uma das poucas, senão a única, descrição direta e minuciosa do arraial conselheirista.

Neste cenário mudo e amplo, percorrido pelo "sopro da viração, num cicar imenso e silencioso", estendia-se a presença da guerra, primeiro advinhada, depois palpável na medida em que se aproximava da fortaleza de Antonio Conselheiro. O hálito da guerra se expandia por imenso perímetro em torno da povoação rebelada.

O primeiro sinal percebido pelo viajante que ingressava no território conflagrado era dado pelas feiras das cidades e pelo comportamento dos sertanejos daquelas localidades. Euclides da Cunha sentiu a dimensão dos ventos da guerra ainda em Alagoinhas, ao notar as alterações no comportamento da cidade. Na reportagem de 31 de agosto, registrava que "na quadra atual o 'tabaréu' anda esquivo e fofagido; a grande parte principal da cidade em cujo centro se alevanta o barracão da feira de há muito não tem, aos sábados, a animação antiga". E isto num núcleo urbano importante, considerado pelo repórter como "talvez a melhor cidade do interior da Bahia" e para a qual convergiam "todos os produtos das regiões em torno", conferindo-lhe "movimento comercial notável". Tudo mudara. O repórter notou que a movimentação comercial só ocorria "em condições normais". Agora, "de há muito não tem a animação antiga". Transformações mais nítidas na medida do avanço rumo ao arraial conselheirista, colhendo todas aglomerações daquele sertão - "esta situação lamentável reflete-se realmente sobre todas as cidades que se aproximam da zona agitada do sertão". Viajando por aquelas estradas, encontrava em todas as cidades "a mesma apatia derivada de uma situação anormal e ameaçadora".

O clima de guerra manifestava-se pelo silêncio e pela imobilidade e pelo seu oposto, a agitação as idas e vindas nervosas. Ao contrário de Alagoinhas, em Queimadas, importante entroncamento da estrada de ferro da Bahia e última estação ferroviária no deslocamento das tropas para o "front", predominava um clima de expansão e retração. A cidade pulsava conforme o andamento da guerra: estremecia com a chegada dos contingentes ou dos feridos, aquietava-se com a partida dos trens. Na reportagem de 1º de setembro, Euclides da Cunha definia Queimadas como um "arraial obscuro - último elo que nos liga, hoje, às terras civilizadas". Abraçado pelas catatinga, destacava-se pela monotonia, exceto quando as tropas avançavam ou refluíam: "Naquele solo comprimido confundiram-se, multiplicando-se em passadas inúmeras, os rastros de quinze mil homens".

Outros povoados se esvaziavam por completo. Em demanda da cidadela de Canudos, os habitantes deixavam para trás as casas e as roças. Lugares remotos "ficaram, por assim dizer, desertos", tais como Novo Mundo, Entre Rios, Inhambube, Tucano e Cumbe. Era de se esperar a evasão destas localidades situadas nos arredores do núcleo de Antonio Conselheiro, mas o repórter se surpreendia pela força da atração. Já em Queimadas notava que "a influência do Conselheiro é mais ampla do que supunha". Naquele "último elo com a civilização" passaram "verdadeiras romarias em direção a Canudos (...) uma imigração perfeita". Alguns faziam viagens periódicas a Canudos. Outros para lá se mudavam definitivamente. Euclides da Cunha notava: "Homens, mulheres e crianças, velhos trôpegos e titubeantes, moços robustos e

desempenados", carregando santos e acurvados pelos pertencentes, "passaram, cruces alçadas à frente, entoando ladainhas, lentamente, pelas estradas". O povoado rebelde crescia bruscamente, pois "sob uma atração irresistível famílias inteiras mudaram-se para Canudos", onde "a edificação rudimentar permitia que a multidão sem lar fizesse uma média de doze casa por dia". E concluía, como em alerta: "O fato é assombroso..." (11).

Passo a passo, no decorrer das reportagens pelo sertão, Euclides da Cunha descrevia as cidades do interior bahiano como se preparasse o leitor para o espetáculo do povoado rebelado. Descrevia com brevidade e opinava sobre as cidades pelas quais passava, propiciando ao leitor uma noção dos agrupamentos urbanos do interior da Bahia e do que tinham de típico. Até Alagoinhas, o leitor reconhece o espaço de sua civilização. Depois é o sertão ignoto e a distância tremenda que há entre a existência concreta das localidades e o signo pretensioso que as assinala nos mapas.

11 - Lembre-se do temor de que Canudos poderia se reproduzir. Em "Os Sertões" (referência citada, p. 435) Euclides da Cunha diria que os sertanejos "alargavam o âmbito da campanha, revelando os mesmos lineamentos firmes de estratégia segura. Além do arraial duas novas posições de primeira ordem e defensáveis estavam guarnecidas: as vertentes caóticas do Caipã e as cordas de cerros em torno da Várzea da Ema. Desbordando de Canudos, a insurreição espraiava-se desta maneira pelos lados de um triângulo enorme, em que podiam inscrever-se cinquenta mil baionetas. Alastrava-se".

Tanquinho, segundo a reportagem de 4 de setembro, "é positivamente um lugar detestável e o viajante que vence as cinco léguas que o separam de Queimadas tem a pior das decepções ante esta lúgubre tapera de duas casas abandonadas e estruídas". Melhor seria passar ao largo deste lugar, recomendava o repórter, acrescentando: "vou riscar de minha carta o pequeno círculo com que condecerei esse lugar maldito e substituí-lo por um ponto imperceptível".

Mais adiante, e mais próximo de Canudos, outra parada, Cansação, que "felizmente, já merece o nome de povoado". Tem onze casas, "algumas cobertas de telhas, e um armazém paupérrimo". Toda a população era formada por membros de uma só família e assistida por dois frades franciscanos. A seguir, Euclides da Cunha parou em Quirimquinquá, que "tem um horizonte menos monótono que Cansação" e de onde já se avistava a serra de Monte Santo. E chegava-se finalmente, a Monte Santo, "uma cidade simplesmente repugnante", onde "custa admitir a possibilidade de vida"; ali, o que se chamavam ruas eram becos semelhantes a "imensos encaamentos de esgoto".

Tanto mais se acercava de Canudos, mais Euclides da Cunha sentia o peso do sertão, a imobilidade da existência, como se voltasse a si mesmo reiteradamente e, à exemplo do Conselheiro, julgasse ressuscitar. Na reportagem de 7 de setembro, o repórter escrevia: "A terra realiza sua rotação eterna, os dias sucedem-se astronômicamente, mas não mudam aqui. Parece que é o mesmo dia que se desdobra sobre nós - indefinido e sem horas - interrompido apenas pelas noites ardentes e tristes". Conclui: "Tem-se a sensação esmagadora de uma imobilidade do tempo".

NA FRENTE DE BATALHA

"Quando voltei, percorrendo, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitas idéias, perdidas, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue..."

(Reportagem de Canudos, 1º.10.1897)

Na reportagem de 10 de setembro, Euclides da Cunha descreveu o primeiro encontro com Canudos: "... E vin gando a última encosta divisamos subitamente, adiante, o ar raial imenso de Canudos./Refreei o cavalo e olhei em torno". O arraialconselheirista tornar-se-ia o centro das observa ções do repórter, que passava a informar uma temática negligenciada pelos demais correspondentes. A aglomeração era bem maior que muitas cidades do interior nordestino, dividia-se em bairros ajuntados por inúmeras casas que eram ao mesmo tem po lares e muralhas. O local em que se erguia era perfeito: "É extraordinário que os que aqui têm estado e escrito ou prestado informações sobre esta campanha, nada tenham di to ainda acerca de um terreno cuja disposição topográfica e constituição geológica são simplesmente surpreendedoras"(1).

Maravilhado pela paisagem através da qual movia-se silenciosa a presença do Conselheiro, o repórter traçara a descrição de Canudos e do itinerário que percorrera. As matérias que despachara durante o deslocamento rumo à frente de batalha coceituaram o que modernamente se chama "espaço militar" ou "espaço de guerra" (2). A guerra, segundo

1 - É recomendável alertar para as datas das reportagens dos dias 9/10, 10 e 11 de setembro. A primeira matéria traz a data de 9/10; a segunda é do dia 11, enquanto que a terceira é datada do dia 10. Sempre que citada a primeira, indicar-se-á a data de 9/10 de setembro e a terceira simplesmente como 10 de setembro.

2 - A melhor exposição sobre o espaço da guerra na história, em particular no mundo contemporâneo, encontra-se em VIRILIO, Paul, Guerra Pura (A Militarização do Cotidiano), SP. Ed. Brasiliense, 1984. Além do espaço da guerra, Virilio discorre sobre o tempo e a tecnologia da guerra e suas implicações no cotidiano no século XX e nos meios de comunicação da massa.

Paul Virilio, além de possuir sua própria história, seus campos de batalha e as "mortes na família", é um espaço constituído por características particulares que registram sua "natureza totalitária no espaço e no mito" (3). Foi o que Euclides da Cunha percebeu adensar-se na medida em que acercavada frente de combate e registrou nos comentários sobre as alterações verificadas na vida das cidades interioranas, e também, aliás, em Salvador. Uma vez no topo da colina de onde divisava a cidadela rebelada, Euclides da Cunha verificou com precisão ímpar a situação das cidades, dos núcleos urbanos no seio da guerra. Antecipava uma categorização atual, segundo a qual "a cidade é a preparação para a guerra"(4), pois Canudos, de acordo com a imagem transmitida pelo jornalista, era como a "oppidum" erigida na antiga Itália mediterrânea.

Toda a descrição das cidades interioranas do sertão bahiano deságua neste primeiro contato direto com Canudos. Há uma solução de continuidade estabelecida num crescendo que explode na visão do arraial sublevado. Como obedecendo a um propósito do repórter, o itinerário encontra termo lógico em Canudos - aparentemente é mais do que chegar a um destino (5).

3 - VIRILIO, P., ob. cit., p. 13 ss

4 - Idem, p. 14/15

5 - Claro está que nada permite afirmar que Euclides da Cunha arquitetasse intencionalmente em seus textos este clima em crescendo. Mas também é certo que a leitura ordenada do conjunto das reportagens permite identificar tal resultado.

A cidadela tinha proporções inesperadas e estava muito bem situada para desempenhar um papel decisivo na guerra. Receoso de parecer exagerado quanto às dimensões do povoado, Euclides da Cunha alertava no telegrama de 22 de setembro que transmitia aquilo que via pessoalmente. Examinava Canudos de um ponto que lhe permitia uma visão privilegiada, no alto do morro da Favela, fulcro da concentração das tropas do governo. Dalí "observa-se bem o arraial (...) posso afirmar sem temer contestação séria, que o arraial tem mais de 2000 casas porque além da zona que se observa da Favela, há muitos outros pontos povoados". Após andar pelas redondezas, confirmou as informações no telegrama de 24 de setembro: "Tenho percorrido toda a região e procurado observar bem o grande arraial de Canudos, que, torno a afirmar, tem mais de 2000 casas".

Diante do porte de Canudos, o jornalista notou que a cidadela assentava-se numa depressão do terreno, o qual, visto de longe, iludia, mais parecendo uma campina, pois consistia de colinas suaves e de igual altitude, em nada denunciando a existência do rio Vasa Barris em cujo vale erguia-se o povoado. Todas as casas, a despeito das diferenças entre as mais ricas e as mais pobres, eram iguais na cor do material usado para sua construção e que era obtido no próprio local. De modo que casas e terreno se confundiam na mesma cor de ferrugem. Assim camuflado, semelhante a uma miragem, "o arraial não se distingue prontamente ao olhar", escrevia Euclides da Cunha na reportagem de 10 de setembro. O povoado fechava-se em si mesmo como a "villa regio" dos primitivos latinos à espera da guerra.

A primeira impressão do repórter se traduziria na comparação da silenciosa Canudos espreada pelos montes que ondulavam em torno com uma cidade bíblica "fulminada pela maldição tremenda dos profetas". Assim escrevendo na reportagem de 10 de setembro, registrava o aspecto fantástico do arraial e que futuramente iria se referir com mais frequência em "Os Sertões" (6). E tal impacto na imaginação se reforçaria no combate, pois sob fogo "a fantasia apenas divisa ali dentro uma legião invisível e intangível de demônios".

Apenas divisava-se o vale atormentado no qual erguia-se o núcleo coselheirista. Era uma visão externa. Mas podia-se observar as casas construídas aparentemente com o objetivo de abrigar e defender. A moradia, percebeu Euclides da Cunha, era uma paródia grosseira da antiga casa romana que obedecia a uma planta a grosso modo distribuída no átrio, no vestíbulo e na alcova. Mas também assemelhava-se às casas gaulesas descritas por Cesar, dada a feição e a construção, com paredes de barro e tetos de sapé. Tais observações sugerem que o repórter já penetrara em parte do arraial sitiado, provavelmente pelos exíguos setores arrebatados pela tropa e estritamente vigiados pela mira implacável dos franco-atiradores. São comentários carregados de reminiscências bélicas, citando Cesar, casas gaulesas, "op pidi" itálicos, que logo substituíram a imagem bíblica do conjunto espalhado pelas colinas. Mantinha, assim, o leitor no clima predominante e, de certo modo, realçava a envergadura

6 - Vide, por exemplo, a seção "O Sino da Igreja", à página 453 da edição indicada de "Os Sertões".

dura e a natureza do conflito, o qual, como dissera antes, nada tinha a ver com uma "diligência policial de oito mil homens". Bem verificada, a aparente fragilidade destas construções era, na verdade, sua força, pois o material utilizado, não resistindo às balas da artilharia, ao invés de deruir, digería o projétil e absorvia a irradiação da explosão (7). Graças a estas características, concluía Euclides da Cunha, Canudos mantinha-se incólume a um bombardeio de peças modernas, e que já durava dois meses, mal apresentando um sítio destruído ou a fumaça de um incêndio. A bala sibilava "perfurando paredes estreitíssimas de argila, dez ou vinte casas e não as abala", escrevia na reportagem de 10 de setembro.

Apontando agora fatos que via pessoalmente, Euclides da Cunha reafirmava a perfeita identidade entre natureza e sertanejo, seu instrumental de sobrevivência desde o lar até as técnicas de combate e a munição não raro improvisada. Se o povoado fôra erguido de modo a suportar a carga de um exército moderno, o terreno dos arredores era usado com o máximo de eficácia. Os conselheiristas não desprezavam uma só dobra do solo, forçando os soldados a avançarem pelos "meandros dos pequenos vales ou em sucessivas e incontáveis subidas e descidas, numerosas e fatigantes (...)

7 - Por esta informação, pode-se concluir pela semelhança com as muralhas surgidas na Europa depois do aparecimento da pólvora no Ocidente e que, de material flexível, assimilava melhor os disparos de artilharia que os antigos muros de pedra dos castelos medievais.

como se atravessassem o recinto complicado de uma fortaleza! Por menor que fosse, cada unidade do exército era fatalmente atacada "por todos os lados pelo inimigo invisível sempre". Se os acidentes naturais eram insuficientes, emboscavam-se em "trincheiras cavadas no alto, circulares ou elípticas, dentro das quais não caem as balas nem mesmo no ramo descendente das trajetórias". Visitando os locais onde se travara a grande batalha de 18 de julho de 1897, o repórter pôde examinar os "pontos em que meia dúzia de homens rareavam fileiras de muitas brigadas", as quais, após enorme esforço, "ao vingarem as eminências sucessivas do solo, nelas não encontravam do inimigo outro indício além da trincheira tosca e cheia de cartuchos detonados". E no final das contas, a conquista era pouco proveitosa, pois, abandonando a trincheira, pouco além o inimigo se ocultava de novo dentro da terra e tornava a fuzilar os soldados, ressurgindo em seguida "nas três ou quatro colinas mais próximas". O adversário intangível e veloz como um demônio, dizia o jornalista na reportagem de 26 de setembro, ocultava-se inteiramente no terreno onde inexistia "um plano sofrivelmente extenso, um ponto abrigado (...) para a organização de uma resistência ou ataque mais bem orientado..." Examinando ele próprio os pontos de resistência dos jagunços, descrevia a trincheira como "uma cavidade circular de pouco mais de meio metro de profundidade". Vendo uma das trincheiras conselheiristas da batalha de 18 de julho, o repórter anotou: "Alí estive no dia da peleja um único homem; e esse homem torturou batalhões inteiros!"

Na reportagem de 10 de setembro, já notara que, contra adversário invisível, aos soldados restava disparar ao acaso, "na direção provável dos tiros", pois, mesmo de longe, "os melhores binóculos não o distinguem". No fundo de uma das trincheiras, o repórter contou 361 cartuchos detonados. Além do mais, as trincheiras eram "cavadas com uma disposição inteligente umas relativamente às outras cruzando os fogos de maneira eficaz". Acrescentava: "Uma coisa fantástica".

Euclides da Cunha pôde corroborar pessoalmente todas estas afirmações na, batalha de 1º de outubro e sobre a qual publicou a reportagem da mesma data. O texto da matéria denota o impacto que a resistência do sertanejo lhe provocou, mesmo porque, estando o arraial inteiramente cercado, acreditava-se ser aquele o assalto final. Entretanto, apesar do cuidadoso planejamento das operações e de um bombardeio prévio de horas seguidas, estando ainda os jagunços totalmente isolados e há muitos dias assolados pela sede, ainda assim os soldados não lograram o objetivo. Aparentemente nada havia a criticar nos planos de operação, comentava o jornalista - "o ataque foi lógico, imposto severamente pelas razões mais sólidas e o seu plano, perfeitamente bem concebido, resistirá com vantagem à crítica mais robusta". E acrescentou: "A verdade é que ninguém poderia prever uma resistência de tal ordem". A feição misteriosa da guerra sertaneja se sobrepunha à estratégia planejada e por isto dizia o repórter que "tudo, porém, são surpresas nesta campanha original". Ao final de um dia inteiro de luta, o repórter, lacônico, registrou: "À tarde reconheceu-se definiti

vamente que a situação não mudaria". E concluiu: "só havia uma providência a tomar - conservar as posições arduamente conquistadas, embora não se revestissem de importância que compensasse os sacrifícios feitos".

Qual o esteio de tamanha resistência? Para além da extraordinária identidade homem-meio, por si surpreendente, impressionava a fartura de munição dispendida pelos sertanejos, principalmente nas últimas semanas da guerra, quando se completara o rigoroso cerco do arraial. A municação empregada - e sabia-se lá quanto havia ainda nos arsenais conselheiristas - não podia simplesmente ser atribuída aos comboios arrebatados da expedição Moreira César no princípio do ano, acreditava. Persistiam as suspeitas de interferência monarquista em Canudos e na reportagem de 27 de setembro, Euclides da Cunha registrou uma entrevista com o comandante-em-chefe das forças do governo, general Arthur Oscar: "O general Arthur Oscar, restabelecido agora de uma ligeira enfermidade, acaba de mostrar-me alguns tipos de balas caídas nos tiroteios da noite. São de aço, semelhantes às das Mannlicher, algumas, outras completamente desconhecidas. São inegavelmente projéteis de armas modernas que não possuímos./ Como as possuem os 'jagunços'?". O jornalista tentou responder a pergunta, mas não conseguiu: "Estou aqui há quinze dias e há quinze dias que, quase sem interrupção, os fanáticos replicam vigorosamente, em tiroteios cerrados, a qualquer ataque; repilo de todo a idéia de que se utilizem ainda das munições tomadas às expedições anteriores. Sou levado a acreditar que tem raízes mais fundas esta conflagração lamentável dos sertões". Ou seja, o mesmo teor dos comentários que fazia sobre a suposta interferência mo

narquista deste que escrevera os artigos "A Nossa Vendéia". Desta vez, porém, falava sobre algo que viu, e não por tes temunhos de oficiais: as balas que lhe foram mostradas eram "inegavelmente projéteis de armas modernas", ou "estou aqui há quinze dias e há quinze dias..." Mas os projéteis modernos lhe foram mostrados, por isto "sou levado a acreditar." E mesmo assim não apresentava uma conclusão definitiva, nada afirmava, a não ser sublinhar as "raízes mais fundas" do conflito. O que, aliás, já vinha dizendo há muitos meses, desde "A Nossa Vendéia" até a reportagem da véspera, em 26 de setembro, quando reafirmou: "Não nos iludamos. Há em to da esta luta uma feição misteriosa que deve ser desvendada!"

Mas eramfato os intermináveis combates pro longados por horas à fio, mal permeados por tréguas exíguas que passavam quase despercebidas como se as batalhas se encadeassem umas às outras, sem fôlego, exigindo o esforço con tínuo da linha de abastecimento, sem a qual não se poderiam manter as posições. Os sertanejos, ao contrário, pareciam prescindir a economia de munição, disparando incessantemente do arraial e das cercanias, invisíveis e certos, fa zendo vacilarem as unidades lançadas contra eles, abortando numa muralha de disparos os assaltos bem planejados. Sustenta vam combates compreenchiam dias inteiros e varavam as noites. Na reportagem de 26 de setembro, noticiando as pelejas do mesmo dia, o jornalista escreveu " são cinco horas da tarde (...) os 'jagunços' continuam inamalgáveis, na resistência (...) onze horas da noite (...) a partir das seis horas da tarde recrudesciu a fuzilaria". Acrescentou: "Olho neste instante, cautelosamente, por uma fresta da trincheira para

a igreja.../É uma cratera fulgurante. Assombra..." E adiante: "Meia noite. Mal posso, à luz mal encoberta de um fósforo, observar a temperatura e a pressão no meu aneróide, a fuzilaria continua tenaz de lado a lado". A batalha varou a noite - Euclides da Cunha começou a reportagem de 27 de setembro dizendo: "7 e 1/2 horas da manhã - A fuzilaria cessou apenas às 5 horas. Durou a noite inteira". E duraria mais um outro dia e mais outra noite, pois, após informar sobre os combates de 27 de setembro, o repórter concluía a matéria com a frase: "Não teremos outra noite".

No acampamento do governo, a insegurança era total. Nem o hospital de sangue, nem a tenda do comandante-em-chefe estavam à salvo das balas. Provocando sobressalto constante, projéteis das mais diferentes armas caíam em torno, podendo-se até identificar pelo assobio o tipo de arma que os disparara. A matéria de 27 de setembro, Euclides da Cunha escreveria: "Já vou me afeiçoando a esta orquestra estranha". Na reportagem de 26 de setembro esclarecia que as armas eram das mais variadas, desde o "ressoar áspero e rouquenho das Comblains à zoadá lúgubre dos projéteis grosseiros dos bacamartes, ao assobio suave quase delicadíssimo das Mannlicher..." Euclides da Cunha soube descrever o assédio e o terror; esta matéria ilustra bem a habilidade do repórter em transmitir o clima opressivo do acampamento castigado pelo tiroteio. É muito feliz a distinção dos projéteis por seu assobio, às vezes "delicadíssimo", discreto como o sopro da morte no meio fantástico do cerco.

Somente neste final de setembro Canudos começava a dar mostras de destruição denunciada pelos buracos

qua a artilharia provocava e pelos incêndios que lavraram por setores inteiros. A "oppidum" fraquejava. O repórter recorreu à imagem de um vulcão para definir em poucas palavras o arraial ardendo e a profusão dos disparos "constantes, multiplicados, inúmeros", numa espécie de convulsão incontível da natureza, conforme dizia na reportagem de 26 de setembro. Dizia "é um vulcão numa erupção de balas naquele templo maldito (...) é uma cratera fumegante. Assombra". A batalha sem fim transcorria em pulsões, em acessos sem entretanto arrefecer - ora "numa fuzilaria contínua, frouxa às vezes, recrudescendo repentinamente outras", a semelhança do movimento perpétuo das marés. Euclides da Cunha captou o sentido da aparente eternidade que tudo cobria, de uma imobilidade tal que só se distinguiam o passar do tempo pela sucessão do dia e da noite, estes também imutáveis nos setores. No altear da febre do combate, a enxurrada de disparos finalmente acabou por misturar todas as nuances dos assobios das balas, quando então "já não se distinguem os tiros - ouve-se um ressoar imenso lembrando o de muitas represas bruscamente abertas". Observou esta mesma tonalidade baixa do tiroteio intenso na reportagem de 28 de setembro: "o assobio das balas ressoa sobre todos nós lembrando uma ventania furiosa". O repórter fazia, um paralelo das forças em choque em Canudos com a fúria desencadeada da natureza.

A tática do fogo cerrado só foi adotada pelos sertanejos na fase final da guerra, na situação desesperançada do cerco. Até então predominava o método de somente disparar a partir de posições vantajosas, fazendo manha na pontaria e procurando tirar o máximo proveito do tiroteio.

Em "Os Sertões", Euclides da Cunha daria uma descrição promenorizada deste procedimento. Mostraria que os conselheiristas só disparavam de posições à cavaleiro do alvo e logravam trajetórias que levavam as balas à retaguarda do inimigo, como aconteceu nos combates de Cocorobó. Antes de atirar, o jagunço "cochilava" na pontaria, aguardava longamente o soldado, de modo que "a justiça substituía-lhes a quantidade" (8).

Por seu lado, as forças governamentais desencadeavam pesado bombardeio no arraial. Inteiramente cercados, os conselheiristas batiam-se desesperadamente. Os sucessivos ataques da infantaria virtualmente cortara-lhes o acesso à água. Embora os soldados não ocupassem as cacimbas rasas do Vasa Barris na seca, vigiavam-nas a poucos metros com os fuzis engatilhados. À noite, os sertanejos arrastavam-se até aqueles reservatórios naturais a fim de obterem um pouco de água, e na tentativa morriam dois, três ou mais. Durante o dia a temperatura chegava a 33º centígrados à sombra. Na reportagem de 27 de setembro, Euclides da Cunha comentava a situação desesperada do adversário sitiado: "... deve ser cruelíssimo o martírio dessa gente indomável e custa a compreender a energia soberana que os alevanta por tal modo acima das imposições mais rudes da matéria". Tamanha resistência explicava-se pela absoluta falta de opção, visto que a rendição seria a morte certa pela degola, prática que horrorizou Euclides da Cunha e outros correspondentes em Canudos. Na matéria de 26 de setembro, o repórter assinalava que aos sertanejos só restava sobreviver até onde fosse possível e esperar que a morte chegasse por

8 - CUNHA, E. da, Os Sertões, referência citada, p. 365.

uma bala, nunca por uma arma branca, pois esta lhe vedaria o reino do céu, conforme crença generalizada e incrementada pelo Conselheiro.

Nestas circunstâncias, escreveu Euclides da Cunha na reportagem de 28 de setembro, não havia como divisar qualquer perspectiva sobre o fim da campanha. Apesar da violência dos assaltos, os soldados conquistavam duramente alguns metros apenas do território adversário; e tinham de defendê-los. Eram simultaneamente sitiados e sitiados, abatidos no próprio acampamento pela chuva de balas despejadas pelos sertanejos. A reportagem de 27 de setembro noticiava a morte de um médico alvejado em pleno hospital por um projétil que atravessara a lona do barracão. O próprio repórter sentia-se ameaçado, e com este referencial finalizou a matéria: "Além disto, conheço que não poderei prolongar-me mais hoje. Acaba de recrudescer o tiroteio e o assobio das balas ressoa sobre todos nós lembrando uma ventania furiosa". Entretanto, e a despeito das vidas ali sacrificadas, o cerco tornava-se tedioso. Na matéria de 28 de setembro, Euclides da Cunha definiu a situação: "Persiste a monotonia do cerco. No entanto, há três dias acreditei que os nossos antagonistas não poderiam resistir três horas, esmagados numa brusca abertura do cerco. Mas lá estão, indomáveis, num círculo estreitíssimo, visados constantemente por mil e tantas carabinas prestes a disparar - e não cedem./ São incompreensíveis quase tais lances de heroísmo".

O heroísmo era atributo encontrado em ambas as forças do conflito. Não poderia ser diferente, haja visto o envolvimento épico que Euclides da Cunha captava na

campanha. E o fazia conscientemente ao evidenciar paralelos marciais ou majestosos, tais como o "oppidum" itálico e as casas gaulesas descritas por César, já citados à propósito da reportagem de 10 de setembro, ou, na reportagem de 1º de outubro, quando via na região "uma harmonia imperceptível (...) recordando o fato mitológico de Memnon, de Tebas".

Havia, contudo, uma distinção no tratamento do heroísmo do jagunço e do soldado. Naquele, a par de uma qualidade inerente ao sertanejo, realçava as ações individuais, mesmo que anônimas. Dos soldados, referia-se mais ao desempenho de unidades assinaladas, como o batalhão paulista, visto que escrevia para o leitor de São Paulo, e o 5º batalhão da polícia bahiana, devido a semelhança das manobras desta força com as táticas dos conselheiristas e, claro está, da situação da Bahia que abrigava em seu território a guerra civil. Também das tropas do governo, Euclides da Cunha via o heroísmo individual, mas denominado e inerente a alguns poucos oficiais de prestígio, como Siqueira de Menezes, Tupi Caldas, Silva Telles e poucos outros.

Seja qual for a circunstância, o heroísmo aparece no texto de Euclides da Cunha de modo espontâneo e, aparentemente, na condição de informação necessária para a correta avaliação da campanha. Em nenhum momento o leitor percebe algum arroubo demasiado ou qualquer elogio sem propósito - ilustra bem esta afirmação a notícia da morte de Tupi Caldas, ocorrida no fim da guerra, o que confere uma dramaticidade pertinente, e após várias missões cumpridas. Importa fazer esta observação para demonstrar que o repórter evita o discurso apologético, que nestes casos seria o pre

ferido dos republicanos exaltados. Aliás, ao referir-se à bravura, o repórter quase sempre indicava "fato que teve muitos testemunhos".

A tenacidade heróica dos coselheiristas era uma qualidade coletiva, no mais das vezes, ou, como escrevia Euclides da Cunha no telegrama de 30 de setembro, "os 'jagunços', porém, resistem com heroísmo digno da melhor causa". Entre os soldados, privilegiava a personalidade, a competência ou a popularidade desfrutada entre os comandados. Mesmo quando oficial era seu amigo, Euclides da Cunha mantinha a discreção. Um dia antes de morrer, Tupi Caldas dera um presente a Euclides da Cunha, além do mais estava dispensado da última missão devido longa enfermidade e por estar há tempo prolongado sob combate. Este tipo de informação não se perde de modo algum, em especial para circunscrever a dimensão humana da guerra - e se não bastasse, casos como este permitem ao leitor atento traçar um paralelo entre o apaixonado oficial e o próprio Antonio Conselheiro, outro apaixonado e até exteriormente parecido com Tupi Caldas: "seco, nervoso, fisicamente frágil; olhar sem expressão".

O próprio repórter Euclides da Cunha tinha uma certa auréola de heroísmo ao transpor as dificuldades para obter as notícias e de acordo com suas motivações, em especial no conjunto de informações científicas, cujo fascínio Canudos não anularia. O jornalista científico mantinha-se desperto em meio a guerra, amiudando as referências ao meio físico desde o itinerário pelo sertão até a frente de luta. À observação do clima e da flora do sertão, acrescentava a poesia de sua beleza. Na reportagem de 28 de setem

bro dizia que "para não perder tempo" continuava, junto com o tenente-coronel Siqueira de Menezes, a registrar "hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude de Canudos", ci ente de que tais dados ainda eram ignorados. Aqueles quadrantes não eram conhecidos: "Faremos com todo cuidado estas ob servações que são as primeiras realizadas nestas regiões e das quais se derivará a definição mais ou menos aproximado do clima destes sertões".

O devotamento de Euclides da Cunha pela in formação científica provinha de seu amor pela natureza (9). Ao descrever sua primeira visita a Canudos, na reportagem de 29 de setembro, percorrendo a porção conquistada da cidadela arruinada, entre escombros e cadáveres, ainda assim notava que não se encontrava ali "nem o mais tênue traço de ccantei ro, um arremedo qualquer de jardim (...) nem uma árvore, nem um pé de flor". Na matéria seguinte, de 1º de outubro, na qual descrevia um "cenário dantesco" e dizia serem "felizes os que não presenciaram nunca um cenário igual", abriu, no entanto, a reportagem com uma das mais belas páginas sobre a natureza brasileira (10).

9 - Oportunamente se indicará o teor ecológico do jornalis mo científico de Euclides da Cunha.

10 - "Canudos - 1º de Outubro."/"Não há manhãs que se compa rem às de Canudos; nem as manhãs douradas do planalto cen tral de São Paulo se equiparam às que aqui se expandem num firmamento puríssimo, com irradiações fantásticas de apoteo se. Douram-se primeiro as cristas altas de Cocorobó, Paço de Cima e Canabrava e a onda luminosa do dia sulca-lhe, len tamente ascendendo, os flancos abruptos e ásperos semelhando

Em forte contraste com a "harmonia estranha" da paisagem em torno, alí estava, à frente do repórter o ar raial parcialmente conquistado. Euclides da Cunha foi visi tá-lo e na reportagem de 29 de setembro relatou o "passeio por Canudos". O alto comando também desceu do morro da Fave la e todos entraram na cidadela devastada pouco antes de sua ocupação completa. Era um passeio perigoso. Disseminados por todos os pontos, atocaiados nos escombros ainda irridentos das vizinhanças, os jagunços estavam à espreita, reduzindo a área de segurança - "O passeio tornou-se perigosamente atra ente, com os 'jagunços' a dois passos apenas, nas casas con tíguas". O repórter pôde examinar de perto o casario que já observara de longe, e o descreveu de novo, com pormenores. Descobriu que em absoluto não havia um plano de ruas em xa drez, como à distância tinha-se impressão, mas ruelas tortu osas a formarem um labirinto arriscado (11). Trastes jogados uma queimada longínqua, nas serras. A orla iluminada am plia-se, vagarosamente, descendo pelos contrafortes e gar gantas das montanhas fimbriadas de centelhas...Depois, a pou co e pouco, um raio de sol escapa-se, tangenciando as quebra das mais baixas, e sucedem-se rapidamete outros e vingan do logo após a barreira das montanhas o dia desdobra-se des lumbrante sobre a planície ondulada, iluminando-se repentinamen te todas as vertentes das serras do Cambaio, Cypan e Ca lumby, até então imersas na penumbra".

11 - Nas palavras de Euclides da Cunha: "...nada que recorde o mais breve, o mais simples plano na sucessão de humílimos e desajeitados casebres. Ausência quase completa de ruas, em grande parte substituídas por um dédalo desesperador de be

por toda parte, alguns objetos típicos da região e que o repórter registrou, fornecendo os nomes regionais e a utilidade (12). Daquela dispersão, oficiais e jornalistas recolham lembranças. Noutros sítios, restos lúgubres, corpos expostos "fumegavam ainda, como piras sinistras".

Há poucos dias saíra daquela "tapera colossal" uma leva de mulheres, crianças e velhos que preferira entregar-se aos soldados para, conforme descobriu-se depois, economizar aos homens do arraial os escassos recursos para a luta. Na reportagem de 26 de setembro, Euclides da Cunha comentou a fila de prisioneiros miseráveis que resignadamente eram levados pela tropa. A descrição forma o contraponto necessário à chegada dos feridos em Salvador, que o repórter também relatara em agosto. O grupo era o testemunho vivo da população e da resistência de Canudos. Euclides da Cunha assinalou a idade descompassada dos prisioneiros, desde um com seis meses até outro com sessenta anos e que poderia ter "talvez trinta" (13). Todos inúteis para a luta - um ferido cos estreitíssimos, mal permitindo, muitos a passagem de um homem"; era "como se tudo aquilo fosse construído (...) por uma multidão de loucos!". Ou: "Para se ir de uma casa à outra, afastada apenas meia dúzia de metros, tem-se de fazer um rodeio dilatado e em certos pontos, para dirigirmo-nos a determinada parte do povoado, temos que abandoná-lo, contornando-o por fora".

12 - Entre outras denominações: "redes de 'cruás'" (...) "a 'borracha' destinada ao transporte de água" (...) "'casuás' (jacás) de cipó e alguns 'aiós', espécie de bolsa para caça".

13 - Observe-se que é a mesma suspensão do tempo que Euclides da Cunha já indicara na natureza e na duração da guerra.

apresentava "uma chaga hedionda", era "um cadáver claudicante" que "não viverá talvez até amanhã". Entretanto, não havia uma sombra de desespero entre os prisioneiros, "não tremem, não se acovardam e não negam as crenças mantidas pelo evangelizador fatal e sinistro". Nos interrogatórios, tranquilamente escoavam em poucas palavras as tragédias pessoais, expostas com a resignação da fatalidade.

A maior densidade dramática acumulava-se no depoimento das mulheres de Canudos. Uma fôra presa no instante exato em que o marido caía morto em combate e a "prole espavorida" desaparecia na fuga, assim "perdendo tudo numa hora", na "transição brusca do lar (...) para uma praça de guerra", e, todavia, não demonstrava "o mais leve espanto". Em outras, "o rosto bronzeado de linhas firmes é iluminado por um olhar de altivez estranha e ameaçadora". O repórter transcreveu, mantendo o linguajar típico, o depoimento de uma outra: "Meu marido foi morto por um 'lote de soldados' quando saía; o mesmo tiro quebrou o braço de meu filho de colo.. Fiquei 'estatelada', não vi nada.. este sangue aqui na minha manga é de meu filho, o que eu queria era ficar lá também, morta..." Perspicaz, o jornalista deixava que na matéria outra depoente falasse por si: "Onde está Vila Nova?/'Abancou' para o Caipã./ E Pajeú/'É de hoje 'que ele foi p'ro céu?/ Tem morrido muita gente ai?/'E eu sei?...'. À uma pergunta que desagradou a prisioneira, o repórter recebeu a seguinte resposta: "E eu sei? Então querem saber de tudo do 'miúdo e do grande'. Que extremos!..."

Ao leitor do sul eram talvez novidades as expressões próprias do sertão nordestino. O repórter não dei

xava passar oportunidade de registrar estas informações so bre os "rudes patrícios" do nordeste. Ele mesmo não tinha in timidade com certos usos, como o demonstra sua explicação da negativa típica "e eu sei?". Traduziu-a como "o 'não' claro positivo" - mais adequado, entretanto, seria Euclides da Cu nha interpretá-lo no sentido do "como vou saber?", ou "como espera que eu saiba?". O jornalista estava tão atento para estas questões que chegou até a registrar galicismos perdi dos nos sertões - interrogando sobre eventual recebimento de armas, um prisioneiro respondeu que "não 'manca' arma nem gente p'ra brigar". Euclides da Cunha destacou logo: "Mancar faltar (manquer) - É singular este galicismo no sertão"(14).

Aquele grupo de prisioneiros saíra a tempode Canudos. Açoitado por pesados disparos de artilharia, Canudos começava a fraquejar. Na reportagem do dia 26 de setembro, o repórter assinalou os primeiros estragos de monta, e visí veis, provocados pelo bombardeio, mas ressaltava que cada ba la de canhão "parece estimular a insânia dos fanáticos", es tes "nossos rudes patrícios" de "robusta têmpera". Na maté ria de 1º de outubro mal se conteve diante da virulência do bombardeio desencadeado naquele mesmo dia: "Este foi violento, desapiedado, formidável, assisti-o da sede da comissão de engenharia". Com "precisão matemática", as granadas explo diam no seio "da área reduzida do inimigo, batendo-a em to dos os pontos, casa por casa, ricochetando em certos luga res e abrindo um círculo amplíssimo de estragos, suspendendo além, bruscamente, numa explosão enorme, a poeira intensa
 14 - Para maiores informações acerca do linguajar sertanejo, vide o inestimável "Caderneta de Campo", de Euclides da Cu- nha, (São Paulo, Cultrix/INL(MEC), 1975).

dos escombros, alevantando mais longe a coma fulva e desgredada de incêndios". Durante quarenta e oito minutos os canhões "revolveram um trecho do povoado onde repugnava a razão admitir a existência de homens". E "nem uma voz se alteou da zona fulminada, imersa toda numa quietude pasmosa, inconcebível quase; nem um vulto correndo (...) nem a mais leve agitação patenteava a existência de seres, alí dentro". Mas havia gente, as casas estavam "repletas todas", suportando as balas que penetravam pelos tetos e as granadas que "explodiam nos quartos minúsculos despedaçando homens, mulheres e crianças sobre os quais descia, às vezes, o pesado teto de argila pesadamente, como a lage de um túmulo...". Não fugiam.

O comandante determinou o assalto e dois batalhões cruzaram o Vasa Barris, entrando no arraial. Ocorreu, então, um "fato extraordinário e inesperado": de todas as casas "há poucos minutos fulminadas" partiu uma reação tremenda, "irrompendo de todas as frinchas das paredes e dos tetos, saindo de todos os pontos, explodiu uma fuzilaria imensa, retumbante, mortífera e formidável (...) e sobre os batalhões assaltantes refluiu uma réplica tremenda de uma sarajvada, impenetrável, de balas!"

Admirado, o repórter exclamou: "Sejamos justos - há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estoica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados..."

Outro batalhão avançou. O dia também avançava. Mas "às 9 horas era difícil conjeturar para que lado propendia a vitória (...) Tudo é incompreensível nesta campanha: a batalha cotinuava mais acesa e mortífera se é pos

sível". Destemoido, o jornalista correu para os pontos mais adiantados da luta: "Eu estava a cerca de 200 metros do combate. Não gastei dois minutos na travessia. Ao chegar, porém, ouvi surpreendido, sobre a cabeça, o sibilar incômodo das balas".

Sucediam-se as horas, mas "a situação não mudara (...) impossível formar-se a mais leve idéia sobre a situação". Finalmente: "À tarde reconheceu-se definitivamente que a situação não mudaria./Só havia uma providência a tomar - conservar as posições arduamente conquistadas, embora não se revestissem de importância que compensasse os sacrifícios feitos".

Nestas circunstâncias não havia como prever o fim do conflito. Os eventos se atropelavam. A partir desta reportagem de 1º de outubro, a última que escreveria sobre Canudos, Euclides da Cunha somente mandaria telegramas, noticiando a sucessão vertiginosa dos acontecimentos que levariam ao fim da guerra ainda naquele mês. O despacho das notícias não podia acompanhar o ritmo dos eventos. Já na reportagem de 28 de setembro, e não pela primeira vez, Euclides da Cunha observara que a análise profunda era "incompatível com a rapidez destas notas".

Acresce que os fatos do fim da campanha eram escabrosos, maculando o exército que proclamara a República e a avalizava. As degolas, a execução sumária de prisioneiros inclusive de mulheres, deram o perfil do que hoje se chama ria "guerra suja" e que em Canudos caracterizou o genocídio. Mesmo depois, em "Os Sertões", Euclides da Cunha relutava em

minuciar os atos dos soldados e dos oficiais. A guerra permaneceu viva por tantos anos que, em 1904, o escritor tinha de afastar receios de que as denúncias que publicara no livro provocassem o veto dos militares a sua ida para a Amazônia à serviço do ministério do exterior (15).

Em Canudos, portanto, era ainda mais difícil transpor a espessura dos óbices que perturbavam a transmissão das informações. A censura militar, que controlava os despachos dos correspondentes através do telégrafo de Monte Santo, chegara mesmo a expulsar Manuel Benício, correspondente do "Jornal do Comércio". A censura era omum, tanto nos telégrafos de Monte Santo e de Queimadas como em outras etapas que levavam a notícia da frente de luta a seu destino. Lelis Piedade queixou-se claramente do controle da informação, mas a denúncia mais explícita foi a de Favila Nunes. Escreveu que não via publicadas notícias que despachou "como todos aqui andam magros, eles (os telegramas) também morrem de inanição pelo caminho; não aguentam a viagem". E acrescentou: "O telégrafo continua meio trancado. É necessário não dizer a verdade para que os telegramas, ainda assim, finjam que são transmitidos". Esclarecia que um certo major Martiniano às vezes "põe o visto", às vezes se recusa. Tudo indica que em Queimadas havia outro censor, um tal major Nemésio. Em nenhum momento Euclides da Cunha se queixa da censura. Mas há indícios fortes de que era tolhido por ela.

Mas a censura não era o único obstáculo erguido contra o trabalho jornalístico de Euclides da Cunha

15 - Carta a José Veríssimo, de 24 de junho de 1904, in VENÂNCIO FILHO, F., Euclides da Cunha a Seus Amigos, ref. cit. p. 127

em Canudos. Ele próprio não chegou a comentar com clareza, mas admita-se que o jornalismo interpretativo exige uma distância mínima dos acontecimentos. E mais: uma possibilidade mais larga de observação para que o analista disponha de um referencial mais amplo. Disto carecia o repórter em Canudos, ali instalado por tempo prolongado e em completo isolamento, tão próximo aos acontecimentos que arriscava-se a perder de vista o conjunto e deixar-se capturar pela sedução do evento singular. Seja como for, em carta a Araripe Júnior denunciaria "as causas perturbadoras que radicavam a minha observação" (16).

Enfim, as últimas semanas de Euclides da Cunha em Canudos foram de estupor e amargura. O tempo parára ali. Tudo se repetia na sucessão infindável dos assaltos e recuos, na fila interminável de padiolas carregando feridos e moribundos. A reportagem de 1º de outubro é de absoluto desalento. A guerra não acabava; determinava-se a carga, investia-se, bombardeava-se, e nada. Persistia "a nota singular de uma monotonia estranha". Nada muda: é a nota insistente de Euclides da Cunha em todas as reportagens da frente de batalha. O repórter começou a registrar os gestos insanos de quem perdeu o contato com o mundo exterior. O coronel Sampaio atravessou lentamente a praça em direção à trincheira e não tirou os galões de oficial, expondo-se, assim, como alvo até desaparecer "com o mesmo andar tranquilo no seio dos combatentes". O capitão Abílio, assistente de Arthur Oscar, afastou-se para dar "um fervoroso viva à República" em homenagem

gem a um batalhão que avançava e tombou varado por uma bala.

O repórter sintetizando ele próprio o clima que se abatera, comentou a situação vigente no acampamento. Desperdiçavam-se vidas. Não terminava a fila de macas que subia da frente de combate para o hospital de sangue "como uma procissão lutuosa e triste". No hospital, "sem espaço mais dentro das amplas barracas, os feridos acumulavam-se, fora, no chão ensanguentado, sob o cáustico abrasado de um sol inclemente e fulgurante, atordoados pelos zumbidos agourentos, e incômodos das moscas, fervilhando em número incalculável".

Como lhe era comum, Euclides da Cunha sentiu necessidade de recorrer aos clássicos para transmitir o espetáculo da guerra. Compreendia, agora, "o gênio sombrio e prodigioso de Dante", pois havia uma coisa que somente o poeta saberia definir, "e que eu vi naquela estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do INFERNO: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos da dor e os soluços extremos da morte". Feridos contorciam-se e arrastavam-se pelo solo, enquanto "vibrava no ar um coro sinistro de imprecações". Alí, "a um lado, lançado sobre o chão duro, francamente batidos pelo sol, alinhavam-se três cadáveres" - um deles, de Tupi Caldas.

Euclides da Cunha jamais se recompôs destas experiências. Não foi exagero o que escreveu na reportagem de 1º de outubro: "Quando eu voltei, percorrendo, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixada muitas idéias, perdidas, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue..."

O ARTICULISTA DE COMBATE

"Estas linhas dizem que ao abordar aquele assunto tinha, a cavaleiro de todas as minúcias técnicas ou dados numéricos enganadores colhidos nas fantasias aritméticas de não sei quantos relatórios, duas preocupações supletivas uma da outra: a idéia política da defesa do território e o pensamento social de incorporar a nossa vida frágil e sem autonomia, de ribeirinhos do Atlântico, o cerne vigoroso das sociedades sertanejas."

("Olhemos Para os Sertões", jornal "O Estado de São Paulo", 18/19.3.1902)

O BRASIL MENTAL

"Infelizmente, me escasseia competência e valor para congruar numa única síntese rigorosa, com as suas recíprocas influências, as grandes fatalidades que perturbaram ou demoraram a nossa evolução, desde as condições físicas desfavoráveis do território amplíssimo e quase impenetrável, em virtude de sua própria estrutura geognóstica, aos impeços e perturbações de ordem moral, em grande parte oriundos da circunstância de termos sido obrigados a efetuar simultaneamente a nossa formação étnica e a nossa formação política, dando traçados paralelos a fenômenos naturalmente sucessivos".

("O Brasil Mental", 3.7.1898)

Depois de Canudos, Euclides da Cunha voltou a se dedicar quase exclusivamente ao artigo, gênero jornalístico ao qual melhor se adaptava sua inclinação para interpretar os temas centrais da época. De retorno ao sul, as atividades jornalísticas concorrerem com a preparação de "Os Sertões", idealizado como o relato pormenorizado da campanha e que, ao mesmo tempo, manifestasse os fundamentos da região e do sertanejo. As reportagens da guerra antecipavam a força dramática que imprimiria ao "livro vingador" e evidenciavam a distância aberta em relação à visão mais técnica dos artigos "A Nossa Vendéia", escritos antes da experiência na campanha. Em 1898 Euclides da Cunha começava a realizar o propósito de escrever o livro sobre os sertões, mas agora pretendia transcender o episódio do conflito e acupar-se da região e do tipo humano nele envolvidos. O próprio título "Os Sertões" corrobora esta predisposição, assinalando uma concepção mais dilatada, plural, dos fatos brasileiros. Por outro lado, como se verá, a temática nordestina continuaria presente na produção jornalística de Euclides da Cunha, que nos anos seguintes escreveria os artigos "Olhe mos para os Sertões", "Plano de Uma Cruzada", "As Secas do Norte", entre outros.

Tais expectativas, contudo, tiveram de aguardar que o repórter se recompusesse da comoção da guerra. Renovada a licença na Superintendência de Obras de São Paulo, Euclides da Cunha retirou-se para a fazenda de "Trindade", que o pai possuía em Descalvado, alí permanecendo enquanto assimilava as sequelas adquiridas no sertão conflagrado. Estava doente. Em carta explicava a um interlocutor

que tardara em responder a correspondência deste "porque a recebi numa quadra em que o meu estado de saúde impedia a leitura do folheto que a acompanhava". Acrescentou que "in-felizmente continuo às voltas com os remédios e ao partir há cinco dias para São Paulo tive de voltar logo demorando-me apenas um dia aí porque recrudesceram os incômodos". E concluiu, dizendo "ainda estou sob as vistas do médico (1).

Em Descalvado iniciou um estudo minucioso sobre os acontecimentos de Canudos, examinando documentos e buscando outros, lendo sobre a região e a população nordestina, perseguindo sempre o sentido histórico e demográfico para dar a verdadeira dimensão da guerra sertaneja. Era um estudo importante para compreender o tipo humano nacional que iniciava o ingresso, violentamente, no conjunto do Brasil republicano. O pesquisador dispunha agora da tranquilidade indispensável para a disposição das informações acumuladas e desfrutava da imprescindível perspectiva para refletir sobre o material que dispunha. Era o que lhe faltava na frente da luta. De início, o escritor encontrou dificuldade em redigir; confidenciou a um amigo que não conseguia preencher as páginas em branco: "ando verdadeiramente acabrunhado e sem disposição para o trabalho - e olho para as páginas em branco do livro que pretendo escrever e parece-me às vezes que não realizarei o intento" (2).

1 - Carta de Euclides da Cunha a Domingos Jaguaribe, Descalvado, 23 de dezembro de 1897, in Revista do Livro, Ano IV número 15, setembro de 1959, referência citada.

2 - Carta citada de Euclides da Cunha a Domingos Jaguaribe, referência citada, p. 100.

Mas logo superou o bloqueio e completou os primeiros capítulos de "Os Sertões", que mostrava a Teodoro Sampaio, a quem procurava semanalmente, viajando todos os domingos para São Paulo. Do amigo obtinha a correção eventual dos dados sobre a natureza mas, desta vez, também ele levava a Teodoro Sampaio os fatos desconhecidos que pessoalmente recolhera nos sertões (3).

As atividades jornalísticas, entretanto, continuavam presentes no espírito de Euclides da Cunha, que em 19 de janeiro de 1898 já estava de volta às páginas do "O Estado de São Paulo" com um artigo intitulado "Excertos de Um Livro Inédito", através do qual, segundo um biógrafo, "resolvera divulgar um trecho da obra" (4). Este texto, em suma, previa as considerações sobre o sertanejo e o gaúcho desenvolvidas na segunda parte, "O Homem", de "Os Sertões". O sentido jornalístico do artigo era expor ao leitor do centro-sul o perfil do ignorado compatriota de outras plagas.

Pouco durou o período de recolhimento em Descalvado. Em janeiro de 1898 a Superintendência de Obras chamou Euclides da Cunha, então engenheiro-fiscal, para a

3 - Depôs Teodoro Sampaio: "À princípio trazia-me aos domingos os primeiros capítulos, os referentes à natureza física dos sertões, geologia, aspecto, relevo e mos lia, naquela sua caligrafia minúscula, que era como a minha também. A leitura fazia-se pausada, a meu pedido, porque tinha eu a sensação de, com ela, estar a trilhar vereda nova, cheia de novidades". - apud ANDRADE, Olímpio de Souza. ob. cit., p. 140/141.

4 - ANDRADE Olímpio de S., ob. cit., p. 138.

reconstrução de uma ponte que desmoronara em São José do Rio Pardo. Mal inaugurada, a importante ponte desabara em plena madrugada, provocando a indignação dos moradores da cidade. Euclides da Cunha não era responsável pela obra, mas dada a magnitude da construção e devido a relevância daquela região cafeeira, o engenheiro, mesmo em licença, de longe acompanhara os trabalhos, e, aliás, dias antes, solicitara informações sobre a ponte e informara que a visitaria em breve. Enfim, assumiu a chefia dos trabalhos e no dia 28 de janeiro a ponte começou a ser reconstruída, instalando-se Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo, onde permaneceria até o término das obras em maio de 1901 e onde, cercado de amigos bem informados, escreveria "Os Sertões" e várias matérias jornalísticas (5).

O tempo em que esteve em São José do Rio Pardo marcou fundo a vida e a obra de Euclides da Cunha. Ali, nos intervalos das lides de engenheiro, encontrou o sossego necessário para escrever "Os Sertões" e outros textos, a maioria publicados pela imprensa periódica. Desfrutava do ambiente propício para os estudos que tal empreitada exigia e de amigos indispensáveis que contribuíram com informações e ouviram em primeira mão a leitura dos capítulos que pouco a pouco compunham o "livro vingador". Com certeza conheciam também seus trabalhos entregues à imprensa periódica.

Às voltas com os afazeres da engenharia e com a redação do livro, mesmo assim Euclides da Cunha escre

5 - São José do Rio Pardo é considerada uma espécie de "capital euclídiana", o centro da memória de Euclides da Cunha. Para muitos aquela cidade e "Os Sertões" estão intimamente ligados. O próprio escritor dizia que o livro e a ponte eram gêmeos.

via para os jornais artigos referentes a questões que considerava relevantes no momento. Em 14 de fevereiro de 1898, sob o pseudônimo "D.X" publicava no "O Estado de São Paulo" um artigo intitulado "Um Livro Sobre o Brasil", comentando o "Minha Viagem ao Brasil", de autoria da princesa Teresa da Bavária, que testemunhara a vida brasileira nos últimos anos da Monarquia. Naquela época, muitos estrangeiros ainda registravam suas impressões de viagens pelo Brasil, que não raro, eram divagações pessoais e imaginosas sobre o País. O articulista alertava sobre isto, referindo-se a estrangeiros que escreviam "livros fantásticos" que se pautavam por "uma tendência singular para o maravilhoso, para o extraordinário, espécie de novelas sem enredo". O livro de Teresa da Bavária, entretanto, acrescentava, escapava desta inclinação e se constituía num texto sério que honrava a tradição de viajantes do calibre de Louis Couty, Orville Derby, Emílio Goeldi e outros "que consideraram as coisas desta terra com uma lucidez superior".

O artigo é pertinente, sobretudo quando cotejado com outros comentários de Euclides da Cunha acerca da política nacionalista das grandes potências na época (6). As memórias dos viajantes transmitiam no exterior uma imagem dos países em que estiveram e, por seu lado, manifesta-vam uma visão do cidadão estrangeiro sobre as terras e os povos que conheceram. Ainda que sem o propósito explícito, divulgavam uma imagem passível de condicionar no plano ideoló-gico as expectativas entre as nações e até mesmo nutrir ex 6 - É o que se verá oportunamente, quando se considerar o jornalismo internacional de Euclides da Cunha.

pectativas ambiciosas. Não é uma conclusão extrema; o procedimento é conhecido - o próprio Euclides da Cunha referiu-se ao assunto pelo menos uma vez, no "A Arcádia da Alemanha", incluído do "Contrastes e Confrontos". Na passagem do século muitas eram as regiões do globo ainda desconhecidas, menos em sua geografia que em suas populações, costumes e instituições, atraindo uma curiosidade nem sempre gratuita. Era parte da geopolítica.

Por outro lado, o artigo, e o livro da princesa Teresa da Bavária, despertavam um interesse relativo à situação interna do Brasil recém saído do regime monárquico. O articulista sublinhou que o livro da princesa testemunhava uma época definitivamente encerrada. A obra revelava um "espírito brilhante" que os republicanos não poderiam ignorar sem incorrer numa "quebra de solidariedade com o passado e negar a continuidade dos esforços sociais".

A preocupação de Euclides da Cunha com os problemas brasileiros foi acrescida, em São José do Rio Pardo, pelo contato direto que manteve com imigrantes italianos, os quais formavam um núcleo na cidade e em boa parte participavam dos trabalhos de reconstrução da ponte. Nos artigos da coluna "Dia-a-Dia", de 1892, o jornalista já se ocupara da presença italiana no Brasil. A imigração italiana constiuía-se num dado novo e problemático do pensamento de Euclides da Cunha, que, todavia, nunca se dedicou ao assunto de modo suficiente. Com certeza o imigrante perturbava a concepção alimentada por Euclides da Cunha sobre a formação da cultura e da nacionalidade brasileiras. Fixado em São Paulo, o jornalista não poderia deixar de perceber o vo

lume da imigração italiana no Estado e, principalmente, a onipresença dos imigrantes e seus descendentes na vida nacional, da política ao cotidiano. Se bem que a influência cultural do imigrante italiano somente viesse a impor-se em definitivo na segunda década do século XX, já em fins do século passado era um fato incontestado. Entretanto, é preciso que se diga, certos episódios pessoais das relações de Euclides da Cunha com os italianos que conheceu não podem se prestar a conclusões demasiadamente rápidas. Conta-se, por exemplo, que pressionou a prefeitura de São José do rio Pardo a obrigar um italiano, dono de uma "tasca", a mudar o estabelecimento da proximidade da casa de Euclides da Cunha. Até altas horas, reunia-se na cantina um grupo que disputava a "morra", jogo tão barulhento quanto o truco, ao som de sanfonas e clarinetas que concorriam entre si valsas vienenses, boleros espanhóis e tarantelas napolitanas (7). Esta circunstância deve-se ao conforto pessoal e ao andamento do trabalho intelectual. Nada tem a ver com discriminação. Tanto é que na mesma época, e na mesma colônia italiana, Euclides da Cunha conheceu Mateus, um velho imigrante que guardava as obras da ponte e com quem manteve uma amizade carinhosa que durou anos. Numa, carta a Francisco Escobar, datada de São Carlos aos 30 de novembro de 1901, muito tempo depois dos tempos de São José do Rio Pardo, o escritor pedia ao amigo que não permitisse que Mateus ficasse de

7 - SILOS, José Honório de, "Reminiscências de Euclides da Cunha - Francisco Escobar", apud ANDRADE, Olímpio de S., ob. cit., p. 197/198.

sempregado ou desamparado pelas oscilações da politicagem municipal (8).

Este clima apenas parece rotina. Na verdade, a inteligência de Euclides da Cunha funcionava com mais potência do que antes. E a temática da cultura brasileira, antes indicada, começava a tomar força. Em princípios de julho de 1898, Euclides da Cunha publicou no "O Estado de São Paulo" uma série de três artigos intitulada "O Brasil Mental", comentando livro homônimo do escritor português José Pereira Sampaio, mais conhecido por Bruno, que pretendia "conhecer as condições específicas e próprias da sociedade política e econômica brasileira", tendo em vista que Portugal não podia prescindir "correlação com o Brasil" (9). Os artigos da série constituem-se em peça importante para a compreensão das atividades de articulista que Euclides da Cunha cultivava, uma vez que expõem parte da temática que orientava suas análises e, principalmente, para a visão es

8 - Carta de Euclides da Cunha a Francisco Escobar, de 30 de novembro de 1901, in VENÂNCIO FILHO, Francisco, Euclides da Cunha e Seus Amigos, ob. cit., p. 69.

9 - Depois de sua publicação original, a série "O Brasil Mental" ficou ignorada até julho de 1958, quando foi publicada pela Revista do Livro, nº 10, Ano III, junho de 1958, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, MEC, p. 185 ss. Naturalmente, encontra-se também na "Obra Completa", de Euclides da Cunha, organizada por Afrânio Coutinho, referência citada.

A dura crítica que José Pereira Sampaio recebeu de Euclides da Cunha em 1898 não arrefeceu sua admiração pelo autor de "Os Sertões". Foi o organizador do "Contrastes e Confrontos" publicado pela primeira vez em 1907 e friamente recebido por Euclides da Cunha.

trutural dos problemas. "O Brasil Mental" foi um esforço para captar as linhas mestras que presidiam o avanço de concepções que esteavam a República e ao mesmo tempo tendiam a se transformar diante da realidade.

Por outro lado, a série "O Brasil Mental" apresentava uma espécie de antevisão sumária da metodologia de "Os Sertões". Em outras palavras, Euclides da Cunha transformava em matéria jornalística as pesquisas que empreendia para o livro, estudos agora mais serenos e substantiados. Esta antecipação breve não se referia ao conflito de Canudos, que, no "Os Sertões" seguiria mais o tom das reportagens, mas sim os fundamentos de uma nacionalidade que o escritor julgava ter surpreendido no sertão nordestino. Nesta série já interpretava o sertanejo como o centro de uma "alma brasileira", o núcleo de uma nacionalidade, tema que retomaria constantemente, não sem graves equívocos, tanto no livro em preparação como no artigos que publicaria até o fim da vida. Neste sentido, reafirmava-se a intimidade entre a militância de Euclides da Cunha na imprensa periódica e as pesquisas exaustivas que desenvolvia sobre as questões estruturais da vida nacional. Em suma, se "Os Sertões" nasceu em boa parte da vivência de Euclides da Cunha na campanha de Canudos, a série "O Brasil Mental", e outros textos jornalísticos, recuperava parcialmente os resultados discutidos no livro (10).

10 - Necessário lembrar que não há uma identidade absoluta entre o livro e o material jornalístico. Em "Os Sertões", Euclides da Cunha privilegiou a raça, enquanto que nos artigos enfatizou a nacionalidade.

Observa-se, desde já, que Euclides da Cunha admitia a diversidade brasileira, mas a entendia como um movimento que confluía para uma nacionalidade em gestação. Em textos anteriores, mormente nos de Canudos, já fizera referências a respeito e com o mesmo senso de relatividade. A idéia básica era a de que, entre os diferentes tipos brasileiros, havia um de alcance nacional, ainda em formação mas com personalidade já visível. O elemento novo na série "O Brasil Mental" foi a tentativa de esboçar este perfil em oposição a características estrangeiras, no caso portuguesas, ensejadas pelo livro de José Pereira Sampaio. Ao invés de procurar uma definição de uma nacionalidade a partir de seus traços imanentes, de acordo com uma visão centrípeta, Euclides da Cunha optou pela definição em oposição, do modo centrífugo. É um ponto a destacar, pois esta foi a única vez em que o escritor procurou uma nacionalidade brasileira em relação diferenciada com outros povos. Para tanto, o livro de José Sampaio prestava-se muito bem. Embora nascida de uma herança lusitana, pode-se falar de uma mentalidade brasileira, dizia Euclides da Cunha. De Portugal, o brasileiro recebeu desde uma situação política até uma continuidade cultural, aí incluindo-se as "minudências últimas da linguagem". Mas, ao contrário do que pretendia o escritor português, a afirmação brasileira perante Portugal não significava a pura substituição da influência lusitana pela francesa - não no sentido de engulir-se "tudo, inteiramente e de pancada", que vinha da França.

A influência cultural estrangeira tornava-se, portanto, um dado central no raciocínio do jornalista,

que, através desta perspectiva, iria considerar o que julgava ser o teor de uma nacionalidade. Num plano superior, afirmava, uma nacionalidade se manifesta "nas correntes filosóficas e tendências artísticas, pois, ao afirmar-se uma raça, "o que se observa de golpe é um complexo de idéias firmando um modo de agir, patenteando-se pelas criações intelectuais, as qualidades que a aparelham para adaptar-se ao ambiente da civilização geral". Estudar as realizações culturais de um povo seria verificar se este mesmo povo meramente absorve "o resultado de esforços estranhos". Ou, ao contrário, se há evolução a ponto de criar algo autônomo e capaz de se manifestar através dos avanços efetuados pelas civilizações, resultando uma "economia íntima" habilitada a agir, por sua vez, "sobre o progresso geral imprimindo-lhe um traço de originalidade qualquer". Proveniente da própria geração da nacionalidade, tal percurso, de sua parte, alcançaria instâncias das mais sofisticadas, pois "para que surjam gênios nacionais é preciso que antes despontem ou se transfigurem as nacionalidades" (11). Logo, o ponto de partida era inquirir sobre a emergência das nacionalidades, o que Euclides da Cunha buscava a todo custo.

Isto, entretanto, denunciou o articulista, era o que José Sampaio não fazia em seu livro sobre a mentalidade brasileira. Mas era o que Euclides da Cunha estava

11 - Note o cuidado do articulista em distinguir o "despontar" e o "transfigurar" das nacionalidades, ambos capazes de gerar uma cultura sofisticada. Claro está que no caso brasileiro, segundo Euclides da Cunha, "despontar" era o verbo.

tentando em "Os Sertões". E perseguia o que considerava ser uma metodologia científica. O erro do escritor português, as sinalava, foi ignorar que hoje "a história, calcada em leis inflexíveis, não é mais uma arte peada ao subjetivismo dos que a escrevem". Esclarecia, deste modo, que seu procedimento haveria de recorrer aos fundamentos de uma nacionalidade identificados na etnia e no meio físico: "a definição da nossa fisiologia especial em função do meio e dos componentes étnicos que convergem na constituição da raça, e logo depois, numa escala ascencional, o traço mais vivo da nossa feição histórica sobre que reagem aqueles, atenuados pelo influxo inevitável da civilização geral". Finalmente, a parte final desta frase repele qualquer tentativa de atribuir xenofobia a Euclides da Cunha. A civilização é geral, isto é, a cultura é patimônio da humanidade, e por isto admitese o diálogo entre suas manifestações particulares (12).

Se, para Euclides da Cunha, os fundamentos de um povo repousavam na etnia e no meio físico, nota-se que este último predominava nas reportagens da guerra de Canudos, enquanto que a etnia foi interpretado como raça em "Os Sertões", mas como parte da nacionalidade dos artigos jornalísticos. Com certeza seria apressado concluir por um Euclides da Cunha "reacionário" ao empregar a palavra raça, e, em cotrapartida, mais "avançado" por usar o termo nacionalidade. A despeito da maior incidência de uma ou de outra expressão, o escritor as utiliza indiscriminadamente; na da sugere que atribua a uma delas significação especial. Assim, não fosse, ambos os vocábulos não estariam lado a la

12 - Vide, por exemplo, o "Nativismo Provisório", incluído no "Contrastes e Confrontos".

do nos mesmos textos e em harmônica coexistência - excluir-se-iam. Entretanto, parece ser hábito corrente referir-se a um Euclides da Cunha "racista" (segundo o racismo sistematizado neste últimos cento e tantos anos). Decerto que nem todos pensam assim - os que lêem Euclides da Cunha sabem da vaguidade e da complexidade destas palavras no pensamento prevalecente na passagem do século. Dante Moreira Leite, por exemplo, percebeu que na época não havia uma distinção clara entre os termos raça e nação e que, sendo o Brasil um país sem uma etnia única ou preponderante, impunha-se, aos contemporâneos da passagem do século, formar uma nação para que desta emergisse uma raça histórica. Aliás, conclui aquele estudioso, em "Os Sertões" há uma raça representada, ao menos, no sertanejo, sempre de acordo com Euclides da Cunha (13).

Na série "O Brasil Mental", em outras matérias jornalísticas e no "Os Sertões", Euclides da Cunha não discutiu o conceito de raça, um dos mais divulgados pelas ciências sociais da época. É também certo que em nenhum momento o utilizou nas vertentes exclusivistas que pretendiam determinar superioridades e inferioridades raciais e que, igualmente, estavam sendo muito difundidos naquele tempo. Por isto mesmo, admitia a mescla de povos, classificando-se a si próprio como um caboclo, e não considerava um embaraço forçoso o encontro de diferentes etnias. Elogiando Gregório de Matos e sua verve, de certo modo aparentada à "dialética da malandragem", Euclides da Cunha dizia que o célebre ora

13 - LEITE, Dante Moreira, O Caráter Nacional Brasileiro, 2ª. ed., São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1969, p. 206.

dor "só podia surgir naquela retorta da Bahia desmedida". E acrescentou: "Difundiu-se em dois séculos, e aí está, impressionante, nesta adorável capadoçagem nacional que atenua em boa hora a nossa melancolia de semi-bárbaros..."(14). A mescla, segundo Euclides da Cunha, não determinava a qualidade de um povo. Esta seria condicionada pelo tipo de vida, e indicava a existência nos centros litorâneos como aqueles que predispunham ao enfraquecimento moral, enquanto que o homem do interior, às voltas com os ermos, saía fortalecido. É o que advogava constantemente em diferentes textos jornalísticos, tais como a longa série que compõe o "Peru versus Bolívia" e os artigos "Nativismo Provisório" e a "Nacionalidade", entre outros (15).

Euclides da Cunha sempre se referiu ao sertanejo como "um forte", definindo-o numa frase famosa, "a rocha viva da nossa nacionalidade", que poderia até mesmo ser considerada o epigrama de "Os Sertões". A raça no entanto, era entendida por Euclides da Cunha como "um parênteses irritante", a demonstrar que, na época, o conceito não primava pela univocidade que desfruta hoje (16).

14 - Carta de Euclides da Cunha a Araripe Júnior, Lorena, 12 de março de 1903, in VENÂNCIO FILHO, Francisco, Euclides da Cunha a Seus Amigos, referência citada, p. 91.

15 - Os textos apontados encontram-se na citada coletânea organizada por Afrânio Coutinho. Os dois últimos também estão incluídos no "Contrastes e Confrontos".

16 - E mesmo hoje, a palavra raça é usada com bastante liberalidade, num sentido ordinário: os corajosos têm raça e garra, a raça corintiana, etc.

Seguramente, o vocábulo ainda aguardava uma precisão - o que de fato ocorreu pouco depois, dirimindo adeptos radicais e opositores enfáticos. Como se sabe, o trabalho clássico da teoria racial, "The Foundations of Nineteenth Century", de Houston Stewart Chamberlain, somente seria publicado em 1899, e a tese racista de Arthur Gobineau, "Inequality of Human Races", seria traduzida para o inglês em 1910. Ambas as sistematizações propiciaram que muitos autores as levassem a extremos e que outros tantos pensadores delas se afastassem.

Mesmo que em certas passagens de Euclides da Cunha o vocábulo raça se manifeste de modo relativamente dúbio, na imensa maioria das vezes em que foi utilizado teve o significado inquestionável, explícito de nacionalidade e cultura. No terceiro artigo da série "O Brasil Mental", apresentando-se como um verdadeiro "parêntese irritante", a raça aparece ora como etnia, ora como produto histórico, ora como cerne da nacionalidade, apresentando um escritor em expectativa, a espera de um autor, de uma obra, de um sistema filosófico que ensejasse uma alternativa ou desfizesse a condição agônica do conceito, o qual, para Euclides da Cunha, permaneceria até o fim da vida como uma questão mal resolvida. Para seus leitores, contudo, seria recomendável que à indefinição do conceito na época fosse observado que Euclides da Cunha registrava os seguidos desmentidos que a realidade lhe impunha cada vez que empreendia suas andanças pelos sertões. É um dos casos em que a generalização é perigosa. Um dos pontos afirmativos da série "O Brasil Mental" é melhor esclarecer as concepções do jornalista e contribuir

para a compreensão do pensamento brasileiro naquelas déca
das.

A nacionalidade, ou raça, que conferia o fundamento afirmativo de um povo perante o mundo, é uma questão de relevo na produção jornalística de Euclides da Cu
nha. Mais uma vez configura a vocação estrutural de seu pen
samento, sempre a perseguir as linhas mestras que se soer
guem aos eventos, sempre em busca das relações decisivas, da
dimensão dos fatos (17). Em "O Brasil Mental", filiando-se
ao "darwinismo social", o articulista diria que, a exemplo
da seleção natural, as "novas raças emergentes" teriam de
conviver "com as condições gerais da vida", muito complexas
para as nacionalidades emergentes, as quais compartilhariam
de "uma civilização em que não colaboraram". E acrescentava:
"É o nosso caso". Mas "o nosso caso" seria ainda mais com
plexo, esclarecia, uma vez que o Brasil vivia um processo de
"fusão de fatores étnicos diversos" e deparava-se com a
"preliminar forçada de uma sub-raça de tipo ainda indistin-
to".

Não se conclua com pressa. Euclides da Cu
nha nem sugere que a "sub-raça" se referisse à "raça inferi
or", mas sim como ramificação de uma suposta taxionomia
étnica. A leitura de "O Brasil Mental", onde a questão foi
apresentada com a devida clareza jornalística, e de outros
textos mostra um Euclides da Cunha otimista quanto à mistu
17 - Nos capítulos seguintes, em especial os referente ao
jornalismo internacional de Euclides da Cunha e às matérias
voltadas para as questões centrais do Brasil, se demonstra
rão as implicações desta perspectiva.

ra de raças no processo de formação da nacionalidade brasileira. Cotejando o Brasil com os Estados Unidos, o articulista afirmou que, no primeiro, a sociedade inglesa "chegou intacta" e se impôs impelida ao "esmagamento, do pelo vermelha e ao isolamento sistemático do negro". No Brasil ocorreu diferente - "a nossa história é, por isto, incomparavelmente mais interessante e instrutiva".

Dizia Euclides da Cunha que "podemos caracterizar o nosso movimento evolutivo como um resultado da ação de raças heterogêneas que se acham entre si numa relação de subordinação ou de predomínio, ou num equilíbrio mais ou menos estável, obtido à custa de compromissos políticos, determinando uma superposição de classes que se erige na ordem política como - a seleção natural das raças". Esta "luta formidável" seria "a força motriz da história" e resultaria "das razias selvagens das tribos até a forma pacífica e jurídica refletida na organização do Poder e do Estado". Era, a "unidade étnica (...) antes de tudo um produto histórico". Concluía: "tendemos para um tipo etnológico e, conseqüentemente, para um tipo histórico definido e naturalmente diverso de cada um de seus fatores isolados".

As nacionalidades diferiam entre si: "fatalmente - havemos de dissentir", brasileiros e portugueses também. Euclides da Cunha admoestava José Sampaio, autor do livro que criticava. É a respeito do tipo exato do brasileiro que está "a ignorância em que têm até hoje vivido os escritores portugueses". Esclarecia que acabava de indicar a maneira de avaliar a mentalidade brasileira - era o caminho correto, diverso das discordâncias inócuas de meia du

zia de literatos. As insistentes disparidades idiomáticas não eram o essencial, apesar dos literatos: "Garantimo-los: o brasileiro errado que surge do português certo e castiço de A. Garret, distrai-nos, como toda gente, é uma fantasia não ofende; aceitamo-lo..." Lastimável era José Sampaio não ver nesta "rivalidade dos dois povos afins, mas distintos, um fato nobilitador".

Por se prender a minudências e superficialidades, e por não alcançar as estruturas do processo gerativo do Brasil o livro de José Sampaio, dizia Euclides da Cunha, é interessante apenas no tema, que fica circunscrito ao título, à "primeira folha", contornado desordenadamente numa "erudição luxuosa". Para o articulista, parecia que José Sampaio temia o assunto. Seu livro era um "desafogo em estilo candente", no qual "a combatividade do polemista anula a serenidade do crítico", cujas assertivas eram, de resto, feitas "por observações incompletas, imperfeitíssimas, quando não inteiramente falsas". Aliás, o próprio José Sampaio, queixando-se da tirania do "sr. diretor da oficina", confessava que seu trabalho acabara num livro apressado.

Se uma das mais caras manifestações da nacionalidade era a qualidade de sua criação filosófica, conforme afirmara Euclides da Cunha no primeiro artigo da série "O Brasil Mental", então o País dava um importante passo para estabelecer sua personalidade ao assumir o positivismo e adaptá-lo a suas particularidades. O articulista acreditava nesta conclusão, pois dizia que "daqui tem partido para as ciências naturais em geral, da geologia à arqueologia, contribuições notáveis". Ora, é um otimismo demasiado

do jornalista; dir-se-ia até um certo ufanismo se ele não fosse reiteradamente avesso a estes sentimentalismos. No segundo artigo da série, e em parte do terceiro, o positivismo no Brasil foi o tema central, e outra vez Euclides da Cunha criticou duramente José Pereira Sampaio. O escritor português, dizia o articulista, desconhecia a influência do sistema de Comte entre os brasileiros, embora dedicasse ao tema "cerca da metade do livro", estendendo-se "em monótona e fatigante discussão". Ao contrário do que José Sampaio pretendia, o Brasil não utilizou a doutrina comtiana para buscar na França o alento para a renovação espiritual e nem o faria por desdém a Portugal - caso contrário, estaria "cedendo ao vício hereditário transmitido por este".

Em corolário, tornava-se menos verdadeira a assertiva de que no Brasil "engulia-se de tudo, inteiramente e de pancada". No momento em que critica esta afirmação, a série "O Brasil Mental" torna-se um dos melhores textos para determinar o alcance da doutrina positivista no Brasil. É uma avaliação respeitável sobre o comtismo entre os brasileiros. Apesar de sua intimidade com o positivismo, Euclides da Cunha repudiou a filosofia de Augusto Comte no que ela tinha de ritual - o que, em suma, era o componente do sistema que Euclides da Cunha recusava. Ou seja, negava "o seu culto, o seu sacerdócio, o seu grande fetiche, as suas grandes utopias, as suas procissões solenes, a sua aristocracia de sábios e a sua oligarquia de banqueiros". Por outro lado, os brasileiros também não aceitaram "todas as conclusões da 'Política' e todos os sacramentos do 'Catecismo'". De modo algum nos "deletreamos com a unção religiosa de brâmanes ante os versículos dos 'Rig Vedas'". A "influência do pensador francês na mentalidade brasileira

foi fecunda, por isto mesmo que, limitada pelos tomos da 'Filosofia' não foi além, não jungiu aquela a uma ortodoxia escravizadora e exclusivista".

O fato, dizia o articulista, "é que a maioria da atual geração de brasileiros, que remodelou o espírito sob o influxo tonificador do notável critério científico do pensador francês, não ultrapassou as páginas da 'Filosofia Positiva', da 'Geometria Analítica' e da "Síntese Subjetiva". E aliviado acrescentou: "Felizmente". Apenas "uma minoria diminutíssima aceitou todas as conclusões do pontífice. A maioria permaneceu autônoma". Era ocioso demonstrar tal assertiva, esclareceu Euclides da Cunha, pois é inconteste que em nossas "indagações científicas preponderam, exclusivos em toda a linha, o monismo germânico e o evolucionismo inglês". Este, recorde-se tinha sido o próprio itinerário de Euclides da Cunha.

A série "O Brasil Mental" amplia, por outro lado, a observação sobre a vocação de Euclides da Cunha pelo jornalismo científico. A maior parte do segundo artigo ilumina o pendor do jornalista pela divulgação científica. Comentou os avanços das ciências naturais sob o influxo positivista e comentou os momentos mais relevantes da história da ciência. Emerge do texto o articulista formado em ciências naturais, citando Aristóteles, Boudach e Kant, remetendo a Vitruvius e aos progressos da geometria, avaliando Barther e o vitalismo animista, discorrendo sobre as vicissitudes do geocentrismo em Galileu e Bossuet, exemplificando com as pesquisas termométricas do físico Fourier, falando sobre a astronomia de Leverrier e as perturbações do movi

mento de Urano, criticando os positivistas Littré e Pellarin para, finalmente, admitir como indiscutível a análise espectral da constituição dos mundos.

Estes artigos constituem o primeiro material jornalístico de peso que Euclides da Cunha escreveu em São José do Rio Pardo. Decerto manifestam a influência sobre ele exercida pelos amigos que o cercavam na cidade e que, graças à erudição de alguns deles, contribuíram, seja por leituras comuns, seja pela convivência, para o crescimento do escritor. Dentre estes, destacou-se, pela amizade e pelo diálogo intelectual, Francisco Escobar, prefeito da cidade, jornalista e grande leitor de diversos assuntos (18). Francisco Venâncio Filho, organizador da correspondência de Euclides da Cunha, conheceu Francisco Escobar e, em 1925, viu-o discorrer à vontade sobre Einstein, Freud, Croce, Bergson, William James, Montesquieu e Gandhi (19). Escobar auxiliou Afonso Taunay na decifração paleográfica dos documentos compulsados para o "São Paulo nos Primeiros Anos" e para o "São Paulo no Século XVI". Foi apontado por Valdomi

18 - Silvío Rabelo e Olímpio de Souza Andrade (cujas obras já foram citadas), dois consagrados biógrafos de Euclides da Cunha, são unânimes em realçar o círculo de amigos em São José do Rio Pardo e, entre estes, a figura de Francisco Escobar. Ambos assinalam também a contribuição indireta destes amigos na preparação de "Os Sertões", bem como a orientação de leituras. Muitos eram de tendência socialista e tiveram alguma influência política sobre Euclides da Cunha, como se verá oportunamente.

19 - VENÂNCIO FILHO, Francisco, ob. cit., vide a apresentação do livro.

ro Silveira como um homem de raro saber, e elogiado por Monteiro Lobato e por Rui Barbosa. Francisco Escobar foi uma das personalidades do movimento socialista de São José do Rio Pardo (20).

A este meio privilegiado deve-se a dilatação do horizonte de leituras de Euclides da Cunha, conforme assinalam seus biógrafos e como é possível perceber na segurança das concepções que então apresentava. O essencial está consubstanciado numa visão mais moderna da história, a qual não mais se circunscrevia a elogios a Carlyle e à história política e "événementielle", mas reforçava a predisposição para o exame das estruturas de uma civilização. A obra de Euclides da Cunha evoca a metodologia braudeliana, que abriu a historiografia nas últimas décadas, trazendo à luz a lentidão da geografia e dos momentos demográficos. Mesmo no balanço do positivismo em "O Brasil Mental", evitou, com felicidade, o relato episódico que o tema frequentemente enseja, e concentrou-se no recitativo conjuntural, além de acrescentar ao texto a temática ainda mais profunda da formação étnica de um povo. No "Os Sertões" melhor se manifesta esta arquitetura que congrega a sucessão vertiginosa dos episódios da campanha e as linhas de ritmo longo que compõem as duas primeiras partes do livro, não gratuitamente denominadas "A Terra" e "O Homem".

Mas certamente não foi apenas o ambiente propício de São José do Rio Pardo o responsável pelo amadurecimento de Euclides da Cunha. Por maior que fosse, não vingaria se não encontrasse as condições propícias advindas da

experiência do jornalista em Canudos e, principalmente, as muitas viagens que ainda empreenderia por diferentes regiões brasileiras. Do mesmo modo, seria injusto restringir a "Os Sertões" a manifestação das reflexões mais profundas sobre o Brasil. O material jornalístico de Euclides da Cunha é indispensável, além de abrir o exame do Brasil no mundo da época.

Em São José do Rio Pardo, Euclides da Cunha escreveria ainda uma série de três denominada "As Secas do Norte", dois artigos intitulados "A Guerra no Sertão" e "O Brasil no Século XIX", que serão considerados adiante.

VELHOS E NOVOS PROBLEMAS

"...leis positivas da sociedade que criam o reinado tranquilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração."

("Um Velho Problema", jornal "O Estado de São Paulo", 1º.5.1904)

O tema emblemático da formação da nacionalidade brasileira seria retomado por Euclides da Cunha em artigo específico no "Nativismo Provisório", incorporado posteriormente ao "Contrastes e Confrontos". O assunto, entretanto, não arrefecera em seu espírito; quando não orientava diretamente os textos, possuía implicações mais ou menos claras nas considerações que desenvolvia. Ainda em São José do Rio Pardo e nos anos imediatos que antecederam e se seguiram à publicação de "Os Sertões", o jornalista deu à imprensa periódica inúmeros escritos sobre variadas matérias, recuperando, como se verá, velhos problemas e devotando-se aos novos problemas suscitados pela civilização da época. Definir uma nacionalidade tornara-se um propósito mais rico, e portanto mais complicado. Ao lado da farta produção do período, Euclides da Cunha cumpria seus afazeres de engenheiro, ao mesmo tempo em que procurava escapar do "desvio morto da engenharia", segundo suas palavras.

A grande novidade da vida de Euclides da Cunha foi a publicação de "Os Sertões" em novembro de 1902, o que exigiu do escritor um esforço considerável em muitas frentes. Ele próprio bancou a primeira edição, entregue aos cuidados da casa Laemmert, e em cartas ao pai discorreu sobre os itens das despesas, esclareceu que assumira tamanho encargo por puro "idealismo" e que, finalmente, estava mais tranquilo graças ao sucesso da primeira edição, tanto é que preparava a segunda (1). Mas não fôra fácil encarar a produção do

1 - Cartas de Euclides da Cunha ao pai; datadas de 19 de fevereiro de 1903, 25 de fevereiro de 1903, e 25 de agosto de 1904, in VENÂNCIO FIHO, F., ob. cit., respec. ps. 83, 84 e 131.

livro. A editora Laemmert, com quem Euclides da Cunha teve de negociar tudo, até o papel (2), descuroou na revisão e deixou passar uma avalanche de erros tipográficos que desesperavam o zelo de Euclides da Cunha pelo idioma, levando-o ao ato extremo, e inútil, de tentar corrigir página por página de cada um dos exemplares. Constrangido, recusou-se a apresentar um volume a seus amigos, desculpando-se depois pelo "esquecimento" a uns (3) e confessando o embaraço a outros (4). Por outro lado, o escritor era seguidamente solicitado para responder às críticas ao livro e esclarecer pontos que iam desde tópicos estilísticos até conceituações teóricas. Mas regozijava-se, dizia-se feliz por ver que a "opinião nacional" estava a seu lado (5). Finalmente, agora famoso, Euclides da Cunha era tentado pela consagração da celebridade e procurava ser aceito pela Academia Brasileira de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico. Tomou posse na Academia Brasileira de Letras em 20 de novembro de 1903, preenchendo a vaga aberta por Valentin Magalhães, após um empenho árduo por aquilo que representava a consagração da celebridade e a aceitação pela intelectualidade da época. Em carta a Coelho

2 - Vide carta de Euclides da Cunha a Francisco Escobar, de 10 de agosto de 1902, in VENÂNCIO FILHO, F., ob.cit., p.74.

3 - Cartas de Euclides da Cunha a Luis Cruls e a Lúcio de Mendonça, respectivamente de 20 de fevereiro de 1903, e de 22 de março de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob.cit., ps.83/92.

4 - Cartas de Euclides da Cunha a Max Fleiuss e a Francisco Escobar, respectivamente de 29 de maio de 1903 e de 19 de outubro de 1902, in VENÂNCIO FILHO, F., ob.cit., ps.97 e 78.

5 - Carta de Euclides da Cunha ao pai, 25 de fevereiro de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob.cit. p. 85.

Neto dizia que "há um móvel egoísta" na luta que travava pela realização do anseio e que obedecia à "contingência humana" (6). Contudo, ele mesmo reconhecia as dificuldades em disputar com a "elite" e a reticência em "cavar", como os outros (7). De fato, até carecia de tempo para os necessários contatos e o trabalho de engenheiro o mantinha em frequentes viagens, distante do círculo de eleitores. Foi, portanto, eleito de longe. Uma vez indicado disse: "... o desvio que abri nesta minha engenharia obscura alongou-se mais do que eu julgava". O primeiro a quem notificou que ocuparia a cadeira de Castro Alves foi o pai, bahiano, a quem também homenageou, substituindo o discurso de posse pela leitura de um poema da lavra paterna intitulado "A Morte de Castro Alves" (8).

Mais ilustrativo de seu caráter foi a carta de agradecimento pelo apoio que o eminente republicano mandou a Afonso Celso. Garantia ao velho monarquista que, a seu ver, a brasilidade a tudo se sobrepunha e ressaltou o respeito mútuo que nutriam. Liga-nos, escrevia "o amor à

6 - Carta de Euclides da Cunha a Coelho Neto, de 10 de setembro de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit. p. 106.

7 - Carta a Francisco Escobar, 24 de julho de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 105.

8 - Em carta de 22 de setembro de 1903, informava ao pai: "No meu discurso de posse hei de recitar alguns versos do velho poeta MRPC - que acompanham as primeiras edições de 'Espumas Flutuantes'". A sigla refere-se ao nome paterno: Manuel Rodrigues Pimenta Cunha. In VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 108.

nossa terra" (...) "este apego ao Brasil nos confraterniza!" Além do mais, acrescentou, "ambos não temos partido", um, Euclides da Cunha, porque "repelido por singulares brasileiros", o outro, Afonso Celso, porque vítima de "agitações inconsistentes". Euclides da Cunha confirmava o que chamava de "solidariedade histórica", antes demonstrada pela atitude perante o Conselheiro Saraiva. Além disto, a carta esclarece a repercussão de "Os Sertões", de fato um "livro vingador" que fez uma das mais graves denúncias contra governos republicanos e que, naturalmente, foi aceito pelos monarquistas, conforme o próprio Afonso Celso escreveu a Euclides da Cunha (9). Enfim, não seria outra a razão do desdém que o escritor recebia de "singulares brasileiros".

Este confessado "apego ao Brasil" não era nada emotivo, mas consubstanciado na percepção concreta que Euclides da Cunha tinha sobre a nação, que ainda não completara um século de existência. Tal concepção repousava no perfil da nacionalidade que propiciaria a afirmação do País perante o mundo, interpretando-a como uma interrelação, um diálogo. Em definitivo, este é o cerne do artigo "Nativismo Provisório". Evidencia-se no texto o esforço do articulista em tentar uma explicação clara no intrincado jogo de influências culturais do agitado processo de mundialização de inícios do século. Pode-se interpretar este artigo denso e complexo como uma reflexão em voz alta sobre um tema delicado

9 - Carta a Afonso Celso, 17 de julho de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., *oc. cit.*, p. 104

- O "Nativismo Provisório" está no "Contrastes e Confrontos" e na "Obra Completa", organizada por Afrânio Coutinho, ambas referências citadas.

do e ardiloso (10). Predomina o tratamento equilibrado dos dados que o polemista dispunha, sem que, em nenhum momento, resvale num estilo panfletário e apaixonado. Logo de início, Euclides da Cunha afirmava que "o nosso localismo frisa pela parcialidade", pois, esclarecia, os brasileiros não costumavam poupar aplausos para os "forasteiros disciplinados que nos últimos tempos transfiguraram as nossas culturas e se vinculavam aos nossos destinos, nobilitando o trabalho e facilitando a maior reforma social de nosso tempo". Nesta frase de abertura já se observa o tratamento plural que o articulista conferia ao Brasil. Esta multiplicidade possuía uma dimensão mais profunda, pois o escritor refere-se a "destinos". Esclarece, igualmente, as quatro características que Euclides da Cunha atribuía aos imigrantes: "disciplinados", transformadores de "nossas culturas", nobilitavam o trabalho e incrementavam a reforma social esperada. O último ponto merece destaque, pois, mais uma vez, demonstra o otimismo com que Euclides da Cunha via "a maior reforma social de nosso tempo" - e o coloca em sintonia com as doutrinas políticas trazidas pela imigração. Ora, sabe-se que, na época, entre os imigrantes, as premissas anarquistas sobrepunham os sucessivos mas limitados agrupamentos socialistas. Sabe-se, também que Euclides da Cunha mantinha-se respeitoso, mas distante em relação ao anarquismo, enquanto que recebia com mais simpatia o movimento socialista, que lhe ensinara tão sólidas amizades em São José do Rio Pardo e

10 - E que até os dias de hoje, neste final de século ainda desperta tanta polêmica e tantos equívocos - boa parte dos estudos brasileiros ocupa-se das influências culturais no mundo e das definições, ou da inexistência, de culturas nacionais.

se reunia em torno do jornal "O Proletário". Se fosse apenas por isto, o "Nativismo Provisório" já enriqueceria o exame do pensamento de Euclides da Cunha, mesmo porque remete ao artigo de 1º de maio de 1892, publicado na seção "Dia-a-Dia".

Começava por abordar a problemática da imigração, a qual, se somente anos depois estaria configurada em definitivo, na época de Euclides da Cunha já despertava forte interesse (11). O "Nativismo Provisório" pautava-se, porém, pela sensibilidade às questões essenciais da imigração e pela perspicácia em distinguir nos forasteiros que aqui chegavam uma presença que ultrapassava a esfera circunscrita da mão-de-obra. Afirmava que "de fato, esta imigração que desejamos, não se dá pelo concurso mecânico do braço que trabalha, senão também porque carecemos da colaboração artística e do adiantamento dos outros povos". A assertiva lembra os analistas da imigração que escreveram nas décadas de 20 e de 30, dentre os quais erguia-se Antonio de Alcântara Machado com o simpático, mas cáustico conjunto de contos "Brás, Bexiga e Barra Funda" e com as crônicas e o material jornalístico do "Cavaquinho e Saxofone". Tal como Alcântara Machado, Euclides da Cunha assistia a transmutação cultural provocada pelos imigrantes, mas, ao contrário daquele, fazia um registro menos paulistano e mais nacional, era movido pela busca do brasileiro típico, ao invés de ressentir-se pela substituição dos valores tradicionais. Além do mais, Alcântara Machado criticava o que considerava a in

11 - Por exemplo, o "Canaã" de Graça Aranha, é de 1902.

trusão dos imigrantes na política, exaltando os que vinham para trabalhar, mas ridicularizando os que tinham pretensões eletivas ou que aspirava ser "majores da Briosa"(12). E Euclides da Cunha alimentava esperanças de que os imigrantes contribuissem para a reforma social (13).

Entretanto, logo no início do "Nativismo Provisório", Euclides da Cunha alertava que "o nosso anti-localismo frisa pela parcialidade". Tal "parcialidade" esclarecia o "nativismo provisório", tema central do artigo. Dizia que "somos adversários do nativismo sentimental e irritante, que é um erro, uma fraqueza e uma velharia contraposta ao espírito liberal da política contemporânea". Euclides da Cunha propugnava por um "lúcido nacionalismo", conceito que esteia o artigo e que foi definido como o sentimento de nacionalidade que resguardava os "atributos essenciais da nossa raça", os "traços definidores da nossa 'gens' complexa", e que eram ainda vacilantes "na instabilidade de uma formação etnológica não cultivada e longa". A matéria progride pelo duplo leito da negação do "nativismo sentimental e irritante (...) este pseudo-patriotismo" e o "lúcido nacionalismo", ademais provisório.

12 - "Briosa" era o apelido da Força Pública Estadual

13 - MACHADO, Antonio de Alcântara, Brás, Bexiga e Barra Funda incluído do Novelas Paulistas, 5ª. ed. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1978; e Cavaquinho e Saxofone (Solos) 1926/1935, Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1940. Para a visão de Alcântara Machado acerca da imigração italiana, vide AVIGHI, Carlos Marcos, Alcântara Machado: Uma Visão Aristocrática da Imigração Italiana, mimeografado, tese de mestrado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, ECA/USP, 1979.

Analisando em separado o "aspecto estritamente econômico" da imigração, o artigo dizia que "não podemos ainda dispensar a energia européia mais ativa e apta para que se desencadeiem as nossas energias naturais". Seria, pois, necessário receber "homens de outros climas que aqui se nacionalizam associados com a terra pelo vínculo fecundo das culturas". O colono, "entre nós é o primeiro, senão o único fator econômico" - e a simpatia do brasileiro pelo estrangeiro "baseamo-la, até movidos pelo egoísmo, nos nossos interesses imediatos e mais urgentes". Eis a voz do Euclides da Cunha ansioso pela expansão do Brasil e que já superara a crença de um desenvolvimento decorrente da mera mudança de regime político. Realista, percebera que o verdadeiro progresso - para usar um vocábulo que lhe era caro - antes que pela ordem, se faria pelo conhecimento do Brasil concreto, e para o qual o intercâmbio cultural era fator decisivo. Observe-se, ainda, que o articulista se referia ao colono, de modo que excluía dos fatores do progresso o sertanejo por ele decantado. Admitia, portanto, um vazio imenso na capacidade administrativa e produtiva do Brasil.

Precisamente este vazio representava o perigo à nacionalidade em gestação. A história, assim como a natureza, tem horror ao vácuo, e na época de Euclides da Cunha o espaço era pouco a pouco ocupado pelos imigrantes nos estados do Sul, os mesmos que constituíam então as linhas convergentes da definição nacional, fosse pelo peso econômico, fosse pela influência política. Ora, esta conclusão lógica aparentemente contradizia a vontade de Euclides da Cunha, que habitualmente procurava encontrar a defi

nição nacional nos sertões. Entretanto, esta constatação reforçava a crença de Euclides da Cunha na possibilidade de formação de uma nacionalidade brasileira desde que o embrião desta mesma nacionalidade fosse preservado. Com o tempo poderia manifestar-se ulteriormente e compartilhar com mais fôlego das conquistas universais. É o sentido do "lúcido nacionalismo" e de seu corolário, o "nativismo provisório".

A presença do estrangeiro na cultura e na produção ocorria numa circunstância de esvaziamento decorrente de "nossa estrutura política vacilante" e de "nossa formação histórica incompleta". O estrangeiro era "um problema", mas um problema do qual "não podemos nos afastar" - aliás, "não queremos e não devemos nos afastar". Um problema que "devemos resolver com infinitas cautelas" e que não pode ser abordado "com ânimo folgado". Uma questão complexa, pois "os forasteiros disciplinados" não se separavam no Brasil com um país que dispusesse de "um intenso individualismo de raça constituída" e com uma "atmosfera virtual de uma civilização", carecendo, portanto, do princípio de que "para viver tem de se adaptar".

Está-se, aí, em pleno universo cultural. O jornalista definia a situação brasileira como "um meio intelectual e moral facilmente completível, senão inferior ao do estrangeiro". O brasileiro primava pelo "desapego às tradições" e pela "insegurança dos nossos estímulos próprios". Frente a este quadro, o estrangeiro, abstraído "o rebotinho das levas imigrantes", preencheria o vazio, "trazendo-nos seu ambiente moral". O estrangeiro destruiria o exílio por ele próprio procurado e criaria para o brasileiro "um quase exílio paradoxal dentro de nossa própria terra". Esta circunstância úni

ca" despertava as "susctibilidades patrióticas esclarecidas pelas mais sólidas inferências positivas". Mas as "susctibilidades esclarecidas" seriam muito diferentes do "nativismo sentimental e irritante", pois se baseava em "sólidas inferências", isto é, uma aceitação crítica, seletiva (14).

Euclides da Cunha nada opunha à presença de estrangeiro que incrementasse a formação de uma nacionalidade brasileira por intermédio da contribuição de culturas mais modernas. Ressalvava, porém, que o Brasil ainda não assistira a constituição de uma base sólida que sustentasse uma nacionalidade firme. Desta carência, aliás, decorreria a dispersão característica da população. O núcleo da nacionalidade localizava-se muito aquém do desejável, de modo que o estrangeiro poderia comprometer a formação de uma autêntica etnia brasileira, a qual, antes de impor-se ao elemento externo e digerí-lo, acabaria sendo por ele modelada. Contudo, o produto final do encontro de culturas, do qual o brasileiro ainda se achava tão distanciado, não era um ideal irrealizável, pois a formação de uma personalidade nacional própria constituíra-se em outros países cuja gênese populacional era também precária, notadamente a Austrália e os Estados Unidos, exemplos preferidos pelo articulista. Alí ocorrera um processo que bem poderia encontrar correspondência no Brasil, realizando-se uma síntese satisfatória que advinha de um processo que tivera como eixo a alteração de certas faculdades originais aliada à refusão e a decantação de outras, de modo a gerar "um tipo novo e mais elevado que

14 - Naturalmente que as "sólidas inferências" eram as que Euclides da Cunha fazia no artigo.

os elementos formadores". Esta idéia de Euclides da Cunha parece ajustada ao caso australiano, mas pode estranhar em relação aos Estados Unidos, pela simples razão da maior homogeneidade da população da Austrália. O exemplo dos Estados Unidos parece um pouco difuso no "Nativismo Provisório", mas se esclarece num dos capítulos do "À Margem da História", denominado "O Primado do Pacífico", no qual o escritor avalia a originalidade da civilização norte-americana que se formara pela ocupação do Oeste (15).

Euclides da Cunha reconhecia, portanto, que no Brasil ainda não se delineara qualquer traço promissor em direção ao "tipo novo", a uma síntese "mais elevada que os elementos formadores". A mescla, nestes termos, era um ideal distante. Mas, se o estrangeiro aqui encontrasse uma personalidade nacional formada haveria de se adaptar a ela. Daí resultaria o produto final despojado até a essência dos fatores originais e com perfil genuinamente brasileiro, uma vez que o componente catalizador, ainda inexistente, seria nacional (16). Por certo que é uma afirmação muito vaga, cujos termos não foram esclarecidos por Euclides da Cunha. Há de se convir, porém, que é um esforço para acomodar uma suposta etnia brasileira em gestação aos quadros internacionais das grandes potências numa época de forte nacionalismo. Por outro lado, evidencia a sensibilidade para compreender a imprescindível participação da cultura universal na elaboração da cultura brasileira. Comprometido com a nacionalidade

15 - CUNHA, E., À Margem da História, Porto, Liv. Lello & Irmãos, 1946, ps. 197/210.

16 - Em nenhum momento de sua obra jornalística Euclides da Cunha se refere ao negro como elemento constituidor da nacionalidade.

brasileira, Euclides da Cunha despiá-se, por isto mesmo, da idealização nacionalista e demandava uma síntese, entendida como superior aos elementos que a geravam. Ora, tal resultado implica a igualdade entre os fatores constitutivos - e foi este o ponto que Euclides da Cunha deixou passar no "Nativismo Provisório", mas que recuperaria em outros textos. O ítem conserva o teor fundamental até este final de século XX.

Se Euclides da Cunha admitia a convergência de culturas estrangeiras na formação de uma nacionalidade, é forçoso concluir que fazia uma concessão bastante ampla à síntese-sertanejo que lhe era tão cara. Por outro lado, desestabilizava a potencialidade do brasileiro do litoral, sobrepuzado pelo estrangeiro que "nobilita o trabalho" e empreenderia a "maior reforma social de nosso tempo". Com efeito, o "Nativismo Provisório" é uma peça indispensável para o estudo do pensamento de Euclides da Cunha.

Estas considerações de Euclides da Cunha ainda iriam muito mais longe. Além de objetivo distante, a síntese da nacionalidade já estaria "consideravelmente comprometida". O Brasil, dizia, "está numa situação provisória de fraqueza, na franca instabilidade de uma combinação incompleta de efeitos ainda imprevisíveis, em que a variedade de sangues, que se caldeiam, implica o dispersivo das tendências díspares, que se entrelaçam!" O alcance da presença estrangeira comprometeria irremediavelmente o aparecimento de uma nacionalidade brasileira. Comentando Spencer, o articulista reconhecia que o perigo era ainda maior do que se supunha, pois se manifestava pela irresistível expansão dos

povos, fenômeno crucial da época e que ensejaria o jornalismo internacional de Euclides da Cunha. Mas, ao contrário da costumeira generalização, o articulista sabia que o expansionismo se conduzia menos como ameaça militar e mais como influência cultural. Não minimizava o militarismo que então consubstanciava o movimento das nações. Em países como o Brasil, entretanto, a força de penetração externa era predominantemente cultural. Em suas palavras: "Mas há um fato incontestável: o pendor atual e irresistível das raças fortes para o domínio, não pela espada, efêmeras vitórias ou conquistas territoriais - mas pela infiltração poderosa do seu gênio e de sua atividade". Em contínuo, "devemos preparar nos, formulando todas as medidas, de caráter provisório embora, que nos permitam" enfrentar a influência externa. O autor destacou a transitoriedade das medidas, reafirmando, assim, a viabilidade da síntese imprescindível. Transferia, porém, tal síntese para um amanhã indeterminado, quando se congregassem as condições, acabadas, que permitissem a assimilação do estrangeiro e resguardasse a integridade local.

Esta assimilação, prenúncio da antropofagia modernista, era para Euclides da Cunha o ato de "enfrentar" a energia estrangeira, "aproveitando-a cautelosamente, sem abdicarmos a originalidade das nossas tendências, garantindo exclusivas da nossa autonomia entre as nações". Tal raciocínio corrobora a tese de que Euclides da Cunha acreditava que a firme configuração interna de uma nação era a condição imprescindível para a confirmação no plano mundial⁽¹⁷⁾.

¹⁷ - Nesta mesma época, Euclides da Cunha desenvolvia o tema sob diferentes lados no jornalismo internacional.

Lançada ao futuro a síntese nova, haveria de prevalecer, por enquanto, o "lúcido nacionalismo". O articulista assim se expressou: "Realmente, este velar pela originalidade ainda vacilante de um povo - numa fase histórica em que se universalizam tendências e ideais (...) equivale quase a impropriar-nos ao ritmo da civilização em geral". Mas, se porventura se inviabilizassem as medidas salvaguardadoras face o estrangeiro, nem por isto se deveria facilitar a pressão exterior - ou estimulá-la, sequer abrir um interstício "à intervenção triunfante do estrangeiro na esfera superior dos nossos destinos". Medidas lúcidas e provisórias, prevaleceriam até que os "forasteiros disciplinados" pudessem se vincular "aos nossos destinos".

O "Nativismo Provisório" é um dos melhores textos para ilustrar o esforço intelectual na passagem do século em estabelecer um modo de convivência entre características nacionais e influências externas. A coexistência tensa, longe de marcar exclusivamente o brasileiro, era constante na vida de outros povos, notadamente o latino-americano e o japonês.

Euclides da Cunha, a sua maneira e de acordo com as circunstâncias brasileiras, participava desta expectativa no futuro. O "Nativismo Provisório" é um clamor neste movimento largo e de silhuetas nem sempre precisas. Se lhe falta o conteúdo político explícito, é preciso considerar que o Brasil mal iniciava, e não sem conturbações comprometedoras, a renovação institucional dada pela República - além do que, o artigo pode e deve ser lido juntamente com outros, mais políticos, publicados mais ou menos na

mesma época e que serão oportunamente considerados. A matéria apresentava, no entanto, um fator que ainda não se manifestara plenamente em algumas nações latino-americanas: o corolário da imigração européia, a participação dos imigrantes e de seus descendentes na vida político-administrativa. Um dos momentos decisivos da ascensão política do imigrante ocorreria em 1916, quando, após o governo de Roque Sáenz Peña sacudir quatro décadas de domínio oligárquico na Argentina, convocou as eleições que deram vitória ao partido radical, representante da classe média platina, a qual, por sua vez, era fortemente constituída pelos descendentes de italianos fixados no Prata. O "Nativismo Provisório", anterior à grande decolagem dos imigrantes no Brasil e nos países vizinhos, atentou, na esfera cultural, para a influência que as populações transmigradas desempenhariam.

Complementando, seria interessante observar que não só a imigração estava destinada a intervir nos rumos do Brasil e de seus vizinhos. As grande potências jovens eram presença igualmente tangível, fosse pelo exemplo de modernização e de crescimento, fosse por afinidades diplomáticas, ou ainda por interesses comerciais, e davam o tom, às vezes desafiador, às possibilidades e necessidades das nações americanas no mundo. Claro está que o Estados Unidos lideravam esta orquestração; na verdade, sua simples existência impunha uma opção. Em 1903, Rubén Darío publicava o poema "A Roosevelt", o mesmo tema que, no ano seguinte, Euclides da Cunha iluminaria com o artigo "O Ideal Americano!"

A imagem que fica, é a de que tudo circulava num estado de promessas e temores. Aceitar a cultura mundial produzida pelas nações mais jovens e temer pela inte

gridade da cultura local. O imigrante era a peça mais próxima, mais imediata nesta complicada conjunção. O "lúcido nacionalismo" do "Nativismo Provisório" exigia medidas cauteladoras e "garantidoras exclusivas da nossa autonomia entre as nações" e deveriam realizar-se inicialmente pela criação de dispositivos constitucionais que, na questão dos estrangeiros, "contrapesem ou equilibrem a nossa evidente fragilidade de de raça ainda incompleta, com a integridade absorvente das raças já constituídas". A propugnada disposição constitucional teria, além disto, um alcance mais amplo ao propiciar a elaboração de suportes definidores de políticas nacionais, de projetos para a construção da nação. Argumentava o articulista que "o nosso código orgânico não enfeixa as condições naturais de progresso". À indefinição do Brasil perante o mundo acrescentava-se até a inexistência do aparato jurídico imprescindível. A Constituição em vigor, segundo Euclides da Cunha, foi feita "de afogadilho", no alvorecer da República, e não previa as questões fundamentais do país. No início do século, o articulista pedia uma Constituição consonante com os fatos concretos na nação, ponderando que "um código (...) surge naturalmente da observação consciente dos materiais objetivos do meio que ele procura definir". Entre estes tópicos estavam os dispositivos que harmonizassem a convivência de uma "raça ainda incompleta" e a "integridade absorvente de raças já constituídas" (18).

18 - Recorde-se que o jornalista que em 1892 defendera incidentalmente o governo de Floriano Peixoto pensava diferente da Constituição. O que indica o amadurecimento de Euclides da Cunha e a emergência de variantes decisivas em seu pensamento, um alargamento de visão.

Estas considerações do "Nativismo Provisório" nasceram de um fato concreto que o articulista pretendia dimensionar. O projeto de reforma constitucional proposto na época incluía um artigo prevendo a elegibilidade de estrangeiros para a presidência dos Estados. Era, pois, uma matéria de inegável atualidade, e mais relevante se tornava pela perspectiva histórica e cultural que Euclides da Cunha lhe conferia. Verifica-se a habilidade do articulista em correlacionar sem cesuras o imediato e o contexto - ao condunar estes dois planos, muitos jornalistas enveredam pela solução simples de cindir o fato e uma "explicação", recurso mais frequente daqueles editoriais carregados de sucessivos considerandos (19). Como se vê, Euclides da Cunha conseguiu cruzar a atualidade do evento em si e a atualidade conjuntural.

Mas, afinal, a que civilização abrir-se-ia o Brasil? Esta pergunta central Euclides da Cunha tentou responder em outro artigo, o "Civilização", publicado em 10 de julho de 1904 no "O Estado de São Paulo" (20). Reconhecia o jornalista que existem benefícios e malefícios nas civilizações. Seu juízo sobre o mundo da época não era dos mais entusiastas, e é bom que se diga isto para que não se conclua apressadamente sobre as expectativas e os combates do escritor. No "Civilização" enaltecia os avanços da ciência e lamentava o rebaixamento da moral da sociedade industrial. O

19 - Até recentemente era a técnica clássica dos editoriais do "O Estado de São Paulo", por exemplo.

20 - O artigo encontra-se na "Obra Completa" organizada por Afrânio Coutinho, obra citada, e foi incluído do "Contrastes e Confrontos", referência citada.

texto tanto pode ser classificado entre as matérias científicas do articulista como no conjunto dos escritos referentes a cultura ocidental na passagem do século. Começa com uma crítica ao pessimismo de Spencer na velhice. Desdobra-se no reconhecimento da expansão das descobertas científicas, que abalavam o arcabouço do conhecimento clássico. Admoestava Spencer por não ter compreendido a riqueza do pensamento da época, por não ter apreendido "os aspectos variadíssimos e novos" e que, por isto, afirmara que "há, neste tempo, um recuo para a barbárie". O velho evolucionista, dizia Euclides da Cunha, "viu a vida universal com a vista cansada dos velhos". Spencer "chegou aos primeiros dias deste século para o amaldiçoar e morrer". Ao grande filósofo "faltou-lhe às células cerebrais, exauridas pela idade", os progressos científicos, ou "afligiou-o um duro ferrotear de inveja", o que o levou a vestir "desastradamente a pele da raposa desapontada".

Que mais deseja o sábio? perguntava-se Euclides da Cunha. A ciência de hoje pressupõe uma "especialização indefinida", e tal é o acúmulo de conhecimento que "em torno do criptograma mais rudimentar arma-se uma biblioteca" e "a mais áfanosa vida não basta para estudar todas as algas". Observava que a pesquisa científica expandia-se por todos os quadrantes do globo: "O martelo do geólogo bate, nesta hora, na última aresta rochosa do último recanto perdido na anfractuosidade de um contraforte sem nome de uma montanha da África central". Os sismógrafos registram a mais leve "crispadura da terra (...) a ocultação da estrela mais imperceptível (...) não se opera sem que a acompanhe o

olhar perspicuo de um astrônomo". Dá-se o mesmo nas artes - Shakespeare "imortalizou-se universalizando-se", ao passo "que hoje os poemas irrompem, a granel, de um retalho qualquer da vida mais prosaica".

A expansão industrial alterou a imagem do mundo, dizia. Indicou, em particular, os avanços da tecnologia da comunicação com o "aproveitamento genial do solenoide terrestre na telegrafia sem fio: a Terra inteira transmutada em serva submissa do pensamento humano, e toda penetrada dele, e absorvendo-o, a irradiando-o, e expandindo-o no consórcio maravilhoso da sua força magnética imensurável com as vibrações ideais da inteligência..."

Já o progresso moral... Para comentá-lo Euclides da Cunha abriu uma de suas frases-parágrafo com uma indagação realçada: "Maior alevantamento moral?" E respondeu de imediato que, nesta questão, "se nos emperra a pena, a ranger, tarda e acovardada". Se a difusão industrial e científica podia ser imaginada e se podia "condensar-se num bloc resplandecente como essa Exposição de S. Luiz", então nesta mostra "em bloco" dos progressos da civilização talvez se pudesse cristalizar o quadro da situação moral da época. E foi, na parte final do artigo, comentando a feira industrial de Saint-Louis, que Euclides da Cunha encontrou a imagem concreta para sua opinião acerca das condições morais do tempo.

Entre os atrativos da Exposição, descrevia, "um há interessantíssimo. Não se trata de algum novo motor, ou de uma nova aplicação elétrica. Trata-se de uma pantomina histórica". Um episódio da guerra dos Boers fôra trans

plantado para o "palco amplíssimo de um vasto barracão da feira" - alí, reproduzia-se a paisagem do Transvaal " em lo na chapada de largos borrões de tintas variadas e cruas". Representava-se um combate ao som de tiros de festim e com espadas de papelão e "assaltos aos redutos de 'papier mar ché' ". Lá estavam os personagens da guerra sul-africana: "a celeridade nervosa de De Wett, a coluna patriarcal de Krueger, a tardeza ameaçadora de Botha..." Num dos momentos do con flito reproduzia-se o assalto de Paardeberg, que se cele brizara pela "bravura espantosamente tranquila de Cronje". Eis que este herói entra em cena "como não o representaria" o mais acabado ator - "é o mesmo Cronje, o Cronje autêntico, palpável - com sua linha magnífica de herói de envergadura atlética, aparecendo aos clarões da ribalta, entre explo sões de palmas e gritos entusiásticos que lhe bisam as fa çanhas".

Cronje se representava a si próprio. Um cro nista do "Fígaro", explicou Euclides da Cunha, comentou "com um humorismo laivado de melancolia" que, em carta, o gene ral justificava sua presença no palco da feira: "que é pre ciso viver e que desgraçadamente ainda não há incompatibili dade entre a glória e a miséria..." Concluiu Euclides da Cu nha: "não comentemos (...) admiremos, absortos, este traço admirável e utilitário dos tempos". Em nossa época, rompe "o herói que aluga a glória e que, antes de pedir um histo riador, reclama um empresário".

Do mesmo modo, a sociedade industrial que criara "o indescritível das primorosas glorificações do tra balho", aviltava este mesmo trabalho, tornando o homem, o

produtor das riquezas, em ser inferior às máquinas e mantido no abandono e na miséria. Este tema, um prolongamento natural das considerações que Euclides da Cunha desenvolvia, foi analisado no artigo "Um Velho Problema", publicado no "O Estado de São Paulo" para comemorar o Primeiro de Maio de 1904 (21). Diga-se, antes, que esta matéria é uma versão ampliada - e bem melhorada - do artigo de 1º de maio de 1892, da coluna "Dia-a-Dia". O jornalista denunciava a exploração do trabalho e afirmava como possível solução para os males da civilização sua convicção socialista. O texto é célebre, tanto pelo tema como por ser a primeira peça em que Euclides da Cunha levava à público sua inclinação política da maturidade. Os principais momentos que antecederam esta exposição foram o citado artigo de 1892 e a convivência com o grupo socialista de São José do Rio Pardo, para quem redigiu o programa e, acredita-se, participou de seu periódico "O Proletário". Estretanto, "Um Velho Problema" foi a matéria de mais fôlego e melhor sistematizada, devidamente assinada e absolutamente clara quanto à inclinação política do articulista.

Ao tempo em que construía a ponte de São José do Rio Pardo e redigia "Os Sertões", Euclides da Cunha desfrutava da convivência com os socialistas daquela cidade, organizados no clube "Os Filhos do Trabalho". Era íntimo de um de seus próceres, Francisco Escobar. Os biógrafos 21 - O artigo encontra-se na "Obra Completa" organizada por Afrânio Coutinho, conforme referência citada, e consta no "Contrastes e Confrontos", obra citada.

de Euclides da Cunha a ele atribuem a redação da "Mensagem aos Trabalhadores", programa do movimento que foi publicado no "O Proletário" em 1º de maio de 1899. Afrânio Coutinho incluiu o programa na "Obra Completa" do escritor, fazendo-o acompanhar da "Mensagem" dirigida aos trabalhadores e aos leitores em geral. José Freitas Nobre, no seu "A História da Imprensa em São Paulo", diz que "sob a orientação de Euclides da Cunha e Francisco Escobar, surgia o primeiro número de 'O Proletário', jornal socialista". No cabeçalho do periódico, continua o historiador, "estava inscrita a frase de C. Prampolini, traduzida, especialmente, por Euclides da Cunha", segundo o qual a miséria da sociedade não derivava da "maldade dos capitalistas, mas da péssima organização da sociedade e da propriedade privada", e que, por isto, o socialismo não pregava "o ódio às pessoas nem à classe dos ricos", mas, ao contrário, "pregamos a urgente necessidade de uma reforma social que estabeleça sob uma base humana, a propriedade coletiva"(22).

Cinco anos depois, no "Um Velho Problema", Euclides da Cunha fazia uma avaliação das idéias sociais desde a Idade Média, criticava o socialismo utópico, referia-se de passagem à mais-valia de Marx e concluía em defesa de um socialismo capaz de promover as "melhores conquistas do espírito e do coração". Dizia que ao estudar a história da jurisprudência encontrara nas "velhas leis consuetudinárias da Borgonha" o direito ao roubo para aqueles que se encontrassem em estado de absoluta penúria - e que tal premissa

22 - NOBRE, J. Freitas, A História da Imprensa em São Paulo, SP, Importadora Americana, 1950, p. 88 ss.

era admitida pelo maior entre os escolásticos, São Tomás de Aquino. Ao destacar o direito ao roubo, na abertura da matéria, o jornalista prendia a atenção do leitor, que, como ele, ficava "surpreendido com tal antinomia, tão revolucionária" e sancionada pelos maiores teólogos da Cristandade. Ao en dereçar à autoridade São Tomás de Aquino, o artigo preservava-se contra o conservadorismo católico ao mesmo tempo em que alertava para a seriedade dos comentários ulteriores do texto. Inevitavelmente, a matéria exigiria a atenção dos ca tólicos, orientados, na época, pela encíclica "Rerum Nov arum", de Leão XIII, que, se rejeitava o socialismo, debruçava-se para a questão social, identificando-se, na instância ética, com algumas descrições de teóricos socialistas (23). Não se menospreze este traço do pensamento de Euclides da Cunha, e da época, pois o jornalista observava a Igreja Ca tólica desde quando estreara na imprensa periódica e combatia pela idéia positivista e republicana. Por outro lado, o núcleo ético e democrático da concepção socialista de Eu clides da Cunha sobrepujava as demais implicações, tal como na constatação social da Igreja.

O artigo "Um Velho Problema" foi, como sem pre, bem pesado pelo autor. A argumentação desencadeada pe lo "direito ao roubo" esteava-se na convicção de que os ri cos é que cometiam um crime, "um 'delitum legale', um crime

23 - CHAIGNE, Hervé, "A Igreja e os Socialismos", in CARDON
NEL, Jean, inter alii Socialismo e Cristianismo, Rio de Ja
neiro, Ed. Paz e Terra, 1967, p. 173 ss - "Recusa-se o socia
lismo, sem dúvida, mas empresta-se à reivindicação socialis
ta muitos de seus traços" - p. 183.

legalizado", decorrente da existência mesma da opulência. Entretanto, ironicamente, o "indigente tornava-se um privilegiado", uma vez que desfrutava de "um crudelíssimo título de posse a todos os bens - a fome". A indigência legitimava a apropriação de bens salvaguardadores da sobrevivência e, por certo, da dignidade, pois o problema da miséria, de acordo com os juristas antigos e segundo Euclides da Cunha, tinha uma dupla feição, material e filosófica. O problema da miséria, esclarecia, "é talvez menos doloroso refletido nos andrajos das populações vitimadas, que na triste inopia de elementos da civilização para o resolver". De modo que, para os pobres, o "delitum legale" consistiria "num direito natural de legítima defesa contra a Morte e num dever imperioso para com a Vida". Mas o jornalista insurgia-se contra a limitação do "expediente" e das "declamações" dos "piedosos doutores" medievais; limite dado pela "situação mental da Idade Média" e, sobretudo, pela "ditadura espiritual do catolicismo (...) para o qual a miséria - eloquentíssima expressão concreta do dogma do pecado original - era sempre horroroso e necessário capital negativo, avolumando-se com as provações e com os martírios para a posse anelada da bemaventurança, nos céus..."

Tampouco os pensadores leigos que se devotaram ao estudo do problema da miséria foram capazes de apresentar uma solução viável ou fazer uma proposta aceitável. As utopias, no dizer de Euclides da Cunha, também fracassaram no tratamento concreto da questão - "não partiram esta tonalidade sentimental" que orientara os filósofos medievais. Suas obras, "pelos próprios títulos hiperbólicos, à

maneira dos das novelas do tempo, retratam uma intervenção brilhante e imaginosa, mas inútil". Thomas Morus, Morelly e outros intentavam "medidas que raíam pelos exageros máximos da fantasia: da 'nivelção absoluta' de João Lilburne, ao platonismo adorável Fontenelle e ao niilismo religioso de Diderot". Culminaram no "cruel e antilógico grotesco (...) do desvairado comunismo de Campanella", que derivava no "desabamento de todas as conquistas do progresso". As concepções utópicas eram frutos da carência "de uma síntese filosófica que ao mesmo passo as emancipasse do apego tradicional ao catolicismo (...) e dos impulsos demolidores da metafísica triunfante". E assim foi, de tal modo que, no desencadear-se a Revolução Francesa "o grande problema" continuou inapercebido.

Nas palavras de Euclides da Cunha, a revolução de 1789 não exilou a miséria - ao invés, lançou "sobre os destroços da ordem antiga as ruínas da ordem nova planejada", e ao exaltar o "duro individualismo" destruiu "as corporações populares, isto é, a única criação democrática da Idade Média". Feita a revolução, "despojados o clero e a aristocracia de suas propriedades (...) ficou em seu lugar - intangível, absoluta e sacralíssima - a propriedade burguesa". Continuava desprovida de legislação "a massa infelicíssima do povo, a quem a revolução libertara para a morte despeando-a da gleba para jungí-la ao carro triunfal de um alucinado". A propriedade burguesa, "para a qual o ilustre Condorcet não encontrara limites no texto legal que forneceu à Convenção", destruiu um privilégio e criou um outro "maior e formado pela burguesia vitoriosa" - esta, por sua vez, mais

que a aristocracia, era incapaz de "compreender a missão social da propriedade". Mas eram latentes na Convenção os princípios "de uma distribuição mais equitativa da fortuna"; e tais alvitre foram formulados por Saint-Just e Mirabeau. Este último, o "incomparável Mirabeau", foi o "percursor do coletivismo moderno" e costumava afirmar que "os proprietários são os agentes, os ecônomos do campo social", premissa admirável "que ainda hoje, transcorridos cento e tantos anos", era "síntese de todo o progresso econômico do socialismo (24).

Conclui-se destes comentários que a inclinação socialista de Euclides da Cunha não implicava necessariamente a abolição pura e simples da propriedade privada. Aproximava-se de soluções socialistas que entendem a propriedade como um bem social e atribuem ao proprietário a condição de gerente. É possível identificar esta interpretação no programa socialista do Clube Democrático Internacional "Os Filhos do Trabalho" (25). Em nenhum dos itens do programa preconiza a abolição da propriedade privada; antes a admite, desde que sob rigoroso controle e não ferindo os interesses sociais. O item 5, por exemplo, estabelece "impostos diretos e pesadíssimos sobre a renda".

Note-se, em acréscimo, que no "Um Velho Problema", ao citar e transcrever Condorcet, endossando-o, o articulista falava da "missão social da propriedade" e contemplava os proprietários como "os agentes, os ecônomos do

24 - Euclides da Cunha não citou Babeuf, mais radical que Mirabeau.

25 - Vide o texto completo in COUTINHO, Afrânio (org). Euclides da Cunha: Obra Completa, vol. I, ob. cit. p. 528 ss.

campo social". Como se sabe, no atual momento histórico são poucas as teorias socialistas que excluem "in limine" a propriedade privada, antes admitindo a existência de diversos tipos de propriedade particular submetidos à estrito controle social. Trata-se da aceitação crítica da propriedade, e considerando a natureza desta ou daquela, o que também parece constar no pensamento social de Euclides da Cunha, uma vez que no artigo em questão "criticava aquela propriedade que "não encontrava limites".

Euclides da Cunha lastimava a incapacidade da burguesia em compreender a função social que lhe estava reservada. Em pleno século XIX ainda se recorria ao "jus naturalis" para justificar o "direito ao roubo", quando, entretanto, "essa mesma filosofia natural, tão crescentemente revigorada e favorecendo tanto (...) o ascendente industrial, era por si mesma (...) inapta à verdadeira solução do problema". Deste modo, apontava o descompasso entre as conquistas propiciadas pela sociedade industrial e as disfunções delas decorrentes. A melhor ilustração da inépcia, as sinalava, foram os insucessos das doutrinas consubstanciadas em tais premissas naturalistas, o fracasso "das estupendas utopias de Saint-Simon" e das "alucinações de Proudhon" além das "tentativas bizarras de Fourier" e do "sossobro completo da política de Luiz Blanc". Ao registrar a recusa ao chamado "socialismo utópico", Euclides da Cunha, limitado pela natureza de um artigo, dispôs lado a lado, em que pese a adjetivação, Proudhon (que servira de pseudônimo ao jovem publicista), Saint-Simon e Louis Blanc, vinculando-os de modo direto à filosofia natural e abstraindo as diferenças entre

estes pensadores. Concluía, enfim, que os grandes nomes do socialismo idealizado no século XIX pouco haviam avançado em relação aos "sonhadores medievais" a seu "agitar de medidas fantásticas". Na verdade, dizia, elaboraram formulações de tal modo complexas que tornavam a questão social "perpetuamente insolúvel".

Comprovando ter conhecimento das teses da IIa. Internacional socialista - endossando, mesmo, "a norma traçada pelo Congresso de Paris, de 1900" - Euclides da Cunha abriu três parágrafos com "Um Velho Problema" para de-
 ter-se de passagem em um ou dois pontos da metodologia de Marx. O pensamento social, escreveu, se caracterizou pelo "tom sentimental" e por "medidas fantásticas" até a segunda década do século passado, "até Karl Marx - pois foi realmente com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva". O comentário que fez a esta assertiva é de substância positivista e sublinha o enfoque científico do raciocínio de Euclides da Cunha, pois resumia a visão que tinha de Marx com expressões tais como "nada de idealizações: fatos; e induções inabaláveis", ou "experiência e observação", assim por diante. Salientava que a argumentação da economia marxista privilegiava o trabalho, "fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor", daí derivando, segundo o articulista, a conclusão de que a "riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham" e de que "o capital é uma espoliação". Ora, provavelmente em razão das dimensões de um artigo, Euclides da Cunha não cunhou, como seria desejável, os termos "o capital é uma es-

poliação", "missão social da propriedade" e "ecônomos do campo social". Estes deslocamentos sugerem que o articulista não estava seguro do tema abordado, mas decerto confiava nas informações que acumulava.

Seja como for, tais comentários não permitem apontar um Euclides da Cunha marxista. Seria um despropósito. Acolhia o trabalho como valor, o que não era novidade para a economia clássica (de Ricardo, Marx foi buscar o conceito) e nem para os "socialista utópicos". Além disto, o artigo expressa admiração pelo elemento formal da metodologia de Marx no que se refere ao procedimento "objetivo" e às "leis históricas". Mas o autor de "Os Sertões" não assumia as constantes da historiografia marxista, optando, ao invés, naquele livro e nos demais textos, pelo evolucionismo de Spencer e pela antropogeografia, substituindo a dialética pelos "contrastos e confrontos" e a luta de classes pela "luta dos povos" ou das nações. Marx era mais um dos filósofos habitualmente elogiados por Euclides da Cunha, que, no "Um Velho Problema" ou em qualquer outro lugar, jamais citou um só marxista, ainda que houvesse em sua época alguns de renome, notadamente o Kautski das divulgações marxistas. Aliás, com exceção dos consagrados "socialista utópicos", o escritor não mencionou nenhum outro socialista dentre os muitos socialista não marxistas vivos e reconhecidos nos primeiros anos do século XX.

Apoiando-se numa análise marcadamente ética - e criticando o sistema que aprisionava "o trabalhador num nível inferior ao da máquina" - Euclides da Cunha acercava-se, de fato, do "O Que é a Propriedade?", do Proudhon con

tra o qual insurgia-se. ~~Desnecessário~~ dizer, talvez, que nada se poderá obstar à crítica ética da questão social - por esta exigida como ponto-de-partida e como objetivo maior que transcende o simplório "conquistas sociais", nutriente populista de tantas ditaduras. O elemento ético dá alento a toda doutrina política sincera. Sem objetivos mais elevados, o pensamento e a ação política estariam desprovidos de estofo - se bem sucedidos historicamente, acabam por confirmar a eficiência burguesa. Foi este senso aguçado que impeliu ao devotamento extremo tantos anarquistas e socialistas, "utópicos" ou não. Há, pois, um componente importante no pensamento social de Euclides da Cunha e que se relaciona diretamente com o embasamento democrático desta opinião.

Segundo Euclides da Cunha, o sentido democrático do encaminhamento das transformações sociais deveria começar entre os próprios agentes da mudança. Está aí uma premissa habitualmente esquecida: o agrupamento que não realiza em si mesmo, desde sua origem o objetivo nobre que pretende, não o realizará quando e se estiver no poder. Esta é a única conclusão coadunada ao raciocínio do articulista que defendia a coexistência harmônica no que denomina "heterodoxia socialista". Não poderia ser diferente, visto que é o referencial que perpassa todos seus escritos - não se percebe um único traço de centralismo integrador, ou de sua consequência lógica, a hegemonia, mesmo no tratamento das idéias de Comte, que Euclides da Cunha somente aceitara enquanto "positivismo heterodoxo". Em "Um Velho Problema" considerava saudáveis as "heterodoxias socialistas", cujas "cições, e não numerosas, existentes entre eles, consistem ape

nas nos meios para atingir-se" a socialização "dos meios de produção e circulação".

Observe-se que estas expectativas eivadas de um evolucionismo coerente, determinariam os meios adequados para a transformação social. O embasamento evolucionista, aliás, tornou necessária, lógica a simpatia de Euclides da Cunha pelo socialismo em detrimento do anarquismo, pelo qual sentia respeito mas não assumia - mantinha-se distante do anarquismo porque só o conhecia na vertente terrorista, a mais destacada, ou ruidosa, no mundo daqueles tempos. Não obstante, num movimento de conjunção complexa, é lícito depreender, conforme os conceitos emitidos pelo jornalista, que o teor evolucionista de sua mentalidade o aproxima, "malgré lui", dos ideais e da terminologia libertários.

Enfim, no "Um Velho Problema", Euclides da Cunha preconizou a "via pacífica" nos esforços pelas mudanças sociais, método advogado por Jean Jaurés no mesmo ano da publicação do artigo, em 1904, no Congresso de Amsterdã, uma das reuniões da IIa. Internacional, citada pelo articulista. Compartilhava, portanto, de uma abertura rumo à transformação social que efetivamente realizasse o ser humano e que repousasse na democracia política. Excluía o método violento, aquele que "menos aterroriza a sociedade burguesa", propugnando pelos meios não violentos, os "mais tranquilos e mais perigosos", deste modo concordando com "Ferri e Colajanni, corretamente evolucionistas" (26). Ambos, acrescentava,

26 - Henrique Ferri, criminalista italiano, foi professor de Direito Penal em Turim e em Siena. Escreveu várias obras de sociologia criminal. Socialista militante, foi um dos diretores do jornal "Avanti".

eram dois pensadores que "reconhecendo a carência de um plano já feito de organização social capaz de substituir, em bloco, num dia, a ordem atual das coisas, relegam a um segundo plano as medidas violentas, sempre infecundas e só aceitáveis transitoriamente, de passagem num ou noutro ponto, para abrirem caminho à própria evolução". E juntava a indefectível correspondência geológica entre o social e a natureza - evolução conforme o "parelelo entre o desenvolvimento social e o terrestre" (27).

Assim, dizia, "revolução": transformação", pois, "o caráter revolucionário do socialismo está apenas no seu programa radical". O método seria de acordo com "a norma traçada no Congresso Socialista de Paris", ou seja, aumentar a consciência dos trabalhadores, "aviventar a arregimentação política e econômica dos trabalhadores". Retomado a tese do artigo do 1º de maio de 1892, na coluna "Dia-a-Dia", esclarecia a força dos trabalhadores conscientes: o "ato simplíctissimo: cruzar os braços..." E todas estas ponderações convergindo para o objetivo elevado que transcendesse a mera mudança de regime político, sempre em perseguição de uma transformação global que se traduziria através de

27 - Euclides da Cunha tinha uma inclinação evolucionista desde jovem. No artigo "1889" que publicou no "O Estado de São Paulo" de 4 de janeiro de 1889, dizia que o progresso da humanidade não dá saltos, mas requer um trabalho que se realiza "por uma acumulação proporcional de energia". As revoluções, acrescentou, são "perturbações impressas no movimento tranquilo do progresso, inteiramente subordinado a uma lei, que é como uma força constante - a Evolução."

"reformas lentas, operando-se na consciência coletiva e re-
fletindo-se pouco a pouco na prática, nos costumes e na le-
gislação escrita, continuamente melhorados". Completava que
a verdadeira transformação seria garantida pelas "leis posi-
tivas da sociedade que criarão o reinado tranquilo das ciên-
cias e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível
e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito
e do coração".

OS GRANDES TEMAS NACIONAIS

"O verdadeiro Brasil nos aterra."
("Plano de Uma Cruzada", no "Contrastes
e Confrontos")

Dentre os temas relativos à formação da nacionalidade brasileira, destacavam-se na época a incorporação das regiões até então mantidas à margem ou mesmo ignoradas, e as populações que as habitavam. A guerra de Canudos colocara tragicamente o Nordeste perante a vida nacional; outra epopéia, não menos dramática, desvendava a Amazônia, que em sua maior parte ainda era lacuna nos mapas. O sul, embora conhecido, representava uma área estratégica articulada aos países platinos. O resgate desta pluralidade implicava no traçado de políticas de alcance nacional propiciadoras de diálogo interregional, e Euclides da Cunha enfatizou os tópicos atinentes à comunicação interna do País. Por outro lado, tais projetos exigiam o levantamento preciso das potencialidades naturais e a promoção dos brasileiros dispersos na magnitude do território. Mais do que nunca, esboçava-se nesta análise a visão estrutural de Euclides da Cunha - ou, como ele dissera no "Peru x Bolívia", o elemento "político geográfico" - que de há muito suplantara o comentário da política partidária restrita ao Rio de Janeiro.

O Nordeste foi a primeira região a solicitar a atenção do jornalista. No afã de dimensionar o tratamento, de situar os fatos na conjuntura, marca registrada do jornalismo de Euclides da Cunha, os artigos sobre o Nordeste posteriores à guerra sertaneja voltaram-se à análise das secas e às ressonâncias sociais do flagelo. Em 29 e 30 de outubro e em 1º de novembro de 1900, publicou no "O Estado de São Paulo" uma série de três artigos intitulada "As Secas do Norte" (1).

1 - A série está na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referência citada.

Acima de tudo é uma matéria de jornalismo científico, na qual o articulista, como lhe era característico, expunha o amplo conhecimento acerca das ciências naturais e das teorias em voga, traduzindo-os em linguagem apropriada para o leitor da época. Também como lhe era típico, o jornalista preservou a injunção social do tema, especialmente no que tange aos itens da constituição de uma nacionalidade brasileira.

Logo no primeiro artigo da série, assinalou o dado que mais despertava a atenção dos leitores, do governo e dos cientistas: o desconhecimento da origem das secas nordestinas, que, segundo o articulista, "não terá por muito tempo ainda, na sua fórmula complexa todas as variáveis que a caracterizam". Atingindo "um quinto da nossa gente", alertava, este "problema formidável" era "indeterminado e dúbio", propiciando "um agitar exaustivo de hipóteses, de sorte que as soluções até hoje aventadas têm todas um caráter frisante: esclarece-nos por uma das faces, aumentando a obscuridade de outras". As secas, "assombradoras e inelutáveis", continuava, "sucedem-se inacessíveis até hoje a explicações rigorosas". Euclides da Cunha apontou muitos cientistas estrangeiros que estudavam as secas, mas indicava também os limites de suas explicações e procurava valorizar as pesquisas dos especialistas brasileiros. Destacou a contribuição do senador Tomás Pompeu, o qual, conforme o articulista, foi o primeiro a revelar o caráter cíclico das secas nordestinas. Citando a incidência da estiagem desde séculos passados, concluía que tais ciclos, com "ligeiras discrepâncias", ocorriam numa "coincidência repetida bastante para que se remova a intrusão do acaso". retomando os estudos de

Tomás Pompeu, o barão de Capanema, "um naturalista", pensou encontrar similaridade entre aqueles fatos climáticos e "a regularidade com que repontam e se extinguem intermitentemente as manchas da fotosfera solar". Mas Capanema falhou, dizia Euclides da Cunha, porque nada comprovava a regularidade entre um acontecimento e outro. Tais discussões, entre tanto, não se perdiam, e, entre os cientistas brasileiros, destacou "a mentalidade rara de André Rebouças", cujos estudos foram úteis para o avanço do conhecimento sobre as secas.

Ao referir-se a estas teorias e ao fazer considerações de caráter eminentemente científico, Euclides da Cunha não perdia de vista o cuidado com o estilo, de modo a manter o interesse do leitor. Este é conduzido pela região assolada, como se um cicerone o apresentasse pessoalmente às situações observadas. Com certeza aprendera este recurso quando escrevia as reportagens de Canudos. Assim, para descrever a brusca mudança do cenário litorâneo para o sertão árido, redigiu um parágrafo de frases entrecortadas de pontuação, num crescendo desde um "quebra-se o encanto de uma ilusão belíssima", passando por "despe-se a flora incomparável; abdica ao fastígio das montanhas", até derramar-se na frase final: "e transmuda-se nos sertões exsicados e brutos mal recortados de rios efêmeros ou desatados em chapadas nuas que se sucedem, indefinidas, formando o palco assombrador das secas..." E o costumeiro parágrafo de uma só frase, direta, sintética: "O contraste é empolgante". Imediatamente retomou o sentido abruço da mudança de paisagem: "Cai-se, de surpresa, no deserto".

A mesma habilidade com as frases aparece na descrição das chuvas raríssimas do sertão. Descreve a luta entre a água que desaba e o contragolpe do mormaço tremendo que se desprende do solo castigado pelo calor. À princípio "as primeiras bâtegas despenhadas da altura não atingem a terra; a meio caminho evaporam-se entre as camadas efervescentes", retornando à nuvens para de novo se precipitarem e mais uma vez refluírem. Quando enfim a chuva toca o solo, não o umedece; se vaporiza "numa permuta rápida e contínua". Formam-se, finalmente, os primeiros rios que pouco a pouco se adensam - então "transmudam-se os sertões". Logo depois a água é drenada pelo terreno e resgatada pela evaporação. Reabre-se "o ciclo inflexível das secas..."

Despertando o interesse do leitor para o mistério da origem das secas, Euclides da Cunha introduzia as implicações sociais do fenômeno e sua correspondência na nacionalidade em gestação. Dizia que "o desfilar de conjeturas" tinha o valor de ressaltar aquilo que "duplamente nos interessa, pelo seu traço superior, na ciência, e pelo seu significado mais íntimo no envolver o destino de extenso trato do nosso país". O fado que se abatia sobre "um quinto da nossa gente" era decisivo, sobretudo à luz da antropogeografia do tempo, que Euclides da Cunha seguia ao enfatizar a natureza em suas relações com os povos. O jornalista resumiu suas preocupações de modo claro: "O nosso país é um meio sem uniformidade. Temos climas que se extremam, díspares, ao ponto de imporem adaptações penosa aos próprios filhos do território e se exagerássemos o conceito mesológico de Buckle prefiguraríamos na nossa terra a existência futu

ra de muitas nacionalidades diversas". A frase é esclarecedora em dois pontos, pelo menos. Primeiro, porque evidencia mais uma vez que Euclides da Cunha centrava as observações na nacionalidade em formação compatibilizada a um ecossistema. Depois indica, como se registrou, que mantinha constante reserva em relação aos autores que citava - referindo-se a Buckle, ressaltava "se exagerássemos".

Mas a formação de Euclides da Cunha não lhe permitia admitir em pleno despontar do século XX a conformação do homem aos ditames da natureza. A técnica poderia solucionar os males das secas. Não seria tão difícil encontrar os mecanismos para minimizar os efeitos das prolongadas estiagens, pois de há muito, e em diferentes lugares, a humanidade encontrara métodos para armazenar as chuvas periódicas das regiões desérticas. O Nordeste brasileiro, porém, desconhecia as técnicas milenares de captação, conservação e distribuição das águas pluviais. Alí predominava o simplismo de açudes imensos, isolados e abertos ao céu que reavia de pronto a umidade avaramente concedida à terra crestada. O articulista criticava o açude de Quixadá, "monumental e inútil", com suas "águas expostas à evaporação". Combatia também outros sistemas difundidos na região e de precariedade sobejamente conhecida: "as cisternas, poços artesianos e raros ou longamente espaçados como o de Quixadá têm valor inapreciável".

Há milênios, esclarecia Euclides da Cunha, os romanos haviam superado as mesmas condições adversas nos terrenos áridos do norte da África - "depois da destruição de Cartago tinham posto ombros a empresa incomparavelmente

mais séria de vencer a natureza antagonista". As técnicas antigas de Roma contra a escassez das águas ainda eram insuperadas nos tempos modernos. Responsáveis pela paisagem da África mediterrânea, consistiam "belíssimo traço de sua expansão histórica". Os romanos forjaram naqueles territórios a "terra clássica da agricultura antiga", e a Tunísia tornou-se "o celeiro da Itália". Semelhante ao Nordeste brasileiro, aparece na área um regime torrencial "intensíssimo em certas quadras, determinando alturas pluviométricas maiores que o de outros países férteis e exuberantes", mas, também ali, a água logo desaparece "deixando o solo, depois de uma revivescência transitória, mais desnudo e estéril". A tecnologia romana aproveitou "as ravinas recortadas em glânglios" e distribuídas por entre morros intumescidos pela chuva, de maneira a "conservar as grandes massas líquidas" que depois seriam sangradas numa irrigação geral.

A técnica antiga persistia. Ainda hoje, dizia Euclides da Cunha, os franceses que ocuparam o norte africano copiam em larga escala os processos adotados pela antiguidade romana "sem necessitarem alevantar muralhas monumentais e dispendiosas". Represada em muros de pedra e terra, a água é pouco a pouco liberada por condutos, "derivando para os terrenos circunjacentes" em redes irrigadoras. Os caudais formados pelas bategas estancam, "remansam-se sem adquirir a força acumuladora das inundações violentas". A mesma técnica poderia ser adotada pelos brasileiros: "quando se traçar (...) a carta hipsométrica dos sertões do norte, ver-se-á que eles se aproximam a uma tentativa idêntica de resultados igualmente seguros". Tais possibilidades, lem

brou Euclides da Cunha, não eram novidade, e citou o Conselheiro Beaurepaire Rohan que fizera a mesma sugestão no Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, em 1877 (2).

As secas, entretanto, constituíam uma problemática que transcendia os componentes físico-climáticos. Implicava também uma circunstância cultural. Com esta perspectiva, Euclides da Cunha retomou o tema na série "Plano de Uma Cruzada", três artigos aliviados das considerações es

2 - Note como Euclides da Cunha mantinha o laço cultural e o respeito pelos intelectuais da Monarquia. No "As Secas do Norte", antes comentado, referiu-se ao barão Guilherme Schuch de Capanema, cientista, engenheiro e professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi membro da comissão científica encarregada da exploração das províncias do nordeste. Publicou vários trabalhos, entre os quais "Cana de Açúcar", de 1867, e "Apontamentos Sobre as Secas do Ceará", de 1878. Colaborou no "Jornal do Comércio" e no "Diário do Rio de Janeiro".

No mesmo artigo e no futuro "Ao Longo de Uma Estrada", como se verá, Euclides da Cunha citou a contribuição de Beaurepaire Rohan, membro da nobreza. Fugindo da Revolução Francesa, a família Beaurepaire Rohan veio para o Brasil, onde, inicialmente, prestou relevantes serviços à marinha de guerra. Alcançando grande prestígio, forneceu altos oficiais do exército e da marinha. O marechal Henrique de Beaurepaire Rohan (1812/1894), manteve destaque na República, participando, em 1890, da comissão organizadora do Código Penal e do Processo e votando contra a pena de morte. Certamente, Euclides da Cunha refere-se a este marechal-de-campo, estudioso de assuntos do Brasil e que publicou vários trabalhos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

tritamente científicas e cujo título dá bem a idéia da intenção jornalística do autor (3). Redimensionou o problema da seca, situando-o no âmbito cultural e institucional ao alertar para uma tecnologia apropriada à problemática e ao denunciar a inexistência de um programa básico para assunto crucial da vida nacional. Por outro lado, ampliou o raio de ação do drama nordestino ao identificar sua ressonância em outras regiões. Em particular, lembrou o deslocamento demográfico dos estado do Nordeste para a Amazônia. Finalmente, dizia, a tragédia vivida pelas populações nordestinas não encontrava abrigo na imprensa periódica. Indicações que iluminam bem a intenção jornalística de Euclides da Cunha.

Categorizando o Nordeste como uma área "à margem da história", Euclides da Cunha evidenciava pela primeira vez a expressão que melhor definia sua percepção da incorporação das regiões brasileiras e que batizaria um livro futuro sobre a Amazônia (4). A condição marginal destas terras brasileiras não lhes negava uma história, mas acentuavam a frágil memória do brasileiro sobre o País. Nisto, o articulista recordava-se, decerto, da guerra de Canudos, que em grande parte, como tantas vezes repetira, fôra desencadeada pela ignorância acerca dos concidadãos de outros quadrantes. Na Europa, ao contrário, admoestava o jornalista, longe de haver o conveniente esquecimento dos problemas so

3 - A série está na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos, ambas as referências citadas.

4 - À Margem da História, Lisboa, Livraria Lello & Irmãos, 1946, reunindo textos sobre a Amazônia.

ciais, existe até "uma estética para as grandes desgraças coletivas". Era mais uma das premonições de Euclides da Cunha, uma vez que a década de 1940 veria o aparecimento da série "Retirantes", de Portinari. Mas é também uma leve falta, pois, na literatura, o drama sertanejo já aparecera em 1890, quando Rodolfo Teófilo publicou "A Fome". De qualquer modo, as regiões assoladas somente se tornavam dignas de atenção quando eram sacudidas pela eclosão dos problemas mal contidos. Só então, afirmava o jornalista, aparecem poetas, comissões, sacos de farinha... É "o descaso e o desamor com que nos voltamos para os interesses reais deste País". Alheio à nação, o brasileiro ainda procura "notícias do Brasil" em Saint-Hilaire, resume-se aos viajantes estrangeiros com os nomes cheios de "w", de "y" e de "k", olvidando os estudiosos brasileiros, que fizeram o mesmo, ou melhor. Este alheamento é um "exílio subjetivo". Troca-se o Brasil verdadeiro "pela civilização mirrada que nos acotovela na rua do Ouvidor". Enfim, "o verdadeiro Brasil nos aterra".

Era preciso uma cruzada a favor do interior. O sertão era o grande desafio. Ali estavam os jagunços que o correspondente de guerra conhecera, as "almas varonis, que a desventura maligna, derrancando-as nas aventuras brutais de quadrilheiros", eram arrebatadas para a exposição pública. Fugindo da seca, os "titânicos caboclos" iam povoar outros lugares, a Amazônia, o Acre, a bacia do Paraguai, espalhando-se, demandando fronteiras, e na migração exercendo uma "atividade incomparável", graças a sua "robustez e sua esplêndida coragem".

Ignorava-se também a terra: "É que nossa história natural ainda balbucia em seis ou sete línguas estrangeiras, e a nossa geografia física é um livro inédito". Ao desenvolver estas idéias, Euclides da Cunha imprimiu ao "Plano da Uma Cruzada" um sentido ecológico que já aparecera em outros textos. Não só o Nordeste desértico era uma região ameaçada; também o eram as florestas. Apoiado em estudiosos brasileiros, como Barbosa Rodrigues, o articulista indicou o empobrecimento de fontes e rios, até mesmo na Amazônia. O fato é que as regiões brasileiras estavam interligadas e os fenômenos de uma ecoariam em outra. Não havia isolamento completo; a transição brusca das matas para as caatingas, como apontara no "As Secas do Norte", excluía a impermeabilidade entre as ocorrências regionais. Assim como os deslocamentos demográficos aproximavam áreas distintas os fenômenos naturais tendiam à expansão e podiam alterar paisagens diferentes. Com a frase concisa, Euclides da Cunha definia: "O deserto invoca o deserto".

O "Plano de Uma Cruzada" propugnava por um "programa estonteador" e necessário para evitar o "desfalecimento econômico do país". Mas não se poderia restringir a soluções meramente físicas, exigindo, antes, uma política profunda, de amplitude nacional e de cunho cultural que permitisse abarcar todas as facetas da complexa problemática. O Brasil pedia "a organização das atividades e do regime geral da riqueza, o doutrinamento filosófico e a direção política, a remoção das dificuldades presentes e o levantamento das tradições históricas". O esforço exigia a modificação da estrutura de poder local e da economia brasilei

ra a fim de transferir recursos e cuidados para o que consistiria em verdadeiro desenvolvimento nacional, na concepção de Euclides da Cunha. Munido desta exigência, o articulista questionava o perfil monocultor e exportador da economia, denunciando o "tatear entre miragens de um progresso falaz e duvidoso, até agora medido pelos 'stocks' das sacas de café, pelas levas de imigrantes e por uma combinação política que ninguém entende".

Não era, entretanto, o Nordeste distante e pouco conhecido, recém lançado à consciência nacional mercê da guerra civil, a única região ameaçada pela inclemência do tempo e pela incúria dos governos. Também o Sul sofria profundas alterações físico-climáticas decorrentes da ação imprevidente do homem e se manifestava no desmatamento crescente, no empobrecimento do solo e na invalidez econômica. O estado de São Paulo estava em boa parte destruído pela expansão dos cafezais, cuja monocultura dava a ilusão de riqueza. Foi sobre esta região e sobre este "progresso falaz e duvidoso" que Euclides da Cunha publicou no "O Estado de São Paulo", de 21 de outubro de 1901, o artigo "Fazedores de Desertos" (5). Desfeita a miragem, dizia, resta em seu lugar a terra empobrecida e abandonada. Exemplificou com o Vale do Paraíba, que desde o último quartel do século estava em situação de total declínio. O mesmo progresso que vitimou esta antiga área de produção de café se repetia no Oeste paulista, denunciava o jornalista, conhecedor daqueles territórios, pois ali viajara incessantemente como

5 - O "Fazedores de Desertos" está no Contrastes e Confrontos e na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, ambas referências citadas.

genheiro do governo.

O artigo começa assinalando a alteração climática do interior de São Paulo como resultante do desmatamento. Descreve o "quadro lastimável" provocado pelos cafezais: "varando a monotonia dos campos mal debruados de estreitas faixas de matas, ou pelos carregadores longos dos cafezais requeimados, desatando-se indefinidos para todos os rumos - miríades de esgalhos estonados, quase sem folhas ou em varas, dando em certos trechos, às paisagens, um tom par dacente e uniforme, de estepe..." Procede em seguida ao histórico da devastação, a começar pela lavoura indígena, cujas queimadas foram copiadas pelo colono branco e aumentadas pelos garimpeiros, apesar de existirem na colônia precauções das autoridades metropolitanas para preservar a vegetação. Ao leitor da época, e ao de hoje, o jornalista forneceu valioso subsídio para o estudo dos antecedentes da política ecológica no Brasil, fazendo um levantamento minucioso que reporta às cartas-régias que instalavam "juizes conservadores das matas".

O articulista mostrava-se cético quanto aos recursos artificiais usados para "multiplicarem as energias do solo". Logo abandonou como ineficientes tais métodos, "belas criações da indústria moderna, os progressos da biologia e da química". O solo exauria-se com as lavouras ultra-extensivas e com as queimadas, e juntava a estas práticas uma falsa economia de energia conseguida às custas dos recursos naturais. Era uma política energética que somente servia para iludir "a crise financeira e o preço alto do carvão de pedra atacando em cheio a economia da terra, e di

luindo cada dia no fumo das caldeiras alguns hectares da nossa flora". Também neste ponto o artigo "Fazedores de Deserto" fala muito ao viajante deste fim de século XX que percorre o interior de São Paulo e o norte do Paraná e mal encontra uma variação natural que rompa a monótona paisagem despida da vegetação que outrora apresentava (6).

Euclides da Cunha conhecia bem a região sul. Como ele próprio dizia, obtinha as informações diretamente, colhendo-as em suas andanças pelas "estradas do Oeste paulista". A destruição acompanhava as ferrovias, "progredindo, intervaladas, desde Jundiaí ao extremo de todos os ramais". O mesmo cunho eminentemente ecológico - no sentido contemporâneo do termo, ou seja, o ecossistema entendido como a interação entre natureza e homem - foi desdobrado em outro artigo, o "Entre as Ruínas", dedicado exclusivamente ao Vale do Paraíba (7). De certo modo, o artigo indica que o Vale do Paraíba era o retrato do Oeste paulista do futuro. A análise da origem do fenômeno cede lugar à descrição do espaço criado pelo apogeu cafeeiro, dando realce aos restos da cultura material que lá permaneciam em abandono. O artigo tem ainda um interesse complementar, pois bem poderia ser o modelo inspirador dos contos que forma o "Cidades Mortas", de Monteiro Lobato. A casa senhorial derruída tinha seu espelho humano no caipira, o que sobrou do sertanejo da região, um protótipo do Jeca Tatu.

6 - E não estranha também àqueles que atualmente estão apreensivos pela devastação das lavouras canavieiras implantadas para produção de combustível.

7 - O "Entre as Ruínas" está no Contrastes e Confrontos e na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referências citadas.

Além disto, o artigo tem uma faceta estilística muito própria de Euclides da Cunha. Assemelha-se a um roteiro que tivesse por finalidade dirigir o olho do leitor por entre os escombros da cultura do café desaparecida do Vale do Paraíba, chegando a introduzi-lo pela casa grande da fazenda, como a recordar o fausto desaparecido. À cavalo, aproxima-se do grande portão da fazenda abandonada, de "umbras vacilantes", e, desapeando, "avança pelos terreiros de pedra, arruinados; galga a velha escadaria, pulando sobre os degraus que faltam; e estaca (...) diante da porta, escancarada, da entrada, abrindo para o amplo salão deserto!" O visitante contempla "as molduras esborcinadas das paredes, e o teto onde advinha resquícios de írisos dourados na cimalha de estuque". Percorre os corredores, "afogado no bafio agoulhento" e vê pelas portas abertas os aposentos "onde cham e revoam desequilibradamente centenas de morcegos tontos". Diz que o eco dos próprios passos não o amedronta; antes "comove-o, irrestível, a visão retrospectiva dos belos tempos em que a vivenda senhorial pompeava triunfalmente no centro dos cafezais floridos".

Note que o espaço é utilizado por Euclides da Cunha como uma entidade, e não mero pano de fundo - seja o espaço da casa da fazenda abandonada, seja o espaço sertanejo sobressaltado pela guerra, nas matérias de Canudos (8). A mesma maestria é dedicada ao tempo, levando o leitor a reconstruir pela mediação imaginativa a vida que outrora flo

8 - Vide o estudo do espaço no texto in LINS, Osman, Lima Barreto e o Espaço Romanesco, São Paulo, Ed. Ática, 1976, em particular os capítulos IV/VI.

resceu no casarão. Num verdadeiro "flash back" retorna-se no tempo. O visitante inesperado crê ouvir "o tropear ruidoso das cavalgadas que chegavam; a longa escadaria onde rolavam saudações joviais, risos felizes, subidas e descidas tumultuárias entre os estrépitos argentinos das esporas; o vasto salão repleto de convivas, a velha sala ornada para os banquetes ricos; e à noite as janelas resplandescentes, abertas para a escuridão e para o silêncio, golfando claridades e a cadência das danças..." Euclides da Cunha conseguiu uma montagem engenhosa entre o tempo que abriga o que foi e o espaço, testemunha do que não é mais.

O tema e a cena dramática de regiões pelas quais passaram o tempo e os homens permaneceria durante anos no espírito de Euclides da Cunha - em 1908, pouco antes de sua morte trágica, publicaria o artigo "Numa Volta ao Passado", crônica redigida na primeira pessoa, na qual registrou um pernoite que passou em 1903 numa casa perdida situada numa região à margem da história (9). Se o "Entre as Ruínas" redimensiona o "Fazedores de Desertos", o "Numa Volta ao Passado" desdobra-se do primeiro. A crônica é um "caso" que lhe contou um velho, o qual vira D. Pedro I quando este voltava do Ipiranga e pernoitou na Fazenda. Euclides da Cunha recorreu a este relato para registrar uma experiência pessoal. Diz que "em 1903 num dos lances desta minha engenharia andeira que acertara varar naqueles lugares; enquanto viajava para Areias, foi obrigado a pernoitar na mesma fazendola. Era "o mal assombrado pouso que se me oferecera";

9 - O "Numa Volta ao Passado" esta na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referência citada.

de antiga família, e ao qual preferiria "qualquer rancho aberto de tropeiros, varado das chuvas e dos ventos". O "espantalho de grandeza decaída" mostrava à esquerda "uma tiguera pobre de mandiocal raquítico, onde fôra vasto pomar aprazível", e à direita "advinhavam-se os restos de um jardim invadido das samambaias". Ao longe, "cobrindo a morraria até o pino, os galhos caóticos e sem folhas de um vasto cafezal seco, de cem anos".

Também o Sul, portanto tinha suas regiões "à margem da história", ou seja, áreas decadentes que ingresavam numa esfera ignorada pela história polarizadora que pontificava, agora, no Oeste paulista. Mas também ali a imprevidência começava a gerar um deserto. O articulista relacionava à lavoura destrutiva do centro-oeste a expansão ferroviária, elemento mais visível do avanço cafeeiro, símbolo virtual de uma época. Mas, ao mesmo tempo, situava a ferrovia em instâncias mais profundas das reflexões, no próprio núcleo da almejada incorporação nacional. Movia-o a comunicação entre as regiões brasileiras, restando decidir se o sistema ferroviário seria o mais adequado meio. Finalmente, cabia ainda considerar a rede ferroviária que articulava São Paulo e seus vizinhos à bacia platina e que era motivo de projetos e levantamentos.

Em 18 de janeiro de 1902, Euclides da Cunha publicou no "O Estado de São Paulo" o artigo "Ao Longo de Uma Estrada", no qual comentava o sistema viário nacional (10). Ponderava sobre informações que obtivera em fins do

10 - O artigo está no Contrastes e Confrontos e na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referências citadas.

ano anterior em uma de suas viagens à serviço da engenharia, quando percorrera o interior do estado em direção a Mato Grosso por uma estrada que não passava de um "picadão mal gradado". Tal como fizera em "As Secas do Norte", e em certa medida no "Plano de Uma Cruzada", o jornalista relacionava aquele caminho à tecnologia antiga. Dizia que, embora de dois mil anos atrás, o sistema de estradas romano era muito superior àquele "picadão", que, entretanto, desempenhava um papel de suma importância nas comunicações do centro-sul. A estrada do Taboado, como se chamava, é "a mais importante não já de São Paulo mas do Brasil inteiro, largando de Jaboticabal e desembocando no Porto do Paraná". Aliando a observação do repórter ao conhecimento do engenheiro, o articulista fez uma crítica ao próprio traçado daquela via, demonstrando como, se modificada, poderia atuar no sentido da penetração do interior do Brasil. Se fosse construída de modo correto, dizia, a "estrada duplicaria em poucos anos a vitalidade nacional".

Orientando-se pelo fator "político-geográfico", Euclides da Cunha argumentou que o litoral brasileiro, diferentemente das costas grega e japonesa, carecia do perfil adequado à comunicação entre seus pontos. Ao mesmo tempo, o Brasil era um país "compacto" e lhe faltavam as facilidades de penetração pelo dilatado interior. Predominavam, assim, verdadeiras "civilizações locais" e cumpria promover o contato entre as áreas a fim de romper o localismo. Euclides da Cunha preocupava-se em dinamizar as regiões interiores - "despertar as energias latentes que o afastamento do litoral amortece". Até o fim da vida manteve esta expectativa. Na última entrevista que concedeu, pouco antes da morte, defendia a transferência da capital federal para

o planalto central, tese veiculada desde 1821 por José Bonifácio (11). No que tange à dinamização do Sul e do Centro-Oeste, e no que se refere à extensão da rede viária por aquelas terras, a atenção de Euclides da Cunha desdobrava-se em outro plano, o das articulações do Brasil com os países platinos. Quando da inclusão do artigo "Ao Longo de Uma Estrada" no "Contrastes e Confrontos", o autor acrescentou uma nota a respeito da recém-projetada estrada-de-ferro Noroeste, a qual, acreditava, "lançada vigorosamente para Mato Grosso (...) revolucionará muito breve a situação econômica da América do Sul".

Segundo o artigo, a consciência da incorporação nacional somente despertou entre os brasileiros com os problemas suscitados pela guerra do Paraguai. Muitas foram as comissões formadas para o exame da viação no Brasil e sucederam-se projetos de engenharia dos transportes, como os de Beaurepaire Rohan, Buarque Macedo e Honório Bicalho. Euclides da Cunha estava certo ao reclamar uma política de transportes para o Brasil. Até então a República fizera um só plano viário, o do Marechal Jerônimo de Moraes Jardim, de 1890 (12).

11 - "À Última Entrevista de Euclides da Cunha", concedida a Viriato Correia e publicada na revista "Ilustração Brasileira", de 15 de agosto de 1909, in COUTINHO, Afrânio, (org.) Euclides da Cunha:Obra Completa, ref. cit.

12 - Em 1864 o sistema ferroviário brasileiro dispunha de 475 Kms. de trilhos; a República encontrou em 1889 um total de 2583 Kms.-in PINTO, V.B.N., "Balanço das Transformações Econômicas do Século XIX", in Idem, inter alii, Brasil em Perspectiva, 3ª ed., SP. Difel, 1971, p.141.

A Monarquia fez quatro grandes projetos: o de Ramos de Queiroz, e o de André Rebouças, também chamado "sistema quadrilátero", ambos de 1874; o de Honório Bicalho, de 1881, e o de Oliveira Bulhões, de 1882, ambos recomendando a articulação ferrovia-hidrovia. A preocupação, contudo, datava de meados do século, pois, quando da inauguração da Estrada-de-Ferro D. Pedro II, em 1858, o engenheiro responsável, Cristiano Benedito Otoni, alertou para a necessidade de um Plano Nacional de Viação. Estes projetos barravam no desconhecimento do território e, em menor escala, na introdução do vapor no Brasil, permitindo ligar as províncias pelo mar, com maior conforto e segurança (13).

Os óbices geográficos, entretanto, não eram decisivos. A eles se sobrepunham a situação financeira do país e a interferência estrangeira, conforme o demonstra a luta do barão de Mauá para a implantação do sistema ferroviário no Brasil. Dentre todas as iniciativas neste terreno, as que mais se destacaram foram as de Mauá, pioneiro incontestado na política de transportes no Brasil, tanto no que se refere às estradas-de-ferro quanto na navegação fluvial amazônica. Inaugurou os primeiros quinze quilômetros de trilhos no país em 30 de abril de 1854, lançando a semente das estradas-de-ferro brasileiras. Considerando este marco inicial apenas a "estaca zero", Mauá tinha objetivos bem mais amplos, uma vez que pretendia estender aquela linha ferroviária inicial do Rio de Janeiro ao Rio das Velhas, a fim de colher a produção da bacia do São Francisco. Havia, pois,

13 - MIYAMOTO, Shiguenoli, "Aspectos da Geopolítica do Brasil: Considerações sobre os 'Grandes Temas'", in Política & Estratégia, volume II, número 4, outubro/dezembro de 1984, São Paulo, Ed. Convivium, 1984, p. 600 ss.

o exato sentido da incorporação regional, mesmo porque Mauá não pretendia se deter no São Francisco, mas alcançar pontos mais distantes do território. E tal aspiração nascia numa época em que os incipientes projetos ferroviários circunscreviam-se em espaços locais, na maioria estaduais, um na Bahia, outro na Paraíba ou no Rio Grande do Sul. O desempenho do barão de Mauá na política de transporte ferroviário é injustamente esquecido sempre que se omite sua preciosa contribuição na implantação da Estrada-de-Ferro Dom Pedro II, atual Central do Brasil, na Santos-Jundiaí, entre outras ferrovias no Brasil (14).

Esta era a exigência central do artigo "Ao Longo de Uma Estrada". Euclides da Cunha defendia a criação de um sistema viário nacional, ao mesmo tempo em que criticava a rede ferroviária instalada em São Paulo. Os interesses econômicos, dizia, em especial os do café, imprimiram o traçado ferroviário e definiram os objetivos das redes mais amplas da época, as estradas-de-ferro Paulista e Mogiana. Avaliando as ferrovias do café, o articulista de

14 - FARIA, Alberto de, Mauá (Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá, 1813/1889), 4ª. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958, p. 152/154 e 165. Os capítulos IX, X e XI desta obra analisam a participação de Mauá no planejamento ferroviário brasileiro e esclarecem os problemas suscitados, inclusive o da participação dos banqueiros ingleses.

Por suas iniciativas em diferente setores da vida econômica, o barão de Mauá é internacionalmente reconhecido como um dos grandes burgueses do século XIX. - MORAZÉ, Charles, Les Bourgeois Conquérants, Paris, Librairie Armand Colin, 1967.

monstrou que a Paulista estendera seus trilhos até Araraquara sem permitir sequer uma variante que atendesse a região circunvizinha. Tanto a Paulista como a Mogiana foram projetadas para alcançar Mato Grosso e Goiás - contudo, "mal ultrapassam, hoje, um terço e a metade das distâncias". Estas estradas não eram incorporadoras de regiões; antes, "progridem arrebatadas por uma lavoura extensiva que se avanta no interior à custa do esgotamento (...) das terras que vai abandonando". O impulso ferroviário vinha das terras roxas dos cafezais, mais tarde abandonadas e emprobecidas. As estradas-de-ferro paulistas não construíam uma economia verdadeira, mas "deixam atrás um espantinho de civilização tacanha circundado de fazendas velhas..." Nada mais são que "anomalias de um desenvolvimento e de um progresso contestáveis". À serviço das grandes plantações de café, não civilizavam, uma vez que os projetos desdenhavam o "aspecto econômico dominante da questão" - eram projetos "escandalosamente otimistas diante de nosso desfalecimento econômico".

A crítica de Euclides da Cunha contra as estradas-de-ferro podem ser situada num contexto mais amplo. A ferrovia era um símbolo da preeminência inglesa em todo o mundo, e no Brasil, sistema ferroviário e cafeicultura eram elementos indissociáveis; e nem se poderia separar a cafeicultura do endividamento externo junto a bancos ingleses. Como se sabe, quando o Brasil pretendia controlar a superprodução do mercado mundial do café, pedia auxílio ao estrangeiro, quase sempre para os ingleses. Igualmente direta era a vinculação do empréstimo exterior e a ferrovia. O

primeiro empréstimo do governo republicano - "para compra de armamento e munições" - foi feito pela Estrada-de-Ferro Oeste de Minas junto aos Rothschilds e assumido por Floriã no Peixoto sob a condição de entregá-lo àquela ferrovia "em moeda nacional, ao câmbio do dia" (15). Não estranha, pois, o papel acentuado que a ferrovia desempenhava na crítica de Euclides da Cunha. Era, de fato, um componente destacado na administração pública da época (16).

Levado, talvez, pelo esplendor da indústria automobilística, há pouco nascida, impregnada de promessas e de velocidade, Euclides da Cunha advogava a implantação de rodovias no Brasil. Para tanto, não vacilava - também aí - em recuar até as estradas romanas em busca dos méritos das vias de rodagem. Poder-se-á contradizer, argumentava o articulista, "que os tempos são outros, outros os recursos, e que as linhas férreas substituem com vantagem aquelas construções monumentais da engenharia antiga". Não é verdade,

15 - FERREIRA, Pinto, Capitais Estrangeiros e Dívida Externa do Brasil, São Paulo, Editora Brasiliense, sem data, p.166.

16 - "Rui Barbosa, o extremado liberal da melhor cepa anglo-saxã, acaba por se identificar inconfessadamente com o discurso do caminho prussiano. A aliança Estado e alta finança cumpriria claro plano estratégico: em primeiro lugar, a criação de uma ampla rede de transportes, principalmente ferroviário, em segundo, pelo estímulo à concentração de capital nas sociedades anônimas, promoção de profundo surto industrial". - VIANNA, Luiz Werneck, Liberalismo e Sindicato no Brasil, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1976, p.45.

conclui - as estradas romanas eram frutos de uma técnica que ainda tinha muito a oferecer; e mais, pois a rodovia no Brasil teria "um caráter continental tão frisante que devíamos, tanto quanto possível, aproximá-lo de uma estrada romana". No século XX, a rodovia se torna ainda mais eficiente, "principalmente agora que o automobilismo liberta a velocidade do trilho".

Mas Euclides da Cunha não era taxativo e admitia os progressos da técnica, de modo a deixar aberta a porta do futuro: a rodovia poderia ser o melhor para a época, mesmo que provisória, ainda que "o melhor leito para a futura via férrea". Pode parecer ambiguidade. Poderia comprometer o raciocínio do articulista, se não se tivesse em conta sua aguçada sensibilidade para o tempo, sua preocupação incansável com os jogos do poder mundial e regional. Ou seja, a opção rodoviária enquanto solução rápida para o equacionamento desejável nas articulações com os vizinhos do Prata: "o melhor meio de nos emanciparmos do Prata, nesta fase incandescente da política sul-americana, mas ainda, sob aspecto mais grave, um belo laço de solidariedade prendendo-nos aos patrícios dos sertões e revigorando uma integração étnica, já consideravelmente comprometida" (17).

O Brasil precisava elaborar uma política racional de transportes para libertar-se da bacia platina, "o Bósforo alongado da América do Sul".

O "Ao Longo de Uma Estrada" encerra-se com a avaliação concreta de um projeto viário nacional, na qual

17 - Escusado insistir, aqui, na relevância destes tópicos para Euclides da Cunha.

Euclides da Cunha expõe todo o seu conhecimento de engenheiro e toda sua informação acerca das regiões brasileiras. Demonstra a viabilidade econômica de uma rodovia que percorrerá o interior, apresenta cifras e defende o ponto-de-vista de que os militares deveriam se encarregar de tal empreitada, posto que sua participação propiciaria a "diminuição de mão-de-obra pelo emprego da engenharia militar e contingentes do exército".

Dois meses depois, no artigo "Olhemos Para os Sertões", publicado em 18 e 19 de março de 1902 no "O Estado de São Paulo", Euclides da Cunha voltaria a explicar porque criticava a ferrovia e defendia a rodovia (18). Julgava a rodovia "mais prática, mais econômica e mais eficaz, porque dispensa dilatados estudos, exclui o capital estrangeiro e se desenvolverá independente do povoamento, da produção e das exigências do tráfico sistemático". Sua posição derivava da necessidade de atender os sertões; distanciava-se dos interesses do latifúndio cafeeiro. Optava, pois, pelo sistema rodoviário, "em cuja faixa resistente pudessem rolar, libérrimas, sem horários, todas as sortes de viaturas (...) até que mais tarde, sobre ela" pudessem estender-se "os trilhos e rompessem as locomotivas". É a mesma idéia do "Ao Longo de Uma Estrada", mas dimensionada ao atendimento do sertanejo; vale dizer, correspondente às "duas preocupações supletivas uma da outra", a defesa do território e a incorporação à "nossa vida frágil e sem autonomia, de ribeirinhos do Atlântico" do "cerne vigoroso das sociedades

18 - Foi consultado o texto incluído na Obra Completa, organizada por Afrânio Coutinho, conforme referência citada.

sertanejas". Sublinhou a intenção, declarando que se atinha "cada vez mais a duas preocupações que se contrabatem ir reconciliáveis: a necessidade urgentíssima, improrrogável, de incorporarmos à nossa história as obscuras sociedades ser tanejas e o grande espasmo financeiro que nos impossibilita desde já aquele conagraçamento pelos luxuosos meios da via ção moderna". O erguimento do sertanejo sobrepunha-se até à crença no progresso a ser construído. Dirigindo-se ao dou tor Gonzaga de Campos, que o admoestara por suas idéias so bre a ferrovia, Euclides da Cunha respondeu-lhe: "deslumbra o o progresso geral; absorve-me, mais modesto e mais grave, o problema estritamente brasileiro".

O título do "Olhemos os Sertões" já elucida muita coisa. Inicialmente o jornalista explicava o mó vel de sua argumentação. Considerava necessário preservar a et nia brasileira em formação, promovendo-a pelo resgate do sertanejo olvidado pela civilização litorânea e pela recupe ção das regiões assoladas pelas catástrofes naturais e pos tas "à margem da história". Estava apreensivo pela "nossa debilidade étnica ante o incomparável vigor desdobrado nos últimos tempos pelas nacionalidades". Estando a nacionalida de brasileira "em plena formação ainda", o articulista inda gava-se se "temos acaso vitalidade nacional que nos faculte enterrar o estrangeiro neste duelo formidável?" Além disto, alí estavam os imigrantes europeus, chegando em levas suces sivas e ocupando parte do território. Euclides da Cunha receava que a ferrovia viesse a imiscuir populações estra nhas nos sertões: "Não será temeridade abrirem-se-lhe, fran cas, prontamente transpostas pelos 'wagons' ligeiros, as es

tradas dos sertões, antes que firmemos com as populações ra refeitas que o habitam uma intimidade garantidora dos nos sos destinos nacionais?"

A política de transportes era um componente decisivo na geopolítica de Euclides da Cunha. Ao tema reto naria em 6 e 7 de novembro de 1903 no artigo "História da Viação Pública de São Paulo", publicado no "O Estado de São Paulo, sob a epígrafe "À Margem de Um Livro", e no qual criticava obra homônima de um certo A. Pinto (19). A maté ria encerra as considerações anteriores no estado de São Paulo, que condensava toda a problemática discutida e conta va com a maior rede ferroviária do Brasil, convergente à bacia platina.

Euclides da Cunha tomou Capistrano de Abreu como ponto de partida, observando que, segundo o autor do "Caminhos Antigos e Povoamento", as vias abertas desde os tempos coloniais tinham, cada qual, um objetivo definido, um destino declarado, fossem as Minas Gerais, ou Mato Grosso, Goiás, ou o Sul. Em suma, "era o Brasil inteiro preso nas infinitas malhas de centenas de trilhas estreitíssimas", nas quais se pressentia "uma direção tão segura no baralhamento daquelas veredas multívias". Estendendo exageradamente a idéia de pátria aos tempos coloniais, Euclides da Cunha con cluía que "o que tínhamos de mais grave, o que ainda temos talvez de mais urgente e sério - era a conquista da própria base física de uma pátria". Nesta frase pode-se mais uma vez 19 -0 "História da Viação Pública de São Paulo" está na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referência citada.

identificar o sentido concreto com que Euclides da Cunha via o Brasil - uma "base física", no caso - para além de teorizações sobre o vazio ou abstrações bizantinas.

O artigo volta a denunciar o privilégio da política ferroviária, apontando como uma de suas limitações, em São Paulo, o fato de assentar-se na iniciativa estatal. As estradas-de-ferro eram "constituídas sem a base sempre fecunda da iniciativa individual e da livre concorrência", nasciam "sob a mão canhestra do Estado", alongavam-se "pelo território sob a atração variável dos centros agrícolas" voltados para a exportação. O governo atendia os interesses particulares dos cafeicultores, acrescentava - as ferrovias nada mais eram que "estirões de latifúndios ladeando os trilhos" (20).

O jornalista dedicou o final do artigo para uma projeção nacional, e continental, na rede ferroviária de São Paulo. Lembrou que "o mais romântico dos nossos engenheiros e o mais prático dos nossos sonhadores, André Rebouças (...) inscrevia (...) o Brasil inteiro num triângulo de viação geral". Os cálculos demonstravam a viabilidade da construção de uma base de transportes diversa da existente e que poderia lançar-se por amplas regiões. A estrada-de-ferro Paulista, por exemplo, "forma hoje a espinha dorsal do Estado - e formará amanhã a do Brasil e da América do Sul -

20 - Recorde-se da crítica que Euclides da Cunha fez da ingerência do Estado na economia em seus artigos da coluna "Dia-a-Dia", de 1892, particularmente dedicados à industrialização e ao projeto Paula Souza para o Instituto Politécnico. Remeta-se também à concepção "inconfessadamente prussiana" de Rui Barbosa sobre a aliança do Estado com a alta finança, constante no presente capítulo.

cujo centro geométrico, na região cuiabana, se liga pela mesma reta ao istmo do Panamá e a Santos" (21). Claro está que estas noções incluíam forçosamente o palco amazônico, frequentado pelo Brasil, Peru e Bolívia, e o Panamá, objeto de ocupação norte-americana para a construção do Canal. Era de fato imenso o destino que Euclides da Cunha reservava ao sistema viário nacional.

Como se vê, é injusta a afirmação de Silvio Rabelo, segundo a qual os artigos que Euclides da Cunha escreveu neste período são frios e sem atualidade (22). As matérias desta época correspondem perfeitamente ao pensamento do escritor e revelam com clareza o núcleo de sua atenção, a nacionalidade fortalecida para apresentar-se no plano internacional.

Esta concepção, aliás muito concreta, do Brasil não poderia ignorar as vastidões amazônicas. Os artigos da Amazônia, assim como a própria região, são de tal magnitude que devem ser vistos à parte.

21 - Ao leigo, só resta deixar que os especialistas digam a palavra final sobre o aparente exagero de Euclides da Cunha. Cabe, entretanto, lembrar que aqueles eram tempos de ouro de ferrovias tais como a Transiberiana.

22 - RABELO, Silvio, ob. cit., p. 289 ss.

O JORNALISTA NA AMAZÔNIA

"Além disto, não desejo a Europa, o
'boulevard', os brilhos de uma posição,
desejo o sertão, a picada malgradada, e
a vida afanoza e triste de pioneiros."

(Carta a José Veríssimo, 7.7.1904)

UMA REGIÃO ESTRATÉGICA

"É uma terra que ainda está se preparando para o homem - para o homem que a invadiu fora do tempo, impertinentemente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso. Hei de tentar demonstrar isto."

(Carta a José Veríssimo, 13.1.1905)

Nos primeiros anos do século XX, Euclides da Cunha devotou a maior parte de sua atenção à Amazônia, região que se tornara importante graças à exploração da borracha e aos atritos fronteiriços entre Brasil, Peru e Bolívia. Além disto, as rivalidades entre peruanos, bolivianos e chilenos geraram um conflito militar e foram entregues à arbitragem internacional, que, eventualmente, colocava em risco o recém-nascido território do Acre. Apesar dos acordos formalizados com o Brasil, persistia o deslocamento de populações peruanas para território brasileiro em busca do caucho. Euclides da Cunha examinaria longamente a problemática em 1907, no "Peru X Bolívia". Mas antes, em dezembro de 1904, partiria para aquelas terras chefiando a comissão de demarcação do Alto Purus, organizada em agosto do mesmo ano por Rio Branco, então ministro das Relações Exteriores do Brasil. Grande parte dos artigos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia foram escritos com base nesta experiência e com a intenção de, à semelhança de "Os Sertões", preparar outro "livro vingador" que jamais chegou a publicar e que se chamaria "O Paraíso Perdido". Antes, porém, da viagem aos sertões amazônicos já escrevera várias matérias de análise sobre os acontecimentos e a temática da Amazônia da época. Provavelmente os artigos anteriores à estada na floresta amazônica ajudaram na nomeação do jornalista para a chefia da comissão ministerial no Alto Purus.

Não há uma solução de continuidade entre as matérias escritas antes e as posteriores à viagem do jornalista. A diferença maior está na descrição e no comentário de quem conheceu "in loco" a região e os problemas tra

tados. Por isto, os artigos escritos após a volta de Euclides da Cunha são mais vivos, chegando mesmo, em alguns trechos, a se assemelharem às melhores reportagens que escrevera anos antes na guerra de Canudos. A temática e a profundidade equivalem-se. Antes de tudo, confirmam o senso de atualidade jornalística de Euclides da Cunha, e reforçam a preocupação privilegiada com os sertões e os tipos humanos da multiplicidade brasileira. Certamente, a Amazônia ampliou a concepção de Euclides da Cunha sobre os sertões - um redimensionamento normalmente mal avaliado devido o brilho de "Os Sertões" e da impossibilidade de publicar o projetado livro sobre a Amazônia. A floresta era o sertão grande mal mapeado, imenso território "à margem da história", clima, flora e fauna surpreendentes. Brasileiros de todos os quadrantes movimentado-se por aquele meio físico, contribuía para fortalecer a nacionalidade em gestação. Distante do litoral "amortecido", o tipo humano que dali sairia condenava, segundo o entender de Euclides da Cunha, o brasileiro sem as máculas das civilizações cansadas. Ir para a Amazônia, estudá-la, escrever sobre ela representava para o jornalista prosseguir uma busca que iniciara pelo Nordeste.

A aspiração nada tinha de brusca. Nascia de uma decorrência lógica. Em carta a um amigo, confiava que, se fosse designado para a Amazônia, ali "talvez" pudesse prestar alguns serviços" (1). Esta frase não deixa dúvidas sobre a consciência de Euclides da Cunha sobre o caráter delicado, e decisivo para a promoção nacional, que a Amazônia

1 - Carta a Luiz Cruls, de 20 de fevereiro de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., Euclides da Cunha e Seus Amigos, ref. cit.,

implicava. Desvanece, por outro lado, qualquer suspeita de cunho sentimentalista nas inclinações intelectuais de Euclides da Cunha. A afirmação clara de um serviço a prestar remete à confissão decidida do jovem que queria seguir a carreira jornalística porque aí encontrava o campo para o embate de idéias. Já foi suficientemente referida a importância política e militar daquelas paragens, comprometendo o que o jornalista chamava de "solidariedade sul-americana" e a própria integridade do território nacional (2). Na esfera econômica, a borracha contava com alta participação na pauta das exportações brasileiras indexada na época em que Euclides da Cunha escrevia sobre a Amazônia. Há poucos anos, em 1899, alcançara 19% no conjunto da exportação, passando em 1910 para 25%. Sabe-se, também, que os Estados Unidos tinham particular interesse na borracha sul-americana para romper o monopólio anglo-holandês exercido sobre o produto proveniente do Oriente (3).

O jornalista preparava-se para dissertar sobre um território internacionalmente privilegiado, em particular para o Peru, que, controlando-o, assegurava acesso a dois oceanos, um deles caminho para o Extremo Oriente, outro acesso direto para a Europa e a África. No plano interno, a Amazônia, virtualmente o coração da América do Sul, era da

2 - Não me ocuparei aqui em discutir sobre a dinâmica através da qual o Brasil assentou suas fronteiras no Acre. Basta-me, no momento, lembrar que o Peru reconheceu os limites brasileiros segundo os trâmites internacionais, assinando os documentos necessário em 1902.

3 - DONGHI, Tulio Halperin, História da América Latina, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975, p.184

mesma forma o espaço angular entre o Nordeste, o Norte e o Centro-Sul. Vinculava, portanto, o vasto planalto brasileiro à bacia platina. Ora, como já foi registrado, era uma temática que de há muito, e ainda depois, orientava o raciocínio de Euclides da Cunha.

Ir para a Amazônia, entretanto, era um sonho de difícil realização para o jornalista. O primeiro óbice - prosaico, mas não menos importante - exigia a liberação das tarefas de engenheiro; rotina e monotonia, mas também sustento. Mas a possibilidade de ir para a Amazônia contrastava ainda mais o "desvio morto da engenharia", na definição de Euclides da Cunha. A viagem significava a continuidade de suas pesquisas sobre o Brasil, para a realização do que o escritor denominava "profissão real", em contraposição aos afazeres do engenheiro. Em carta a Lúcio de Mendonça, o jornalista queixava-se da "minha engenharia rude, engenharia andante, romanesca e estéril, levando-me em constantes viagens através de dilatado distrito". Esta andança, continuava, "destrói a continuidade de quaisquer esforços na atividade dispersiva que impõe" (4). Em correspondência a Francisco Escobar falava da "convivência estúpida de dezenas de empreiteiros que me rodeiam" - e em outra carta ao mesmo Francisco Escobar excusava-se por não poder estender-se mais, pois "estou esmagado de ofícios e requerimentos"(5).

4 - Carta a Lúcio de Mendonça, 22 de março de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit. p. 92

5 - Cartas de 14 de maio de 1902 e de 19 de janeiro de 1901, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., respectivamente ps. 72 e 70.

O mesmo escrevia para Araripe Júnior, quando desculpou-se por não poder comentar um artigo que aquele lhe pedira por que, se o fizesse, "onde iriam parar os meus orçamentos e os meus projetos e os meus empreiteiros se eu firmasse pe na nesta discussão?" (6). Em carta a Machado de Assis, iro nizava, considerando-se "inteiramente embaraçado e preso nu ma rede... de esgotos!" (7). Com Max Fleiuss foi pungente: "calcule a minha revolta contra esta situação lastimável: chumbado à profissão ingrata que me desvia tanto dos meus temas prediletos..." (8). Finalmente, em carta a Araripe Júnior, expôs definitivamente a situação: "Shakespeare não faria o 'Hamlet' se tivesse, em certos dias, de calcular mo mentos de flexão de uma viga metálica; nem Miguel Ângelo ta lharia aquele estupendo 'Moisés', tão genialmente disforme, se tivesse de alinhar, de quanto em vez, as parcelas aritm eticamente chatas de um orçamento. E eram gênios." (9).

A correspondência de Euclides da Cunha está repleta destas observações; mas também da esperança de po der superar os embargos do cotidiano e dedicar-se aos estu dos dos temas brasileiros. Quanto mais avivava a possibilida de de ser enviado para a Amazônia, tanto mais aumentavam as queixas e as esperanças. Na carta antes citada a Araripe Jú nior, Euclides da Cunha confiou: "Eu creio, porém, que sai

6 - Carta de 12 de março de 1903, in VENÂNCIO FILHO. F., ob cit., p. 92.

7 - Carta de 15 de dezembro de 1904, Idem, p. 117

8 - Carta de 5 de março de 1903, Idem, p. 119

9 - Carta de 30 de março de 1903, Idem, p. 94.

rei deste desvio morto da Engenharia, sem descarrilhar; aproveitarei o primeiro triângulo de reversão que aparecer, e avançarei na minha verdadeira estrada" (10). Escreveu ao pai, informando que pretendia continuar a obra que se propusera "se o permitir a engenharia ingrata e trabalhosa" (11). A Lúcio de Mendonça confessou que, teimoso, queria escrever outro livro: "com uma teimosia incoercível, pertinência de quem não quer desviar-se de um rumo predileto, eu vou alinhando, através da secura dos orçamentos, novas páginas de um livro que será tardio, feito em minutos de folga, e sem a inteireza emocional que a Arte exige" (12).

Uma missão jornalística na Amzônia, à semelhança do correspondente da guerra de Canudos, ou um cargo em comissões enviadas para aquelas florestas, poderia ser a resposta ao "desvio morto da engenharia". Em qualquer um dos casos estaria ocupado com uma temática brasileira; em ambos, colheria informações para suas matérias. Já publicado nesta época, "Os Sertões" desempenhava um papel ambíguo na expectativa de realizar o anelo da viagem amazônica. De um lado, a celebridade advinda e a seriedade mostrada favoreceria. De outro, o "livro-vingador" despertava suscetibilidades, uma resistência eventual do exército. Tudo indica, porém, que "Os Sertões" contribuiu a favor. Indiretamente tornou Euclides da Cunha reconhecido como um intelectual de

10 - Carta de 30 de março de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. citl, p. 95.

11 - Carta de 25 de fevereiro de 1903, Idem, p. 85.

12 - Carta de 22 de março de 1903, Idem p. 92. Euclides da Cunha não esclareceu a natureza do livro pretendido. Considerando-se a data da carta, poderia se tratar de temas amazônicos.

porte. Em termos pessoais, a publicação do livro encorajou Euclides da Cunha a relizar-se na "profissão real", alimentando a inclinação pelo exame dos temas brasileiro. Escrevendo ao pai, dizia-se feliz por ver "a opinião nacional inteira, que por seus melhores filhos, está inteiramente ao meu lado" (13). Respondendo a Araripe Júnior, a quem devia uma das críticas decisivas para o sucesso do livro, comentou a mudança em sua imagem pública: "Porque no dia seguinte, eu - que até então era um engenheiro-letrado, com o defeito insanável de emparceirar às parcelas dos orçamentos as idealizações da Arte - era um escritor, apenas transitoriamente desgarrado da engenharia" (14). Aí está o realismo de Euclides da Cunha diante da celebridade; e também a persistência do vínculo com a engenharia.

O escritor não se libertava das exigências do cotidiano. O "Os Sertões" pouco lhe rendera financeiramente. Ele mesmo pagou os custos da primeira edição, saída em julho de 1902 e publicada pela editora Laemmert, que, diante da vendagem conseguida, comprou por baixo preço os direitos para a segunda edição. Em carta ao pai, Euclides da Cunha registrou o que pensava destas transações: "...recebi uma carta do Laemmert declarando-me que é obrigado a apresentar a 2ª edição, já em andamento, dos 'Sertões', para aten

13 - Carta de 25 de fevereiro de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F. ob. cit., p. 85.

14 - Carta de 9 de março de 1903, Idem, p. 88. Com oportunidade um estudo da correspondência de Euclides da Cunha neste período contribuirá para elucidar a situação do intelectual brasileiro no começo do século - supondo que houve mudança de lá para cá.

der a pedidos que lhe chegam até de Mato Grosso - e aos quais não pode satisfazer por estar esgotada a 1ª. Isto em dois meses!" Com os direitos já cedidos, o escritor desabafava: "Agora é que eu vejo como fui tolo em celebrar o contrato que fiz!" (15). Mas também não tinha muita escolha: vendeu os direitos do livro para saldar compromissos: "Aceitei porque preciso fazer uma entrada do seguro de vida que fiz, e com o que anteriormente recebi paguei as dívidas que tinha". Mas acrescentou uma frase que lhe seria cobrada pelo pai: "nada perco porque num primeiro livro só se aspira a um lucro de ordem moral, e este eu o tive de sobre"(16).

Mesmo assim, Euclides da Cunha teve um trabalho extenuante com os erros tipográficos que a Laemmert deixara passar. A editora não contribuiu muito para a primeira edição. Euclides da Cunha cuidara de tudo, desde a escolha do papel. Publicado o livro, teve de, inutilmente, tentar raspar com estilete as incorreções de cada um dos exemplares. O horror com as falhas de impressão impediram-lhe até de presentear amigos com algum exemplar da primeira edição, deixando para fazê-lo somente com os da segunda, devidamente corrigidos. Vã a tentativa de pretender corrigir cada exemplar; mas não a angústia, pois não faltou quem o acusasse de cometer erros, forçando-o a desdobrar-se em esclarecimentos.

A repercussão de "Os Sertões", o ingresso no Instituto Histórico e Geográfico, em 20 de novembro de 1903, e a eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 21 de setembro do mesmo ano, não libertaram Euclides da Cunha da

15 - Carta de 19 de fevereiro de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 83.

16 - Carta de 12 de julho de 1903 ao pai, Idem p. 100.

Vide também a carta de 25 de agosto de 1904, idem. p. 131.

luta pela subsistência cotidiana. Com tantos créditos, acreditou que poderia viver sem a engenharia e demitiu-se da Superintendência de Obras de São Paulo. Durante algum tempo lutou para reencontrar um "emprego estável", enquanto admitia que "a minha demissão foi uma cartada no vácuo (...) "preciso trabalhar já e já" (17), o que não o impediu de se lançar por inteiro na luta pela viagem à Amazônia. É desta época a carta em que narrou as vicissitudes enfrentadas para coseguir emprego - "rompendo com um propósito que me parecia inflexível, procurei o Lauro Muller e pedi um emprego", escreveu a Coelho Neto. Lauro Muller, então ministro da Viação e Obras Públicas, acolheria de bom grado o antigo colega da Escola Militar, mas Euclides da Cunha, talvez vexado, antes de procurá-lo pessoalmente, preferiu entrar na fila dos postulantes a um emprego... E não era fila pequena, pois, como descreveu a Coelho Neto, "antepõe-se um obstáculo grave: a legião inumerável de engenheiros desempregados, que entope as escadas das secretarias. Não imaginas o que eu vi..." Acabou sendo atendido logo porque foi reconhecido como o escritor célebre ("estas tolices escandalosas só se dizem aos irmãos", achou por bem dizer a Coelho Neto) - "E lá em clima empolgou-me a vaidade, porque, em verdade, quem me levara até lá, com tanta facilidade, fôra o Euclides da Cunha!" (18).

17 - Carta a Coelho Neto, 22 de abril de 1904, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit. p. 120 ss.

18 - Carta de 22 de abril de 1904, idem, p. 120 ss. Vale a pena transcrever um trecho desta carta:

"Não imaginas o que vi... Vê se concebes, de momento, com o melhor da sua fantasia, o quadro de uma espécie de 'Ensilhamento da Miséria'. Há em cada caracol das escadas que levam

O prestígio advindo de "Os Sertões" reforçou, decerto, o entusiasmo de Euclides da Cunha pelo estudo dos temas brasileiros, condensados, então, na problemática da Amazônia do começo do século, e sem dúvida contribuiu pa
aos gabinetes dos ministros uma espiral de Dante. Considera agora isto: eu entrei por uma delas; ninguém me conhecia; es
quecera-me a preliminar de um cartão, de um empenho; de sor
te que, a breve trecho, no apertão dos candidatos afoitos,
capazes de pagarem com dois anos de vida cada degrau da su
bida, me vi fechado de olhares rancorosos... Estaquei, ar
fando, espetado, em pleno peito, por um cotovelo, rígido e
duro, de concorrente indomável; não ouvi o trágico ranger
dos dentes; ouvi grunhidos. Quis voltar; impossível: não ha
via romper-se a falange que se unia, embaixo, inteiriça, om
bros colados como os dos suíços medievais na hora da bata
lha. Tirei desesperadamente o lenço e amaldiçoei-te, ó homem,
que, a cem léguas de distância, com um movimento da pena e
um bater do coração, me atiravas naquela cisalhagem de al
mas, de músculos e de nervos! Mas naquele instante alvorou
um rosto amigo e desconhecido e, logo após, sacudida por um
geto, que roçou um impertinente 'cavagnac' vizinho, como a
asa de um pássaro num capão de mato, uma pergunta: - É o se
nhor... ? O 'cavagnac' contemplou-me curioso, um sujeito gor
do e tressuante por sua vez recuou, e na face cheia espal
mou-se-lhe um sorriso; um outro, também gordo (a que mais
podem aspirar estes homens ? Noto que na sua maioria os can
didatos são repletos de carnes) fez o milagre de afastar -
se um pouco.... e num minuto, nem sei como isto foi, estava
lá em cima. E lá em cima empolgou-me a vaidade, porque, em
verdade, quem me levara até lá, com tant felicidade, fôra
Euclides da Cunha!"

ra que o escritor conseguisse ser incluído na comissão enviada pelo Itamarati para os limites internacionais daquelas paragens. Conduzido pelas mãos de Domício da Gama, Euclides da Cunha manteve com o ministro uma conversa prolongada até a madrugada e saiu do palacete de Petrópolis nomeado chefe da comissão demarcatória (19). Para a concretização desta expectativa contou muito a concorrência de amigos ilustres uma espécie de "conspiração da inteligência", entre eles a influência inestimável de Domício da Gama, ministro plenipotenciário do Brasil junto ao governo peruano (20).

Um biógrafo aponta, entre outros motivos, a vaidade de Rio Branco em cercar-se de intelectuais e de artistas, o que contribuiria, ainda, para a promoção de sua imagem pública. Por isto Euclides da Cunha encontrara ressonância junto ao ministro (21). Sem excluir esta razão, há indícios de uma consideração mais complexa, tais como a reconhecida competência de Euclides da Cunha no trato dos temas geopolíticos e a comprovada amplitude de visão acerca das relações internacionais, particularmente latino-americanas. Provavelmente, Rio Branco percebeu no jovem jornalista e escritor o gosto que ambos partilhavam pela história diplomática do Brasil e pelos estudos das relações mundiais. O ministro conhecia as matérias que Euclides da Cunha apre

19 - RABELO, Silvío, ob. cit., p. 331

20 - TOCANTINS, Leandro, Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido, 3ª. ed., Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira/ Instituto Nacional do Livro, 1978, p. 40/41.

21 - RABELO, Silvío, ob. cit., p. 328.

sentara pela imprensa periódica, em especial as referentes aos problemas com o Peru e o "Conflito Inevitável", publicada há menos de três meses, em maio de 1904. Firmou-se entre o jornalista e o ministro um relacionamento fundado no compartilhar de valores e de objetivos nacionais (22).

Não obstante o acerto destas ponderações, convenha-se que, concretamente, foi decisivo para a nomeação o fato de Euclides da Cunha ser um jornalista e um escritor que encontrava ressonância na opinião pública, tal a repercussão de "Os Sertões" e a intimidade com as páginas dos periódicos. Ora, a simpatia da opinião pública era relevante para a política exterior do Brasil na fronteira amazônica. Só recentemente, e por iniciativa de Rio Branco, o governo decidira-se a sustentar aquelas terras para o Brasil, ameaçadas, agora, pelo Peru. Há pouco, os seringueiros brasileiros, por conta própria e sob a liderança de Plácido de Castro, haviam afastado à força das armas o exército boliviano proclamando, em 1902, o Estado independente do Acre. O Tratado de Petrópolis, de 1903, com a Bolívia, incorporou definitivamente o Acre ao território brasileiro em troca de dois milhões de libras e algumas concessões territoriais na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia.

Estes acontecimentos, acrescidos pela interferência do Peru na região, exigiam a presença do governo brasileiro naquelas terras. Em 12 de julho de 1904, o Brasil e o Peru firmaram um "Modus Vivendi", que estabelecia a

22 - TOCANTINS, Leandro, ob. cit. p. 31; v. também a p. 25.

verificação "in loco" das duas nações acerca do território litigioso e da população lá fixada, bem como das características geográficas exatas, tendo em vista um tratado brasileiro-peruano. Este era a tarefa da comissão demarcatória que Euclides da Cunha chefiava (23).

A comissão almejada, e o posto inesperado - de cuja experiência Euclides da Cunha escreveria tantos artigos relevantes (e até hoje relevantes, como documentos históricos) - não surgiu facilmente. Um dos obstáculos era vencer a dúvida sobre eventual resistência do exército a seu nome devido "Os Sertões". Outra dificuldade era a guerrilha de intrigas desencadeada por adversários à ida de Euclides da Cunha para a Amazônia. Quanto aos militares, o articulista parecia não levar a sério sua pretensa oposição. Em carta a José Veríssimo, dizia, não haver motivos para "temer-se a oposição de um espectro, o Exército, por causa de 'Os Sertões' . Tenho lá, mesmo naqueles lugares, amigos - bastando para citar o nome de Siqueira de Menezes" (24). Já a oposição surda da intriga e os métodos consagrados pela política miúda eram motivo de preocupação. O jornalista bem cedo percebeu isto. Muito antes da nomeação, escreveu uma carta pa

23 - TOCANTINS, L., ob. cit., p. 22.

24 - Carta de 13 de junho de 1904, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 127. Duas observações. Primeiro por "naqueles lugares", Euclides da Cunha referia-se às terras amazônicas. Segundo, recorde-se que, tanto no "Os Sertões" quanto nas matérias de Canudos, Euclides da Cunha demonstrou especial respeito pelo coronel Siqueira de Menezes, chefe da comissão de engenharia da terceira expedição contra Canudos, e que, cognominado Hoche, também escrevia reportagens da guerra para "O País".

ra Luiz Cruls, diretor do Observatório Nacional, na qual, além de confidenciar o desejo de ir para o Norte, aventava as dificuldades mesquinhas que antevia: "Alimento há dias o sonho de um passeio no Acre. Mas não vejo como realizá-lo. Nesta terra, para tudo faz-se mistér o pedido e o empenho, e as coisas que me repugnam. Elimino por isto a aspiração - em que talvez pudesse prestar alguns serviços" (25). A desconfiança tinha fundamento, pois em setembro de 1904, pouco depois da entrevista com Rio Branco, Euclides da Cunha ainda tinha de aparar golpes de maledicência. Em carta a José Veríssimo, amigo a quem muito devia para a realização da viagem à Amazônia, lastimava e desfazia acusações de que costumava batizar a seu bel prazer os acidentes geográficos que encontrava. Existe, dizia, "por força um equívoco em tudo isto; alguma informação errada que eu prontamente destruírei desde que lhe conheça a origem". E acrescentava: "Peço-lhe e muito que me esclareça; estamos enleados num 'mal entendido' bem desagradável (...) Quanto à notícia do 'Jornal do Brasil' - falsíssima. Veja por aí como andam esses homens!" (26).

O que levaria Euclides da Cunha a pleitear durante tempos e arduamente a viagem à Amazônia? Não a recompensa financeira, mesmo porque era bem desligado destas questões. Respondendo ao pai, escreveu que ignorava o montante dos vencimentos: "creio - mas não tenho muita certeza..." E penitenciava-se - "O sr. tem razão: tenho sido ide
 25 - Carta de 20 de fevereiro de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F. ob. cit. p. 84
 26 - Carta de 6 de setembro de 1904, idem, p. 133. Conforme TOCANTINS, L. ob.cit., p. 42, o "Jornal do Brasil" publicou uma aleivosia dizendo que Euclides da Cunha recusara o convite de Rio Branco.

alista demais" (27). Também não era a monotonia com a profissão de engenheiro, que já retomara. Neste caso, poderia investir semelhantes esforços para obter um cargo público na Capital ou no Exterior. E sabia disto, pois, em junho de 1904, escreveu a José Veríssimo: "... não desejo a Europa, o 'boulevard', os brilhos de uma posição, desejo o sertão..." (28). Além do mais, a comissão não representava um emprego permanente; era provisória, e de fato terminou menos de um ano depois, em novembro de 1905. Silvio Rabelo acredita que Euclides da Cunha era impelido pela busca da solidão, pela necessidade de fugir de lugares e de pessoas habituais e do panorama ordinário da vida (29). Sem demérito da explicação psicológica, nada de registrado em sua vida sustenta a conclusão. Euclides da Cunha estava sistematicamente só, tanto nas longas viagens exigidas pela engenharia quanto nas discórdias da vida conjugal.

A atração que a Amazônia exercia sobre Euclides da Cunha era a atração dos sertões, a mesma que o fascinara no interior bahiano e que alimentava sua produção intelectual. O pensamento e a obra do escritor e do jornalista indicam que era atraído pelo desvendamento do Brasil diversificado, as regiões a despontarem, novas, mal mapeadas, furnas desafiadoras onde se forjava a futura nacionalidade. A experiência "in loco" nas selvas amazônicas propi

27 - Carta de 25 de agosto de 1904, in VENÂNCIO FILHO, F.,

ob. cit. p. 131.

28 - Carta de 24 de junho de 1904, idem, p. 128

29 - RABELO, S., ob. cit., p. 330

ciaria um novo livro, um redimensionamento dos primeiros sertões que conheceu. A engenharia e os reclamos financeiros eram dados exteriores. Tanto é que, se não encontrasse lugar na comissão do Itamarati, dizia Euclides da Cunha, iria só, por conta própria - "Se por acaso for tardia a organização das comissões demarcadoras dos nossos limites, poderei seguir só (...) Não creio que seja coisa difícil (30).

O feitiço dos sertões. A relação concreta de Euclides da Cunha com a temática nacional. Um chamado, uma missão. Ele mesmo dizia isto: "para mim esse seguir para Mato Grosso, ou para o Acre, ou para o Alto Juruá, ou para as ribas extremas do Mahú, é um meio admirável de ampliar a vida, o de torná-la útil e talvez brilhantíssima. Sei que farei muito". E em seguida: "Aqueles paragens, hoje, depois dos últimos movimentos diplomáticos, estão como o Amazonas antes de Tavares Bastos; e se eu não tenho a visão admirável deste, tenho o seu mesmo anelo de revelar os prodígios da nossa terra" (31). Em outra ocasião definiu a disposição de viajar para a Amazônia: "fortaleceu as esperanças na realização do meu ideal de bandeirante. Estou cada vez mais animado em levá-lo por diante. Que melhor serviço poderei prestar a nossa terra?" (32). E esta convicção consubstanciava a pesquisa nacional, o cientista brasileiro a explorar o País - "se as nações estrangeiras mandam cientistas ao

30 - Carta a José Veríssimo, 24 de junho de 1904, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 126

31 - Idem.

32 - Carta a José Veríssimo, 7 de julho de 1904, idem, p.128

Brasil, que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro?" (33).

Além do interesse de trustes internacionais, como o "Bolivian Syndicate", a Amazônia atraía pessoas das mais diferentes origens, propiciando a formação de um tipo humano específico, segundo acreditava Euclides da Cunha. Desde o último quartel do século XIX, grandes vagas de retirantes nordestinos demandavam os seringais na crença do enriquecimento rápido. O Acre foi quase totalmente povoado por cearenses. O êxodo nordestino tinha uma feição nova, uma vez que, ao contrário da maioria, os migrantes fugidos da seca costumavam desbravar trechos virgens da floresta para ali se instalarem. Entre estes não predominava a passagem provisória por áreas já ocupadas. Não surpreende que a sensibilidade intelectual de Euclides da Cunha se aguçasse com estes traços, que prometiam a geração de uma gente própria a um meio determinado, um espaço notável como a Amazônia. Três anos mais tarde, em 1907, procuraria demonstrar esta idéia, no "Peru x Bolívia". Mais fascinante era esta noção à luz do povoamento dos extremos da floresta, na projeção acreana, território no qual a população brasileira participava com 60% e o restante era de bolivianos (34). Além disto, os cearenses ilhados no Acre armaram-se contra os estrangeiros. No segundo semestre de 1902, sob o comando de Plácido de Castro, chegaram a enfrentar o exército da Bolívia. Eram estes os sertanejos que, de acordo com Euclides da Cunha, ha

33 - Carta de 24 de junho de 1904 a José Veitíssimo, in VENANCIO FILHO, F., ob. cit., p. 127.

34 - RABELO, Silvío, ob. cit., p. 318.

veriam de assegurar o espírito dos bandeirantes.

A ação do governo brasileiro foi rápida. Rio Branco mudou os rumos da política externa do Brasil. Ao mesmo tempo em que ocupava militarmente o Acre, iniciava gestões diplomáticas para a demarcação definitiva dos limites e para a dissolução do "Bolivian Syndicate", truste anglo-americano que apoiava as pretensões da Bolívia. Na mesma ocasião, o Peru voltava a exigir o controle daquela região, chegando-se mesmo a cogitar de um confronto armado com o Brasil. Rio Branco, favorável à negociação não só contornou o alvitre extremo como exigiu que a solução não surgisse de arbitragem internacional, mas de acordos bilaterais(35).

A comissão de reconhecimento de limites chefiada por Euclides da Cunha era peça-chave nas "démarches" e teve uma contribuição significativa para a incorporação de uma área que se tornara indispensável aos negócios internacionais desde 1867, quando se abriu o rio Amazonas à navegação de todas as nações (36). Esta foi a conjuntura que Euclides da Cunha viveu, e diante da qual estava numa posição privilegiada para observar as minúcias dos acontecimentos. Escusado apontar a atualidade e a relevância do tema para o jornalista. Com efeito, ele não deixou de registrar

35 - RABELO, S., ob. cit., p. 320

36 - Um dos brasileiros que mais se preocupou com a importância internacional da bacia Amazônica foi Mauá. Alí o velho empreendedor tentou abrir uma companhia de navegação para concorrer com as empresas estrangeiras. Para melhor conhecimento dos esforços de Mauá na Amazônia, vide o capítulo XII ("A Navegação do Amazonas") de FARIA, Alberto de, ob. cit.

para o público, através dos jornais, os eventos que se desenrolavam no extremo norte do País. Entretanto, antes de sua viagem à Amazônia, já publicava diferentes artigos sobre a situação naquelas paragens, num total de quatro matérias enfocando, basicamente, a ameaça de um confronto militar com os peruanos e a defesa de uma solidariedade sul-americana.

Seria afoito concluir que os artigos anteriores à viagem para a Amazônia constituíssem um recurso de Euclides da Cunha para ganhar a simpatia de Rio Branco e lograr a nomeação para o comissionamento. Nada sustenta tal conclusão. Os artigos associam-se, numa relação lógica, à obra que o articulista e escritor desde longo tempo desenvolvia sobre os temas brasileiros, em especial aos trabalhos jornalísticos dedicados, na mesma época, à incorporação regional e à editoria internacional. O conteúdo destas quatro matérias, sobretudo no que se refere à argumentação e à exposição de objetivos, forma uma linha inteiriça que se estendeu aos artigos que Euclides da Cunha escreveria após o regresso do Norte. A trajetória intelectual do jornalista não inclui manobras para a nomeação de cargos. Por maior que fosse a atração da Amazônia, dificilmente se poderá identificar uma artimanha do articulista, e nem se sabe de tal precedente em sua vida. Comprova-o seu passado, o comportamento desapegado que sempre manteve face a República que poderia cobrir-lhe de benesses, a começar pela recusa do convite de Floriano Peixoto para que escolhesse o que quisesse no novo regime. Ao contrário, bem antes de 1904 o jornalista já estava atento às questões amazônicas, como se vê pelo

citado artigo "Fronteira Sul do Amazonas : Questão de Limites", publicado no "O Estado de São Paulo" em novembro de 1898.

No artigo "Contrastes e Confrontos" - que deu nome à coletânea mais tarde organizada por José Pereira Sampaio (37) - publicado em maio de 1904, Euclides da Cunha discorreu sobre o Peru e a cultura peruana, sustentando o eixo explicativo que o caracteriza, ou seja, a relação homem/meio. Correlacionando "os terremotos e o Peru dos 'pro nunciamentos'", recorreu a "causas físicas e naturais" como elementos forjadores da natureza impulsiva dos peruanos. Afirmava que a correspondência entre o natural e o social recuava aos tempos em que os espanhóis fizeram sua entrada no império incaico, tão turbulenta quanto os deslocamentos geológicos dos Andes - "Fez-se na história a cópia servil de um daqueles terremotos que no Peru subvertem cidades em minutos". Segundo o articulista, a situação geográfica do Peru impelia-o à expansão - e o expansionismo peruano era o tema amazônico da época. Afirmava que a exacerbação peruana em penetrar no consórcio mundial tinha uma explicação clara: "uma nacionalidade (...) jaz bloqueada entre o maior dos mares e a maior das cordilheiras". Concluía o articulista que, "confrontados estes contrastes", esclarecia-se a tentativa peruana em território brasileiro.

Antes de prosseguir, duas observações sobre o estilo de Euclides da Cunha. Primeiro, o talento do redator, que conferiu à concepção metodológica - o natural e o

37 - Referência citada.

social, o histórico e o geológico - um requinte estilístico, a sugestão, a evocação. Por outro lado, mais uma vez evidenciou-se o esforço, bem sucedido, de traduzir em palavras uma cena, na falta do recurso visual. Veja-se a descrição das ruínas peruanas: "Mais longe, nas cercanias de Pachacamac, as ruínas dos primeiros santuários do sol: longas galerias de muros derruídos culminando as serranias e os primeiros baluartes arremessados na altura dos cimos que sobranceiam o Pacífico, denunciando um tino incomparável nos dispositivos para a defesa do território!"

No dia 14 de maio de 1904, Euclides da Cunha publicou no "O Estado de São Paulo" o segundo artigo sobre a Amazônia antes da viagem que para lá faria no fim do ano. Intitulado "Conflito Inevitável", avaliava a presença peruana na floresta amazônica e os atritos decorrentes com os brasileiros (38). Como exige a qualidade jornalística, a matéria apresenta os dados concretos da política do governo do Peru em direção ao território brasileiro. Entretanto, apesar da força do título, o artigo carece de uma abertura que desperte o interesse do leitor, daquela frase atraente, concisa, tão comum na maioria dos textos de Euclides da Cunha. Este imprevisto técnico é superado pelo artigo, que logo no início situa a posição estratégica do Peru, mostrando que os peruanos dispunham de uma saída para o Pacífico, e para o Japão. Esta colocação lembra as matérias de jornalismo internacional de Euclides da Cunha e corrobora a afirmação de

38 - Incluído no Contrastes e Confrontos e na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, ambas referências citadas.

que o jornalista reconhecia a preeminência nipônica no Extremo Oriente antes da guerra russo-japonesa. Havendo no Pacífico uma forte concorrência entre nações ocidentais, japoneses e russos, Euclides da Cunha concluía que o melhor alvitre para o Peru seria o Atlântico, através do rio Amazonas e de uma base a ser formada no Alto Purus. Embora já fosse certa a abertura do Canal do Panamá (39), e ainda que nenhuma conjectura permita supor a transformação do rio Amazonas numa espécie de Yang-tsé, muitas companhias estrangeiras exploravam a navegação naquela bacia fluvial. Foram precisamente as companhias inglesas que concorreram com o pioneirismo de Mauá na navegação Amazônica (40).

O que se disputava nos extremos da floresta amazônica era o látex. E neste encontro adverso, os brasileiros levavam vantagem sobre os peruanos, posto que, ao contrário do Peru, o Brasil contava com farta reserva de mão-de-obra marginalizada no Nordeste e que migrava para a região da borracha com a intenção de lá fixar-se. O movimento demográfico deslocava a fronteira de povoamento para o oeste, ocupando efetivamente, o espaço. O Peru carecia de contingente humano comparável, daí optando por um processo destrutivo das árvores, adotado pelos caucheiros peruanos, restritos à derrubada pura e simples e à exploração de tribos indígenas, submetidas e abatidas "pelo álcool e pelo

39 - Embora inaugurado um decênio depois, em 15 de agosto de 1914, os norte-americanos começaram a abrir o Canal de 1904, reiniciando, na verdade, o trabalho começado em 1881 por Lesseps.

40 - FARIA, Alberto de, ob. cit., em particular o capítulo XII.

terror" (41).

A incursão peruana em território do Brasil era um fato, e, como bom jornalista, Euclides da Cunha sustentou suas argumentações em fontes objetivas e dados concretos, indicando que o Peru traçava o avanço para a ocupação da Amazônia ocidental brasileira. Coerente com a certeza de que as vias de comunicação eram elemento incorporador de regiões, o articulista procedeu a um levantamento do curso da construção das linhas ferroviárias peruanas. A ferrovia Paita-Piura demandava a bacia setentrional do Solimões, cuja parte meridional era visada pela linha férrea Lambayaque-Ferenafe. Duas outras estradas-de-ferro, a Cajamarca-Pascamayo e a Pascamayo-Salavery, dirigiam-se para a zona do rio Ucayali. O rio Purus era o alvo da ferrovia Oraya. Segundo o artigo, estes percursos tinham antigos precedentes que remontavam aos levantamentos das expedições de Faustino Maldonado, em 1855, e do coronel Latorre, em 1869. Tudo indicava, portanto, a marcha para um conflito inevitável, e tanto mais porque a região em litígio estava sendo paulatinamente ocupada por gente peruana dedicada à exploração do caucho.

À respeito dos caucheiros peruanos, Euclides da Cunha dedicou o artigo seguinte, denominado "Contra os Caucheiros" e publicado no "O Estado de São Paulo" de 22 de maio de 1904. (42). A matéria é explícita na intenção de formar uma opinião pública acerca dos fatos ocorridos na Anazônia; as ponderações que apresentava, dizia, não coin-

41 - DUNGHY, Julio Halpering, ob. cit., p. 185.

42 - Incluído na Contrastes e Confrontos e na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referências citadas.

cidem com idéias correntes, "vão muito ao arrepio da corrente geral de opinião". O jornalista compreendera na guerra de Canudos que nem sempre a opinião pública coincide com a verdade dos fatos. Por outro lado, assim como fizera nas reportagens de Canudos, Euclides da Cunha lembrava da vantagem que tinha uma população em luta - no caso formada nas fronteiras amazônicas - quando agia no ambiente que lhe era familiar. Estes conflitos armados de civis no seu próprio espaço dá-lhes superioridade frente às tropas regulares. Estas, estranhas no local, têm na natureza o principal inimigo. Em tais circunstâncias, os civis atuam com maior desenvoltura que os militares. Euclides da Cunha ilustrou a premissa com a guerra dos Boers, e o exemplo não era gratuito, pois afastava a hipótese segundo a qual a iniciativa civil nos conflitos bélicos resultaria do espírito de "latinos sentimentais e exagerados". Na verdade, explicava, o fenômeno é generalizado, como se vê nos conflitos entre ingleses e holandeses da África do Sul, entre norte-americanos na guerra de Cuba, e de russos diante dos japoneses.

Euclides da Cunha conhecia o feitiço guerrilheiro que reveste as guerras modernas. A guerrilha derrota teorias de especialistas da arte militar, derrotando exércitos bem armados e municiados. Impondo-se implacável, o meio físico desfazia planejadas operações estratégicas. No "Contra os Caucheiros" expôs suas concepções sobre os rumos tomados pelos confrontos militares no século XX e que

levavam a "inesperados desfechos". Dizia que "a guerra cresceu para diminuir na guerrilha; e depois de devorar os povos devora os próprios filhos, extinguindo o soldado. Não é Marte, é Saturno". Seria um erro mandar tropas para o Alto Purus. Os seringueiros brasileiros estariam mais capacitados para enfrentarem os caucheiros na complexidade das matas e das águas. Naquelas paragens "não nos aguardam tropas alinhadas", mas sim uma população civil que domina o espaço - caucheiros "solertes e escapantes, mal reunidos nos batelões de voga, dispersos (...) derivando velozmente (...) e repontando, a subitas, na orla florida dos igapós, e desaparecendo, impalpáveis, no afogado dos paranamirins (...) girando pelas infinitas curvas e pelos incontáveis furos..."

No fundo da selva, o soldado brasileiro não sustentaria a missão de bater o inimigo, mas a de "lobrigar o inimigo". Estas palavras são ecos das reportagens de Canudos que tão dramaticamente descreveram "batalhões maciços" aprisionados em "retilíneos de formaturas", estonteados pelo "torvelinho dos recontros súbitos". E Euclides da Cunha tinha a intenção declarada de lembrar, inclusive para a "corrente geral de opinião", os ainda vivos eventos do sertão bahiano. No "Contra os Caucheiros" alertou: "Não exemplifiquemos, recordando lastimáveis sucessos de nossa história recente".

Não há contadição entre a codenação à guerra na floresta amazônica e o "conflito inevitável" do artigo anterior. O raciocínio está inteiro. Só o sertanejo tem competência para combater o sertanejo numa luta no sertão. No Alto Purus estabeleceram-se populações oriundas do inte

rior brasileiro e ali estavam em convivência harmônica com o meio - mesmo que diferente, ainda era sertão. Euclides da Cunha não diz se conhecia a resistência de Plácido de Castro. Mas a conclusão que se pode tirar de seus argumentos é uma só: contra os caucheiros, os seringueiros. Entretanto, esta premissa tem uma dimensão muito maior, e injunções bem mais profundas, uma vez que o articulista estendia a proposição à toda circunstância similar em qualquer região brasileira. Ora, isto era esvaziar o papel dos militares. O exército nacional poderia ser substituído por milícias, o que consta no item seis do programa socialista atribuído a Euclides da Cunha para o Clube Democrático Internacional Filhos do Trabalho, de São José do Rio Pardo, em 1899. Em suma, concluía o articulista, se inevitável o conflito armado na Amzônia, então somente haveria um modo de os brasileiros enfrentarem a guerra com sucesso: empregando o sertanejo. Estariam frente a frente, esclarecia, dois tipos humanos bem definidos e híbridos: o caucheiro, misto de espanhol e quíchua, e o jagunço, único capaz de enfrentá-lo.

Estabelecido o quadro do conflito e delineado o tipo humano nele envolvido, Euclides da Cunha passou a comentar a região litigiosa no artigo "Entre a Madeira e o Javari", publicado em 29 de maio de 1904 no "O Estado de São Paulo" (43). Como sempre fazia em suas matérias, conferindo-lhe significação e uma inteligibilidade maior, o articulista apoiou-se em pesquisas históricas para sustentar a

43 - Incluído no Contrastes e Confrontos e na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, ambas referências citadas.

argumentação. Reportou-se a textos de viajantes do século XVIII brasileiro para informar sobre a região. Por outro lado, conforme a vocação jornalística, descreveu a paisagem, assinalando os acidentes geográficos típicos e o vocabulário local a fim de noticiar um Brasil desconhecido ao cidadão do Centro-Sul. Descreveu as rotas fluviais que davam acesso aos recônditos da selva, virtualmente conduzindo o leitor pelos caminhos selvagens daquele quadrante misterioso. Recurso de estilo que enseja intimidade entre leitor e texto, nascida da função sugestiva dada pelo desconhecimento e pelo véu de mistério e aventura evocados pela floresta amazônica (44). O próprio jornalista registra o desconhecimento quase total daqueles ermos; só em 1851 se iniciou o ciclo de viagens de estrangeiros pelo interior da Amazônia, o qual foi acompanhada de rumores sobre a eventualidade de se franquear a região para comerciantes e exploradores de todas as bandeiras.

A este espaço emergente correspondia, no dizer costumeiro de Euclides da Cunha, a "seleção natural dos mais fortes". Mas, desta vez, o artigo confere aos atributos realizados uma dimensão que transcende o componente físico, sanguíneo, e alcança o perfil psicológico, a disponibilidade perante a vida. Fala do fortalecimento da personalidade desbravadora no meio físico desafiador, onde "requerem-se, sobretudo, uma vontade, uma pertinácia, um destemor estóico!"

44 - A "função sugestiva", diferente da "função referencial" é aqui empregada conforme ECO, Umberto, Obra Aberta, São Paulo, Editora Perspectiva, 1968, p. 76/77.

Em segundo plano ficam as capacitações físicas, ou, como diz o articulista, "e até uma constituição física privilegiada!" Mas persiste a noção de nacionalidade, que possuía Euclides da Cunha, exaltava-o. O meio natural forma "os admiráveis ca boclos do norte", que haveriam de absorver os estrangeiros, que por ali penetrassem, "e lhes poderão impor nossa língua, os nossos usos e, ao cabo, nossos destinos, estabelecendo na aquela dispersão de forças a componente dominante da nossa nacionalidade". A força da frase vem da expressão "destino" brasileiro, o qual somente seria conferido pelo sertanejo, num verdadeiro canibalismo cultural que antecedia de déca das a antropofagia modernista. Esta "componente da nossa na cionalidade", acrescentava o articulista, era fruto da in corporação regional, num processo que encontrava paralelo nos Estados Unidos. Lá, porém, o resultado natural não ocorreu, pois os pioneiros do faroeste, que poderiam ter formado um conjunto típico, acabaram sendo imiscuídos a outras populações devido a extensão das ferrovias, que uniu planícies e montanhas. Novamente a ferrovia, que para Euclides da Cunha era elemento poderoso e ao mesmo tempo assustador.

O mês de maio de 1904 foi inteiramente ocu pado pelas matérias que Euclides da Cunha escreveu sobre a Amazônia antes de viajar para lá. Demonstram que estava pre parado para opinar sobre a região e que dominava a dinâmica central dos acontecimentos da época que ali se desenrolavam. Cumprindo o mesmo procedimento que antecedeu sua ida para Canudos, antes de partir para as selvas do norte Euclides da Cunha preparou-se para melhor opinar em seus artigos. Desta vez não teria a orientação preciosa de Teodoro Sampaio. Mas

a leitura dos artigos de maio de 1904 demonstram que acumularia um volume considerável de informações e que as utilizava com acuidade.

Estava pronto para avaliar a experiência direta que o aguardava. Em nove de agosto foi nomeado chefe da comissão de reconhecimento de Alto Purus e em 13 de dezembro zarpou para Manaus à bordo do "Alagoas".

OUTRO SERTÃO

"Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem."
("Prefácio" ao Inferno Verde, de Alberto Rangel, 1907)

As solicitações do cargo de chefe da comissão brasileira, e a devida discreção por ele imposta, impediram que Euclides da Cunha enviasse para os jornais artigos sobre a Amazônia enquanto ainda se encontrava nas selvas do Alto Purus. De modo que não se dispõe do relato sobre o avanço no sertão, passo a passo, como se encontra nas reportagens de Canudos (1). Além de muito precários, os recursos de comunicação existentes entre os ermos do Acre e o litoral eram ocupados pela correspondência oficial, que permaneceu inédita nos arquivos do Itamarati até a década de 1960. (2). Apesar da solidão das selvas, da impraticabilidade dos transportes e das exigências cotidianas impostas pelo meio e pela missão, Euclides da Cunha registrava tudo

1 - Entretanto, Euclides da Cunha registrou suas primeiras impressões sobre a Amazônia, e sobre Manaus, bem como as dificuldades que encontrava, na correspondência particular, inclusive em cartas para Rio Branco. Vide as cartas relativas a esta época, entre 1904 e 1905, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit.

2 - A documentação foi descoberta e analisada por Leandro Tocantins no já referido "Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido". O material se compõe de "cartas e ofícios de Euclides da Cunha ao Barão do Rio Branco, e o relatório reservado, escrito de Manaus (...) assim como a troca de correspondência entre os comissários brasileiros e peruanos (...) sem esquecer o 'Diário da Marcha', que é uma espécie de carta de Pero Vaz de Caminha, redigido por secretários, sob a supervisão de Euclides da Cunha" - TOCANTINS, L., ob. cit. p.

com vistas à publicação futura, o que de fato fez imediatamente após o regresso. Pensava também em escrever um livro sobre a Amazônia. A morte precoce frustrou esta obra; mas dela se pode ter uma idéia clara graças à reunião do material, incluindo-se as matérias jornalísticas, no "Terras Sem História: Amazônia", primeira parte do livro "À Margem da História" (3).

A primeira manifestação pública de Euclides da Cunha sobre a viagem ao Alto Purus deu-se numa entrevista concedida ao "Jornal do Comércio", de Manaus, em 29 de outubro de 1905, sob o título "Os Trabalhos da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus" (4). À primeira vista, poder-se-ia recomendar a exclusão deste texto do rol das matérias jornalísticas de Euclides da Cunha, uma vez que, entrevista, seria fruto do trabalho de outro repórter. Entretanto, para além de sua importância, parece óbvio que foi redigido de próprio punho pelo "entrevistado", constituindo-se numa verdadeira reportagem, aliás chamada por Euclides da Cunha de "apagada resenha". Dificilmente se trata de um entrevista, posto que a única pergunta feita é apenas

3 - O "À Margem da História" consta na Obra Completa, organizada por Afrânio Coutinho, referência citada. Há uma edição portuguesa da Livraria Lello & Irmãos, de 1946, muito mal feita, bastante aquém do que Euclides da Cunha e o leitor merecem; chega mesmo a trocar os títulos das partes do livro, chamando a primeira, a coletânea amazônica, de "Vários Estudos", título da segunda parte.

4 - COUTINHO, Afrânio, Euclides da Cunha: Obra Completa, referência citada.

adivinhada pelo leitor, uma vez que não é claramente formulada, e foi escolhida pelo entrevistado, como ele mesmo confessou, entre outras que poderia responder conforme seu agrado. A longa "resposta" já se constitui numa reportagem, descrevendo a viagem de ida para o alto sertão amazônico, as peripécias e as dificuldades. Não há considerações políticas ou administrativas, ausência que se explica pela delicadeza das negociações diplomáticas não concluídas e por estar Euclides da Cunha ainda comissionado naquele mês.

O que primeiro ressalta da matéria é que Euclides da Cunha procurou encarnar ele mesmo o comportamento do sertanejo, na disposição física e moral, vencendo obstáculos com obstinação e com estoicismo. O jovem repórter não tivera esta atitude em Canudos, circunscrito então pelo espaço da guerra, tolhido pelos limites das trincheiras e da censura, com oportunidade apenas de demonstrar coragem sob a chuva de balas, e, no fim, derruído em sua sensibilidade e em suas idéias. Na Amazônia, o chefe da comissão podia movimentar-se livremente na imensidão de um ermo lacunado nos mapas, barrado tão somente pela impermeabilidade da floresta. Em si mesmo, Euclides da Cunha pôs à prova o sertanejo que idealizava. Por isto, esta peça jornalística destaca-se para a compreensão de sua personalidade, que procurava conhecer o mais perto possível, em sua própria pessoa, o Brasil concreto que o fascinava desde a adolescência.

Seis meses e meio na selva, descrevia, e "para muitos isto foi um prodígio de celeridade, dada a quadra imprópria em que seguimos". Adiante, indica uns poucos locais, datas de partidas e de chegadas para ilustrar ao

leitor os arrancos do deslocamento e o "desmedido da distância a percorrer". Os entraves resolviam-se bem melhor do que seria de se esperar, surpreendendo todas as previsões de mateiros experimentados na selva. O trajeto de Curanjá a Forquilha, por exemplo, foi calculado em dezessete dias por um caucheiro e em vinte e cinco dias pelos expedicionários, mas acabou realizada em apenas treze dias. O progresso através do coração da mata foi possível porque os comissionados transformaram-se a si próprios, amoldando-se à região: "o soldado ou o trabalhador bisonho a pouco e pouco se transformou no varejador desempenado". Mesmo assim, a comissão levou um mês entre a partida de Manaus e a chegada à "boca do Acre", daí seguindo "em canoas (...) e se considerardes que os seus tripulantes empunhavam pela primeira vez os varejões e os remos", pedia ao leitor, seria fácil compreender a marcha em arrancos.

O jornalista estudioso das paisagens brasileiras, apaixonado pelo sertões, não antevia apenas o objetivo a alcançar, mas observava cuidadosamente a região, estudando-a, pois "de fato, o que importava sobretudo, era um juízo claro e pronto, de conjunto, das regiões atravessadas, uma síntese enfeixando-lhe os aspectos predominantes". Reiterava um compromisso alimentado desde cedo pela vocação investigadora, graças a qual transmitiria ao leitor a visão o mais exata possível e o comentário das coisas observadas. A informação antepunha-se às agruras da viagem e à própria natureza da missão, e concretizava-se na frase forte de Euclides da Cunha: "famos para o misterioso. Não pode negar-se que até aquela data existia, entre nós e as nascentes

do Purus, descido um desmesurado telão, escondendo-no-las". Ignorava-se a flora e a fauna, ignorava-se igualmente o homem ali fixado, embrenhado na floresta.

Eram potentados locais, aventureiros, migrantes. E índios ariscos, desconhecidos muitos; a "ameaça dos 'infielles'", como diziam os castelhanos. Ao longo dos rios, às margens, a comissão se deparava com o testemunho desta população vária e imprevisível antes mesmo de vê-la, de se encontrarem as pessoas. A certa altura, "tínhamos visto, atirado no barranco esquerdo do rio, num claro, entre as frincheiras", o cadáver de uma mulher, que, soube-se depois, fora "trucidada pelos bárbaros que rondavam de perto numa ameaça permanente e surda". O jornalista registrou este mesmo caso num texto posterior, "Os 'Caucheiros'", anotando-o como crime de vingança, conforme "explicou-se vagamente depois" (5). Depreende-se, assim, que a expressão "bárbaros" ampliou-se de "infielles" para brancos acobertados pelo anonimato da floresta.

Já por si árduo, o trajeto parecia às vezes impraticável. No único caminho disponível, o rio, erguiam-se seguidos desafios ao progresso das canoas carregadas de homens e de tralhas. Bancos de areia a cada passo, escolhos, corredeiras e cachoeiras. Transposto um obstáculo, enfrentava-se outro. As cachoeiras eram frequentes, chegando a

5 - "Os 'Caucheiros'" está na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho e no À Margem da História, ambas referências citadas.

um total de 74 no trajeto do rio Ucaiale (6). Em geral, itinerários ignotos conduzindo a "paragens despovoadas", impedindo o reabastecimento e forçando os comissionados a uma dieta inesperada, pois "os víveres que levávamos, no máximo para 25 dias, reduziam-se à carne-seca, farinha que se acabou no fim de 12 dias, um pouco de açúcar que, tenazmente poupado, durou 3, meio garrafão de arroz, uns restos de bolacha esfarinhada, que uma chuva repentina diluiu, e algumas latas de leite condensado". O rio, único caminho, era o amigo amazônico, mas também o adversário que levava ao nada e destruía o mantimento. Ora encachoeirado, transformava-se depois, e, sereno, alargava-se "de modo desproporcionado", mas ainda embaraçando a passagem "pelos longos e contínuos baixios", forçando a expedição a arrastar as canoas.

Apesar dos percalços, Euclides da Cunha não deixava de observar e de admirar a natureza, descrevendo-a de modo único, a trair a verve do poeta bissexto que era. Como de hábito, seu lirismo transmite a informação científica sobre o meio ecológico, assinalando a flora, as denominações regionais e as científicas, descrevendo folhas e flores. O poeta-cientista fala da margem do rio "orlada de 'burchiticas' (Calliandra Trinervia), leguminosa admiravelmente artística, cujos ramos distendidos horizontalmente e repousando sobre as águas" se dispersam. À propósito, este trecho antecede, de certo modo, o "Prefácio" que Euclides da Cunha - O rio Ucaiale (ou Ucayali, ou Ucaiari), originalmente chamado Irury, é o rio Madeira. Observe que na época a denominação ainda era vaga, manifestando as próprias incertezas da região. Às vezes Euclides da Cunha o nomina Irury, raramente o chama de Madeira, nome que somente se consagraria pouco depois.

Cunha escreveria dois anos depois para o "Inferno Verde", de Alberto Rangel.

Vale a pena transcrever desta matéria a frase pela qual Euclides da Cunha melhor define suas incessantes e sentidas descobertas do Brasil: "O sol descia para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da Terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distíngui, irrompendo de três quadrantes dilatados e transcendo-os inteiramente - ao sul, ao norte e a leste - foi a imagem arrebatadora da nossa Pátria, que nunca imaginei tão grande".

A cobertura jornalística desceria da majestade da natureza e retornaria aos recônditos da floresta em busca do homem dedicado à extração do látex e oculto à sombra das árvores imensas. É o tema do artigo "Entre os Seringais", um dos poucos publicados em revista, periódico que ainda não se expandira inteiramente no Brasil. Saiu no número de janeiro de 1906 da revista "Kosmos" (7), e trata de um dos temas mais interessantes e, na época, atuais sobre a Amazônia: a exploração dos seringais finalidade das movimentações naquela região.

O artigo explicava aos leitores o que, em fim, era um seringal, como se constituía, qual era a técnica da obtenção do látex, o jargão típico dos seringueiros e outras informações que ainda hoje são valiosas. O texto é 7 - "Kosmos", Ano III, nº 1, RJ, janeiro de 1906; a matéria está incluída na Obra Compelta organizada por Afrânio Coutinho, referência citada.

relativamente curto, mas de alta densidade informativa - o que, aliás, não impediu o articulista de fazer as invariáveis conexões entre meio físico e sociedade. Denunciava, ainda, o quanto resultava prejudicial o abandono e a exploração do trabalho do migrante perdido nos sertões amazônicos. Como sempre, o articulista esboçou imagens de forte poder sugestivo ao comparar a selva intrincada e a "sociedade torturada" que alí construía os retirantes nordestinos. O teor da matéria é a advertência de que na floresta da borracha não se encontraria qualquer eldorado, pelo menos nas circunstâncias em que lá era lançado o cearense embriagado pela visão paradisíaca para depois, desiludido, olvidado e enfermo definhar até a morte na solidão da mata.

O "Entre os Seringais" começa pela descrição do que era um seringal. Logo no início, Euclides da Cãnha prende a atenção do leitor para o tema, alertando que vai descrever "a abertura de um seringal". No mesmo parágrafo acentua o interesse, afirmando que alí o valor da terra é relegado ao mínimo "ante a valia exclusiva da árvore", disto resultando "uma original medida agrária", a chamada "estrada". Desencadeia, então, uma sequência rigorosa de unidades informativas que ia desde a mensuração da propriedade, até os procedimentos da extração da borracha, bem diverso do sistema predatório adotado pelo caucheiro peruano .

A "estrada" era um conjunto de "cem árvores desigualmente intervaladas", de maneira que "a unidade não é o metro - é a seringueira". O método enseja "todas as disparidades de forma e dimensões do singularíssimo padrão", único, porém, adaptado à natureza daquele trabalho que, exer

cido "na mata exuberante e farta", tinha como finalidade exclusiva "explorar a 'hevea' apetecida". Tal como era, bastante simples, exigia uma técnica rudimentar, de forma que "um seringal médio de 300 estradas, corresponde a cerca de vinte léguas quadradas", para as quais o trabalho exigido nesta "província anônima" demandaria, "no máximo, o esforço de 150 trabalhadores". Fica claro que se desenvolvia na Amazônia uma atividade "sui generis", excluída dos parâmetros tradicionais dos latifúndios, inteiramente diversa do esquema dos cafezais. Atividade com personalidade própria e com feitio que haveria de requerer uma conceituação nova.

Como se monta um seringal? Esta era a pergunta central do leitor. Erguia-se "rapidamente a primeira venda do 'barracão', sempre à beira do rio principal, na barranca de uma 'terra firme' a cavaleiro das águas". Fazia-se, em seguida, o reconhecimento da propriedade - o seringueiro adventício recorria ao auxílio de "um sertanista experimentado a quem confia o encargo de dividir-lhe a fazenda". Isto posto, o "mateiro" embrenhava-se no emaranhado da selva, sem bússola, como ressalta Euclides da Cunha, mas com "um instinto topográfico surpreendente e raro". A variedade complexa dos acidentes naturais era anotada, "dos 'igarapós' alagados aos 'firmes' sobranceiros às enchentes", e traçavam-se os varadouros, calculavam-se rigorosamente as "estradas", escolhendo à beira dos igarapés os locais das futuras barracas dos trabalhadores. O mateiro apelava, em seguida, para dois ajudantes, o "toqueiro" e o "piqueiro", e num ponto pré-determinado, levantavam "com as longas palmas de 'jarina', um 'papiri', onde se abrigam transitoriamente" até

a conclusão e entrega do trabalho. Desta "boca de 'estrada'" o mateiro sairá e assinalará uma árvore, avisando, com um grito particular, o "toqueiro", que vai alcançá-lo e que será seguido, mais lentamente, pelo "piqueiro", que desbasta à facção a picada até que, do interior da selva, venha outro grito do "mateiro", e assim sucessivamente até se fechar uma curva irregular que termina no ponto de partida. Repete-se a operação para a abertura de novas "estradas", contorcidas "à maneira de tentáculos de um polvo desmesurado".

A figura do polvo contorcido ensejou a Euclides da Cunha a metáfora para a sociedade formada nos rincões seringueiros da Amazônia: "É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens". O nordestino migrante em busca de riquezas descobria a realidade dura dos seringais, "o cearense aventureiro ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna" e logo experimenta a "aprendizagem em que passa de 'brabo' a 'manso'", e em seguida passa da fase do desvanecer das miragens à "apatia de um vencido ante a realidade inexorável". Levanta sua cabana de "paxiúba", bem distante do "barracão senhorial, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto", e, então, "pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça e que ele vai pisar durante a vida inteira". Prisioneiro do "círculo vicioso de sua faina fatigante e estéril", somente se liberta quando, já sem ilusão ou esperança, "queda-se-lhe em dia, inerte, num daqueles tentáculos, o corpo repugnante de um emaleitado, caindo no absoluto abandono".

Apesar dos males resultantes do descaso governamental, e geral, o brasileiro na Amazônia ajustava-se melhor ao meio que o caucheiro peruano e alcançava o sucesso que àquele escapava mesmo dispondo da cobertura oficial. O paralelo entre os tipos humanos interessados na exploração da borracha era outro ponto que despertava a atenção dos leitores que acompanhavam pelos jornais os embates na região para a qual seguira a comissão demarcatória. Euclides da Cunha discorreu a respeito em artigo publicado no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, em 1907, sob o título "Brazileiros", grifado entre aspas para usar a denominação empregada pelos peruanos aos seringueiros do Brasil (8). Em sua maior parte, a matéria desenvolve um histórico das razões que tornaram necessário o avanço do Peru na bacia amazônica, e, deste modo, antecede parte da temática do "Peru x Bolívia", que o autor daria à público em 1909.

O fato de publicar o "Brazileiros" quase dois anos depois de seu retorno do Alto Purus, indica mais uma vez a vinculação entre as aspirações do escritor que pretendia escrever um livro sobre a região e o jornalista sensível à atualidade do fato. O texto carece da agilidade encontrada em outras matérias de Euclides da Cunha, principalmente se confrontado com aquelas publicadas logo após a viagem pela região. Entretanto, é uma peça característica do jornalismo opinativo, principalmente se considerada em relação à profundidade, ao redimensionamento do fato, que o articulista pretendia imprimir aos textos que oferecia à imprensa periódica. Vista do ângulo da situação clara e da maior inteligibilidade do evento, o artigo, mais ou menos longo, 8 - O "Brazileiros" está na Obra Completa org. por Afrânio Coutinho, ref. cit. , em À Margem da História, ob. cit. p. 95/114.

preenche tais requisitos e era de inquestionável atualidade na época.

Inicialmente, o articulista fez um relato minucioso acerca do móvel que impelia o Peru a reivindicar a posse do que chamava "el problema del Oriente". Com a sensibilidade de um historiador moderno, Euclides da Cunha percebeu que a evolução peruana transcorria por diferentes camadas de ritmos coexistentes: "a comum dos livros, teatral e ruidosa", reduz-se aos eventos políticos e aos pronunciamentos, e outra, "mais grave" e "mais ampla" a desdobrou-se desde a independência, compelindo a nação a transpor os Andes em demanda do Atlântico, via bacia amazônica. Tal inclinação não resultava de "massissos argumentos de sociólogos", e nem da "intuição feliz de um estadista", mas do "próprio empuxo material do meio". O Peru, constrangido entre a cordilheira e o mar, "onde acampara durante três séculos iludidos pelo fausto dos 'conquistadores' e dos vice-reis", compreendia, afinal, "pelo simples instinto de defesa, a necessidade imperiosa de abandonar a clausura isolante que a sequestrava de todo o resto da terra". E iniciou "a sua hégira para o levante". Mesmo porque os fretes dos transportes eram sempre excessivos, "ainda quando da abertura do canal do Panamá dispense, mais tarde, a longa travessia contorneante do Cabo Horn". De modo que "a saída para o Atlântico, pelo Amazonas e seus tributários de sudoeste, se tornou a primeira solução claríssima do problema" (9). Passo seguinte, os peruanos abriram caminhos na floresta

9 - É o mesmo argumento do "Conflito Inevitável", comentado no capítulo anterior.

ta , construíram colônias militares e agrícolas, reviveram a tradição das missões apostólicas, construíram o porto de Iquitos e, enfim, fizeram um levantamento da área e uma regulamentação apropriada.

Um esforço para a construção de "uma nova pátria" nos sertões amazônicos. O resultado político e cultural foi interessante: "aos caudilhos irrequietos contrapuzaram-se os exploradores tranquilos", e à "incapacidade crônica dos governos revolucionários" sobrepunham-se, naqueles ermos, "os geógrafos, os prefeitos e os missionários", que, pouco a pouco, demarcavam "novos cenários à pátria regenerada". Estes desbravadores percorriam a região "ao arrepio ou à feição dos rios ignorados, remoinhando nos giros estonteantes das 'muyunas', canoas despedidas, de frecha, nas 'correntadas' céleres dos pongos". No avanço se apuravam "em tiracínios de perigos os mais nobres atributos de sua raça, reconstruíam o caráter nacional que se abatera". Em suma, "el problema del Oriente" se tornava "um prolongamento inesperado da história", pois "incluía nas suas numerosas incógnitas os destinos do Peru inteiro", afirmava taxativamente Euclides da Cunha, apoiado em fonte insuspeita, a "Exposición Historica de la Via Central", elaborada em 1898 por Y. Capelo. Finalmente, segundo Euclides da Cunha, também no Peru a civilização do litoral estava enfraquecida e eivada de vícios hereditários, enquanto que, a exemplo do sertanejo brasileiro, formava-se no sertão bravo uma nova nacionalidade peruana, a ponto de se configurar na "ordem moral do Peru o contraste físico entre o ocidente obscurecido, onde as energias se quebrantam malignadas pela história emocio

nal epidêmica dos pronunciamentos - e o levante resplandecente, onde alvorecem as esperanças renascidas" (10).

Mas o fenômeno não seria tão simples. Na análise de Euclides da Cunha os processos eram contraditórios e ele sempre estava pronto a ocupar-se do lado obscuro, do "outro lado" dos fatos examinados. Por isto, em "Brazileiros" recorreu ao habitual parágrafo de uma só frase para realçar o contraste: "Mas há um reverso no quadro". E no reverso o articulista identificava a diferença entre brasileiros e peruanos nos recessos amazônicos, nas orientações diversas que utilizavam para a exploração da borracha e que, de certo modo, contribuiriam para o sucesso ou o fracasso dos empreendimentos na área (11). Adotando o sistema predatório, os peruanos avançavam derubando as árvores e "passando sempre à cata de novas 'manchas' de castilhoas ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados no recontros inevitáveis com os aborígenes". O método "acarreta a desorganização sistemática da sociedade", pois, "eterno caçador de territórios", o caucheiro "não tem pega sobre a terra", apurando-se, "nessa atividade primitiva", as qualidades "da astúcia, da agilidade e da força", que resultam num "bárbaro individualismo" de homens perpetuamente arredios a povoados, "errando de rio em rio, de espessura em espessura, sempre

10 - Ver-se-á que no "Peru x Bolívia" Euclides da Cunha conferira estas expectativas elogiosas aos sertanejos bolivianos, o que dá bem a amplitude do conceito de sertanejo, ultrapassando fronteiras políticas.

11 - E cujos restos lá estão: "e, como testemunha daquela época, restam apenas cidades absurdas, perdidas na floresta" in DONGHI, Tulio, H., ob. cit., p. 185.

em busca de uma mata virgem", na qual finalmente, o destino era terminarem homiziados como "forajidos da civilização".

Euclides da Cunha ilustrou esta triste passagem com um povoado que viu às margens do Ucayali. Ao fim de três décadas desfizera-se toda a obra de missionários que por lá andaram (12). Valores e instituições também derruíam-se. O articulista transcreveu o testemunho do prefeito de Loreto, registrado na "Collección de Leyes": "Alí no hai leys... El mas fuerte que tiene mas rifles, es el dueño de la justicia". (13). Seguem-se outros exemplos que o jornalista fornece no artigo. Entre eles o de uma colônia alemã, estabelecida às margens do rio Pazuzo, que "paralizara-se, tolhiça, entre os esplendores da floresta", a tal ponto que os habitantes remanescentes sequer podiam contar com o plantio local para satisfazer as necessidades. O retrato vivo desta colônia era uma "prole linfática, em que o rijo arcabouço prussiano se engelhava na envergadura esmirrada do quichua; colonos "andrajosos e famintos", pedindo "pão e vestes para valarem a nudez". Evocando, decerto, a gente de Canudos, Euclides da Cunha chamou aquela colônia de "Tebaida aterradora" cujos "primitivos colonos e seus rebentos degenerados, agita-vam-se vítimas de um fanatismo irremediável, na mandria dolorosa das penitências, a rezarem, a desfiarem rosários e a entoarem ladainhas intermináveis numa concor

12 - Para uma visão geral da obra missionária na região, veja BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis, "Os Jesuítas e seus Sucessores (Moxos e Chiquitos) (1767-1830)", in Revista de História, ano XXII, vo. XLIII, nº 87 e 88, julho/setembro, SP Ed. FFL CH"USP, 4971.

13 - Mantive a ortografia do texto original, conforme a "À Margem da História, ob. cit.

rência escandalosa com os guaribas da floresta" (14).

Do lado brasileiro, as iniciativas apresentariam um caráter inteiramente diverso, segundo as mesmas fontes de Euclides da Cunha. Eram bem sucedidas, ainda que em territórios desdenhados pelos peruanos como demasiado hostis. O estabelecimento de Puerto Vitória, dizia o articulista, era uma propriedade fundada e administrada por brasileiros na confluência dos rios Pichi e Palcazu, "paragem mal sinada" que, vencida pelo homem, propiciou o florescimento da "estância mais animada e opulenta daquela redondeza". Tornou-se modelo "sem que o governo peruano soubesse ao menos de seu aparecimento", pois "jamais cogitara povoar aquele trecho" rodeado pelos "mais bravios entre os selvagens americanos: os 'campas' do Pajonal, ao sul, e ao norte os 'cashibos' indomáveis". Estes últimos, particularmente temidos, ostentavam "no próprio nome a legenda de sua ferocidade (...) cashi, morcego; bo, semelhante (...) figuradamente: sugadores de sangue". Os cashibos, atravessando indenes "trezentos anos de catequese", chegaram a expulsar de seu território, em 1866, uma expedição militar que contava com "dois vapores e uma lancha artilhada".

Três décadas depois deste episódio com os cashibos, relata o jornalista, arribaram naquele ermo, "provido do ocidente e vencendo à voga arrancada nas ubás es

14 - À propósito, a evocação é bem forte.. Vide a definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: "Guariba, (...) nome comum aos macacos do gênero 'Alouatta', que vivem em pequenos bandos, sob a direção de um velho macaco, conhecido por 'capelão' ou 'padre-mestre'".

guias as correntezas fortes do Pachiteá (...) alguns aventureiros destemerosos". Eram brasileiros, "uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura seca e poderosa". Inicialmente, ao invés de um "tambo", improvisaram um tejupar mal arranjado, e em vez do "cuchillo", carregavam "à cintura as 'facas de arrasto', longas como espada". Os fundadores de Puerto Vitória migraram "do norte", seguindo o patrão Pedro C. de Oliveira, que, em consideração do facundo empreendimento, já então conhecido das autoridades peruanas, foi, em janeiro de 1900, "nomeado, apesar de sua nacionalidade, governador de toda a zona que o seu barracão centralizava". Certa feita, o prefeito de Loreto, administração na qual se localizava a fazenda de Pedro de Oliveira, abrigou-se lá, admirando-se do movimento da estância, com "suas culturas fartas" e com seus "valentes tranquilos" mas "modestíssimos em pleno triunfo sobre a barbárie e a terra"

Visita elogiosa. Mas acabou com o empreendimento. O prefeito, coronel Pedro Portillo, percebeu que a fazenda era o sítio ideal para instalar "a estação garantidora da 'Via Central'" que demandava o Amazonas. Puerto Vitória "era o lugar mais apropriado para a guarnição militar e a alfândega" que regularia a importação e a exportação da colônia de Chanchamayo. A casa de Pedro Oliveira era perfeita para a instalação dos escritórios "de la capitania, aduana y comandancia militar", transcreveu Euclides da Cunha do "La Montaña", que o coronel Portillo redigira. A fazenda brasileira tornou-se sede administrativa e militar, impedindo qualquer povoado num raio de um quilômetro a sua volta. De modo que "o Peru coseguira realmente uma estação fluvial

admirável. E os brasileiros retiraram-se".

Um lustro depois da estada de Portillo na fazenda de Pedro de Oliveira, em 1905, passou por ali o viajante parisiense J. Delebecque - "não encontraria a estância outrora florescente se não o acompanhassem alguns índios mansos conhecedores do lugar". Euclides da Cunha citou o livro de Delebecque, "A Travers l'Amerique du Sud", publicado em 1907, mesmo ano do "Brazileiros". Ele próprio viu a situação em que se encontrava o lugar: "No alto da barranca, que os enchurros solapava, viam-se apenas alguns tetos abatidos e restos de culturas afogadas num carrascal bravio". O francês ficou por ali apenas algumas horas, o suficiente para secar a roupa, fez uma fogueira com os restos de uma porta e abalou o mais depressa possível da paragem "que se ermara no mais completo abandono...".

O artigo "Brazileiros" enriquece a análise das atividades jornalísticas de Euclides da Cunha. Entre outras razões, porque suas considerações remetem à série "Peru x Bolívia", ao artigo "Contra os Caucheiros", incluído no "Contrastes e Confrontos", e ao "Os 'Caucheiros'", que está no "À Margem da História". Se no "Contra os Caucheiros" o articulista assinalara a provável vantagem que o sertanejo brasileiro levaria numa guerra na floresta, no "Brazileiros" ilustrava com a experiência de Pedro de Oliveira os sucessos brasileiros na mata adversa. O tema é o mesmo: o desempenho brasileiro na floresta, fosse na guerra aventada pelo "Contra os Caucheiros", fosse no povoamento de uma área já demarcada, livre de litígios, como era a região quando da publicação de "Brazileiros".

Tal como no "Brazileiros", Euclides da Cunha desenvolve no "Os 'Caucheiros'", entre outros temas, a ênfase ao sistema predatório dos peruanos para a extração do látex. Numa frase antecipatória, sintetizava: "miragem de um progresso que surge, se desenvolve e acaba num decênio". Os caucheiros "alí estacionam até que caia o último pé de caucho. Chegam, destroem, vão-se embora". Além disto, "Os 'Caucheiros'" reafirma a denúncia social de "Brazileiros", assinalando a existência de um trabalho servil nas regiões da borracha. Observou-se que no artigo "Entre os Seringais", Euclides da Cunha assinalara a decepção e a miséria dos cearenses migrados sob a ilusão da riqueza da borracha e a opulência dos proprietários da "estradas" do látex. No "Os Caucheiros" descreve mais minuciosamente as duras condições enfrentadas pela mão-de-obra na Amazônia e a riqueza concentrada pelos donos dos seringais. Neste sentido, o caucheiro peruano e o cearense compartilhavam mesmo destino. O barracão era o centro da propriedade e morada do dono, abaixo do qual estavam os migrantes miseráveis e enfermos: "abaixo do caucheiro opulento, o drama real que se desenrola é quase inconcebível para o nosso tempo". Era o drama "do mestiço loretano, que alí vai em busca de fortuna", e do "quichua deprimido trazido das cordilheiras". A "série indefinida de espoliados" estava oculta pela selva; para se ver os homens que formavam este exército disperso "tem-se de varar os obscuros recessos da mata sem caminhos e buscá-los nas 'hurnas' solitárias, onde assistem completamente sós..." Assim como o migrante brasileiro mourejava no "círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril", como dizia Euclides

da Cunha no "Entre os Seringais", também os caucheiros peruanos, dizia no "Os 'Caucheiros'", "alí mourejam improficuamente longos anos". Tal como o brasileiro que um dia deixava cair no recôndito das matas "o corpo repugnante de um emaleitado", os peruanos "enfermam (...) e extinguem-se no absoluto abandono". A floresta era o próprio grilhão destes semi-escravos, do brasileiro que "presente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça", e do peruano que não é vigiado mas também não foge, pois, na região "inçada de outros 'infieles'", a selva "é um feitor perpetuamente vigilante!"

Ora, neste abandono e neste esquicimento, a sociedade que se formava em meio à floresta de látex não formaria cerne de qualquer nacionalidade. Ao contrário, dizia Euclides da Cunha, acabava por distanciar-se do espírito que animara os bandeirantes e outros "heróis rudes" que encaravam o desafio dos sertões. Prisioneiros da borracha e da sociedade por ela gerada, patrão e peão perdiam o referencial que forjava os fortes no embate com as terras inexploradas. Caíam ambos na apatia ou no comportamento ilógico. Os poderosos passavam "da refinada galanteria à máxima brutalidade", da mesura e do "sorriso cativante" ao rugido e ao ataque "de 'cuchillo' em punho". A selvageria "é uma más cara que ele põe e retira à vontade (...) não há ajustá-lo ao molde incomparável dos nossos bandeirantes" - estes últimos, de heroísmo rude, é certo, mas em cuja ousadia individual percebe-se "a concentração maravilhosa de todas as ousadias de uma época". Brutal e inexorável, o bandeirante ao menos foi lógico, um "super-homem do deserto", enquanto que

"o caucheiro é irritantemente absurdo em sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia". O caucheiro, definiu decididamente o articulista, "é o homúnculo da civilização". Os traços de caráter se explicam pelos valores predominantes na área da borracha, para onde se vai o aventureiro "com a preocupação exclusiva de enriquecer e voltar; voltar quanto antes...". E depois "surge em Paris (...) arruina-se galhardamente; e volta... Reata a faina antiga".

O jornalismo de Euclides da Cunha na Amazônia ficaria incompleto se o articulista não redigisse uma matéria de jornalismo científico. Esta temática se encontra no artigo "Um Rio Abandonado", publicado em 1908 no "Almanaque Brasileiro" (15). A matéria volta-se ao estudo do regime das águas do rio Purus e da navegabilidade deste importante componente da bacia amazônica. Retoma, portanto, a questão dos transportes no Brasil e a incorporação regional. Euclides da Cunha situa o Purus com a mais adequada via de comunicação naquelas terras e na sua relação íntima com os agrupamentos humanos ali fixados. O elemento central é a natureza, vista, como de hábito, na perspectiva científica, mas sem omitir a inclinação poética do articulista. O texto começa pela aridez das cifras, muitas produtos das medições pessoais de Euclides da Cunha, para espriar-se depois em parágrafos líricos e enternecidos. Fiel a uma constante, a matéria científica do articulista proporciona a dimensão social do fato observado.

15 - "Almanaque Brasileiro", ed. Garnier, 1908 - não consta o nº. A matéria está incluída na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, ref. cit. Encontra-se também no À Margem da História, parte I. ref. cit. com o título "Um Rio em Abandono"

Segundo Euclides da Cunha a imprescindível rede de transportes já se encontrava quase pronta no sistema hidrográfico amazônico. Os amplos conhecimentos geográficos, de que tantas vezes dera testemunho, permitiram-lhe concluir sobre as características daquela região.

O Acre é literalmente retalhado pelos afluentes e subafuentes de três grandes bacias fluviais, as do Alto Purus, Alto Juruá e Alto Acre, todas as correntes levando de Sudoeste para Nordeste. À primeira vista, o rio aparece como a via natural e privilegiada de transporte, entretanto sua utilização oscila tanto quanto a extrema variação do volume das águas de acordo com as estações de chuvas e da seca.

Apoiando suas conclusões em observações pessoais sustentadas pela formação de cientista, Euclides da Cunha obtinha ele mesmo parte dos números relativos ao regime fluvial daquela zona, preenchendo lacunas dos tratados a respeito. O próprio articulista completou a tabela de declinação do rio Purus em seu trecho final. Se o leitor sentir a aridez de dados sobre extensões, larguras, declives e outras informações similares, sentir-se-á beneficiado por um conhecimento mais amplo dos fatos naturais da região, objetivo aliás, do jornalismo científico. Assim como em Canudos, o jornalista não se deixava tolher pelas dificuldades no ofício de conseguir a informação procurada. Noticiava e dizia como levantou o fato: "Dizemo-lo baseando-nos em penosa experiência culminada por um naufrágio".

Do mesmo modo, são seguras as fontes do jornalista. Recorreu a resultados de pesquisadores eminentes que vasculharam aquela natureza, entre eles pioneiros como William Chandless, cujo nome batizou um dos tributários do

Purus. Euclides da Cunha estava a par das tendências contemporâneas dos estudos naturais, e o demonstra citando o livro do geógrafo Morris Davis, "Rivers and Valleys of Pennsylvania", de 1889. Provavelmente, a concepção do geógrafo norte-americano encontrava ressonância no modo de Euclides da Cunha interpretar o mundo - entendia os rios como seres vivos, que passam pela juventude, maturidade e velhice; o evolucionismo, portanto. Mas, como também era hábito, o articulista mantinha as reservas de sempre face as teorias e os pensadores; sobre Morris Davis, ressaltava: "Não acompanharemos o genial biógrafo dos rios pensilvânicos ao explicar a teoria admirável, que é o caso impressionador de uma entrada triunfante - ou de uma 'rush' atrevida - da imaginação e da fantasia nos remansos da ciência. Basta-nos notar que ela foi aceita em toda a linha e é infrangível, esteiando-se em dados dedutivos e seguros".

O fato é que o Purus, afirmava o articulista, conquistou "um dos mais regulares perfis de toda a hidrografia", e estava aparelhado "com os melhores elementos predispostos a uma rara fixidez do regime, erigindo-se em modelo admirável entre os caudais mais bem talhados à grande navegação". As populações que labutavam nos arredores do grande rio serviam-se dele como transporte, desde "o caucheiro com as suas 'tanganas' rijas, nas montarias velozes, o nosso seringueiro, com os varejões que lhes impulsionam as ubás, ou o regatão de todas as pátrias que por alí mercadeja". Incluíam-se entre os meios de transporte fluvial "as lanchas, e até vapores, que alí vão aparecendo mais a miúdo, à medida que avultam as safras". As gentes ocupadas na ex

tração do látex tinham no Purus a única comunicação com o mundo exterior. Cordão umbilical, o Purus as nutre quando as embarcações "sobem, velozes, o rio; descarregam, precipitadamente, em vários pontos as mercadorias consignadas". Evidenciava-se a hidrovia como meio de transporte por excelência na região, tanto pela amplitude, quando pela possibilidade de calado, ainda que cerceadas pelo imperativo do regime das águas e das sucessivas cachoeiras.

Euclides da Cunha notava, igualmente, o reverso destas circunstâncias. Se a natureza era generosa, exigia, ao mesmo tempo, a participação do homem; aguardava sua concorrência na utilização harmoniosa do meio ambiente. Entretanto, tal não acontecia. As populações viviam ao sabor das disposições do ambiente, sem qualquer criatividade no intercâmbio desequilibrado com a natureza, carentes de orientação e de recursos que lhes permitissem vencer os embargos naturais. Mesmo na época propícia das cheias, não sabiam como vencer os escolhos à deriva arrastados pelas águas e acumulados em diferentes pontos. Daí o ritmo de urgência com que era feito o transporte na tentativa de aproveitar ao máximo os exíguos momentos favoráveis dos rios, sob o temor constante de ser surpreendido pela reversão súbita de um momento promissor. Os mercadores "descarregam precipitadamente" suas encomendas, e "tornam logo, precipites, águas abaixo, fugindo". Perdido o momento azado para a partida, "lá se ficam, longos meses (...) nas mais curiosas situações (...) ora em pleno rio (...) ora em meio da barranca", quando da cheia, quando da vazante. O resíduo das margens arrancado pelas torrentes e transportados pelas águas termina

por acumular-se, dificultando a navegação de tal maneira que, findo o período das enchentes, topa-se a todo instante com ilhotas de escolhos, ou navega-se por cima do que parece uma derrubada das matas, por "entre galhos estonados e revoltos de uma floresta morta". O rio perde "seus requisitos superiores, com o progredir de um atravancamento em larga escala, que o tornará mais tarde inteiramente impenetrável!"

As pessoas da região "nunca intervêm para melhorar a sua única e magnífica estrada". Vão e vêm seguidamente, "esbarram mil vezes a canoa num tronco caído há dez anos junto à beira de um canal". Inúmeras vezes se enroscam numa ramagem revolta e encalham ou se precipitam levados pelas correntes revoltas, trombando em troncos flutuantes. Ainda assim, "não despendem o mínimo esforço e não despendem um golpe único de facão ou de machado num só daqueles paus, para desafogar a travessia". De modo que a navegação só era permitida em certos momentos das cheias, "quando aqueles entraves se afogam em alguns metros do fundo".

À formação de engenheiro acudia Euclides da Cunha na elucidação do fenômeno. Seu conhecimento tecnológico permita-lhe fazer sugestões para o melhoramento da navegação no Purus. Em um parágrafo repassou o nascimento da hidráulica fluvial, que "parece ter nascido entre os leitos do Garonne e do Loire"; retrocedeu à engenharia dos romanos, "transfigurando a Argélia", e concluiu que o monumento do engenho humano era bastante frágil perante a natureza. No Purus, todavia, a situação era promissora. Também nisto o rio apresentava vantagens diante de outros rio do mundo. O simples enunciado de seus inconvenientes, esclarecia o arti

culista, "delata que a remoção deles, embora demorada, não demanda trabalhos excepcionais de engenharia e excepcionais dispêndios". O que cabe à ação dos homens "é rudimentar e simples"; solução graciosamente oferecida pela natureza ao labor e a inteligência humanos. De fato, "os grandes, os sérios problemas de hidráulica fluvial que ali houve, resolveu-se o próprio rio agindo no jogo harmonioso das forças naturais que o modelaram". Bastava o trabalho e a técnica para que se afastassem os obstáculos sem prejuízo da natureza. Mais uma vez, o tom ecológico do jornalismo científico de Euclides da Cunha, no qual o trabalho e o engenho dos homens encontra-se com o "jogo harmonioso das forças naturais". É o mesmo tom que encerra o artigo.

Entretanto, a lucidez de Euclides da Cunha evitava conclusões muito simples, como se pudesse acreditar que a hidrovia era solução em si suficiente para o transporte na Amazônia. Haveria de articular o sistema fluvial a estradas abertas na selva. Num dos capítulos incluídos no "À Margem da História" e intitulado "Transaccreana", o escritor apontaria a necessidade de se complementarem os recursos naturais com a ampliação de caminhos abertos pelos seringueiros com a finalidade econômica ou de defesa do território ainda tenso pela ameaça de conflito com o Peru. (16).

16 - Vide À Margem da História, ob. cit., ps. 115/135.

Até onde se pôde verificar, nada indica que o "Transaccreana" tivesse sido publicado pela imprensa periódica. Aqui, portanto, não está incluído entre as matérias jornalísticas de Euclides da Cunha. Um vez, porém, que desenvolve o "Um Rio Abandonado", merece ser comentado para melhor iluminar o artigo.

Fiar-se exclusivamente no sistema fluvial de transporte, dizia Euclides da Cunha, seria contraproducente. Antes de mais nada, a própria direção para onde correm os rios imporia a dependência - "o homem, em vez de senhorear a terra, escraviza-se ao rio", em que pese a "ubá alijeirada", expressivamente denominada "montaria", que se ajustou à região "como o cavalo adaptou o Tártato aos stepes". Ao contrário do que se crê, "aquelas redes hidrográficas, entretecidas de malhas tão contínuas, não misturam as águas das caudais diversas"; ao invés, em seus contornos retornam ao leito principal ou terminam num lago, as vezes extinguem-se simplesmente. Entre um rio e outro interpunha-se uma faixa de floresta, uma extensão que isolava, separava e subdividia "as massas povoadoras que demandavam aquela zona". A fragmentação "corrije-se pela ligação transversa de seus grandes vales", possibilidade já utilizada pelos povoadores das matas, que abriam o varadouro, "a vereda atalhadora que vai por terra de uma vertente fluvial à outra (...) trilhas estreitíssimas de um metro de largura, tiradas a facão". Abriam-se por todos os lados. E assim faziam-se longas viagens, em parte navegando, em parte carregando a canoa de uma corrente fluvial à outra, realizando "na maior das mesopotâmias a anomalia de navegar em seco" - o sertanejo "carrega de um rio para outro o barco que o carregava outrora" (17).

Segundo Euclides da Cunha, este sistema de deslocamento pela selva foi estudado em 1904 por Germano Stiglich, um oficial peruano que viu brasileiros viajando do Javari até a margem esquerda do Madeira, ora embarcados,

17 - Observe a persistência de método secular usado pelas bandeiras nas monções.

ora à seco, num trajeto de três mil quilômetros, ou seja, "o dobro da estrada tradicional, dos bandeirantes, entre São Paulo e Cuiabá". Outros caminhos deste tipo, registrou Euclides da Cunha, era o trajeto de Tabatinga até Vila Bela, compreendendo 907 quilômetros perorridos por água e mais 660 por terra, e feito em pouco mais de uma mês. O percurso do Juruá a Tarauacá era feito em quatro dias por um cavaleiro e em quinze dias por um vapor. Eram, pois, existentes os varadouros, as picadas, os caminhos pelo interior das matas, demonstrando a necessidade e a viabilidade de vias terrestres complementares ao transporte fluvial.

Nestas considerações de Euclides da Cunha sobre a viação brasileira, há uma convicção inteiramente diversa da que defendera acerca do transporte no Centro-Sul. Acreditava que, na Amazônia, a ferrovia era o sistema que mais se coadunava ao meio natural e o mais rentável ao governo. Repetindo um princípio norte-americano, afirmava que a engenharia das ferrovias "é a arte de fazer um dólar ganhar o maior juro possível". A par da história mundial dos transportes, ilustrou o raciocínio com os casos das estradas-de-ferro da Índia, que enfrentaram empecilhos maiores que os da Amazônia, da "Central Pacific", de Nevada, e da Transiberiana. A esta altura do capítulo "Transaccreana", o engenheiro tomava o lugar do escritor, e Euclides da Cunha passou a fornecer os dados técnicos requeridos para a construção de ferrovias na Amazônia, considerando o peso adequado aos trilhos, os graus de curvas e a porcentagem de declives.

Ora, não era gratuita a preocupação de Euclides da Cunha com a viação amazônica e, principalmente, a inesperada opção ferroviária em detrimento da rodoviária, que lhe era tão cara. Advogava, sem confessar, o cumprimento da realização de uma cláusula dos acordos feitos entre Brasil e Bolívia a respeito da incorporação do Acre em território brasileiro. Por esta exigência, o governo brasileiro, entre outras concessões, comprometia-se a construir a estrada-de-ferro Madeira-Mamoré. Entretanto, não se tratava de uma simples defesa de um acordo entre os dois governos, uma vez que Euclides da Cunha voltava os olhos para o futuro e previa uma malha viária mais ampla, articulando uma ferrovia do Acre aos trilhos da Madeira-Mamoré.

No desenrolar do raciocínio, a produção da borracha desempenhava papel destacado, mas as razões estratégicas predominavam, particularmente se considerada a ferrovia que atendesse à região fronteira. Não havia nisto quaisquer intuitos agressivos, "que não seriam apenas condenáveis; seriam francamente ridículos no nosso tempo e na América". Tratava-se de uma consideração fundada nas circunstâncias naturais do território, cuja bacia hidrográfica prestava-se a todo tipo de deslocamento de populações, inclusive as hostis. O desenho dos rios da região, dizia Euclides da Cunha, é como uma "desconforme tenaz agarrando um pedaço do continente nas tantes (...) e figura-se-nos sobremodo desfavorável à defesa e garantia das nossas fronteiras naqueles lados". O argumento do escritor é francamente militar, desdobrando-se em tipos e números de unidades militares e características de seu transporte, concluindo que, na situa-

ção da época, a defesa do Brasil demandaria um certo número de "unidades combatentes e de outras tantas vantagens", ao passo que os peruanos, favorecidos pela geografia, "com algumas lanchas ligeiras e de calado exíguo, defendem todas as entradas".

Todo e qualquer projeto de âmbito nacional, e mesmo regional, esbarrava no desconhecimento das condições do Brasil, país mal desvendado mesmo nos lugares que já abrigavam populações consideráveis e geravam uma economia relevante. Era preciso conhecer o Brasil. Nisto Euclides da Cunha sempre insistiu, e em especial no artigo póstumo "Um Atlas do Brasil", publicado em agosto de 1909 no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, à propósito de um livro homônimo do Barão Homem de Melo e de Francisco Homem de Melo¹⁸) O texto, que pode ser incluído entre as matérias de jornalismo científico, apresenta um interesse particular: interrompido no meio de uma frase, foi a última matéria que Euclides da Cunha escreveu.

Mais uma vez demonstrando a reconhecida erudição do autor, o artigo comenta os progressos dos estudos geográficos no Brasil, elegendo as análises sobre a região do Purus como foco das considerações. De início, o articulista apontava aquilo que se sabia sobre o País - o que vale dizer, o que se ignorava, devido a precariedade das informações na época. O jornalista exigia procedimentos modernos no exame das condições naturais brasileiras, base para o estabelecimento de projetos políticos e econômicos. Assina

18 - O texto está na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referência citada, ps. 511/514.

lava a falha fundamental nos estudos dos ecossistemas na cionais: a precariedade de investigações dos fundamentos geológicos que permitissem que os estudos geográficos se afas tassem do mero descritivismo e adotassem o "caráter deduti- vo de uma ciência inteiramente organizada". Somente desta forma poderia interpretar as "grandes linhas da nossa arqui tetura continental".

Convenha-se da atualidade desta exigência de Euclides da Cunha - sequer se conheciam as possibilidades concretas para a criação de um sistema de transportes; como elaborar projetos, se se desconhecem as condições de sua viabilização? Recorde-se que ao partir para Canudos, o exér- cito nem tinha mapas da região ao norte de Queimadas. Tudo estava por ser feito, até um atlas do Brasil, que Euclides da Cunha aplaudia na obra dos Homem de Mello.

Ao traçar o perfil conhecido do meio natu ral brasileiro, Euclides da Cunha virtualmente sugere a ima gem de um arquipélago. Os fundamentos do conhecimento geo gráfico brasileiro assentavam-se em formações várias e frac cionadas, " em zonas tão largamente desunidas que, apesar da competência dos exploradores e valia real de seus estudos, di ficilmente estes se ligam ou se articulam".

Empreendendo uma reavaliação crítica dos es tudos geográficos, Euclides da Cunha remeteu-se ao Morris Davis já indicado e à Gemorfologia de Lawson. Recuou ainda mais até os primórdios da investigação da Geologia, a Gui lherme Delisle, a Bourguignon D'Auville, a Felipe Buache e a Marcel Dubois, sublinhando suas con tribuições e seus li mites. Voltou, então, às relexões sobre a Amazônia oriental,

historiando as expedições que precederam "os descobrimentos das últimas cabeceiras do Juruá, do Purus e do Acre, desvendados pelas últimas comissões mistas brasílico-peruanas, e pelos trabalhos do major Fawest (sic), da Rēal Sociedade Geográfica de Londres (...) o engenheiro militar Cândido Rondon (...) com o mesmo destemor e sem a mesma ferocidade" das bandeiras (19). Entretanto, a Geografia brasileira estava em tal atraso que ainda se solicitavam levantamentos inventados há séculos. Guilherme Delisle, por exemplo, já no século XVIII "retificou o eixo do Mediterrâneo, e deu, pela primeira vez, à Europa a figura real que ela conserva hoje", enquanto D'Auville há muito tempo criara a cartografia geral.

Na penúria dos estudos brasileiros, o "Um Atlas do Brasil" só poderia ser bem-vindo. O mérito maior da obra, segundo o articulista, era fornecer uma síntese de dados até então esparsos "em monografias, como incidentes de outros assuntos". A falha - a classificação geológica do Brasil - resultava da carência de "definição geográfica" nas pesquisas brasileiras.

A limitação, ressaltou o articulista, não era dos autores: "Os autores confessam a deficiência inevitável desta sistematização com a descri (...)" - aí termina, incompleto no meio da frase, no meio de uma palavra, o último artigo de Euclides da Cunha.

19 - Provavelmente um erro de impressão repetiu-se em sucessivas edições - o major "Fawest" referido é, na verdade, o major Fawcett, que com sua expedição perdeu-se para sempre nas selvas do Roncador e cujo esqueleto Orlando Villas Boas acredita ter encontrado.

Até o fim lutava pela elevação dos estudos sobre o Brasil. Até o último, nenhum de seus textos trai a angústia que o assaltava; afligido por problemas pessoais, em sua vida íntima, nem assim perdia a capacidade de estudo e de concentração. Finalmente, interrompeu a redação, ergueu a pena para enfrentar uma situação da qual não sairia com vida.

Há pouco concedera uma entrevista a Viriato Correia, publicada da Ilustração Brasileira, realizando, assim, um convite que fizera para "aparecer lá em casa": "Conversamos, almoçamos e depois sairemos descalços, a passear na praia". (20).

Vem à lembrança a carta que escreveu a Alberto Rangel e na qual manifesta a consciência que tinha do trabalho, que a morte, afinal, não lhe permitiu concluir: "Tenho a crença largamente metafísica de que a nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda..." (21).

20 - "A Última Entrevista", publicada na revista Ilustração Brasileira, foi publicada no mesmo dia do assassinato de Euclides da Cunha, em 15 de agosto de 1909. Está incluída na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, referência citada.

21 - Carta a Alberto Rangel, 20 de março de 1905, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 164.

JORNALISMO INTERNACIONAL

"No momento em que a civilização visi
velmente se desloca para o Novo Mundo..."

(Carta a Alberto Rangel, 20.9.1908)

A questão da nacionalidade brasileira comentada por Euclides da Cunha no "Nativismo Provisório", e no "O Brasil Mental" e em quase todos os outros textos, entre eles as reportagens de Canudos e escritos anteriores, como "A Nossa Vendéia", expressam o fascínio do jornalista pelo tema. Quase uma obsessão, mas justa na época. Não podia ser diferente. Naqueles anos de passagem do século o mundo vivia transformações profundas e qualquer país que aspirasse compartilhar do concerto internacional teria de proceder à definição interna para impor sua personalidade ao mundo. Daí a amplitude das questões demográficas, das instituições e da formação social. No Brasil tudo estava por fazer; até as fronteiras internas tiveram de ser definidas - note-se que os limites entre Paraná e Santa Catarina somente seriam decididos anos mais tarde, após a guerra do Contestado, e a demarcação entre São Paulo e Minas Gerais alimentaram controvérsias até o governo de Getúlio Vargas. As delimitações envolviam os interesses e as características regionais, e Euclides da Cunha estava ciente do problema, tanto é que, em 1898, publicara no "O Estado de São Paulo" o artigo "Fronteira Sul do Amazonas" (1). Eram indícios de uma nação dispersa em sua interioridade, carência que frustraria no nascedouro os mais sensatos projetos nacionais.

Entretanto, o mundo assistia completar-se o processo da formação das modernas nacionalidades, que amadurecera ao longo do século XIX, desde as independências latino-americanas até os movimentos nacionalistas de gregos e

1 - Incluído no Obra Completa, organizada por Afrânio Coutinho, referência citada, p. 482 ss.

egípcios contra o império turco, adquirindo feição toda própria tanto na Europa marcada pelas delimitações da Santa Aliança quanto na Europa moderna. Obedecendo ao ritmo pendular da renovação e do conservadorismo, o nacionalismo europeu que pontuara as unificações da Alemanha e da Itália, passou a exercer forte inflexão nas disputas internacionais entre as grandes potências, preparando desde o ocaso do século a armação que conduziria à Primeira Guerra. Em meados do século passado as relações internacionais se complicaram com a expansão na África e no Extremo Oriente, bem como com o erigimento de novas potências, os Estados Unidos, a Rússia e, mais tarde, o Japão. Na América Latina sucederam-se choques fronteiriços, valendo assinalar a guerra entre Peru e Bolívia e as disputas entre Brasil e Peru em torno da Amazônia, área geográfica já decisiva no plano político, sobretudo com a ascensão econômica da borracha.

Euclides da Cunha estava atento a estes movimentos. Consciente da necessidade de uma definição nacional interna, buscava no elemento humano o catalizador da nação. Julgou encontrá-lo nas populações sertanejas do Nordeste e da Amazônia e, no "Os Sertões", conferiu-lhes o apodo de "rocha viva da nossa nacionalidade". Seus motivos eram claros: "duas preocupações supletivas uma da outra: a idéia política de defesa do território e o pensamento social de incorporar a nossa vida frágil e sem autonomia, de ribeirinhos do Atlântico, o cerne vigoroso das sociedades sertanejas" (2). Percebendo as transformações da época, muitas ma

2 - CUNHA, E. da, "Olhemos Para os Sertões", in "O Estado de São Paulo", 18-19 de março de 1902, incorporado a COUTINHO A, Euclides da Cunha: Obra Completa, ref. cit. p. 497

térias de Euclides da Cunha enfocaram os fatos das relações internacionais e, nestes, os conflitos sul-americanos (3).

Analista da política internacional, Euclides da Cunha, com sensibilidade rara, apreendeu as novas disposições de força no mundo medeado pela passagem do século. Do tratamento e da temática escolhida, depreende-se que captou bem a tempo a formação de um segundo cenário na dinâmica do poder das nações, o do Extremo Oriente, que derrubava com a exclusividade do palco europeu. Registrou o risco do armamentismo e denunciou a ilusão dos projetos alemães quando comparados ao despontar de nações verdadeiramente fortes. Situadas fora da Europa, as jovens nações, Estados Unidos, Rússia e Japão, imprimiriam os rumos do mundo (4). O grande teatro recém-inaugurado estava na Ásia oriental e, por extensão, no Pacífico. Euclides da Cunha desenvolveu com exatidão os interesses e aspirações das grandes potências no Oceano Pacífico, notadamente os Estados Unidos, seguidos da Rússia e do Japão, num artigo intitulado "O Primado do Pacífico" e inserido no "À Margem da História" (5).

3 - As relações internacionais na América Latina incidiam sobremodo na Amazônia, região para a qual Euclides da Cunha prepararia o "À Margem da História". Uma vez que o tema amazônico tem uma configuração muito própria, preferiu-se comentá-lo em dois capítulos separados.

4 - Poder-se-ia objetar que a Rússia está na Europa. Mas está também na Ásia. Boa parte da política exterior dos Tzares voltava-se para a Ásia. Remeta-se a Port Arthur e aos acontecimentos de 1905.

5 - CUNHA, E., da, À Margem da História, Lisboa, Liv. Lello & Irmãos, 1946, ps. 197/210.

A supremacia da cena européia predominara até o último quartel do século XIX e transcorrerá sem contestação séria. As contendas se decidiam na própria Europa. Na passagem do século, declinavam os antigos impérios, a começar pelo debacle do império espanhol, ao mesmo tempo em que ocorria a mundialização definitiva da política, cuja expressão foi a partilha da China. Deu-se um reequilíbrio das potências européias, mas desta vez acompanhado pela presença de nações não-européias, com interesses expansionistas, e cujas raízes do crescimento podem ser encontradas em meados séculos XIX, no caso dos Estados Unidos, ou um pouco mais tarde. A força das jovens potências poderiam até compelir os europeus à crença no declínio da Europa como senhora do mundo; tal, porém, não ocorreu, devido o ímpeto da segunda revolução industrial, a partir da grande crise de 1870, e dada a formação do império de Bismarck. Foi precisamente sobre o caráter ilusório da reformulação do sistema europeu que Euclides da Cunha escreveu boa parte dos artigos de jornalismo internacional.

No artigo "O Kaiser" (6), percebeu a fragilidade da idéia de manutenção da Europa como centro exclusivo da política mundial e dirigiu os comentários contra os alicerces desta pressuposição, o militarismo germânico. Inicialmente esboçou um quadro sólido das circunstâncias históricas da Alemanha, concluindo que a nação entrara demasiado tarde na concorrência das potências e apontava o descom

6 - Provavelmente publicado no "O Estado de São Paulo" entre junho e agosto de 1904. Incorporado ao Contrastes e Confron
tos, referência citada.

passo entre a exiguidade de sua base agrícola em relação à expansão industrial e ao militarismo. A história demonstraria a pertinência das observações do articulista e não há como desconhecer que o poderio da Alemanha repousava mais na divisão entre os rivais que nas condições efetivas do país. Apesar das vitórias militares e do crescimento econômico, o império deparava-se com a expansão norte-americana e russa, países que viviam a mesma expansão industrial. Bismarck teve pouco tempo para explorar a superioridade conquistada na guerra franco-prussiana, enquanto que Guilherme II teve de sustentar a corrida armamentista com a Inglaterra.

De qualquer modo, a militarização, e seu irmão gêmeo, o colonialismo, era tardia, mas necessária. Euclides da Cunha reconhecia que este era o único caminho para a "weltpolitik" alemã. E o articulista iluminou bem o expansionismo alemão ao substituir a listagem monótona das áreas de cobiça do Kaiser por referências diretas aos lugares - por exemplo: "perfídias diplomáticas que rodeiam a longa história da estrada de Bagdá". A propósito, a importância da região abarcada pela estrada-de-ferro de Bagdá revelou-se muito depois; na época em que Euclides da Cunha escrevia era um cenário secundário que se destacava tão somente para conduzir disputas de interesses na Europa, tal como sucedera com a interferência alemã no Marrocos. Enfim, "perfídias diplomáticas", peões do jogo.

Além disto, o articulista esboçou uma nova imagem da Alemanha, indagando-se das condições governamentais do Reich para o encaminhamento de sua política expansionista. Operacionando o fator espacial, lembrou que o Kaiser

era um autocrata que gostava de vagar pela Baviera, distan-
ciando-se, administrativamente, do conjunto da nação, dado
que agravava o privilégio que o imperador concedia ao secre-
tariado particular a ponto de permitir que este sobrepujas-
se os ministros. O resultado, segundo Euclides da Cunha, era
um isolamento perante a opinião pública e o enfraquecimento
do respaldo parlamentar, posto que o Parlamento alemão indi-
cava o gabinete. É relevante sublinhar a atenção que o jor-
nalista concedia à opinião pública nestas conjunturas colo-
nialistas. Os procedimentos expansionistas não assentavam em
simples vontades de governantes ou nos acessos de uma aris-
tocracia guerreira, mas exigia o concurso do conjunto das
forças de uma nação. Naquela época, os governos militaristas
procuravam respaldo na opinião pública para as empreitadas
no exterior, de forma que, nas últimas décadas do século
XIX, construiu-se uma propaganda vinculada ao fato colonial.
Em linhas gerais, o esforço propagandístico concebia a ex-
pansão como a acumulação de vantagens materiais e políticas,
promovia o sentimento imperialista e, por fim, o orgulho
nacional, o qual se estendia das fronteiras européias para
as terras de ultramar. Conscientemente dirigido, tal senti-
mento nasceu com a percepção de Disraeli para a força do ro-
mantismo e do sentimento do símbolo, e talvez o produto mais
completo da intuição de Disraeli tenha sido o coroamento da
rainha Vitória como imperatriz da Índia, em 1877 (7)

Como se vê, o artigo adentrava pelo sentido
do comportamento. Ao criticar o militarismo alemão, Eucli-
des da Cunha incidiu a análise no corolário resultante, o

7 - RÉMOND, René, O Século XIX (1815-1914), 2ª. ed. SP, Ed.
Cultrix, 1981, p. 190.

controle da cultura pelo Estado. Apontou a política cultural impositiva do governo alemão, ressaltando a obrigação de todos os teatros subsidiados pelo governo imperial a representarem as peças de um certo capitão Lauff, "um lírico de caserna", que faziam a apologia do militarismo, do heroísmo e outras vocações congêneres, ou seja, esclarecia o articulista, a "apologia sanguinolenta dos Hohenzollerns". E Euclides da Cunha fazia o contraste, procurando demonstrar o ilusório da força imperial alemã, um militarismo impotente, apenas adequado às paradas militares, feito mais para assustar os próprios alemães. Em suma, seria o Kaiser contra a "burguesia assustadiça", e em desrespeito à legislação, solto à caça de socialistas, a tal ponto que se acreditava que o exército se "arma contra a própria Alemanha". Aquele mesmo Kaiser que Euclides da Cunha, cáustico, ridicularizava ao denunciar-lhe a prepotência e a arrogância: "Sumo árbitro em tudo, em política como em música, em arquitetura, como em poesia, em pintura, como em qualquer ciência; estrategista, dramaturgo, arqueólogo, teólogo, inédito em tudo, poeta sem um verso, filósofo sem um conceito, músico sem uma nota, guerreiro sem um golpe de sabre, esse dissipar a individualidade irrequieta, espriando-a largamente sobre todas as coisas, tem-lhe acarretado sucessivos desapontamentos".

Fatos subsequentes demonstrariam que o militarismo alemão não era tão ilusório. Uma década mais tarde desencadeava-se a Primeira Guerra. Mas o poderio econômico da Alemanha era, de fato, frágil, e a política expansionista não logrou a solução colonial capaz de colocar o império entre as nações que eram tão poderosas que se permitiam até

mesmo encaminhamentos diplomáticos com resultado feliz. Em outras palavras, a solução diplomática viabilizada pelo poder incontestável era uma possibilidade esgarçada para os alemães. É certo que fôra tentada no Congresso de Berlim, em 1885, mas com limitado alcance, não avançando além da repartição amigável de poucas áreas de interesse e com restrita duração devido as mudanças no cenário mundial. E este caminho da força, encoberto entretanto pela diplomacia, era o único, mesmo que constrangido a acordos localizados, uma vez que inexistiam condições para a arbitragem internacional, salvo o frágil Tribunal de Haya, fundado em 1899(8).

Zeloso da nacionalidade brasileira, Euclides da Cunha tratou de denunciar os projetos europeus para a ocupação de territórios brasileiros, em particular de certas conjeturas alemãs reservadas às colônias teutônicas assentadas no Brasil. O tema foi desenvolvido no artigo 8 - O fator militar sobrepujava, indiscutível, dada a inexistência de uma organização jurídica internacional efetiva. - SNYDER, Louis, El Mundo en el Siglo XX (1900-1950), Barcelona, Editorial Labor, 1969, p.19.

A corte de arbitragem internacional foi proposta por Nicolau II na Conferência de Haia, em 1899, para controle de armamentos. O governo czarista conseguiu que a conferência interditasse o uso de certos tipos de projéteis na guerra e estendesse as determinações de Genebra à guerra naval. - PASCAL, Pierre, Histoire de la Russie (Des Origines a 1917), Paris, Presses Universitaires de France, 1972, p. 113.

"A Arcádia da Alemanha", motivado pelos arrazoados de um "sociólogo inglês" - que o articulista não nominou -, o qual afirmava que o Brasil era a saída para o impasse da Alemanha (9). O articulista abriu a matéria com ironia, afirmando que "à massuda sisudez britânica aflora o riso da alacridade ibérica". O "sociólogo inglês" dizia que os brasileiros, inconscientes das riquezas naturais do Brasil, e tão necessárias para a indústria alemã, mereciam um protetorado. Euclides da Cunha concordava sobre as dificuldades industriais da Alemanha e até citou dados, concluindo que, efetivamente, ao governo alemão só restava o "expansionismo obrigatório". Países acossados por dificuldades econômicas, e que só dispunham do expansionismo para sobreviver, teriam forçosamente de recorrer à "emigração pacífica" ou à ocupação de terras alheias, "arriscando-se às maiores lutas". Que se cuidassem as nações frágeis e cobiçadas, pois seria inútil apelar para a justiça entre as nações, pois o direito internacional se amplia conforme se "dilatam as parábolas das balas". Em outro artigo, "O Ideal Americano", Euclides da Cunha diria que, nestas circunstâncias, falar de direito "é como indagar da moralidade de um terremoto".

As cifras referentes à economia alemã falavam por si dos impasses da nação - o articulista citou nomes e idéias de teóricos do imperialismo germânico, fundamentando o artigo e, deste modo, imprimindo-lhe a dimensão irrevogável da qualidade do texto jornalístico. Munido destes

9 - O "A Arcádia da Alemanha" está incluído na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos ambas as referências citadas anteriormente.

dados, denunciou os objetivos imperialistas dos alemães para o Brasil, assinalando os locais preferidos do território nacional, aqueles onde se poderia preservar o germanismo, ou seja, onde já se fixara a "emigração pacífica" (10). Na época de Euclides da Cunha, o receio da interferência alemã na América Latina não era infundada. No começo do século, a despeito da preeminência inglesa e da fixação dos interesses norte-americanos, principalmente no Caribe, a Alemanha voltava a atenção para as matérias-primas e os mercados latino-americanos, tão necessários ao crescimento da indústria germânica. No despontar do século XX o comércio alemão da América Latina era forte concorrente do comércio norte-americano - o comércio exterior mundial alemão era maior que o dos Estados Unidos e a Alemanha exportava mais para as nações latino-americanas que os Estados Unidos. Só a Primeira Guerra Mundial derrubaria a ascensão comercial alemã no continente (11).

10 - Estas observações de Euclides da Cunha soam como uma previsão, não pela referência às intenções da Alemanha imperial, mas pela propaganda nazista, poucas décadas depois, difundida entre as colônias alemãs no Brasil.

11 - Vide esta análise, e principalmente as tabelas, em VALLA, Vitor, "Os Estados Unidos e a Influência Estrangeira na Economia Brasileira: Um período de Transição (1904-1928)", in Revista da História, números 85, 86 e 87, Ano XXII, volume XLII, São Paulo, Ed. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1971. Sobre a concorrência comercial alemã na América Latina, veja em especial as tabelas das páginas 157/158 do número 85.

O articulista acrescentava, porém, que as conjeturas do imperialismo europeu para o Brasil jamais se concretizariam, não passavam de mero "imperialismo platônico", uma vez que o "momento histórico" não o permitiria. Recorrendo à doutrina Monroe, cuja premissa era "a América para os americanos", Euclides da Cunha admitia tectivamente que o poderio dos Estados Unidos acorreriam em defesa de seus interesses na América Latina no caso de pressões das potências européias - ainda assim, apontava as preocupações dos Estados Unidos como, também elas, expansionistas: a doutrina Monroe era "reflexo político dos interesses estritamente comerciais do yankee".

Os artigos de política internacional demonstram que Euclides da Cunha tinha uma percepção bem clara da nova situação mundial e das alterações do jogos de poder. O cenário europeu, em suma, não contava mais com a exclusividade, principalmente no que se refere à preeminência da tria de anglo-franco-germânica. Na própria Europa erguia-se a Rússia, rejuvenescida pela rápida industrialização desencadeada em reação à depressão de 1870 e que aspirava agilizar e ampliar o espaço geopolítico que lhe permitia agir simultaneamente na Europa e na Ásia, onde despertava uma nova nação industrializada e também expansionista, o Japão. No artigo "A Missão da Rússia" (12), o articulista captou o alcance geopolítico do império dos tzares, que se traduzia na orientação da política externa russa, dizendo-se

12 - O "A Missão da Rússia" encontra-se na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos, ambas as referências citadas.

péia no Ocidente e "potência asiática" no Extremo Oriente (13). A força de expansão da Rússia já fôra testada nos choques com os interesses ingleses ao norte da Índia e que acabaria numa disputa com o Japão até o bombardeamento de Port Arthur.

O jornalista abriu a matéria com uma frase concisa: "A Rússia é bárbara" - não categorizou o império dos tzares como asiático, mas afirmou que era o "campeão da raça ariana contra o perigo amarelo", elevando-o à condição

13 - A Rússia empreendia uma política de harmonia com as potências ocidentais. Desde 1896, Nicolau II estabelecia laços com "nações amigas e aliadas". Esta orientação externa teve um de seus pontos altos em 1897, quando o governo do czar assinou com o império Austro-Húngaro a manutenção do "statu quo" nos Balcãs.

Na Ásia, os russos foram obrigados a assinar em 1895 um tratado oneroso com o Japão. O império japonês vencera a China e obrigou a Rússia, a Alemanha e a França a renunciarem parte de suas conquistas asiáticas. Mas o governo chinês fazia negócios com o império dos tzares. Além de um vultoso empréstimo com o Banco Russo-Chinês, autorizou, em 1896, a construção da ferrovia "Sociedade da Estrada-de-Ferro do Leste Chinês", que deveria estender-se pela Manchúria, prolongando a Transiberiana e terminando em Vladivostock. Dois anos depois, a China concedeu aos russos Port Arthur e Dalny por um prazo de 25 anos. Para tranquilizar o Japão, a Rússia deixou-o com as mãos livres na Coréia. Mas a guerra russo-japonesa era inevitável eclodiria em 1902 e terminaria com a capitulação de Port Arthur em 2 de janeiro de 1905.

- PASCAL, Pierre, ob. cit. p. 113/114.

de guarda "de toda a civilização européia". Aparentemente referia-se à concorrência imperialista do Japão no Extremo Oriente, ameaçando através da China e da Coréia, e, mais tarde, pelo Pacífico. Logo em seguida, adequou a afirmação inicial, assinalando a coexistência de uma Rússia "atrasada"; "bárbara", com a Rússia das artes e da literatura, bastião da "civilização européia". Mas havia uma complicação, pois a Rússia estava na disputa expansionista com outras nações européias. Euclides da Cunha verificou isto no artigo "Transpondo o Himalaia" (14). A matéria aborda o avanço inglês pelo Tibet a fim de conter a pressão russa ao norte do subcontinente indiano e garantir as fronteiras britânicas na área. De certo modo é um desdobramento do "A Missão da Rússia", não nos eventos em si, mas no prolongamento de um raciocínio acerca das condições mundiais de poder. Numa constatação sumária, pode-se concluir, a partir destes artigos, a nova verdade dos fatos mundiais: o destino das nações poderia ser decidido não só na Europa, mas em qualquer outra parte do mundo onde os europeus tivessem interesses.

O jornalismo internacional de Euclides da Cunha demonstra uma noção clara de definições da política internacional que somente depois ficariam patentes, embora já estivessem florescendo. Isto comprova a assertiva de que o conhecimento dos mecanismos do jogo das relações internacionais permite compreender os acontecimentos em sua evolução mais longa e libertar-se das notícias fragmentadas enviadas do exterior. É dominando o conhecimento da história das

14 - O "Transpondo o Himalaia" encontra-se na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos, referências citadas.

relações mundiais que o jornalista se capacitará para a análise internacional e poderá superar as informações fracionadas que vêm do exterior e avaliá-las em sua veracidade e situação. Hoje sabe-se que, antes da virada do século, os Estados Unidos, a Rússia e o Japão emergiam como nações preparadas para deslocarem o eixo da política mundial; mas na época de Euclides da Cunha as alterações ainda eram nebulosas, obliteradas, decerto, pela tradição dos imperialismos clássicos. A Europa mantinha a aparência da exclusividade como centro decisório e interpretava-se a nova fase de expansão europeia como uma ampliação do equilíbrio europeu prolongado a regiões recém abertas. A ocupação da África, incluindo-se a disputa pelo Marrocos, as questões relativas a Fachoda, entre outros acontecimentos, concorria para esta conclusão - mas, de fato, a África representou só o desdobramento de uma problemática da Europa. A abertura do segundo cenário, a concorrência com a preeminência europeia, ocorreria na partilha da Ásia oriental.

O fato novo, que haveria de marcar as relações internacionais durante décadas, implicando nas duas guerras mundiais do século XX, foi a exploração do Extremo Oriente e, pouco depois, o decorrente confronto dos Estados Unidos e do Japão sobre as ilhas do Pacífico situadas ao norte do Equador (15). Daí, toda uma retórica acerca do "perigo amarelo". Foi no extremo da Ásia que ocorreram os fatos decisivos da política mundial entre 1898 e 1905, envol-

15 - O restante dos arquipélagos do Oceano Pacífico estava sob ocupação, pouco contestada, principalmente da França que, desde a época de Napoleão III, cimentara ali sua presença.

vendo, precisamente, as potências que Euclides da Cunha analisara. Em 1898, os Estados Unidos anexaram as Filipinas e Guam, inaugurando, no ano seguinte, a "política das portas abertas" para a China, deste modo colocando-se frente ao Japão, à Rússia e às potências européias. Em 1905, disputando parcelas do território chinês, a Coréia, algumas ilhas e, de certo modo, com os olhos voltados para o Pacífico, os japoneses e os russos decidiram suas diferenças numa solução que favoreceu o Japão. Enquanto isto, os Estados Unidos transferiam para o futuro a disputa militar pela região e mantinham-se escudados na política das "portas abertas", isto é, ao invés de cobiçarem territórios ocupados por potências européias optavam por controlar os portos fluviais das baías chinesas.

Foi com esta percepção, tudo indica, que Euclides da Cunha, empregando a expressão em voga, alertou para o "perigo amarelo" e registrou que o primeiro confronto se daria entre a Rússia e o Japão. No artigo "Conjeturas" (16), traçou um panorama da política internacional, enfocando o papel da Rússia - de certa maneira retomando o "A Missão da Rússia" - e definindo o império dos tzares como um gigante em declínio. O confronto, dizia, era inevitável. A aliança russo-chinesa contrariava os interesses do Japão na Manchúria e prejudicava o equilíbrio europeu na região, tanto é que originara a "entente cordiale" entre a Inglaterra e a França (17). Porém, mais do que isto, o "Conjeturas" pre

16 - O "Conjeturas" está incluído na Obra Compelta org. por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos, ref. cit.

17 - A "entente" tinha razões mais amplas que, com certeza, Euclides da Cunha não desconheceria.

viu a derrota da Rússia. A matéria, cujo título confere bem com o conteúdo, destaca-se ainda por representar um modelo de jornalismo opinativo, na medida em que se reserva boa parte do levantamento concreto das relações mundiais e traçava perspectivas de evolução.

Aos Estados Unidos, Euclides da Cunha dedicaria o melhor das matérias internacionais e, em geral, partia do enfoque da influência tecnológica e cultural norte-americana para chegar às circunstâncias políticas. À propósito de questões culturais da atualidade, partia para o desempenho dos Estados Unidos no cenário mundial da época, compreendendo que o exemplo de pujança e iniciativa faria mais que sedimentar interesses no exterior, acabando por forjar uma ideologia estrangeira propensa ao mimetismo. É, sem dúvida, um caminho bem mais profundo. Este recurso o jornalista já utilizara na coluna "Dia-a-Dia", de 1892, quando analisou a Feira de Saint-Louis e a imagem norte-americana. Outro procedimento especial nas matérias sobre os Estados Unidos, foi caracterizar a expansão norte-americana como influência econômica e cultural, antes que simples e tradicional ocupação de territórios. Era, pois, sensibilidade na apreensão de um dado novo no jogo mundial de poder. A ascensão dos Estados Unidos representava mais que a entrada de outra nação no rol dos países expansionistas. Era a criação de uma mentalidade favorável àquela nação.

A partir da segunda década do século passado, os norte-americanos inauguraram um novo pacto colonial, conectando os avanços tecnológicos aos mecanismos financeiros e vinculando comércio e finanças - ou seja, a pre

ponderância do capital financeiro (18). Por outro lado, in trodizia uma nova pragmática no comportamento das potências e com ênfase na diplomacia e no controle econômico, tendo entre suas expressões a mencionada "política de portas aber tas" na Ásia. Para a América Latina, os Estados Unidos acres centaram à doutrina Monroe o "corolário Roosevelt", segundo o qual boa parte das disputas entre as nações latino-ameri- canas e as européias, especialmente no referente à dívida ex terna, seriam intermediadas pelos Estados Unidos. Finalmente, à par das intervenções militares na América do Sul, o governo de Washington tentava outros métodos que excluíssem a permanência de tropas nas regiões sob intervenção. Assim, por exemplo, foi concedida autonomia a Cuba pouco depois de subtraí-la à Espanha, mas mantendo naquela ilha sociedades norte-americanas que controlavam a exploração do açúcar e, através da emenda Platt, condicionando a autonomia a um dispositivo da Constituição cubana que permitisse o desembarque de soldados americanos no país sempre que se julgasse necessário "proteger a vida, a propriedade e a liberdade individual".

Euclides da Cunha sabia que os Estados Unidos poderiam a qualquer momento recorrer aos métodos clás sicos do imperialismo. No artigo "Solidariedade Sul-Americana" (19), afirmavam que os norte-americanos alimentavam

18 - Veja a análise em DONGHI, Tullio Halperin, História da América Latina, ref. cit., p. 167

19 - O "Solidariedade Sul-Americana" está incluído na Obra Completa org. por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confron tos, ambas ref. cit.

"planos de absorção, sempre que acontece tratar-se das 'sister republics', curioso eufemismo com que se designa vulgarmente o vasto e apetezido 'res nullius', desatado do Panamá ao Cabo Horn". Era, com certeza, uma referência ao "destino manifesto" que norteava a política exterior dos Estados Unidos desde os inícios do século XIX e que previa a formação de uma vasta república continental com a absorção de territórios vizinhos. O "destino manifesto" empurrara as fronteiras dos Estados Unidos até o Pacífico, com a ocupação do Texas em 1848, e do Caribe após a guerra contra a Espanha. Na segunda metade do século passado cogitara-se da ocupação da Nicarágua para a ulterior abertura de um canal interoceânico. Este espírito, tão frequente nas ideologias expansionistas, formalizara-se já em 1811 no princípio do "non transfer resolution", pelo qual as colônias espanholas na América não poderiam transferir a dependência colonial a outra nação européia quando se libertassem da Espanha. Nos tempos de Euclides da Cunha, a política expansionista norte-americana estava cabalmente estruturada, assentando-se no tripé formado pela tese do almirante Mahan sobre o crescimento do poder naval, por Theodore Roosevelt, ideólogo e executor da expansão, e pelo senador Cabot Lodge, avalizador desta política no Congresso americano.

Após a derrota da Espanha, os Estados Unidos, firmaram-se no Pacífico e no Caribe e acrescentaram a seus projetos mundiais a conexão destas áreas com a abertura de um canal cortando o istmo centro-americano de modo a facilitar a circulação de mercadorias produzidas pela industrialização norte-americana e ensejar acesso ao Extremo

Oriente e ao Havaí. Neste sentido, a eventual intervenção norte-americana na América Central não significava mero ato de ocupação de territórios latino-americanos indiscriminadamente, mas uma solução localizada e imprescritível no jogo internacional. A América do Sul, em sentido dilatado, estaria menos permeável à ocupação territorial.

Foi, provavelmente, com esta convicção que Euclides da Cunha publicou o "O Ideal Americano" (20). no qual comentava o livro homônimo de Theodore Roosevelt. Irônicamente a "covardia paradoxal do colosso", o articulista achava que a intervenção militar dos Estados Unidos na América Latina haveria de se circunscrever ao Caribe, e mesmo a apropriação eventual de parcelas do Colômbia e do Panamá visavam tão-somente a construção do canal interoceânico. Note-se que Euclides da Cunha não justificava a ocupação da menor parcela das nações latino-americanas; está implícito no artigo que procurava obter os limites da possível invasão dos Estados Unidos. Esta conclusão se clarifica quando o articulista aponta a duplicidade do termo "absorção", que tanto poderia ser ocupação territorial como controle indireto exercido por empresas multinacionais ou por ingerência nos governos locais - ambos os recursos, aliás, presentes nas relações cubano-americanas. Meros de duas décadas depois, Alfredo Palácios, José Ingenieros e outros intelectuais latino-americanos definiriam de modo exemplar esta situação. Em 20 - O "O Ideal Americano" encontra-se na Obra Completa org. por Afrânio Coutinho e no Contrastes e confrontos, ambas as referências citadas.

1923, Palácios dizia que "os Estados Unidos realizam uma tarefa de absorção (...) sentem-se impulsionados a crescer". No ano anterior, Ingenieros dizia que "não somos, não que remos ser mais, não poderíamos continuar sendo panamericistas. A famosa Doutrina Monroe, que nos pôde parecer durante um século a garantia de nossa independência política contra o perigo de conquistas européias, gradualmente se revelou como uma reserva do direito norte-americano de proteger-nos e intervir em nossos países"(21).

No "O Ideal Americano", Euclides da Cunha observou que Theodore Roosevelt traçava as "condições imprescindíveis à vida de todos os países". Com isto, por certo, assinalava a força do "corolário Roosevelt" que se manifestava concretamente no seccionamento do Panamá, na formação de uma tropa de elite para intervenção, o corpo de fuzileiros navais, e no envolvimento direto nos problemas advindos da dívida externa da Venezuela. Este último caso, que Euclides da Cunha decerto conhecia, foi um dos momentos decisivos da execução da política externa dos Estados Unidos. Incapaz de pagar a dívida contraída com ingleses e alemães, a Venezuela, em 1902, teve seus portos bloqueados por uma esquadra formada por potências européias. Através da doutrina Drago, a Argentina condenou a intervenção militar em questões de dívida externa. Os Estados Unidos intervieram e acionaram o "corolário Roosevelt", pelo qual, a partir de então, exerceriam pressão para que os governos americanos endividados fizessem reformas econômicas destinadas a pos

21 - Apud, FERREIRA, Oliveiros S., Nossa América: Indoaméri
ca (A Ordem e a Revolução no Pensamento de Haya de La Torre)
São Paulo, Livraria Pioneira Editora e Edusp, 1971, p.221.

sibilitar o pagamento internacional (22).

A América do Sul, portanto, estava sob a vigilância dos Estados Unidos. A partir de meados do século XIX, esta observação era mais estrita na Amazônia, onde, desde 1850, os Estados Unidos desdobravam-se em exigências para a abertura da navegação do rio Amazonas, pleito apoiado, no Brasil, pelo deputado Tavares Bastos (23). Na série "Peru x Bolívia", Euclides da Cunha indicaria dois momentos em que os Estados Unidos estudavam a Amazônia. Referiu-se ao "Map Showing the Lands Granted by Spain to Portugal", feito em 1904 por encomenda do governo norte-americano a Estanislao Zeballes, futuro ministro da Argentina, em plena época das definições fronteiriças entre Brasil, Peru e Bolívia. Historiou os cuidados de Washington, reportando-se a 1852, quando o tenente Lardner Gibbon, da marinha-de-guerra norte-americana, percorreu aquela área e elaborou o mais preciso mapa da época (24).

Os Estados Unidos da época de Theodore Roosevelt entravam com ímpeto no mecanismo de poder mundial. Força e negócios eram, mais do que nunca, os parâmetros da política exterior norte-americana. Roosevelt, encarnando a disposição imperialista do momento, parecia querer cumprir à risca a observação de Tocqueville: "Não seria possível melhor exprimir meu pensamento senão dizendo que os america

22 - DONGHI, Túlio H., ob. cit., p. 169

23 - RODRIGUES, José Honório, Interesse Nacional e Política Externa, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966, p.55.

24 - A série "Peru x Bolívia" será comentada adiante. A referência acima está na reprodução do texto incluído na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho, ob. cit. p. 796/797.

nos dão um toque de heroísmo à sua maneira de fazer o comércio. Será sempre difícil ao comerciante da Europa seguir na mesma corrida seu concorrente da América" (25). No século XX este "heroísmo" nada mais era que a agressividade no clima da concorrência internacional, e, em particular, na defesa dos interesses norte-americanos na América Latina.

Entre os quatro países industrializados que controlavam o comércio mundial, a Inglaterra ocupava o primeiro lugar e os Estados Unidos o último, após a Alemanha e a França. Mas na América Latina, entre 1904/1928, a concorrência norte-americana enfraqueceu a preeminência inglesa, sobretudo com a Iª Guerra Mundial. O tom americanista de Euclides da Cunha, em detrimento da Europa, manifestava mais que uma admiração por esta pujança - era a continuidade de uma longa tradição brasileira que remontava aos inícios do Império. Os Estados Unidos foram o primeiro país a reconhecer a independência do Brasil, em 1824, e um dos grandes beneficiários do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação de 1828. O Brasil manteve neutralidade quanto à guerra civil americana. Mais tarde, dizendo-se de formação lusitana, e não hispânica, a monarquia brasileira silenciou quando os Estados Unidos desencadearam guerra contra o México, e admitiu, sem uma ranhura, a doutrina Monroe. A República reforçou esta afinidade, concretizada pelo tratado de comércio de 1891, que reduziu as tarifas dos produtos norte-americanos importados, e no apoio militar que Washington prestou a

25 - TOCQUEVILLE, Alexis de, A Democracia na América, 2ª ed. Belo Horizonte e São Paulo, Ed. Itatiaia e Edusp, 1977, p.308.

Floriano Peixoto, em 1894 (26). Definindo a conjuntura: "Não é preciso lembraraquí que sempre nos acercamos dos Estados Unidos, à procura de uma posição de equilíbrio entre as demais repúblicas hispano-americanas. A concorrência desta aliança foi sempre reconhecida como um dos fundamentos de nossa política externa e teve seus defensores desde o Marquês de Aracati em 1827, Sérgio Teixeira Macedo em 1848 e Tavares Bastos em 1862. A tese era quase sempre a mesma: a de não nos isolarmos no meio de uma América espanhola, ou a de servirmos de ponto de equilíbrio, entre uns e outros" (27). Um índice desta aproximação com os Estados Unidos é dado pelo crescimento comercial norte-americano no País, o qual pode ser aferido pela sua participação no número de empresas estrangeiras autorizadas a funcionarem no Brasil. Entre 1891/1905, as companhias norte-americanas eram precedidas pelas inglesas, francesas e alemãs; mas em 1914 alcançaram o segundo lugar (28).

Por outro lado, a aguçada sensibilidade geopolítica de Euclides da Cunha, certamente o levou a encarar com desconfiança as rivalidades entre Brasil e Argentina, marcada esta última nação por uma opção européia (29). A inclinação brasileira pelos Estados Unidos encontrou expressão na nomeação do americanista Rio Branco para o Ministério das Relações Exteriores - Rio Branco, aliás, nomeou Eu

26 - VALLA, V., ob. cit., nº 85 ps. 152/154.

27 - RODRIGUES, José Honório, ob. cit., p. 55

28 - VALLA, V., ob. cit., nº 85 p. 160/162.

29 - Como se viu parte dos artigos de Euclides da Cunha ocupava-se da situação brasileira no Prata.

clides da Cunha como chefe da Comissão da Demarcação de Fronteiras, no Alto Purus, quando da definição dos limites entre Brasil e Peru. O traço principal da obra de Rio Branco foi a definição de fronteiras em busca do equilíbrio político no continente, completando-se pela deseuropeização da política externa do Brasil. Ainda que dominada pelo recurso à arbitragem, a ação do ministro já não se pautava pelo cunho jurídico, sobrepujado pelo fator político. Com esta característica, Rio Branco "revira o eixo de nossa diretriz internacional, deseuropeizando-a" (30). Ora, "O Ideal Americano", e amplas referências em mais de um artigo de Euclides da Cunha, pode ser iluminado por esta conjuntura. Mas vigorava o pragmatismo de Euclides da Cunha, que, em carta da mesma época a um amigo, considerava o alinhamento do Brasil com os Estados Unidos ou com a Alemanha, ponderando sobre os frutos desejáveis desta opção e sem demonstrar qualquer filiação de ordem subjetiva (31). Finalmente, tais constatações permitem concluir que, se desde os primeiros anos da Monarquia o Brasil cultivava laços com os Estados Unidos, tais vínculos eram predominantemente políticos; no século XX - e "O Ideal Americano" o testemunha - nascia uma predisposição mais ampla, cultural.

Não admira que o quadro internacional acirrasse o "darwinismo social" de Euclides da Cunha. No "Ideal Americano" considerava uma decorrência natural a absorção

30 - RODRIGUES, J. H. ob. cit., p. 54. Rio Branco fixou mais de dezesseis mil quilômetros de fronteiras sem dar um tiro.

31 - Carta de Euclides da Cunha a Araripe Júnior, de 27 de fevereiro de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., Euclides da Cunha a Seus Amigos, referência citada, p. 86

das nações menos resistentes pelos países mais vigorosos: "A absorção do Marrocos ou do Egito, ou de outra raça incompetente, é antes de tudo um fenômeno natural (...) diante do qual falar-se de Direito é extravagância idêntica à de quem procura discutir ou indagar sobre a moralidade de um terremoto". E era taxativo: "É o darwinismo social rudemente aplicado à vida das nações". Na América Latina a dinâmica, provavelmente, seria exercida por intermédio do controle das economias, ou, em caso de ocupação, pelo assentamento de levas imigratórias. Segundo o articulista, era uma espécie de conquista pacífica, a qual poderia ocorrer no Brasil com a fixação das colônias alemãs e italianas. Qualquer que fosse o mecanismo ou a combinação de procedimentos, a única defesa para a nação visada era o erguimento institucional e cultural, de modo a concorrer com maior competência na "seleção natural" dos povos. O importante era procurar livrar-se da condição de "raça inoperante". Assim, segundo Euclides da Cunha, as críticas de Roosevelt aos latino-americanos seriam úteis para que os países sul-americanos tomassem consciência e eliminassem seus males, os quais eram muitos, conforme o jornalista apontara no "Solidariedade Sul-Americana".

Seria prematuro concluir que Euclides da Cunha propuganava pelo isolacionismo como uma arma defensiva contra a influência estrangeira. Naquelas circunstâncias seria, no mínimo, um equívoco juvenil. Não haveria como manter-se alheio às conquistas da civilização. Ao contrário, argumentava o articulista no "O Ideal Americano", dever-se-ia estar atento à vida norte-americana, que tantos frutos apresentava ao mundo. Mas - e este era um dos pontos capi

tais do pensamento de Euclides da Cunha - sem copiá-la "numa quase agitação reflexa, com o cérebro interte". Euclides da Cunha tocava no ponto crucial para as nações que aspirassem a uma personalidade no mundo da época, situando-se no diálogo tecnológico e cultural sem perder as características próprias. O exemplo japonês na passagem do século é, talvez, o mais claro desta difícil conjunção.

Os olhos de Euclides da Cunha estavam, porém, voltados para o continente americano. No artigo "Temores Vãos" (32), tinha por certo que sobre a América do sul pairava menos a ameaça de ocupação militar de territórios - a despeito de Porto Rico e do Panamá - que o peso das influências e intervenções indiretas. Os latino-americanos, dizia, deveriam temer menos o imperialismo dos bárbaros que o da civilização. O perigo não seria a guerra, "uma conquista de territórios ou a expansão geográfica a custado esmagamento de nacionalidades fracas". Nem esta era a pragmática do Estados Unidos, continuou, os quais tomaram as Filipinas da Espanha para em seguida conceder-lhes a independência. O perigo revelava-se "numa esfera superior", econômica e moral. A forte presença dos Estados Unidos era acompanhada das "mais belas conquistas morais do nosso tempo, em que a inviolabilidade dos direitos se ajusta cada vez mais ao respeito crescente da liberdade humana". Trata-se, portanto, de uma reflexão de Euclides da Cunha sobre o processo de mundialização, do qual, aparentemente, nenhum país poderia escapar. Neste sentido, o "Temores Vãos" faz eco ao "Nativismo Provisório", antes mencionado, e ambos os arti

32 - O "Temores Vãos" encontra-se na Obra Completa orga por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos, ref. cit.

gos demandam uma confluência justa que permita a coexistência entre os valores universais do século XX e as características locais.

Este raciocínio poderia levar à questão da hegemonia exercida por uma nação ou conjunto de nações na convivência mundial. Entretanto, para Euclides da Cunha esta questão, aparentemente, não era relevante, pois, tratava-se de compartilhar os frutos positivos da cultura mundial, admitidos criticamente segundo as características singulares das nações. A hegemonia não discrimina entre os frutos doces e os amargos. Precisamente por tomar a referência dos Estados Unidos - e não apesar dela, como apressadamente se poderia crer - Euclides da Cunha tinha sob a vista as categorias da civilização no século XX que representavam o amadurecimento dos povos. Os Estados Unidos eram, então, protótipo do avanço das instituições democráticas e republicanas e representantes do industrialismo mais criativo. Enfim, depositários do progresso que fascinava Euclides da Cunha e os homens da época. Reportando-se à coluna "Dia-a-Dia", vê-se que no artigo de 15 de maio de 1892 Euclides da Cunha denunciava a Europa militarista, de "fronteiras ericadas de canhões" onde a consciência moderna vivia "num perene estado de sítio". A América, ao invés, dizia o texto de 1892, estava predestinada à realização dos ideais abandonados pelas nações européias.

Os povos latino-americanos, corrigidas as distorções estruturais, poderiam participar dos avanços da vida internacional. O "Temores Vãos" denunciou as limitações dos países sul-americanos na convivência mundial e as

sinalou as deformações institucionais, de modo a permitir a conclusão de que Euclides da Cunha não ignorava que, existindo a dependência externa, existem também os embargos internos, tão ou mais formidáveis que aquela (33). No Brasil dizia, a república tomara rumos perniciosos, de tal sorte que o perigo maior situava-se dentro das próprias fronteiras. O cerne da distorção brasileira estava num dos suportes do republicanismo, "num federalismo incompreendido, que é o rompimento da solidariedade nacional", daí advindo combinações políticas de verdadeiros "estados naturais" e um código incapaz de sistematizar as condições de progresso. Multiplicavam-se as mazelas, desde o esquecimento das tradições nacionais até o afrouxamento de uma opinião pública inapta para corrigir os que a afrontavam. A economia, trágica, debatia-se no divórcio entre as riquezas naturais e o desfalecimento das virtudes do trabalho. Se a crise era de "adaptação repentina a um sistema de governo", as fórmulas republicanas somente a superariam se a moral prevalecesse sobre a política.

No artigo "Solidariedade Sul Americana", Euclides da Cunha estendeu a mesma observação a todos os países da América Latina, desmoralizados e em perpétuas rivalidades regionais. A América do Sul só poderia se impor quando "robustecida pela fraternidade republicana". Em nada surpreendiam certos conceitos que o mundo nutria pelas nações latino-americanas - "e que conceitos..." - diante dos absurdos cometidos pelos governos. Denunciando a "extravagante e

33 - É o mesmo quadro que a América Latina apresenta no final do século XX: "20 Estados soberanos, abalados por revoluções, pronunciamentos, golpes de Estado, regimes castrenses..."

FERREIRA, O. S., ob. cit. p.9.

crudelíssima guerrilha de descrédito" espalhada por li
vros e revistas estrangeiras, e afirmando que era nece
sário "anular estes conceitos lastimáveis, que às vezes
nos marcam situações bem pouco lisonjeiras"; admitia, con-
tudo, que tais imagens tinham base real. Ponderava que o
comportamento latino-americano pautava-se pelo "triunfo das
mediocridades" e pela "preferência dos atributos inferio
res", lado a lado com o "exagerado mundo" e a "subserviên-
cia revoltante". Nestas circunstâncias, acrescentava Eucli
des da Cunha, assistia-se uma "seleção natural invertida: a
sobrevivência dos menos aptos". E concluía: "Imaginaí o
darwinismo social pelo avesso aplicado à história...". Es
tes temas apontados por Euclides da Cunha formam quase uma
tradição entre estudiosos brasileiros, que incluem, entre
outros nomes ilustres, os de Gilberto Freyre, Raimundo Fao
ro, José Honório Rodrigues. Mas talvez ainda não tenha si
do suficientemente enfatizada a admissão dos "pecados" que
os países latino-americanos cometem contra si mesmos. Se
ria desejável que a difundida "teoria da dependência" não
acabasse por, involuntariamente, ocultar os embaraços in
ternos das nações. Neste sentido, a moderna literatura la
tino-americana é mais corajosa e lúcida, como o demonstram,
entre tantos outros, escritores como Gabriel Garcia-Márquez,
Alejo Carpentier, Carlos Fuentes, Octávio Paz, Mario Var
gas Llosa.

Sem comunicabilidade, como poderia haver so-
lidariedade? Esta é a pergunta que o leitor de Euclides
da Cunha poderia fazer hoje. É isto que ocupa os estudio
sos da América Latina - "Esse isolamento a que a grande mas

sa do povo foi condenada determinou o aparecimento de dois tipos distintos de solidariedades segmentares - um, a solidariedade dos que se sentiam quechuas, aymaras, e aztecas, mas não se podiam organizar para como tal apresentar-se no contato com o branco dominador; outro, a dos que se sabiam brancos e nas diversas e múltiplas formas de organização sócio-política (...) conseguiam expressar sua posição política e seu desejo de transformá-la" (34).

À este quadro juntava-se a disputa armada e diplomática pela borracha amazônica, igualmente cobiçada pelos Estados Unidos, e envolvendo diretamente o Brasil, o Peru e a Bolívia. O tema era candente e Euclides da Cunha publicou uma série de oito artigos a respeito do confronto entre peruanos e bolivianos. Saíram em 1907, no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, e posteriormente foram editados em livro com o título "Peru x Bolívia" (35). O assunto era delicado para o Brasil, ainda ressentido pelos embates na demarcação de fronteiras com o Peru e que definiram a criação do Acre. O confronto entre Peru e Bolívia colocava em risco a região que se estende entre os rios Madeira e Javari e que Euclides da Cunha conhecia bem, pois lá estivera como chefe da Comissão de Demarcação de Limites do Ministério do Exterior.

No plano internacional, a Amazônia ganhara evidências graças à exploração da borracha. Com estes cuidados, os Estados Unidos acompanhavam de perto os acon-

34 - FERREIRA, O. S., ob. cit., p. 33 Os três primeiros capítulos da primeira parte desta obra são dedicados à questão da comunicabilidade na América Latina.

35 - A série completa está na Obra Completa org. por Afrânio Coutinho, referência citada.

tecimentos e mapeavam o território em litígio. Por outro lado, era inquestionável a importância do rio Amazonas, que conectava ao Atlântico os rincões da selva amazônica e os Andes orientais. Os atritos entre peruanos e bolivianos caracterizavam um conflito regional inserido na dinâmica internacional. Não poderia ser diferente, uma vez que o látex amazônico era indispensável à indústria nascente do automobilismo, até ser deslocado pela borracha do Oriente. A concorrência entre Peru e Bolívia era antiga e já se manifestara na guerra de 1879, envolvendo um terceiro vizinho, o Chile. Na segunda metade do século XIX, o Peru procurava substituir a exploração do guano pelo salitre das minas do sul, localizadas no deserto de Iquique, deste modo conflitando com interesses chilenos e bolivianos. Temeroso de que uma aliança Chile e Bolívia lhe arrebatasse as minas de salitre e os portos, o governo peruano iniciou a guerra de 1879 e foi derrotado. A ascensão da borracha e de sua variedade menos rica, o caucho, reascendeu a rivalidade do Peru, que acabara de firmar os limites amazônicos com o Brasil.

Euclides da Cunha iniciou a série "Peru x Bolívia" descrevendo a magnitude da área em litígio. Informava ao leitor que, mais que uma rusga de demarcação de limites, a disputa abarcava um território imenso. Era necessário transmitir o impacto do tamanho da zona litigiosa para esclarecer ao leitor sobre uma região apenas genericamente conhecida, perdida nos confins da selva, sequer mapeada. A área que o tratado de 31 de dezembro de 1902 submettera à arbitragem da Argentina "envolve a maior superfície ter

ritorial que ainda se discutiu entre dois Estados", esclarecia o jornalista. Ultrapassava "as superfícies de nossos Estados de Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo", equivalendo a "um terço da Espanha e toda a França (...) o triplo do Uruguai (...) 25 Bêlgicas". Absolutamente, não era apenas uma região vasta, mas uma área geopolítica importante, uma "base física capaz de por si só conter uma enorme nacionalidade". E, "nos seus recessos (...) se efetuam nesses dias um incomparável povoamento intensivo" atraído pela "flora geradora da matéria prima entre todas mais crescentemente exigida pela indústria moderna". Definidos o tamanho da área e a importância do povoamento que pouco a pouco ali se formava, distante da opinião pública e da própria ação do Estado, e a relevância da borracha para a indústria, o articulista concluía pela significação da rivalidade "à economia geral, à política, e até à civilização de todo o continente".

Aos brasileiros, o conflito entre Peru e Bolívia era crucial, uma vez que na zona controvertida estava encravado o Acre, "única circunscrição definida e segura na espessa penumbra geográfica onde em todos os sentidos as fronteiras se diluem". Considerando os recentes litígios fronteiriços entre Brasil e Peru, uma eventual decisão favorável a este último reascenderia a ameaça que pairava nas terras que medeiam o Madeira e o Javari. A prevalecer uma decisão em prol do Peru, recomeçariam os embates entre brasileiros e peruanos, que poucos anos atrás tinham levado às portas do conflito armado entre os dois governos. Euclides da Cunha, tratara do assunto nos artigos "Conflito

Inevitável" e "Contrastes e Confrontos" (36). Era uma contestação antiga que o tratado de 23 de outubro de 1851, entre a República do Peru e o Império do Brasil, não solucionara - ao invés, unira as duas nações "na missão de frustrar todas as tentativas de relações comerciais" ensejadas pelo rio Amazonas. Na época monárquica, o próprio Brasil incrementara o expansionismo peruano na região, na medida em que o tratado de 1851 concedera aos peruanos enormes vantagens, entre as quais dois terços do Equador. A partir de então, o "prolongamento natural" do Peru visava estender-se pelas cabeceiras do Juruá e do Purus, percorrendo as "trilhas tortuosas e fugitivas dos 'caucheiros'". Euclides da Cunha publicara esta denúncia em 1904, no artigo "Contra os Caucheiros" (37). De forma que, no "Peru x Bolívia" o jornalista concluía, explicitamente, que "o nosso interesse é manifesto": o quadrilátero contestado "novamente ameaça, pressuposta uma solução favorável ao Peru".

Tendo em vista o estado das relações internacionais, um conflito desta natureza resultava no maior enfraquecimento das nações latino-americanas no conjunto da dinâmica mundial. Subsistindo a reivindicação peruana, a massa constituída pelo território litigioso "avassalaria o bloco continental", dada a magnitude espacial e econômica. A longo termo, na visão estrutural de Euclides da Cu

36 - Ambos constam na Obra Completa organizada por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos - esta última coletânea tomou o nome do segundo artigo em questão - ref. cit.

37 - O artigo já visto anteriormente. Encontra-se na Obra Completa org. por Afrânio Coutinho e no Contrastes e Confrontos, ref. cit.

nha, o primeiro efeito seria o abalo desferido contra as nacionalidades em formação, as quais expandiram-se num processo histórico "que foi o da organização de suas próprias nacionalidades". Uma decisão favorável à incorporação da aquele território ao Peru seria "flagrantemente violador de toda a continuidade histórica" e um golpe nas soluções modernas exigidas pelas "fórmulas mais liberais do direito atual entre as nações" (38).

No caso, entretanto, a nacionalidade referida pelo jornalista não se circunscrevia aos brasileiros. Cresce, pois, aos olhos do leitor a amplitude da categoria para Euclides da Cunha, uma vez que usava a mesma peça-chave para os vizinhos latino-americanos; também para eles, a afirmação nacional - então continental - repousava na formação nacional de seus povos. Em Euclides da Cunha a nacionalidade adquiria uma vocação universal. É certo que tal generalização já constava; mas no plano teórico, na instância categorial. Neste artigo, foi pela primeira vez aplicada. O que mais uma vez corrobora afirmação antes reiterada: a nacionalidade, para Euclides da Cunha, nada tinha a ver com xenofobia. A Bolívia, de modo particular, formara a sua nacionalidade, a qual, "embora intentem transmudá-la em Polônia sul-americana criou, construiu um destino mais elevado".

38 - Não seria indagar da "moralidade de um terremoto"?

Mas veja como a nacionalidade era a pedra de toque - até num tema habitualmente abordado como relação entre Estados, Euclides da Cunha não deixava de apoiá-lo na amplitude da nacionalidade estendida aos rincões amazônicos.

Também lá a nacionalidade constituíra-se nos sertões distanciados de centros urbanos tíbios. No conjunto das nações americanas, a Bolívia apresentava uma formação ímpar. Nasceria da Audiência e Chancelaria Real de la Plata, ou Audiência de Charcas, e, longe das influências mornas dos hispânicos do litoral, incrustara-se para além das montanhas, permitindo que entre ela e Lima prevalecessem os embaraços da cordilheira. Preservou-se ali, entre os "paredões das cordilheiras ásperos, abrutos, não raro impraticáveis". Na frase concisa que lhe era característica, o jornalista definiu decisivo: "A Bolívia é uma criação dos Andes".

A população que lá se assentara mantinha-se isolada, de certo modo marginal e distinta das demais áreas hispânicas, sem vínculos maiores com os imponentes vice-reinados "que a ladeavam, mas não a comprimiam". Na opinião de Euclides da Cunha, os bolivianos eram frutos de um "caldeamento de sangue de outras gentes e equilíbrio de seus elementos constituintes". A mistura destes "elementos constituintes" formara o cerne da nacionalidade boliviana: "mestiços destemerosos fundaram a rude nobiliarquia de um verdadeiro marquesado, nas fronteiras". Estabelecera-se ali uma nacionalidade edificada e protegida pelo "cordão sanitário" das cordilheiras, imenso "aparelho seletivo" que para ser transposto requeria "atributos excepcionais", embora avizinhasse "o melhor das gentes forasteiras e o aborígene", originando, numa espécie de "darwinismo social" na colônia, uma "gente nova, mais robusta, mais estável, equilibrando-se ao meio".

Ainda no século XVIII, com a intenção de defender o flanco do império na América, a Espanha concedera àquelas populações carta branca para agir nas proximidades das "raias lusitanas"; total liberdade, que incluía poderes para alterar até a legislação vigente. A futura Bolívia estava "raiano pela independência política, um governo audiencial, cujas resoluções, sobranceiras às do governo geral do Prata, se conjugavam de tal modo, diretamente, com as do próprio rei". Nos ermos da cordilheira e nos rincões da selva penetravam os povoadores daquele território e, ao desvendarem e ocuparem defrontavam-se com a gente da América portuguesa que paulatinamente chegavam mais ao sul. A população se forjava diante da selva e do adversário, a metrópole "armara-a para bater, a um tempo, a invasão e o deserto". A Bolívia "refinou seus atributos nativos; chegou a independência administrativa antes de chegar à república". O povo, temperado nestas circunstâncias naturais, sustentara a guerra da independência em seus momentos mais difíceis, pois "vinha de uma tremenda escola de batalhas". Não surpreende, dizia Euclides da Cunha, "que no desdobramento do período revolucionário, de 1809-1823, a Bolívia centralizasse por vezes as esperanças hispano-americanas".

A disputa na Amazônia armada na passagem do século colocava em perigo o próprio equilíbrio continental e punha por terra as expectativas de uma solidariedade entre as repúblicas da América Latina. Fera, por outro lado, o que poderia haver de moderno na América do Sul, uma vez que, ignorando o desenrolar histórico e a possibilidade de encarar o futuro, a pendência peruana apoiava-se em

antigas cédulas coloniais. Traçva-se o futuro do continente sobre o espectro do passado: "renasce, e ressuscita, e desenlapa-se, incoercível, intangível, impalpável, a espantar, intermitentemente, a política sul-americana, com suas estranhas visagens de recalcitrante espectro colonial".

As expectativas da construção de uma América atualizada no século que se inugurava, enfrentavam o desdém pelas "fórmulas mais liberais" do direito das nações. O Peru, a "república sonhadora do Pacífico", abandona seus compromissos e "volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia ", recorrendo às "fantasmagorias do Vice-Reinado". O próprio volume documental sobre o qual o Peru apoiava-se para sustentar suas reivindicações era antigo ou produzido por funcionários governamentais, não merecendo, pois, credibilidade histórica ou geográfica acerca da região ignota e assinalada desde os tempos coloniais, como "tierras no descubiertas". Mapas de cartógrafos caprichosos desenhavam linhas fantasiosas, numa demarcação errada, "geométrica, astronômica, geográfica, política, jurídica e historicamente erradas". Cartas que tinham por referenciais os núcleos indígenas, "os mais erradios dos selvagens, vagueando ao mesmo tempo pelas selvas e pelos mapas". Estes cartógrafos, dizia Euclides da Cunha, faziam o percurso inverso do Gênese, partiam da criação para o caos. Havia um facto - o desconhecimento da área em questão ainda no século XX: zona na qual "encrava-se a massa continental, ignota, impérvia e misteriosa, velada quase até os nossos dias, em toda a área que se alarga entre o médio Madeira e o Javari".

Segundo Euclides da Cunha, a vocação expansionista do Peru encontrava sua expressão no mapa oficial da Amazônia peruana utilizado pelo governo de Lima. O articulista comentou o "Mapa de La Región del Amazonas peruano, mandado trazar por la Sociedad Geografica de Lima". Comentou as pretensões do governo peruano sobre amplo território brasileiro, cujas fronteiras comuns tinham sido há pouco tempo demarcadas pelos dois países sob um clima tenso que, até mesmo, sugerira a presença militar. Os termos usados pelo articulista foram claros e não deixaram dúvidas sobre sua opinião a respeito das pretensões peruanas. O limite estabelecido pelo mapa da Sociedade Geográfica limenha "separa, ditatorialmente, num garboso rasgo imperialista de tiralinhas napoleônico, mais de 500 estâncias brasileiras, do resto do país, entre elas algumas vilas, Antimari, São Felipe, Cruzeiro do Sul, e uma cidade inteira, Lábrea". Os cartógrafos peruanos, "no aforrado anelo de se apossarem de domínios tão ricos", esboçam as futuras barreiras que abrigam terras desenhadas no mapa "com uma tremenda aquarela de carmim vivíssimo, e fortes tons sanguíneos, tragicamente sugestivos..." Completava: "A elástica fronteira assim se estica, hoje, nas regiões exuberantes da borracha".

Também os Estados Unidos observavam cuidadosamente aquele território. Embora sem assinalar os interesses norte-americanos, Euclides da Cunha citou os levantamentos feitos pelo governo de Washington desde meados do século XIX, considerando-os o melhor produto cartográfico da época sobre a Amazônia. Em 1853, deu-se a já referida exploração empreendida pelo tenente Lardner Gibbon, da mari

nha-de-guerra americana, que percorreu a região "estudando as terras, conversando as gentes". Gibbon partiu de La Paz para Oruro, infletindo para Cochabamba, descendo os rios até o Marmoré, e depois indo para o Amazonas. O mapa que produziu desta área ampla foi feito à base de observações "tão cuidadosas que lhe permitiram, além da planta, traçar os vários perfis do imenso território". Euclides da Cunha não deixou passar que a finalidade de Gibbon era de cunho oficial e militar: "a responsabilidade do geógrafo, mas também a do militar, a quem se deferira o encargo de estudar um país novo, e apresentar, oficialmente, um relatório ao Governo de Washington". O produto da missão do tenente Gibbon, acrescentava o jornalista, era uma peça pela qual o governo norte-americano "se guiaria em todas as suas relações" com a república da Bolívia.

Mas os interesses norte-americanos não se tinham perdido no tempo. Em 1904, os Estados Unidos obtiveram outro mapa da região fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru, desta vez elaborado, a pedido de Washington, por Estanislao Zeballos, "atual ministro das Relações Exteriores da Argentina". Zeballos, preparou nos Estados Unidos "um mapa dos territórios adquiridos pelo Brasil", no qual a zona disputada pelo Peru e pela Bolívia estava incluída no interior das fronteiras bolivianas. O que se pode concluir das informações de Euclides da Cunha é que os Estados Unidos - e provavelmente outras potências - mantinham, há décadas, os olhos na região amazônica, fosse em declaradas missões oficiais de levantamento, fosse por encomendas, como a de Zeballos, fosse por viajantes. O conflito entre Pe

ru e Bolívia possuía, assim, um significado maior no jogo das potências, e com certeza nos planos internacionais dos Estados Unidos. Tal significado tenderia a ampliar-se com o crescimento da produção da borracha amazônica.

A disputa entre as duas nações vizinhas foi um assunto importante no jornalismo internacional de Euclides da Cunha. A série "Peru x Bolívia" demonstra a preparação do articulista para deter-se em análise profunda. Embora pesados, de leitura difícil para o leitor comum, os artigos da série mostram um jornalista que soube encaminhar uma investigação ampla do tema e expô-lo numa síntese compreensível. As dificuldades com a leitura da matéria são as dificuldades do próprio assunto. A fim de dimensionar da melhor forma possível o evento, Euclides da Cunha optou por uma análise histórico-jurídica do evento, a mais indicada para a natureza do objeto em questão. Mas estava ciente de que dispensava um tratamento jornalístico aos acontecimentos, pois assinalou que se preocupava em preparar os artigos com o fito de surpreender os fatos em sua celeridade. Disse ele à propósito do "Peru x Bolívia": "Estes artigos têm a valia da própria celeridade com que se escreveram. São páginas em flagrante".

CONCLUSÃO

"Eu sistematizo a dúvida."

(Reportagem de Canudos, 23.8.1897)

Euclides da Cunha produziu uma obra complexa e exerceu tantas atividades distintas que só pode ser compreendido na visão do conjunto. Uma tecitura de elementos recorrentes, na qual, mesmo privilegiado um dos componentes, os demais se solicitam. Contudo, o brilho de "Os Sertões" obscurece esta diversidade. Por isto, se as diferentes áreas pelas quais passou Euclides da Cunha não podem ser separadas no plano existencial do homem, podem e devem ser iluminadas uma a uma, sempre que relevantes, precisamente para serem resgatadas do fulgor a que a obra máxima condena. É o caso do jornalismo, que em larga escala tem uma relação decisiva com "Os Sertões" (1).

O jornalismo, entretanto, não foi na obra de Euclides da Cunha uma simples contribuição. O próprio "livro vingador" é concepção e resultado das lides do repórter no sertão alvoroçado pela guerra sertaneja, mesmo porque, além do material colhido pelo jornalista, muitas de suas páginas foram reescritas de textos primordialmente publicados como reportagens de guerra. E ainda, a confirmar a imbricação, Euclides da Cunha partiu para o sertão em guerra a fim de colher material para um livro que projetava a respeito da rebelião conselheirista e que pensava chamar "A Nossa Vendéia" (2). A experiência no alto sertão ba

1 - Um biógrafo fala em atividades isoladas "como riachos pobres a formarem um Paraíba grosso" - ANDRADE, O. de S., ob. cit. p. 294.

2 - Às vésperas da partida de Euclides da Cunha para a Bahia, o "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, noticiava que o jornalista estava preparando um livro chamado "A Nossa Vendéia" - in GALVÃO, W.N., ob. cit. p. 339.

hiano permitiu que Euclides da Cunha modificasse algumas idéias a respeito do conflito, e já expostas em dois artigos também chamados "A Nossa Vendéia", e ensejou a elaboração de "Os Sertões", menos que "vendeano", um "livro vingador".

Não raro os bons repórteres ampliam e aprofundam uma matéria jornalística de modo a transformá-la numa obra extensa, de maior fôlego, que pode permanecer nos limites da grande reportagem ou se incorporar entre trabalhos de diferentes campos. O livro "Os Sertões", claro está, não é um texto jornalístico, mas também não dispõe da mesma flexibilidade conceitual das matérias publicadas por Euclides da Cunha nas colunas dos jornais. Nasceu, porém, da atividade jornalística e a ela retornou, uma vez que permitiu ampliar, através da imprensa periódica, muito da temática abordada pelo livro. É o que comprovam "As Secas do Norte", "Planos de Uma Cruzada", entre outros artigos, muito particularmente o "Excertos de Um Livro Inédito" (3).

Em Euclides da Cunha a tecitura de atividades é tão fina que requer, de maneira indireta, a inclusão do ofício de engenheiro para melhor se conhecer o trabalho do escritor e do jornalista. As intermináveis viagens que o engenheiro fazia a serviço do governo pelo interior permitiam observações que aumentaram o conhecimento de Euclides da Cunha acerca da terra e do povo, confirmando ou negando noções pré adquiridas, e resultaram em registros postos

3 - Vide, por exemplo, o cotejo feito por Olímpio de S. Andrade entre o "Excertos de Um Livro Inédito" e "Os Sertões" ob cit. p. 183/193.

riores transpostos para as matérias jornalísticas. São, em especial, os artigos acerca do interior de São Paulo e das matérias voltadas para a questão dos transportes. Decerto cabe assinalar ainda que graças à engenharia Euclides da Cunha encontrou em São José do Rio Pardo a tranquilidade necessária para escrever "Os Sertões", estudando, meditando e, principalmente, compartilhando de um grupo de amigos que não só ouviu pela primeira vez a leitura do livro, como também opinou e deu informações (4).

O jornalismo acabou por se mostrar como a atividade nuclear no conjunto da produção de Euclides da Cunha. E nada tinha de diletante. Manifesta o caráter profissional a própria relação entre o jornalista, o leitor e a empresa. Os estudiosos do jornalismo indicam quatro núcleos no processo da transmissão (e valoração) da notícia: empresa, jornalista, colaborador e leitor (5). Na análise de Euclides da Cunha pode-se identificar um tripé jornalístico, pois, sendo a perspectiva do lado do jornalista, não cabe a figura do colaborador. E é nas reportagens de Canudos que a relação entre os três elementos aparece com maior nitidez, uma vez que o atropelo da guerra não resguarda sofisticções. A convivência entre os três componentes é verificada não só no jornalismo opinativo, mas também na reportagem. O jornalista carece de autonomia absoluta na transmissão dos fatos e das idéias, relacionando-se de mo

4 - Os biógrafos de Euclides da Cunha estão de acordo quanto à importância desta convivência em São José do Rio Pardo, tanto para a cultura pessoal do escritor quanto para a elaboração de "Os Sertões".

5 - MELO, José Marques de, A Opinião no Jornalismo Brasileiro, referência citada p. 78.

do dinâmico e geralmente tenso com as orientações da empresa e com a opinião pública, exercendo cada qual peso diferente de acordo com as circunstâncias e com o fato transmitido. São variáveis dadas pelo momento histórico, pelo prestígio de um ou de outro dos elementos, pelas influências políticas e econômicas e assim por diante, de sorte que o equilíbrio no trinômio é situação rara e por tempo demasiado breve. As rupturas constituem a norma, somente violada quando a imprensa é submetida à força estatal. Existe, porém, entre os três elementos uma proximidade suficiente pautada por avanços e recuos de cada um deles, dependendo do jornal e do jornalista e do leitor, representado, inclusive, pelo "ombudsman". Em casos extremos poderá haver até a pressão da agressão física, prática habitual nos tempos de Euclides da Cunha, quando se empastelavam ou se queimavam jornais e jornalistas eram assassinados.

Em circunstâncias relativamente moderadas, pode-se esperar o diálogo entre os fatores jornalista, leitor e jornal. Ora, não era a situação em que se encontrava Euclides da Cunha na frente da batalha de Canudos. Alí estava ilhado, distanciado do mundo exterior pelo cerco rigoroso da guerra, sem possibilidade de abalizar a opinião pública e de entender-se com o jornal. O correspondente provava suas concepções no próprio desenrolar da guerra, imerso em batalhas infindáveis, avassalado por fatos que não previra, diante de informações inverificáveis. O contato com o mundo exterior - unilateral, sem resposta - resumia-se no telégrafo de Monte Santo. O material jornalístico que despachava estava inteiramente entregue às opções do

jornal, e isto no clima de uma guerra incerta e polêmica e no transcorrer de um momento delicado para os rumos da política nacional e nas relações exteriores do Brasil. As matérias dos enviados especiais em Canudos eram publicadas com grande intervalo entre a data de despacho e a de publicação. As de Euclides da Cunha, de modo geral, variavam entre sete e vinte dias. Este descompasso era normal, principalmente se considerada a tecnologia da comunicação na época, cuja expressão mais moderna era o telégrafo (ademais congestionado em Monte Santo). Estranha, entretanto, que a reportagem de dez de setembro somente foi publicada em onze de outubro, quando Canudos já há muito fôra destruída, enquanto que a matéria de 1º de outubro saiu no dia 25 do mesmo mês, ainda que Euclides da Cunha estivesse de volta a São Paulo no dia 21 (6).

Nas relações entre o jornalista e o jornal, verifica-se que "O Estado de São Paulo" limitava-se a transcrever as reportagens e os telegramas de Euclides da Cunha, evitando emitir qualquer opinião editorial sobre a natureza política do conflito. Aparentemente, evitava-se o comentário sobre uma guerra que ninguém compreendia e cujas implicações eram de delicadeza extrema. Optava-se por táticas evasivas, como na edição de dez de setembro, que publicou uma carta de Moreira César, enquanto que o editorial do mesmo dia comentava a aliança franco-russa e o do dia seguinte era sobre "A Paz no Uruguai". Entretanto, não se pode pensar em desinteresse pelos eventos do sertão, tanto

6 - Este levantamento de datas foi feito por Olímpio de S. Andrade, ob. cit., p. 120.

que para lá fôra enviado Euclides da Cunha. É possível que o jornal estivesse prisioneiro da "opinião geral" ou atado por pressões militares. De qualquer modo, "O Estado de São Paulo" sempre manteve uma posição objetiva quanto ao confronto do sertão bahiano, não esposando em momento algum a tese de conspiração monarquista, e assim convergindo sua posição com a do correspondente. Esta atitude está bem expressa no referir-se às tropas governamentais: ao invés de falar em "forças republicanas", empregava o "soldados brasileiros" (7).

A posição do jornalista assemelhava-se à do jornal. Desde que escreveu os dois artigos "A Nossa Vendéia" e até o fim, Euclides da Cunha não desfez o "mistério" de Canudos. Era compreensível. Tudo perplexidade; difícil compreender como o exército nacional acabou sofrendo 1/3 de baixas de seu efetivo na luta contra os conselheiristas (8) e como os soldados fraquejavam diante dos combates.(9).

7 - Esta posição de "O Estado de São Paulo" é comentada por Olímpio de S. Andrade, ob. cit., ps. 105 e 125.

8 - Foram perto de cinco mil baixas num contingente de mais ou menos quatorze mil homens - ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de, "Uma Genealogia de Euclides da Cunha", in VELHO, Gilberto, Arte e Sociedade (Ensaios de Sociologia da Arte), Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1977, p. 120.

9 - Euclides da Cunha já se apercebera de episódios de timidez: "O que me impressiona não são as derrotas - são as derrotas sem combate - em que o chão fica vazio de mortos e o exército se transforma num bando de fugidos! Nunca supus que fossemos passíveis de desastre desta ordem!Nunca!" -Carta de Euclides da Cunha a João Luis Alves, São Paulo, 1º de abril de 1897, in Revista do Livro, ano IV, nº 15, ref. cit. p. 97.

Não se compreendera ainda que uma população se levantava e reivindicava sua presença na vida nacional. Só em "Os Sertões" o escritor pôde ser mais incisivo. Vários são os mesmos fatos transmitidos diferentemente pelas matérias jornalísticas e pelo "livro vingador". Basta, aqui, apontar a descrição dos soldados em Salvador, sem denunciá-los nas reportagens com a mesma contundência de "Os Sertões", onde são comparados aos cossacos arrogantes em ruas de Varsóvia (10). Certamente o repórter não poderia conhecer a multiplicidade de acontecimentos perdidos na balbúrdia da guerra, como, por exemplo, o caso de uma menina de doze anos violentada por um soldado e noticiado pelo "Comércio de São Paulo" (11). Faltava-lhe a perspectiva de análise, somente possível com as reflexões para a redação de "Os Sertões". Ou, ainda, é possível que guardasse material para uso ulterior mais seguro.

Apesar da perplexidade da guerra e dos embargos da frente de combate, Euclides da Cunha foi um repórter veraze objetivo, qualidades mais salientadas em comparação ao noticiário tendenciosos, e mesmo mentiroso, que habitualmente circulava sobre a guerra no sertão (12). Euclides da Cunha sabia desta sistemática e denunciou as mentiras, assinalando concretamente o caso do cabo Roque (13).

10 - Vide a denúncia no capítulo VI de "Os Sertões".

- Outras discrepâncias entre as reportagens e "Os Sertões" são mencionadas in ANDRADE, O. de S., ob. cit. p. 306/310.

11 - GALVÃO, W.N. ob. cit. p. 498.

12 - Idem. A primeira parte da obra comenta a tendenciosidade da imprensa na época sobre a guerra de Canudos.

13 - Vide "Narrativas Heróicas", no "Os Sertões", ref. indicada, p. 323 ss.

Na frente de batalha, enfim, tolhia-o, decerto, a censura militar, entidade muito real que já cassara as credenciais do repórter Manuel Benício, veterano correspondente de guerra, que fazia a cobertura para o "Jornal do Comércio" (14).

O profissionalismo de Euclides da Cunha jornalista destaca-se em muitos outros pontos. Todas as suas matérias primam pelo esforço em conhecer a substância do evento noticiado, em tentar apreender o que seria a verdade das coisas. A dimensão social e política dos temas tratados levava o jornalista a uma pesquisa meticulosa, mormente nos assuntos mais delicados, tais como os relativos à imigração estrangeira ou à relação entre transportes e latifúndio cafeeiro. Graças à propensão em buscar a natureza do fato, conseguiu resultados de alta qualidade profissional. Digno de registro foi o sucesso em romper com o comunicado oficial em Canudos. Ainda em Salvador, não só denunciou publicamente a suspeição das fontes, como passou da crítica às primeiras expedições do governo para um balanço questionador da quarta expedição, aquela que atuava no momento e que, portanto, era a mais suscetível.

A inserção do evento nas circunstâncias que o geram e as implicações que abriga constituem a alma da grande reportagem e da matéria opinativa. Mais que o "furo de reportagem", esta é a marca que confere valor ao jornalismo moderno, mas já encontrada em Euclides da Cunha, um repórter sempre em perseguição do ângulo desprezado, do testemunho elucidativo, do documento que comprova. Em Canu

14 - GALVÃO, W.N., ob. cit., p. 110.

dos forneceu aos leitores dados que os demais correspondentes desdenhavam. Entrevistou prisioneiros, descreveu o arraial a partir de seu interior, vasculhou arquivos à procura de informações sobre Antonio Conselheiro. As matérias da Amazônia apresentam, e avaliam, uma natureza e um tipo brasileiro desconhecido do leitor do centro-sul, descrevem a vida e a sistemática num seringal, expõem as condições de trabalho e os interesses fixados naquelas paragens. O jornalismo de Euclides da Cunha evidencia o cuidado pelo leitor paulista, atenção que, em Canudos por exemplo, transcendia uma simples menção ao Batalhão São Paulo.

Bem verdade que na maioria das matérias há um componente pessoal mais ou menos discreto, mas não da personalidade íntima, e sim de uma espécie de marca registrada, inconfundível. Na época, aliás, a redação jornalística ainda não passara pelo processo de estilização industrial padronizada. Mesmo hoje, nada impede, considerando a natureza da matéria, que o jornalista surja no texto que elabora, desde que não o transforme numa peça subjetiva ou atente contra a verdade. E tal "caráter" mais estará presente quanto mais se tratar de matéria opinativa, vocação confessada por Euclides da Cunha. O que confere cunho jornalístico ao texto de Euclides da Cunha é a sintonia que mantém com a opinião pública, com o leitor, e, não raro, depara-se no escrito com referências à "opinião geral" e à "corrente geral de opiniao". Tal sintonia não se limita, contudo, à concordância pura e simples (15). O gênero opinati

15 - Euclides da Cunha sabia que a opinião pública é suscetível: "Volubilidade de uma opinião pública tão instável, como a nossa" (Carta a Domício da Gama, 15 de agosto de 1907 in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit. p. 188.

vo procura, inevitavelmente, influenciar, conduzir. Por outro lado, e o mais importante, Euclides da Cunha chegava a contradizer a "opinião geral", e pelo menos uma vez registrou a discordância num artigo sobre eventual guerra entre o Brasil e o Peru em disputa pela Amazônia ocidental, situando-se contra qualquer conflito.

Para exercer um jornalismo deste quilate e para fundamentar opiniões o jornalista precisa se preparar, tanto no domínio da técnica do ofício quanto no conhecimento geral sobre seu tempo. Sem uma formação sólida, estará condenado à dependência em relação às fontes, privado de qualquer possibilidade de verificação. A cultura é seu instrumento de trabalho, como Euclides da Cunha tão bem exemplifica, de modo a ajudar a desfazer equívocos referentes à formação do profissional de imprensa, a começar pelo falso dilema que indaga se o jornalista deve ser também especialista em alguma outra área do saber. Abstraída a constatação de que é sempre bom conhecer mais, a questão deve se referir ao tipo de vínculo que o jornalista mantém com uma outra especialização que porventura prefira. Em outras palavras, ainda que formado em diferentes campos do saber, o jornalista é antes de tudo especializado em jornalismo, sua especialidade consiste em tornar a informação acessível ao leitor.

Inexistindo cursos de jornalismo na passagem do século, havia de se preparar como autodidata e na convivência das redações. Euclides da Cunha desincumbiu-se bem desta preparação e demonstrou-se que o jornalismo sempre se sobrepôs quando escrevia um texto destinado às páginas dos

periódicos. Não descurou, entretanto, do aperfeiçoamento no domínio da cultura da época, também esta uma das tarefas nos cursos que preparam o jornalista hoje. Também aí o jornalismo de Euclides da Cunha enseja uma consideração sobre outro ponto polêmico nos estudos da área: a dependência com as fontes do exterior. O jornalismo internacional de Euclides da Cunha fornece um ensinamento útil às editorias de política internacional dos periódicos de países menos ricos. Fala-se, frequentemente, das limitações impostas pelas dificuldades em se manter um correspondente no exterior e da carência no acesso às modernas tecnologias da comunicação. O resultado mais imediato - mas não o único - é a dependência. O exemplo de Euclides da Cunha mostra que talvez seja mais produtivo expandir a formação do jornalista. Rompe-se com a escassez de investimentos técnicos e de capital, investindo na inteligência.

O embasamento cultural permitiu a Euclides da Cunha desenvolver o jornalismo científico e dar-lhe estatuto entre as matérias que redigiu para a imprensa periódica. Seus textos sobre ciências não se restringem à simples difusão de recomendações técnicas de agricultura, de noções de higiene ou de aconselhamentos médicos. Euclides da Cunha, que não era um cientista no jornal, mas um jornalista versado em ciências, transcendeu a vulgarização de informações técnicas mercê dos estudos que iniciou na Escola Militar e que continuou até o fim da vida. Um dos traços característicos de seu jornalismo científico, é o equacionamento entre os fatos naturais e os interesses sociais do país. Ao incluir a tecnologia no universo da informação pe

riodística, valorizou o jornalismo científico, ampliando-o e ajustando-o às injunções econômicas e estratégicas do país, como o demonstram os textos relativos aos transportes e à ligação com o Prata. Sobretudo, o jornalismo científico de Euclides da Cunha adquiriu uma fisionomia e uma natureza muito modernas, uma vez que apoiado em sustentação ecológica, ainda que na época a ecologia carecesse da sistematização teórica que viria a ter décadas depois.

Apoiado pelo conhecimento das ciências naturais, Euclides da Cunha orientou seu jornalismo como crítica da ciência, centrada na teoria e na história das ciências naturais. Neste caso, a mesma contribuição para a história da imprensa no Brasil, uma vez que reforçava no jornalismo a vocação para os estudos da problemática nacional de acordo com o estágio da pesquisa científica e da experimentação tecnológica brasileira. A assertiva pode ser ilustrada pelos artigos dedicados ao transportes na Amazônia - que, aliás, se realizaram muito depois e consoantes com as opiniões de Euclides da Cunha, tal é o traçado da rodovia Transacreana.

Também o jornalismo científico de Euclides da Cunha reclamava o desenvolvimento das pesquisas científicas nacionais, voltando-se, em muitas ocasiões, para a crítica de trabalhos feitos por cientistas do Brasil. Aí estão citados Torquato Tapajós, A. Pinto e os autores do "Atlas do Brasil", o barão Homem de Mello e Francisco Homem de Mello. Por outro lado, ao discorrer sobre trabalhos de pesquisadores brasileiros, Euclides da Cunha não se restringia a prática da resenha, mas ampliava a matéria, comen

tando e opinando, dando-lhe a feição de artigos nos quais estudava, ele mesmo, o país. De modo que os artigos sobre obras e autores merecem ser colocados ao lado de matérias jornalísticas como "Olhemos para os Sertões", "Plano de Uma Cruzada", "As Secas do Norte", e outros, entre os quais as matérias científicas da Amazônia e da coluna "Dia-a-Dia".

A formação, a cultura do jornalista em diferentes campos do conhecimento, permite apreender na obra jornalística de Euclides da Cunha um sentido, uma direção de preocupações e de objetivos que superam a natural fragmentação da imprensa periódica. Decorre daí que a matéria jornalística de Euclides da Cunha é quase sempre um relato recreativo dos fatos, enquanto que estes mesmos fatos formam o crivo que experimenta e altera concepções anteriores.

Tal sentido observado desmente a existência de fases no percurso intelectual de Euclides da Cunha. Não há fases, compreendidas como momentos claramente diferenciados e dispostos ou não em linha acumulativa. Ao contrário, a temática mantém-se relativamente constante, refira-se ao fenômeno examinado ou às noções do jornalista, desde seus textos primeiros até os dos últimos anos. Prevalece - nos temas centrais - uma recorrência singular. Não são poucos os textos da coluna "Dia-a-Dia", de 1892, retomados mais tarde, sem que, todavia, se repitam. Se exemplos fossem necessários, bastaria recordar a intimidade de idéias, e de vocabulário, entre os dois artigos de Primeiro de Maio, um de 1892 e outro, "Um Velho Problema", de 1904; ou ainda a reflexão sobre a nacionalidade brasileira, exposta no artigo de 6 de julho de 1892 e no "Nativismo Provisório".

O sentido que identifica a maior parte das matérias jornalísticas de Euclides da Cunha repousa na investigação problemática, às vezes tensa, da nacionalidade brasileira. Há uma sucessão temática insistente sobre nação, desenvolvimento, incorporação regional, defesa territorial, interesses nacionais - sem, entretanto, que estes conceitos sejam esclarecidos pelo jornalista. Semelhante contínuo esteia a efetividade da comunicação, permitindo que as matérias, não repetitivas, desdobrem as considerações, iluminem ângulos novos, reafirmem opiniões. De novo se vê um recurso que supera a fraccionamento jornalístico. Euclides da Cunha tinha consciência do núcleo nacionalidade, que não só aproxima seus textos periodísticos, mas textos de áreas distintas. Núcleo que se construía bem cedo, pois, em 1890, o jovem jornalista reivindicava a nacionalidade como tema e exigia a coerência (16)

A mesma noção persistiu até a idade madura em artigos específicos sobre o tema ou nas idéias apresentadas em outras matérias. O próprio Euclides da Cunha fazia um compromisso com a nacionalidade, rompendo com a tradição européia, em especial a francesa, e trocando o Acre pelos "boulevards" de Paris, confessou a um amigo quando se

16 - "A nossa nacionalidade atravessa de há muito uma quadra em que o mais difícil problema consiste em harmonizar a vida ao dever// Sem um ideal, uma aspiração comum que ligue e oriente todos os esforços, as energias que agitam-na e abalam têm o valor nulo das forças interiores na translação dos sistemas" - No artigo "Sejamos Francos", publicado no "Democracia", do Rio de Janeiro, em 18 de março de 1890, in COUTINHO, Afrânio, ob. cit. p. 568.

empenhava na viagem para a Amazônia. Seus escritos reclamam sempre o estudo do Brasil concreto e pesquisadores brasileiros - dizia que só conhecemos o país através de viajantes que por aqui passaram com seus nomes cheios de "w" e de "y".

O jornalismo que produziu tentou atender esta exigência. O reclamo tinha razão de ser. Era a época dos nacionalismos exacerbados e uma nacionalidade íntegra era o equivalente de uma nação forte. Precisamente a integridade nacional brasileira titubeava no desequilíbrio entre as regiões e no descompasso formidável entre litoral e sertão. Era mais que uma circunstância política. Era o romper intempestivo de populações inteiras na vida nacional, de povos até então mantidos na periferia do cenário brasileiro, olvidados nos recônditos dos agrestes e das florestas, nos êrmos mal conhecidos e mal mapeados. Regiões que, despertadas pelas transformações advindas com a República e pelos reajustamentos internacionais, demandavam, de brusco e dramaticamente, um lugar no fórum brasileiro. O Brasil não era mais exclusivamente o sul. Canudos tocou o nervo da questão e tornou mais aguda a sensibilidade de Euclides da Cunha pela nacionalidade. A imagem da guerra sertaneja jamais abandonou seu espírito e o jornalismo que saiu de sua lavra era uma advertência sobre a marginalização de populações que poderia repetir a tragédia do sertão bahiano. Tantas vezes a evocação da guerra emerge em seus artigos, como, por exemplo, na descrição que o artigo "Brazileiros" faz da colônia alemã perdida nas selvas amazônicas.

Euclides da Cunha não atribuía ao que denominava "nativismo" qualquer sentimento xenófobo, ainda que a idéia central, exemplarmente exposta no "Nativismo Provisório", seja de um equívoco flagrante. Poderá algum nacionalismo ser provisório? A história do século XX demonstra à farta o destino a que leva o sentimento nacionalista. O intercâmbio mundial é uma necessidade, cabendo a um país elaborar sua própria qualidade para se impor. A qualidade é o critério da construção nacional. Mas na época de Euclides da Cunha, forjar uma nação era tarefa urgente em várias partes do mundo, especialmente nos países da América Latina e no Japão. E para tanto, era premente a solicitação dos meios de comunicação.

A história da imprensa no Japão dos últimos anos do século passado e no início deste, demonstra a expectativa que se investia na função dos periódicos perante o esforço de atualização, entendido este como a convivência entre as características nacionais e os avanços mundiais. O Japão sofreu de maneira mais lacerante o processo - ainda hoje sentido pela população - desde que, recém-saído de três séculos do estrito fechamento do período Tokugawa, tentava sintonizar-se com a civilização ocidental. Graças à reforma Meiji, que abriu o país ao Ocidente, procedendo a uma atualização rápida e brusca, os japoneses, mais que outros povos, dispuseram de apenas uma geração para lograrem a adaptação. Despenderam-se esforços urgentes e onerosos, nos quais a imprensa periódica desempenhou papel decisivo - aparentemente o mesmo que Euclides da Cunha procurava cumprir no Brasil. O eminente educador e jornalista Fukuzawa

Yukichi, autor do "Conditions in the West", publicado em 1866, tinha de explicar aos concidadãos o que era um jornal: "Fukuzawa, por conseguinte, começou do princípio, e tentou explicar o que eram jornais. À parte o grande prazer pessoal derivado da leitura dos jornais, escreveu, estes eram instrumentos inigualáveis para a educação e para manter-se a par do mundo" (17). Na década dos 60 do século passado, os jornais japoneses eram escassos - um dos divulgados, o "Kaigai Shinbum", contava com apenas dois assinantes. Em fins do século, a imprensa japonesa voltava-se para a opinião pública, na tentativa de orientá-la de acordo com os rumos da modernização. Mas o jornalismo como formador de opinião pública somente se definiu no Japão no início do século XX, destacando-se, nesta tendência, três periódicos, o "Mainichi Shinbum", de Osaka, e os outros dois de Tóquio, o "Kokumin Shinbum" e o "Tokyo Asahi Shinbum" (18).

Na América Latina, a sincronia entre nacionalidade e cultura mundial manifestava-se aos poucos, emergindo dos embates surdos com o localismo e o tradicionalis

17 - "Fukuzawa, therefore, started from scratch, and he tried to explain what newspapers were. Apart from the great personal pleasure to be derived from reading newspapers, he wrote, they were unequalled as a tool of education and as a mean of getting on in the world" - BEASLEY, W.G., Modern Japan: Aspects of History, Literature and Society, Tóquio, Charles E. Tuttle Company, 1980, p. 52.

18 - BEASLEY, W.G., ob. cit. p. 53/56.

mo. Por razões diferentes, tanto na América do Sul quanto no Japão a atualização ficou incompleta. Durante décadas o continente buscou na cultura de seus povos a expressão de uma personalidade diante do conjunto das nações. No início, a voz apropriada desta procura foi a literatura indigenista, cujo marco é o "Cumandá", publicado em 1871 pelo equatoriano Juan Leon Mera, e a literatura gauchesca, que teve no ápice o "Martín Fierro" que José Hernandez publicou em 1879. A editoração, portanto, desempenhou um papel neste "aggiornamento" cultural latino-americano. A recuperação da tradição local como modo de afirmar uma fisionomia e romper com a influência externa, inaugurando com outras culturas um diálogo que, no plano da literatura, somente se efetivaria perto da sétima década do século XX. A pesquisa das raízes locais expandiu-se até culminar na monumental "Tradiciones Peruana", de Ricardo Palma, e na historiografia mexicana, que legou, entre outros, os nomes de Vicente Riva Palacio, Justo Sierra e José Maria Virgil. A inclinação pelo genuinamente local teve uma amplitude que alcançou as artes plásticas. A pintura voltou-se para a natureza, destacando-se os vales mexicanos dos quadros de José Maria Velasco e as paisagens dos campos platenses do uruguaio Juan Manuel Blanes (19).

Este era o panorama da época, pelo qual corriam duas linhas: uma, de fruição do localismo, outra do cosmopolitismo - tendências que se tocavam a todo momento, e nem sempre

19 - Para uma visão geral, vide UREÑA, Pedro Henriquez, História de La Cultura en La America Hispanica, 8ª ed., México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1966.

de modo suave, disputando uma hegenonia crucial. O cenário: a imprensa, a literatura, as artes, a tecnologia - um ambiente similar ao que percorria o jornalismo de Euclides da Cunha, com exceção da literatura. A "civilização geral" expressava-se, em suma, neste compartilhar do mundo moderno almejado pela intelectualidade das nações retardatárias da revolução industrial. Não era simples esnobismo de aristocracias locais, modismo de elites favorecidas pela educação. Configurava uma luta formidável para soerguer os povos acima de infortúnios seculares. Sustentava-se a expansão tecnológica e a modernização institucional. Não foi casual o destaque conferido aos estudos jurídicos na América Latina, que, no campo do direito internacional - esfera nevrálgica para os países do continente - celebrizou o argentino Carlos Calvo, autor do "Derecho Internacional Teórico y Practico", de 1885.

Outro requisito, o ensino, capitalizou a atenção dos reformadores latino-americanos, principalmente no exemplo propiciado pelo governo de Sarmiento, na Argentina, entre 1868 e 1874, e que se estendeu por outras nações do continente. De modo geral, procurava soffrear a ênfase nos estudos de "humanidades" e reforçar os de investigação científica. Esta disposição também remete a Euclides da Cunha, seja como uma idéia dispersa por seus textos, seja especificamente, nos artigos sobre a criação da Escola Politécnica de São Paulo publicados na coluna "Dia-a-Dia", de 1892. Era uma aspiração continental (20). A mudança de ru

20 - No Brasil, é importante lembrar que a escola de minas de Ouro Preto data de fins do século XVIII e que o Segundo Reinado foi responsável pela criação de vários centros de estudos e de pesquisas.

mos na educação teve sua primeira expressão de relevo com a criação do Instituto Profissional de São Domingos, em 1866, o qual se ampliaria nos inícios do século XX com a renovação universitária, cujos frutos mais ilustres foram a Universidade de La Plata, de 1902, e a reconstrução da Universidade do México, efetuada por Juan Sierra, em 1910. Entre os nomes que se destacaram do conjunto destes esforços, o de José Ingenieros talvez melhor répresente a transfiguração desejada pela intelectualidade latino-americana. Em termos mais gerais, toda a cultura foi tocada pelos ventos novos do século XX. A literatura, de novo, captou a mudança, promovendo uma renovação da vertente indigenista, com Jorge Icaza, mas encontrando o grande momento na explosão desencadeada pelo modernismo hispano-americano, quando sua principal figura, Rubén Darío, instalou-se em Buenos Aires em 1893. A sensibilidade aguçada do poeta para os novos tempos esperados ensejou a publicação do "Salutación del Otimismo", em 1902, e, com o mesmo referencial americano, o "Canto a Argentina", de 1910 (21).

Na América hispânica, o ponto mais radical deste esforço, foi talvez, a antevisão de uma "raça latino-americana" propugnada no "Atlântida", do argentino Olegario Victor Andrade. A questão da raça é outro ponto que aproximava estes estímulos e, de forma mais amadurecida,

21 - Para a história da cultura na América Latina, vide, além de UREÑA, P.H., ob. cit., CLISSOLD, Stephen, Perfil Cultural de Latinoamérica, Barcelona, Editorial Labor, 1967 e JANSEN, André, La Novela Hispanoamericana Actual y Sus Antecedentes, Barcelona, Editorial Labor, 1973.

Euclides da Cunha com o sertanejo. De acordo com as teorias mais divulgadas da época, a raça era a referência central, e Euclides da Cunha aceitou o vocábulo de modo a ser habitualmente vinculado a ele. Contudo, a ênfase racial é própria do "Os Sertões", aparecendo mais relativizada nas matérias jornalísticas. É importante ressaltar que não se pode buscar em Euclides da Cunha uma correspondência desatada com a significação que o conceito adquiria na Europa. O escritor e o jornalista nunca chegou às consequências racistas que predominavam no estrangeiro e que encontraria guarida no Brasil com as teses de Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e outros.

Ele próprio se considerava um caboclo e, em carta a um amigo, fala de sua "tristeza congenial de bugre" (22). Segundo um biógrafo, a avó de Euclides da Cunha tinha "feições acentuadamente índias" (23), e a aparência física do escritor parece sugerir a mestiçagem. Logo após ser a ele apresentado, Silvio Romero resumiu a um amigo comum a impressão que tivera: "Mas é um cariri perfeito!" (24).

As circunstâncias reais do Brasil definiram para Euclides da Cunha a problemática da miscigenação, que ele admitia num sentido positivo, de tal modo que, nas palavras de um estudioso, se poderia parafraseá-lo, afirmando que para Euclides da Cunha "o sertanejo é acima de tudo um Fato". E, esclarece o mesmo pesquisador: "Eis como, dian

22 - Carta a Domício da Gama, 16 de novembro de 1907, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 194.

23 - ANDRADE, O. de S., História e Interpretação de "Os Sertões", ref. cit. p. 15.

24 - Idem, p. 24.

te da mestiçagem brasileira, faz comparecerem todos os agentes da História e, em vez de obrigar os 'nossos' fatos à obediência colegial das hipóteses científicas, deixa-os sobrerem delas uma interessante revelação de duplo sentido: de sua personalidade inconfundível e de originalidade das coisas brasileiras no cenário majestoso da dogmática científica da Europa". (25).

Confrontados os textos jornalísticos a suas origens, compreende-se que conferiam com o vocabulário em voga e repetiam teorias que apontavam a raça como o fundamento de uma nação. O que se vê nos escritos jornalísticos de Euclides da Cunha é a identificação da raça com o social, e não com o biológico, e a admissão da miscigenação desde que o brasileiro do sertão não se confundisse com as fracas populações do litoral, conforme queria o jornalista. Se acreditou em raça no sentido estrito, biológico, foi contrariado pela realidade dos brasileiros, e aceitou os fatos. O sertanejo deveria ser preservado enquanto "raça" constituída independentemente do litoral, onde o mestiço tinha de existir numa civilização para a qual não estava apto ou que não assimilava - "nas cidades o mestiço é um marginal", diz um intérprete de Euclides da Cunha, e acres

25 - FORTES, Hubert Parentes, Euclides da Cunha, o Estilizador da Nossa História, Rio de Janeiro Edições GRD, 1958, ps. 85 e 89. O autor acrescenta que Euclides da Cunha "descobriu uma nova surpresa: a infinita variedade dos 'tipos' resultantes da conjugação do sangue", e que "Euclides está todo debruçado em face de realidades muito vivas e decisivas da nossa história" - ps. 87/88.

centa: "As características que Euclides da Cunha descreveu no mestiço do litoral são as mesmas apresentadas pelo negro norte-americano ou pelo imigrante italiano nos Estados Unidos" (26).

É certo que, no "Os Sertões", as referências à raça, quando tomadas isoladamente, podem induzir a um julgamento severo; mas no conjunto do pensamento de Euclides da Cunha, a expressão é usada sem muito rigor. Na maioria das vezes, mormente na sua obra jornalística, a palavra surge em sentido lato, conforme a "raça dos paulistas", de Alfredo Ellis, ou a "raça emergente" de brasileiros, de Darci Ribeiro, e assim por diante, como, aliás, é ainda hoje. No "Os Sertões" o escritor enrijeceu o conceito, num aparente retrocesso em relação às reportagens de Canudos, para, talvez, tornar o livro mais "científico" e garantir sua aceitação pela intelectualidade da época. Finalmente, nota-se que, tanto no "livro vingador" como no material jornalístico, quase não faz referência ao negro na sociedade brasileira. Apenas um olhar rápido a um prisioneiro em Canudos. É provável que descartasse dos fundamentos da nacionalidade aquele povo recém-saído da escravidão. O sertanejo, mestiço forjado na aspereza do interior, seria o "cerne da nossa raça". E o mesmo sertanejo, oriundo de condições similares, seria o elemento mais representativo das populações amazônicas dos países vizinhos. Euclides da Cunha internacionalizava a figura do sertanejo.

26 - LEITE, Dante Moreira, "A Psicologia Social de 'Os Sertões'", in O Amor Romântico e Outros Temas, ref. cit. p. 80.

A dicotomia entre sertão e litoral é uma das felizes intuições de Euclides da Cunha, malgrado as conclusões equivocadas e desmentidas pela história. Repousava, certamente, numa fragmentação ainda mais extensa do País, cujas áreas conhecidas, como dizia o jornalista no "Um Atlas do Brasil", formavam uma espécie de "arquipélago". Se esta constatação sobre o fracionamento da nacionalidade for conjugada aos fenômenos que ocorriam no mundo daqueles tempos, e que Euclides da Cunha comentou no seu jornalismo internacional, chegar-se-á a crer na possibilidade de uma "balcanização" do Brasil. Estas rupturas internacionais da época acabaria se manifestando de maneira drástica alguns anos depois da morte do escritor, no desenrolar da Iª. Guerra Mundial. Euclides da Cunha, contudo, não atinava com o modo de comunicar as partes do imenso e complicado território nacional. Canudos representou a impraticabilidade do diálogo. Se permitiu entrever alguma síntese do encontro entre dois tipos de brasileiros, o resultado não era nada animador, menos pela circunstância da guerra em si, uma vez que o mestre-escola poderia substituir o soldado naqueles rincões. Sem que o jornalista dissesse claramente, a dificuldade parecia se localizar na mentalidade do brasileiro, sertanejo ou litorâneo; a violência, talvez, a intolerância.

No "Os Sertões", mais que nas reportagens, Euclides da Cunha indicou a natureza do encontro entre brasileiros diferentes em Canudos. Seria uma fatuidade crer, como as vezes se pretende, que "Os Sertões" - e por extensão as reportagens de Canudos e os artigos "A Nossa Verdadeia" - represente alguma síntese do conflito entre duas

culturas, a sertaneja, rural, e a urbano do centro-sul, através de seus expoentes mais célebres, Antonio Conselheiro e Euclides Da Cunha. É dialetismo falso. Não há nenhuma síntese porque o encontro foi unilateral, o livro é visão de uma das partes e, no texto, se não na história, o elemento comum ao sertanejo e ao soldado não é a escritura, mas o fanatismo. Não sem razão Euclides da Cunha deu a uma seção de "Os Sertões" o nome "A Rua do Ouvidor e as Catingas", onde caracterizou os desmandos e a violência política dos litorâneos como idêntica a que ocorria no sertão convulsão. Dizia que "a rua do Ouvidor valia por um desvio das catingas"; adiante, a respeito do comportamento dos soldados em Salvador, foi taxativo: "a correria do sertão entrava arrebatadoramente pela civilização adentro". Noutra seção, vizinha a esta, chamada "Considerações", afirmava, em relação ao governo, que "pouco nos avantajávamos aos rudes patrícios retardatários".

As imagens que o escritor e repórter usou dizem tudo sobre o fanatismo: em Canudos e na República, nos bentinchos dos sertanejos e nas efígies de Floriano Peixoto penduradas no peito de soldados e oficiais, nos brados de "Viva o Bom Jesus" e de "Viva a República". Se síntese houvesse, não seria entre Euclides da Cunha e o Conselheiro, mas entre o líder sertanejo e Moreira César. E ainda assim inconsistente porque, no dizer do escritor, o sertanejo era "ao menos lógico", procedimento estranho a florianistas que queimavam jornais e assassinavam jornalistas. Por este motivo, escrevia o repórter, e repetia em "Os Sertões", os jagunços "render-se-iam, certo (...) a outros adversários.

Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até a morte". A intolerância, a violência e o fanatismo coloriam uma linha diagonal perpassando por toda a sociedade brasileira - tanto que Euclides da Cunha ressaltou a palavra diátese para caracterizar o alcance do mal.

São traços da visão estrutural de Euclides da Cunha. Seus artigos e reportagens nasciam do afã em ir ao âmago do País, em demanda dos temas centrais que explicassem a concretude da nação e, assim, pudessem consubstanciar projetos nacionais. No segundo artigo da série "Plano de Uma Cruzada", reclamava "a organização das atividades e do regime geral da riqueza, o dcutrinamento filosófico e a direção política, a remcção das dificuldades presentes e c levantamento das tradições históricas". O jornalista sempre tentou romper, com sucesso, os limites do fato em demanda de sua dimensão. Predisposição que se manifestou cedo no jornalismo que produziu. Nas matérias da coluna "Dia-a-Dia", de 1892, já é nítida a luta para a compreensão do contexto que suporta o evento. No início das lides na imprensa, Euclides da Cunha teve seu momento de publicista, justificado pelos embates da implantação da República, nos anos decisivos da derrocada da monarquia. Com o advento do novo regime, alinhou-se ao lado daqueles que julgava poderiam empreender as mudanças acalentadas pela juventude republicana e positivista, e colocou sua pena em defesa do atribulado governo de Floriano Peixoto. Foi a época da coluna "Dia-a-Dia", de cuja leitura se depreende um crescente incômodo na posição do articulista solicitado a advogar em prol de uma administração que pretendia construir a ordem,

base do progresso, segundo a divisa central, mas que era também uma ditadura que inspirava o radicalismo violento. O jornalista compreendeu que o Brail se tornava secundário na preocupação dos políticos. Até Benjamin Constant, escreveu Euclides da Cunha ao pai, "o meu antigo ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me, sem titubear", acabava de descer "à vulgaridade de um político qualquer".

As duas cartas públicas em que denunciou o senador João Cordeiro, que pretendia fuzilar presos políticos, quebraram os últimos elos que porventura ainda mantivesse com a política palaciana. Também resumiram o que ele pensava daquele senador, e portanto do clima político: "quem quer que seja medianamente altivo, pode afastar a camaradagem deprimente de quem almeja o morticínio sem os perigos do combate". Foi mandado para um exílio disfarçado pelo mesmo governo que defendera e que lhe oferecera a posição "que quisesse" na ordem republicana (27). Decidiu, em definitivo, que deveria estudar o Brasil; as correrias da rua do Cuvidor e as estrepolias dos gabinetes perturbavam sua reflexão (28).

27 - Em 28 de março de 1894, o tenente-engenheiro Euclides da Cunha foi mandado para Campanha, Minas Gerais, onde construiu um quartel. Pouco depois requereu licença. Permaneceu, todavia, adido ao corpo do Estado Maior de primeira classe até exonerar-se em 13 de julho de 1896 com o posto de capitão - vide RABELO, S. ob. cit., p. 75.

28 - "Assusta-me qualquer conceito dúbio ou vacilante. E está nisto explicada mesmo a anomalia de ter permanecido engenheiro obscuro até hoje, num regime cuja propaganda me

A decepção com os governos levou-o a um afastamento radical da política, ao menos no plano público. Suas matérias jamais retomaram os assuntos da vida política nacional. Nunca mais se referiu a uma só administração republicana e omitiu-se deliberadamente até dos acontecimentos que mais repercutiram na época. Nem uma linha sobre o momento delicado que a República atravessou entre 1900/1906: as conturbadas sucessões presidenciais, os levantes monarquistas de 1900 e de 1902, a formação da dissidência do PRP, a sangrenta "revolta da vacina" em 1904, os levantes de Mato Grosso e da Bahia. Por certo estava ciente de que não havia clima para seu jornalismo, para discorrer com equilíbrio acerca destes eventos. Predominava, no dizer de um biógrafo, "o partidarismo da imprensa e dos políticos do Rio" (29). Parece que, mais tarde, amigos ensaiaram em vão lançá-lo a um cargo eletivo em Minas Gerais, mas o que restou de concreto das relações entre Euclides da Cunha e a política foi uma visão pessimista registrada em dezenas de expressões pouco lisonjeiras recolhidas por um biógrafo paciente (30).

levou até a revolta e ao sacrifício franco, como sabe" - Carta de Euclides da Cunha sem indicação de data e destinatário, provavelmente enviada para Júlio Mesquita, in VENÂNCIO FILHO, F., Euclides da Cunha a Seus Amigos, ref.cit.p.55

29 - RABELO, Silvío, ob. cit. p. 137:

30 - "...estéreis e exclusivas preocupações políticas.." ,
 "...artificiosas e estéreis combinações.." , "...aparelho governamental feito de afogadilho.." , "...política, o trabalho dos que não trabalham.." - ANDRADE, O. de S., "O 'Romance Eleitoral' de Euclides da Cunha", suplemento Cultura, Ano XX, nº 83, p. 5 do "O Estado de São Paulo" de 10 de janeiro de 1992-SP.

Euclides da Cunha abandonou a política miúda, as adesões programáticas da rua do Cuvidor. Mas não desprezou o sentido político mais elevado, comprometido com os interesses efetivos do País. A visão estrutural que nutria comprova esta vocação e inclui o conteúdo social nas reflexões do jornalista. Este mesmo social parece diluído porque Euclides da Cunha o apresenta como uma unidade inteira, sem variações. Ocupava-se de experiências coletivas, o que, aliás, confirma seu jornalismo. As matérias jornalísticas, porém, problematizam o social. É só no conjunto dos artigos que se encontra a medida social de suas investigações. Demonstram-nos dois artigos de 1º de Maio, o de 1892, na coluna "Dia-a-Dia", e o de 1904, denominado "Um Velho Problema", nos quais o jornalista expõe o senso ético-social que o animava, clamando por leis trabalhistas e pelo respeito aos trabalhadores, e valorizando o recurso à greve. O último dos artigos, em especial, esboça a simpatia de Euclides da Cunha pelas teses de inspiração socialista. Os dois textos reafirmam o distanciamento de Euclides da Cunha com o anarquismo, ignorando o movimento libertário no Brasil. Conhecia mal o anarquismo, somente vendo a vertente violenta que predominava na Europa - por isto, talvez, se inclinasse pelo socialismo democrático e só admitisse a mudança social que valorizasse as conquistas materiais e as "do espírito e do coração".

O primeiro resultado concreto da separação entre Euclides da Cunha e os partidos e grupos políticos foi o arejamento de concepções. De imediato, nota-se a eliminação das idéias hostis a respeito dos monarquistas, em

bca sustentando a defesa da República. Expurgou a virulência, tão em voga. No percurso para Canudos, em pleno fervor republicano aumentado pela guerra, e em meio a tropa, o jornalista teve a coragem de enviar uma reportagem na qual prestava homenagem ao Conselheiro Saraiva, prócer monarquista, proprietário de uma fazenda em Alagoinhas, no interior da Bahia, estado que abrigava o levante sertanejo. Criticava os monarquistas, mas não perseguia. Respeitadas as discordâncias, o comportamento judicioso de Euclides da Cunha foi reconhecido; Afonso Celso faria seu elogio fúnebre, lido no Instituto Histórico e Geográfico. Euclides da Cunha abriu, de certo modo, a passagem entre o passado e o futuro, entre a monarquia e o século republicano. Ou, como ele próprio disse, salvaguardar a solidariedade com o passado, que nenhum brasileiro poderia desdenhar (31).

A ruptura de Euclides da Cunha com os primeiros governos republicanos, considerados inaptos para realizarem os ideais da república, manifesta sua lucidez histórica. O olhar aberto de Euclides da Cunha, tão carac

31 - Euclides da Cunha sempre propugnou pela solidariedade histórica. À propósito do Conselheiro Saraiva, luminar do Império, disse: "Ainda não descí à concepção estreita de fazer de um grande dia, o 15 de novembro, um valo entre duas épocas. Não há 'autos-de-fé' na história" (Reportagem de Canudos, 31 de agosto de 1897). No artigo "Um Livro Sobre o Brasil", publicado em 14 de fevereiro de 1898, condenava aquilo que "quebra a solidariedade com o passado" e que pretende "negar a cotinuidade dos esforços sociais",

terístico e tão impressionante em todas as fotos que dele se tem, é a imagem desta lucidez e da busca da verdade. A solidiedade temporal, que aparece em seus textos jornalísticos, é um devir que assinala o futuro. Nas cartas públicas em que condenou o senador João Cordeiro, dizia-se movido também pelo julgamento que as gerações futuras fariam da República. Na correspondência ao amigo João Luiz Alves confessava temer que a aspereza e os desencantos da época consumissem a luz da juventude - "Que tenham ao menos esperanças os 'velhos-moços', conforme dizes bem, já que os moços envelheceram cedo, atravessando a 'selva oscura' das nossas grandes misérias..." (32). A ameaça dos tempos já surtira efeito em sua própria geração, e o fizera pelo flanco mais cruel e eficaz, a derogada do entusiasmo e dos ideais.

Mercê desta vibração, deste voltar-se para o amanhã, Euclides da Cunha é incessantemente redescoberto; cada geração pode relê-lo com sua perspectiva. Mas há de se fazer uma leitura honesta e competente, caso contrário pode-se ser apanhado pelo vórtice dos equívocos em julgá-lo, julgá-lo à distância, de acordo com uma problemática que lhe era estranha. Nada seria mais gratuito do que consultar Euclides da Cunha em função de conhecimentos que não lhe eram acessíveis (33). Além de persistir no tempo através das ge

32 - Carta de 1^o de abril de 1897, in Revista do Livro, n^o 15, ref. cit. p. 97.

33 - Apesar de sua inegável atualidade. De Euclides da Cunha para cá o Brasil mudou para melhor em algumas coisas, e em muitas para pior; na maioria não mudou nada.

rações, Euclides da Cunha pode se ampliar hoje e ultrapassar as fronteiras nacionais. É possível que se torne uma ponte entre a cultura brasileira e a cultura hispano-americana, como parece realizar-se no romance "A Guerra do Fim do Mundo", de Vargas Llosa. E não só devido ao "Os Setores" - ou ao "Martín Garcia", um estudo sobre o condomínio das águas do Prata - mas igualmente pelo conjunto das matérias jornalísticas, em especial aquelas voltadas para a América Latina, como o "Solidariedade Sul-Americana", entre outras, e as dedicadas à Amazônia.

O jornalista produziu um historiador. Enquanto ocupado com a atualidade, Euclides da Cunha foi um repórter insone e um articulista competente. Ao dar dimensão aos fatos, acabou exercendo um trabalho de historiografia. Era um escritor, e um jornalista, de "vigência máxima"; no dizer de Vargas Llosa, aqueles que "parecem estar à frente da atualidade, têm vigência máxima" (34). Na atualidade, o jornalista; à frente do tempo, o historiador. Sustenta esta predisposição o procedimento de trabalho de Euclides da Cunha, em busca da veracidade do fato, alterando posições quando o fato exige, verificando e ampliando fontes. Não tinha preconceito com os arquivos, buscava-os e sabia colher os frutos. Em Canudos, e já antes, em "A Nossa Vendéia" procurou e encontrou documentos que valorizaram suas reportagens, propiciando informações inéditas na época, e que

34 - "A Cultura e a Civilização neste Fim de Século", encontro entre Mario Vargas Llosa e Octávio Paz, in Jornal da Tarde, de 17 de agosto de 1985, p. 3, São Paulo.

consubstanciaram suas opiniões. Hoje são documentos históricos (35). O "Peru x Bolívia", oito artigos densos mas oportunos para o esclarecimento da opinião pública da época, incluem-se entre os trabalhos sobre a história diplomática da América Latina, além de assinalarem fenômenos históricos que na época passavam despercebidos. Segundo um intérprete, Euclides da Cunha foi o primeiro a destacar a Bolívia no complexo sul-americano (36). O Euclides da Cunha historiador só pode ser encontrado com plenitude nas matérias jornalísticas, embora a terceira parte de "Os Sertões" constitua um acréscimo à rala história militar do Brasil.

Nascida do jornalismo e transcendendo-o, a obra de Euclides da Cunha fundava-se num aparato metodológico que se pretendia capaz de abarcar muitas áreas do conhecimento. A mesma diversidade das escolas de pensamento que o escritor visitou, sem nunca admitir ou abandonar inteiramente nenhuma delas. O conjunto dos trabalhos de Euclides da Cunha, em especial aqueles entregues aos periódicos, é flexível. Os artigos e as reportagens são mais soltos, metodologicamente mais tolerantes e indagativos. Observa-se o tratamento sobre raça e sobre sertanejo, ou as complexas nuances da noção de nacionalidade em diversos tex

35: Aliás. Euclides da Cunha foi um dos que percebeu que o Brasil, constitui campo rico também para o romance histórico. "Não temos romances históricos, sendo a nossa vida nacional tão farta de episódios interessantíssimos e originais" - Carta a Araripe Júnior, 30 de março de 1903, in VENÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 95.

36 - TOCANTINS, L. ob. cit. p. 25.

tos. É notável a distinção entre a certeza das afirmações de Euclides da Cunha em tantas áreas do saber e as reticências metodológicas.

Mesmo quando elogiava um autor, o fazia à distância, às vezes não percebendo que as teses que defendia eram incompatíveis com as do pensador assinalado. Assim é, por exemplo, que se disse "discípulo de Gumplowicz" (37), ainda que esposando uma estruturação de idéias inteiramente opostas às daquele teórico do racismo que considerava antinaturais os ideais do Cristianismo, da Revolução Francesa e do socialismo (38). Aparentemente, o que aceitava deste ideólogo era a conjugação - mais ou menos difundida na época - entre história humana e história natural, e nada mais. Ou, no dizer de um estudioso, Gumplowicz poderia tê-lo impressionado "sem, todavia, conturbá-lo", como, de resto, acontecia nos relacionamentos de Euclides da Cunha com os pensadores de seu tempo (entre estes incluindo Taine e os demais): "Em geral, Euclides não os contradiz: ou os aceita ou os supera. Nunca os via 'sistemizados', mas parceladamente" (39).

37 - Carta de Araripe Júnior, 27 de março de 1903, in VERNÂNCIO FILHO, F., ob. cit., p. 85.

38 - Provavelmente, foi o caminho insidioso do "darwinismo social" que levou Euclides da Cunha até Gumplowicz, que defendia um darwinismo genérico, acrescentando à luta das espécies o conceito de luta das raças (e nisto, aliás, distanciando-se do próprio Darwin e do evolucionismo spenceriano).

39 - FORTES, Hubert Parentes, ob. cit. p. 78/79 e 87.

O fato é que Euclides da Cunha era orientado pela situação real dos fatos, testando e alterando teorias antecipadas. Como diz H. Parentes Fortes: "sem jamais demorar-se em tranças dialéticas, afasta-se dessas idéias 'gâtées' de seu tempo, à medida que conhece o brasileiro e o Brasil". E acrescenta: "E não perde tempo: adianta-se com o pensamento à surpresa do achado e acredita descobrir nos fatos 'brasileiros' o caminho da própria salvação do Brasil, - da terra e do homem, em estreita correlação biológica, psicológica e história. Só Euclides fez isto, no Brasil!" (40).

É o mesmo comportamento perante a ciência, evitando sempre o unilateralismo e buscando o pluralismo científico, de modo que "aceitou a simultaneidade e a cooperação do clima, da raça, da tradição", elementos que "agem, no seu pensamento, ora prepotentes, ora subservientes". Com efeito, Euclides da Cunha "faz-se intuicionista, livre entre as várias hipóteses dos figurinos mentais". (41).

Assim como a visão estrutural de Euclides da Cunha aspirava identificar valores que transcendessem grupos políticos e ideologias, seu procedimento com o instrumental de análise era inesperadamente pragmático em relação a doutrinas e autores. Usava a inteligência como exercício da pesquisa, e deste modo o compromisso com o conhecimento sobrepunha, em Euclides da Cunha, o discurso ideológico.

40 - FORTES, H.P., ob. cit. p. 85 e 87. Observe também esta frase: "... a campanha de Canudos não contradiz Gumplowicz -ultrapassa-o" - p. 86.

41 - Idem, p. 84 e 91. Enfim: "...Euclides é 'discípulo' da ciência - não é 'aluno' de sábios".

lógico, o que comprova o rompimento com o positivismo e o florianoismo, dois afluentes messiânicos da República. À "vontade de poder", de Nietzsche, o mais desconcertante filósofo de seu tempo, Euclides da Cunha contrapõe a vontade de saber, o que provavelmente explica o pragmatismo metodológico e a ânsia com que se debruçava nas disciplinas cognitivas da época.

Positivista, suavizou gradativamente as premissas, e sobretudo as conclusões de Comte, percorrendo a heterodoxia da doutrina até alcançar a flexibilidade do evolucionismo de Spencer. Mas não delimitou nenhuma corrente evolucionista, chegando a criticar, mais tarde, o filósofo inglês e a referir-se tão-somente a um evolucionismo genérico. Tais percursos estão mais claros nas matérias jornalísticas de cunho político-social escritas contra a monarquia, nos tempos do publicismo, e na coluna "Dia-a-Dia", embora nesta o articulista levantasse reservas quanto a aceitação integral do positivismo. O evolucionismo se mostraria com mais desenvoltura nos textos da maturidade, em particular no "Um Velho Problema", onde apontava a evolução como o caminho mais eficiente das mudanças sociais. Geralmente se identifica Euclides da Cunha como um seguidor de Comte, mas a doutrina que se sobressai em "Os Sertões" é a antropogeografia, enquanto que nas matérias jornalísticas, em particular as do jornalismo internacional e as que debatem a nacionalidade, predomina o "darwinismo social". Além destas correntes, aparecem nos escritos de Euclides da Cunha inúmeras alusões a autores e escolas, no mais das vezes apenas citando um nome ou uma idéia isolada, impedindo, por

tanto, conjugar o escritor e o jornalista a qualquer deles.

O sentido revolucionário de Euclides da Cunha está na visão que desenvolveu sobre o Brasil, em busca dos grandes temas nacionais, mantendo o homem brasileiro como o ponto de referência.

Todo o pensamento de Euclides da Cunha é marcado pelo que Octavio Paz chama "dúvida criadora", a dúvida do intelectual que desconfia dos absolutos, que mantém acesa a natureza especulativa do humanismo autêntico. Dúvida que é privilégio dos que querem encontrar a verdade. Resultou um diagnóstico perspicaz do Brasil, apoiado numa análise superior.

Com a mesma modéstia, todos deveriam orientar-se pela avaliação que Euclides da Cunha fez de sua obra: "O meu esboço fez-se desenho. No apagado das linhas vacilantes que tracei, e propositalmente eu tracei de leve para facilitar a correção..." (42).

42 - Carta a Araripe Júnior, 9.3.1903, in VENÂNCIO FILHO, F. ob. cit., p. 98.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de, "Uma Genealogia de Euclides da Cunha", in VELHO, Gilberto, Arte e Sociedade (Ensaio de Sociologia da Arte), RJ, Ed. Zahar, 1977.
- ANDRADE, Olímpio de Souza, História e Interpretação de "Os Sertões", SP, Ed. Edart, 1960.
- _____, "O 'Romance Eleitoral' de Euclides da Cunha", in Suplemento Cultural, Ano III, nº 83, ed. "O Estado de São Paulo" de 10 de janeiro de 1982, p. 5.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar, "Dois Grandes Estilos;" in CUNHA, Euclides da, Contrastes e Confrontos (organizado por José Pereira Sampaio), 6ª ed., Porto, Livraria Chardron, 1923.
- AZEVEDO, Fernando de, A Cultura Brasileira, 4ª ed., (revisita e ampliada), Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1963.
- AVIGHI, Carlos Marcos, Alcântara Machado: Uma Visão Aristocrática da Imigração Italiana, Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da USP, SP, ECA, 1979.
- BARBOSA, Rui, Cartas da Inglaterra, 2ª. ed., SP, Livraria Editora Iracema, 1966.
- BARRACLOUGH, Geoffrey, Introdução à História Contemporânea, SP, Zahar Editores, 1964.
- BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis, "Os Jesuítas e Seus Sucessores (Moxos e Chiquitos) 1767/1830", in Revista de História, Ano XXII, vol. XLIII, nº 87 e 88, julho-setembro, SP, Ed. FFLCH/USP, 1971.

- BEASLEY, W.G., Modern Japan: Aspects of History, Literature and Society, Tóquio, Charles E. Tuttle, 1980.
- BELTRÃO, Luis, A Imprensa Informativa, SP, Ed. Folco Macci, 1969.
- BRAUDEL, Fernand, Civilisation Matérielle et Capitalisme (XVe XVIIIe. Siècle), Paris, Librairie Armand Colin, 1967.
- _____. "História e Ciências Sociais (A Longa Duração)". in Revista de História, Ano XVI, vol. XXX, nº 62, abril-junho de 1965, Ed. FFLCH/USP, 1965.
- CARDONNEL, Jean, e outros, Socialismo e Cristianismo, RJ, Ed. Paz e Terra, 1967.
- CARVALHO, Laerte Ramos de, A Formação Filosófica de Farias Brito, SP, Ed. Saraiva/Edusp, 1977.
- CARONE, Edgard, A República Velha (Instituições e Classes Sociais), SP, Difusão Européia do Livro, 1972.
- CENNI, Franco, Italianos no Brasil, SP, Livraria Martins Editora, s/d.
- CLISSOLD, Stephen, Perfil Cultural de Latinoamerica, Barcelona, Editorial Labor, 1967.
- COUTINHO, Afrânio (organizador e diretor), Euclides da Cunha: Obra Completa, 2 volumes, RJ, Cia. José Aguilar Editora, 1966.
- CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da, Obra Completa, organizada e dirigida por Afrânio Coutinho, RJ, Cia. José Aguilar Editora, 1966.
- _____. Os Sertões, 5ª ed. RJ, Tecnoprint Gráfica, s/d.

- _____, Canudos (Diário de Uma Expedição), RJ, Livraria José Olympio Editora, 1939.
- _____, Contrastes e Confrontos (organizado por José Pereira Sampaio), 6ª ed., Lisboa, Livraria Lello & Irmãos, 1923.
- _____, Caderneta de Campo, SP, Editora Cultrix/Instituto Nacional do Livro, 1975.
- _____, À Margem da História, Porto, Livraria Chardron, 1946.
- _____, "Cartas Familiares e Outras", in Revista do Livro, Ano IV, nº 15, setembro de 1959, RJ, Instituto Nacional do Livro, 1959.
- DEAN, Warren, A Industrialização de São Paulo (1880/1945), 3ª ed., Difusão Européia do Livro, s/d.
- DONGHI, Tulio Halperin, História da América Latina, RJ, Ed., Paz e Terra, 1975.
- ECO, Umberto, Obra Completa, SP, Ed. Perspectiva, 1968.
- ELLUL, Jacques, Histoire de la Propagande, Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- EMERY, Edwin, História da Imprensa nos Estados Unidos, RJ, Editora Lidador, 1965.
- FARIA, Alberto de, Mauá (Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá - 1813/1889), 4ª ed. SP. Cia. Ed. Nacional, 1958.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, 11ª ed. (segunda impressão), RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1967.

- FERREIRA, Oliveiros S., Nossa América: Indoamerica (A Ordem e a Revolução no Pensamento de Haya de la Torre), SP, Livraria Pioneira Editora e Edusp, 1971.
- FERREIRA, Pinto, Capitais Estrangeiros e Dívida Externa no Brasil, SP, Ed. Brasiliense, 1965.
- FORTES, Hubert Parentes, Euclides da Cunha: O Estilizador da Nossa História, RJ, Ed. GRD, 1958.
- FREYRE, Gilberto, "Introdução" a CUNHA, Euclides da, Canudos (Diário de Uma Expedição), RJ, Liv. José Olympio Editora, 1939.
- FURTADO, Celso, Formação Econômica do Brasil, 7ª. ed. SP, Cia. Editora Nacional, 1967.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, No Calor da Hora, SP, Ed. Ática, 1974.
- GOETHE, Johann Wolfgang, Fausto (tradução de Jenny Klabin Segall, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, SP, Edusp, 1981.
- HEMINGWAY, Ernest, Tempo de Viver, RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1969.
- HOBSBAWM, Eric, A Era do Capital (1848/1875), 2ª ed. RJ, Ed. Paz e Terra, 1979.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, (diretor), História Geral da Civilização Brasileira, SP, Difusão Européia do Livro, 1972.
- JANSEN, André, La Novela Hispanoamericana Actual y Sus Antecedentes, Barcelona, Editorial Labor, 1973.

- JEAN, Raymon, Lectures du Désir, Poitiers, Éditions du Seuil, 1977.
- LE GOFF, Jacques, História: Novos Objetivos, RJ, Livraria Francisco Alves, 1976.
- LEITE, Dante Moreira, O Caráter Nacional Brasileiro (História de Uma Ideologia), 2ª ed. (revista, reformada e ampliada), SP, Livraria Pioneira Editora, 1969.
- _____, "A Psicologia Social de 'Os Sertões'", in O Amor Romântico e Outros Ensaios, 2ª ed. ampliada, SP, Cia. Editora Nacional e Edusp, 1979.
- LIMA, Heitor Ferreira, História Político-Econômica e Industrial do Brasil, SP, Cia. Editora Nacional, 1970.
- LINS, Osman, Lima Barreto e o Espaço Romanesco, SP. Ed. Ática, 1976.
- LLOSA, Mario Vargas, La Guerra del Fin del Mundo, Barcelona, Seix Barral, 1981.
- LOVE, Joseph, A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira (1889/1937), RJ, Ed. Paz e Terra, 1982.
- LUSO, João, "Dominicais", in CUNHA Euclides da, Contrastes e Confrontos (org. J.Pereira Sampaio), 6ª ed., Porto, Livraria Chardron, 1923.
- MACHADO, António de Alcântara, Brás, Bexiga e Barra Funda, 5ª ed. RJ, José Olympio Editora, 1978.
- _____, Cavaquinho e Saxofone (Solos), 1926/1935, RJ, José Olympio Editora, 1940.

- MACHADO NETO, A.L., Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira, (1870/1930), SP, Ed. Grijalbo e Edusp, 1973.
- MARTINS, Wilson, História da Inteligência Brasileira, vol.IV (1877/1896), SP, Ed. Cultrix e Edusp, 1977/1978.
- MELO, José Marques de, A Opinião no Jornalismo Brasileiro, Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.
- _____, Fatores Sócio-Econômicos que Retardaram a Implantação da Imprensa no Brasil, Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da USP, SP, ECA, 1972.
- _____, (coordenador), Pesquisa em Comunicação no Brasil (Tendências e Perspectivas), SP, Ed. Cortez e Intercon, Brasília, CNPQ, 1983.
- MESQUITA FILHO, Júlio, "A Comunhão Paulista", in CARONE, Edgard, A Primeira República (1889/1930), SP, Difusão Européia do Livro, 1969.
- MIYAMOTO, Shiguenoli, "Aspectos da Geopolítica do Brasil: Considerações sobre os 'Grandes Temas'", in Política e Estratégica, vol II, nº 4, outubro-dezembro de 1984, SP, Editora Convivium, 1984.
- MORAZÉ, Charles, Les Bourgeois Conquérants, Paris, Librairie Armand Colin, 1967.
- NEVES, Edgard de Carvalho, A Afirmação de Euclides da Cunha, SP, Livraria Francisco Alvez, 1960.
- NOBRE, José Freitas, História da Imprensa em São Paulo, SP, Importadora Americana, 1950.

- PAZ, Octavio e LLOSA, Mario Vargas, "A Cultura e a Civilização Neste Fim de Século", in Jornal da Tarde, 17 de agosto de 1985, SP, 1985.
- PEREGRINO, Umberto, O Exercício Singular da Comunicação na Vida e na Obra de Euclides da Cunha, Ed. da Universidade Federal do Ceará, 1983.
- PETRONE, Pasquale, "São Paulo no Século XX", in AZEVEDO, Aroldo de (organizador), A Cidade de São Paulo, vol.II, capítulo III, SP, Cia. Editora Nacional, 1958.
- PIERRE, Pascal, Histoire de la Russie (Des Origines a 1917), Paris, Presses Universitaires de France, 1972.
- PINTO, Virgílio Benjamin Noya, Comunicação e Cultura Brasileira, SP, Ed. Ática, 1986.
- _____, "Balanço das Transformações Econômicas do Século XIX" in PINTO, V.B.N., e outros, Brasil em Perspectiva, 3ª ed., SP., Difusão Européia do Livro, 1971.
- _____, "História, Juventude e Comunicação", in Revista da Escola de Comunicações Culturais, vol, I, nº 1, editado pela ECA/USP, 1967.
- PRADO JÚNIOR, Caio, A Evolução Política do Brasil e Outros Ensaios, 2ª ed., SP. Editora Brasiliense, 1947.
- RABELO, Sylvio, Euclides da Cunha, RJ, Livraria Casa do Estudante do Brasil, 1948.
- _____, Itinerário de Silvio Romero, RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1967.

- RÉMOND, René, O Século XIX (1815/1914), 2ª Ed., SP, Editora Cultrix, 1981.
- RODRIGUES, Edgar, Socialismo e Sindicalismo no Brasil, RJ, Editora Laemmert, 1969.
- RODRIGUES, José Honório, Interesse Nacional e Política Externa, RJ, Editora Civilização Brasileira, 1966.
- SABINE, George, História das Teorias Políticas, 2 volumes, SP, Ed. Fundo de Cultura, 1964.
- SAMPAIO, Teodoro, "À Memória de Euclides da Cunha no Décimo Aniversário de sua Morte", in NEVES, Edgard de Carvalho, A Afirmação de Euclides da Cunha, SP. Livraria Francisco Alves, 1960.
- SAUVY, A., A Opinião Pública, 2ª ed., SP, Difusão Européia do Livro, 1966.
- SCHIMIDT, Afonso, São Paulo dos Meus Amores, SP, Editora Brasiliense, s/d.
- SIMONSEN, Roberto, Evolução Industrial do Brasil e Outros Estudos, SP, Cia. Editora Nacional, 1973.
- SNYDER, Louis, El Mundo en el Siglo XX (1900/1950), Barcelona, Editorial Labor, 1967.
- SODRÉ, Nelson Werneck, História da Imprensa no Brasil, RJ, Editora Civilização Brasileira, 1966.
- SOUZA, Antonio Cândido de Melo e, Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos), 2 volumes, 4ª ed. SP, Livraria Martins Editora, s/d.

- _____, "A Dialética da Malandragem", in Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 8, SP, editado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1970.
- TERROU, Fernand, A Informação, SP, Difusão Européia do Livro, 1964.
- TOCANTINS, Leandro, Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido, 3ª ed., RJ, Ed. Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1978.
- TOCQUEVILLE, Alexis de, A Democracia na América, 2ª ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, SP, Edusp, 1978.
- UREÑA, Pedro Henriquez, História de la Cultura en la América Hispanica, 8ª ed., México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1966.
- VALLA, Vitor, "Os Estados Unidos e a Influência Estrangeira na Economia Brasileira: Um Período de Transição (1904/1928)", in Revista de História, Ano XXII, vol. XLII, nº 85, 86 e 87, SP, editado pela FFLCH/USP, 1971.
- VELHO, gilberto (organizador), Arte e Sociedade (Ensaio de Sociologia da Arte), RJ, Ed. Zahar, 1977.
- VENÂNCIO FILHO, Francisco, Euclides da Cunha e Seus Amigos, SP, Cia. Editora Nacional, 1938.
- _____, Euclides da Cunha: Ensaio Biobibliográfico, RJ, Publicado pela Academia Brasileira de Letras, 1931.
- VIANNA, Luis Werneck, Liberalismo e Sindicato no Brasil, RJ, Ed. Paz e Terra, 1976.

- VIRILIO, Paul, Guerra Pura: A Militarização do Cotidiano,
SP, Ed. Brasiliense, 1984.
- VITA, Luiz Washington, Alberto Sales: Ideólogo da Repúbli-
ca, SP, Cia. Editora Nacional, 1965.
- WOLFE, Tow, The New Journalism, New York, Harper and Row
Publishers, 1973.
- XIFRA-HERAS, Jorge, A Informação (Análise de Uma Liberdade
Frustrada), RJ, Ed. Lux Ltda., SP, Edusp, 1975.